

INTRODUÇÃO

Percebemos que o século XX foi o século em que o maior número de esforços, emanados de diversos grupos sociais, organizados formal e institucionalmente ou não, foram empreendidos com o objetivo de alcançar resultados que se somassem à determinação feminina de ampliar sua área de atuação do espaço privado (a casa) ao espaço público (o trabalho remunerado e a atividade política). Assim, chegamos ao novo século com uma realidade que inclui a mulher no mercado e no Estado capitalista, apesar das diferenças salariais e de condições estruturais de trabalho que continuam em pauta na agenda das intenções e conquistas.

O desenrolar dessa nova fase para a mulher abrange a necessidade de significação e re-significação da sua situação enquanto sujeito componente desse novo espaço. Além do que, a velocidade das mudanças, a instabilidade das identidades e os novos estímulos constituintes das subjetividades, sejam eles percebidos conscientemente ou não, obrigam a procura de mecanismos que auxiliem na ocupação de um espaço simbólico e mental e também na construção de uma imagem e um papel ainda estranhos ao primeiro e agora antigo sujeito. Atualmente todos são incitados a se ajustar a uma cultura globalizada e chamada “de massas”, e retirar deste contexto as referências ou paradigmas para o comportamento individual e de classe. Com isso, a literatura de auto-ajuda, uma das dimensões dessa cultura midiática, surge – como para outros sujeitos, também para a mulher – como possibilidade de ferramenta de compreensão de si e de orientação de conduta no novo mundo.

Logo, instrumento proposto e aceito como meio de produção, normatização e orientação de comportamentos – vejam-se os recordes de vendas que a auto-ajuda alcança –, essa literatura propõe uma imagem de sujeito feminino que pode influenciar – e provavelmente influencie –, ações individuais e sociais da mulher contemporânea. Daí nosso interesse em buscar identificar o perfil feminino que os livros de auto-ajuda constroem e oferecem a seu público, e verificar com que imagem a mulher atual e leitora de auto-ajuda está operando para motivar e significar sua conduta pessoal e social.

Em resumo, o objetivo geral dessa dissertação é

- Verificar o perfil de mulher construído pela literatura de auto-ajuda, especialmente a esse público-alvo, na virada do século XX para o XXI;

Em outras palavras o objetivo específico é

- Identificar os mecanismos e as formas com que essa literatura de auto-ajuda constrói um perfil de mulher que pode orientar sua leitora na elaboração de sua subjetividade.

Acreditamos que a mulher busque na literatura de auto-ajuda valores e orientações para conferir sentidos a suas ações e comportamentos sociais. Ou seja, partimos do princípio de que essa literatura de auto-ajuda propõe uma imagem de sujeito feminino que serve de baliza para orientar os comportamentos das leitoras, e assim justificamos nosso interesse de identificar esta imagem representativa, que os livros de auto-ajuda elaboram, e verificar exatamente com que imagem de identidade essa leitora está operando. Na seqüência lógica categorizamos os modelos, padrões, normas de conduta e características com os quais esses livros operam.

Teoricamente afirmamos que a questão da identidade e da formação da subjetividade é discutida nas teorias sociais. Entre os autores que debatem o tema, Anthony Giddens, em seu texto *Modernidade e Identidade* (2002), Stuart Hall, com *Identidade cultural na pós-modernidade* (2005), e Félix Guattari, no seu livro *Micropolítica: cartografias do desejo* (2005) serão apresentados e discutidos no primeiro capítulo. Com eles nota-se, na cultura globalizada do século XX, a existência de uma dificuldade de elaboração da identidade unificada e indivisa a partir de uma realidade fragmentada. Essa dificuldade gera uma crise de identidade que leva o sujeito à procura de elementos que possam auxiliá-lo na racionalização e no entendimento de si mesmo enquanto “eu” perante a realidade de seu contexto. Guattari acresce a essa possibilidade de leitura da atualidade a noção de formação da subjetividade, que é assumida pelos indivíduos em suas existências particulares e lhes dá a possibilidade de agir ou não mediante os estímulos diversos e externos.

Outro tema deste capítulo é a trajetória histórica e da constituição da literatura de auto-ajuda. Um dos principais instrumentos encontrados nos dois últimos decênios do século pelo sujeito contemporâneo para auxiliá-lo na identificação com os diversos sistemas de significação que ele percorre foi o livro de auto-ajuda¹, consultado, acreditamos, na tentativa de encontrar soluções individuais – e ao mesmo tempo compartilhadas – de desempenho pessoal e social. Aqui nos servimos do estudo de Francisco Rüdger sobre a relação entre a leitura de auto-ajuda e a busca de identidade, em *Literatura de auto-ajuda e individualismo* (1996), e das observações de Arnaldo Toni de Souza Chagas sobre os mecanismos discursivos do livro de auto-ajuda, em *A ilusão no discurso da auto-ajuda e o sintoma social* (2001).

A crise de identidade pós-moderna, ou a realidade em que se constroem as subjetividades nos últimos tempos, é facilmente observada na situação feminina, uma vez que a mulher, no século XX, conquista um novo papel social, o de trabalhadora, que a eleva em muitos casos a provedora da casa e a habilita a também ocupar cargos políticos públicos. Ao lado dos papéis sociais já definidos historicamente para o gênero feminino (a maioria deles retrata o espaço privado – o lar), surgem então estes outros, que exigem da mulher a interação com um novo sistema de valores e comportamentos até então estranhos ao gênero. Essa realidade não tira do foco a aparente crise de identidade geral, o sentimento de solidão e a sensação de se estar sempre “perdido”, sentimentos que atinge em menor ou maior grau todos os indivíduos desta época.

Para preencher estas necessidades do sujeito feminino específico, são, portanto, propostos os livros de auto-ajuda dirigidos ao desempenho pessoal e profissional da mulher, com regras, normas, dicas, relatos de experiências positivas ou negativas de comportamento, valores e atitudes que têm como função servir de modelos ou referências para as leitoras que identificam em suas vidas os problemas que eles elencam. A essa literatura recorre, supomos, boa parte das mulheres com dificuldade de composição de uma subjetividade e tomada de consciência do processo

¹ Outros recursos podem ser observados nas terapias individuais ou de grupos com profissionais adequados, nas conversas informais com amigos ou parentes, nas novas ou antigas religiões ou rituais sacralizados ou em todas as outras produções midiáticas que veiculem padrões de comportamento e identidade, como a televisão, as revistas ou a Internet.

de identificação do sujeito feminino. É ela, muitas vezes, a ferramenta auxiliadora na auto-afirmação da “mulher enquanto mulher” que esteve historicamente habituada a outros papéis e identificações.

Surgem, então, as perguntas que movimentam nossa investigação: partindo da idéia de que o sujeito contemporâneo não constrói uma identidade, mas atravessa sua vida num processo de identificação com os diversos sistemas significantes do mundo, que perfil a literatura de auto-ajuda direcionada à mulher constrói para servir de referência no processo de identificação construído para sustentar seu desempenho? Que imagem de feminino o livro de auto-ajuda está promovendo? Que traços e valores essa literatura tem destacado e recomendado para a mulher que pretende afirmar-se como sujeito? Quais são os comportamentos produzidos e normatizados por essa literatura?

Após um cuidadoso e metódico trabalho de seleção – que levou em conta o tema da obra, a data de publicação, a circulação e o posicionamento no *ranking* de público –, chegamos a quatro obras que passaram a ser nosso objeto de estudo nessa dissertação. Estas obras são: 1) *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?* (2000) e 2) *Por que os homens mentem e as mulheres choram?* (2003), ambos da autoria do casal Allan e Bárbara Pease; 3) *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus* (1995), de John Gray; e 4) *Homem cobra, mulher polvo* (2004), do autor brasileiro, Içami Tiba.

Partimos da hipótese de que existe uma imagem de mulher que pode ser abstraída a partir da leitura desses quatro livros, e nos ocupamos em reparar quais os tipos de afirmações a respeito da mulher fazem parte de seu conteúdo, qual é a forma recorrente de se idear o sujeito feminino em cada um dos autores e o que se pode concluir de uma análise comparativa entre seus discursos. A intenção foi anunciar formas recorrentes de conceber o sujeito feminino em cada um dos autores e em todos conjuntamente. Além disso, procuramos mostrar como os livros analisados dialogam com um discurso maior, o da auto-ajuda, ou com as correntes e tradições do discurso científico ou paracientífico. Buscamos também estabelecer possíveis vínculos entre esses discursos e os sistemas de produção e veiculação de imagens peculiares ao contexto em que os livros surgiram e circulam. Outra hipótese é a de que a literatura

de auto-ajuda oferece modelos de subjetividade para suas leitoras e que esses modelos são a reafirmação de valores propostos pelos modos de subjetivação capitalística identificados pelo pensador Félix Guattari, ou seja, os comportamentos que são aconselhados para ambos os sexos são recuperações, a partir de um embasamento pseudocientífico, de padrões tradicionais de condutas masculinas e femininas.

Responder as perguntas propostas nesta investigação exige um cruzamento de três temas de estudos: o tema do sujeito contemporâneo, a questão feminina e o fenômeno da literatura de auto-ajuda direcionada. Por isso esta pesquisa sustenta-se primeiramente pelas modernas teorias de formação do sujeito. Como já anunciamos, fazemos referência, neste caso, aos teóricos dos Estudos Culturais britânicos, como Stuart Hall, Antony Giddens e Félix Guattari.

Como a investigação nasce, porém, da confluência entre duas dimensões sociais – a identidade feminina e a literatura de auto-ajuda –, acrescentamos aos teóricos do sujeito pós-moderno aqueles que abordam mais diretamente a identidade feminina. Recorremos, nesse caso, às obras de cientistas sociais dedicadas ao estudo das identidades de gênero, ou seja, à linha de estudos femininos que aborda especialmente a relação da mulher com a sociedade para construção de uma identidade. Esta é perseguida por Judith Butler, Nancy Chodorow, Fraçoise Collin, Maria Fátima da Cunha, Strinati Dominic, June Hahner, Anne Higgonet, Júlian Marías, Malvina Muszkat, Sherry B. Ortner, Luisa Passerini, Michelle Rosaldo e Charles Winick. Algumas dentre essas autoras também nos fornecem estudos, conceitos e métodos de análise dos fenômenos dos produtos culturais na sociedade de massas. A maior parte destas teorias está discutida, portanto, no primeiro capítulo deste trabalho.

Algumas observações e conceitos remanescentes, bem como aprofundamentos e verticalizações dessas teorias preferimos deixar para contrapontos na discussão final, ao término do capítulo 3, da análise propriamente dita.

No segundo capítulo procuramos apresentar as obras analisadas, a partir de uma explanação sobre a metodologia de seleção dos títulos, de um resumo das quatro obras escolhidas e de um comentário geral sobre o discurso dos autores, bem como dos recursos utilizados para veicular suas informações e suas teorias.

Finalmente, no terceiro capítulo, analisamos as obras selecionadas a partir de seis categorias de abordagem criadas por nós para a elaboração de um perfil de identidade feminina e retiradas dos próprios discursos dos autores selecionados. Assim, procuramos identificar como os autores concebem o comportamento feminino a partir das zonas de conflito estabelecidas e cobertas pelos textos analisados e que são as seguintes: sexualidade, namoro e casamento, afetividade (formas de o indivíduo lidar com seus sentimentos e emoções), maternidade/paternidade e educação dos filhos, sociabilidade (disposições para o convívio com outros indivíduos), cognição (maneiras peculiares de inteligência e processamento de informações) e trabalho (ocupação do espaço público). No final do capítulo procuramos resumir essas categorias num perfil de mulher deduzido das obras e buscamos confrontá-lo com teorias sobre a identidade feminina e as questões de gêneros.

Enfim, duas ressalvas são importantes. A primeira é que essa não é uma pesquisa de gênero propriamente dita, logo não cabe aqui aprofundar o debate e a discussão nesses termos. A segunda é que nesse trabalho as observações sobre a homossexualidade veiculadas nas obras não foram objeto de análise. Primeiramente, por se revelarem raras ou incidentais no discurso dos autores, mas especialmente em razão de não constituírem diretamente enunciados que evidenciem pressupostos para uma concepção de mulher sugerida pelos textos, mas concentrarem atenção principalmente sobre condutas sexuais possivelmente atribuídas a ambos os sexos.

CAPÍTULO 1 – IDENTIDADE, SUBJETIVIDADE E LITERATURA DE AUTO-AJUDA

Para este estudo, escolhemos quatro obras da literatura de auto-ajuda que propõem diferenças de papéis entre homens e mulheres e estabelecem um sistema de traços femininos definidos a partir da oposição com a masculina. Esses autores sugerem uma identidade feminina concebida dentro de um esquema binário de valores e comportamentos.

Os títulos, conforme apresentados na introdução, são: *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?* (que a passará a ser referido como *PHSMA*) e *Por que os homens mentem e as mulheres choram?* (que poderá ser localizado pela abreviatura *PHMMC*), ambos de Bárbara e Allan Pease; *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus* (que será mencionado como *HMMV*), de John Gray; e *Homem cobra, mulher polvo* (*HCMP*), de Içami Tiba.

Todas as obras do *corpus* analisado foram concebidas para leitores que pretendem promover melhorias em seu relacionamento com o sexo oposto. Para isso, seus autores partem do pressuposto de que os conflitos que comprometem a harmonia das relações devem-se às diferenças peculiares e intrínsecas aos dois sexos.

Essas “respostas” dadas pelos quatro autores em seus livros de auto-ajuda são reflexo de questões maiores que envolvem toda a sociedade contemporânea no que diz respeito à relação entre os seres humanos entre si em todos os âmbitos de sua convivência. Vivemos hoje uma etapa distinta da modernidade², na qual existe uma forma de construir a identidade/subjetividade individual própria, inédita historicamente.

Essa questão da formação da identidade do indivíduo no século XX tem sido extensamente discutida nas teorias sociais. Entre os autores que debatem o tema, Stuart Hall (2005) propõe três formas históricas de constituição da identidade cultural. A primeira, que o autor denomina “sujeito do Iluminismo”, considera o sujeito como formado a partir de um núcleo interior que concentra capacidades de

² Nomeada e conceituada de diferentes maneiras e nomes por teóricos dessa área.

razão, consciência e ação, um indivíduo que tem um *eu central* que constitui a sua identidade. Essa forma de sujeito foi assim concebida pelos autores iluministas do século XVIII. A formação desse núcleo auto-suficiente de consciência foi considerada posteriormente como elaborada a partir do diálogo do indivíduo com seu mundo circundante, que media para o sujeito os símbolos, valores e sentidos de cada cultura. Esta concepção interativa da identidade a que Hall chamou “sujeito sociológico” mantém um núcleo interior constituinte do indivíduo, mas considera este núcleo como um centro formado e alterado numa conversa contínua com os mundos culturais exteriores e as identidades pertencentes a esses mundos. A identidade modela, assim, o sujeito à estrutura, pois constitui uma ponte que permite que cada sujeito internalize os significados e os valores sociais até o limite de ordenar os lugares objetivos (espaço público/ exterior) com os sentimentos subjetivos (espaço privado/ interior) e assim possibilitar que cada um possa situar o lugar que ocupa no mundo social e cultural. Foi esse o sujeito definido no século XIX pelo surgimento das ciências sociais.

O terceiro sujeito identificado pelo autor é o “sujeito pós-moderno”, verificado na sociedade do século XX. Este sujeito, ao contrário dos anteriores, não possui um núcleo central formador de sua consciência nem sua identidade é ainda vista como estratificada a partir da interação. Em outras palavras, para Hall, o sujeito resultante da experiência globalizada não é mais detentor de uma identidade unificada e estável³. O homem pós-moderno se transformou em um sujeito fragmentado, que é resultado da soma de várias identidades que chegam a ser contraditórias ou mal resolvidas. Em função do aumento da velocidade de mudança do mundo externo e do contato cada vez maior com o diferente, o processo de identificação individual – através do qual se projeta o indivíduo em suas identidades sociais/culturais – absorveu essas características e passou a ser mais efêmero, mutável, e problemático. O autor afirma, então, que esse sujeito não tem uma identidade fixa, essencial ou imutável que seja definida biologicamente, ao contrário, esta passa a ser definida historicamente. “A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e

³ O autor Stuart Hall fala da desconstrução *teórica* do sujeito iluminista idealizado a partir do processo “real” prático da descoberta das identidades múltiplas, através de movimentos sociais e culturais, e não de uma “esquizofrenização” do sujeito.

transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2005, p. 13).

Hall atesta que o fato de o sujeito não deter mais um núcleo autônomo confere-lhe uma identidade instável, pois as várias identidades que ele assume no decorrer de sua história pessoal não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. No decorrer de sua vida ele percebe a existência de suas diversas identidades conflitantes, que o empurram para diferentes direções. Dessa forma, as identificações são sujeitas a constantes mudanças, pois são continuamente deslocadas. “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente” (*Idem*), o que faz da identidade um estado sempre incompleto, em processo de formação. Por isso, Hall propõe que se substitua o termo “identidade”, que traduz um conceito de essência sólida e completa, por *identificação*, que permite entender essa identidade em andamento como “uma inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos pelos outros” (HALL, 2005, p.39).

O momento histórico nomeado “pós-moderno” por Hall é considerado, pelo sociólogo britânico Anthony Giddens, um paroxismo da modernidade, pelo que o autor prefere denominá-lo “alta modernidade” ou “modernidade tardia”⁴. No entanto, as observações de Giddens a respeito da identidade do sujeito contemporâneo assemelham-se à de Hall, nas considerações sobre a fragmentação da constituição desse sujeito e das formas de composição da identidade em crise a partir dos elementos disseminados pela cultura globalizada.

“Ser humano é saber, quase sempre, em termos de uma descrição ou outra, tanto o que se está fazendo como por que se está fazendo”, afirma Giddens (2002, p.39). Esse “conhecimento” das ações e de seus motivos é o que dá sentido à vida do

⁴ Nomenclaturas, conceitos e definições sobre a contemporaneidade ainda constituem motivos de polêmica entre os autores das ciências humanas. Neste trabalho, não pretendo abordá-los, uma vez que meu intento é apenas verificar como esses autores propõem o problema da identidade nesse período, independentemente da nomenclatura utilizada.

sujeito e o constitui enquanto uma identidade. Como observamos com Hall, nos primeiros estágios históricos do sujeito, o indivíduo constrói identidades diferentes nos diferentes momentos históricos e sempre dispôs de (ou a sociedade lhe impunha) narrativas hegemônicas às quais podia se referir para dar significado às suas ações cotidianas, públicas ou privadas, que, somadas, constituíam sua biografia pessoal ou identidade. A situação, contudo, se transforma com a crise dessa hegemonia na cultura contemporânea:

Nas situações a que chamo de modernidade “alta” ou “tardia” – nosso mundo de hoje –, o eu, como os contextos institucionais mais amplos em que existe, tem que ser construído reflexivamente. Mas essa tarefa deve ser realizada em meio a uma enigmática diversidade de opções e possibilidades (GIDDENS, 2002, p.11).

Notamos que Giddens afirma a existência de uma necessidade do indivíduo de conduzir sua vida a partir de um sentido unificado. O que era antes permitido por um contexto social de unificação pré-estabelecida entra em colapso nos tempos atuais, obrigando esse sujeito a um exercício de busca e escolha de novos parâmetros de comportamento e ação em um cenário de extensa gama de possibilidades e alternativas de conduta. Para Giddens, essa variedade de opções da “alta” modernidade impõe-se ao novo sujeito como um universo de problemas a serem considerados e “solucionados” para que se permita, nesse contexto, a construção – e não mais a apropriação – de uma nova identidade:

“Viver no mundo”, onde o mundo é o da modernidade tardia, envolve várias tensões e dificuldades instintivas ao nível do eu. Podemos analisá-las mais facilmente entendendo-as como dilemas que, em um ou outro nível, devem ser resolvidos a fim de preservar uma narrativa coerente da auto-identidade (GIDDENS, 2002, p.175).

Nesse contexto o elevado número de possibilidades de escolha que a atualidade apresenta ao sujeito é motivo para internalização de uma crise. Ao perceber-se como “refém” no seu próprio tempo e do seu próprio mundo, cada indivíduo passa a ter a sensação de tornar-se um prisioneiro. Imagina-se que, ao

nascer, cada ser humano tenha uma vida a ser empreendida; esse fluxo vital é o que leva o indivíduo à superação das dificuldades cotidianas por se imaginar uma linha coerente que dará – se não a princípio, pelo menos no decorrer ou final da vida – um sentido a todas as experiências vividas. Na “alta modernidade” ou “pós-modernidade” essa linha torna-se constantemente interrompida devido à sempre urgência de uma nova escolha momentânea. Assim, ao invés de vivenciar uma trajetória segura, o indivíduo sente o peso da avalanche de possibilidades que estão materializadas a cada passo dado e, por isso, tem dificuldade para exercitar escolhas a longo prazo – o que lhe traria segurança –, visto que é chamado a fazer escolhas muito próximas umas das outras e com pouca baliza ou referência de para onde será conduzido após a finalização de cada uma delas. Tudo isso desemboca numa sensação de impotência ou constante e profunda insegurança perante o seu “destino”, o que se consolida em forma de elevado número de crises psicológicas, como a depressão, os comportamentos obsessivos e mesmo, mais especificamente, a anorexia. A esse respeito Giddens afirma que

Quando o indivíduo sente-se ultrapassado por uma sensação de impotência nos principais campos de seu mundo fenomênico podemos falar de um processo de engolfamento. O indivíduo sente-se dominado por forças externas invasoras a que é incapaz de resistir ou transcender. Sente-se assolado por forças implacáveis que lhe roubam toda autonomia de ação, ou então preso numa voragem de eventos em que rodopia de maneira descontrolada (GIDDENS, 2002, p.179).

Esse “engolfamento” do indivíduo no contexto externo acaba por obrigá-lo a intensificar suas preocupações de auto-afirmação e busca da identidade, o que pode conduzir, como no exemplo sugerido pelo próprio Giddens, em sistemas de supercontrole do corpo e da vida, como os complexos anoréxicos de que são vítimas especialmente as mulheres jovens de nosso tempo. Para Giddens, a fragmentação dos elementos de referência simbólica, em vez de refletir-se numa fragmentação identitária, pelo contrário, estimula o indivíduo a buscar a construção de uma narrativa coesa para sua identidade individual. “A modernidade fragmenta; e também une”, defende Giddens. “Em relação ao eu o problema da unificação refere-se à

proteção e à reconstrução da narrativa da auto-identidade diante das intensas e extensas mudanças que a modernização provoca” (2002, p.175).

A auto-identidade é um conjunto de sistemas narrativos biográficos criados pelo indivíduo a partir de referências que, na “alta” modernidade, surgem dispersas e desprovidas de unidade semântica, e que são constantemente revisados pelo sujeito num processo “reflexivamente organizado” a partir de um “contexto de múltipla escolha filtrada por sistemas abstratos” (GIDDENS, 2002, p.12). Esse processo de reflexão organizada, essencialmente característico da estruturação da auto-identidade na “modernidade tardia”, elabora-se, por sua vez, “pelo contato com o conhecimento especializado” (2002, p.13).

Para o autor, “sensações de inquietude, pressentimentos e desespero podem se misturar na experiência individual com a crença na confiabilidade de certas formas do referencial social e técnico” (2002, p.168) e assim, como parte do movimento reflexivo da modernidade, a informação especializada passa a ser constantemente buscada e incorporada às narrativas biográficas para constituição da auto-identidade. Dentre o aparato técnico oferecido pela modernidade, afirma o autor está a interação do indivíduo com um psicoterapeuta ou a procura de modos e formas de manipular pessoalmente os recursos dessa espécie de terapia. Ambas demonstram, na visão de Giddens programas de efetivar a terapia em termos de auto-realização.

Entretanto, o sociólogo lembra que poucos indivíduos mantêm uma confiança inabalável nos sistemas de conhecimento técnico, e “todos, consciente ou inconscientemente, escolhem entre as possibilidades concorrentes de ação que tais sistemas (ou abandono deles) oferecem” (GIDDENS, 2002, p.28). A mídia de massa, nesse ponto, concorre para fornecer, modernamente, esse conhecimento técnico na forma de conjuntos de informações traduzidas para a linguagem leiga o aparato conceitual e técnico desenvolvido pelos especialistas e constitui, por sua vez, um instrumento pessoalmente mais conveniente, já que socialmente mais difundido e manipulado, pois, como lembra o autor, uma resposta à crise do sujeito e à elaboração da auto-identidade, para ser “apropriada” ou “aceitável”, precisa de um “referencial compartilhado – não-demonstrado e indemonstrável – da realidade” (2002, p.40).

A experiência canalizada pelos meios de comunicação, desde a primeira experiência escrita, tem influenciado tanto a auto-identidade quanto a organização das relações sociais. Com o desenvolvimento da comunicação de massa, particularmente a comunicação eletrônica, a interpenetração do autodesenvolvimento e do desenvolvimento dos sistemas sociais, chegando até aos sistemas globais, se torna cada vez mais pronunciada (GIDDENS, 2002, p.12).

Retomando o que estamos argumentando com as teorias de Hall e Giddens, compreendemos então, na cultura globalizada do século XX, a existência de uma dificuldade de elaboração da identidade unificada e indivisa a partir de uma realidade fragmentada. Essa dificuldade gera uma crise de identidade que leva o sujeito à procura de elementos que possam auxiliá-lo na racionalização e no entendimento de si mesmo enquanto “eu” perante a realidade de seu contexto.

Para dar conta desta nova situação social, tornam-se interessantes as abordagens que vêm ocupando os estudos dos teóricos franceses Félix Guattari e Gilles Deleuze. Neles, o conceito de identidade explorado por Giddens e Hall é substituído pela noção de subjetividade, que permitiria evitar o fortalecimento de territórios de cristalização de valores culturais nas pesquisas sociológicas. Observamos que os conceitos de identidade apresentados pelos dois primeiros autores podem ser ampliados pelo conceito de subjetividade e de singularidade propostos por Guattari; por esse motivo, cabe agora evidenciar as principais concepções do autor.

Félix Guattari observa que as pessoas não separam suas esferas de significação e ação e produzem seus arcaibouços referenciais a partir de uma combinação entre diversos segmentos da atividade humana. Seria, portanto, reacionário, buscar enquadrar todo um grupo de pessoas num conceito de identidade cultural, nivelador da diversidade de modos e movimentos de existência, e imaginar que cada um de seus membros daria respostas idênticas ao mesmo estímulo, por pertencerem ao que se convencionou ser a sua cultura:

Os conceitos de cultura e de identidade cultural são profundamente reacionários: a cada vez que os utilizamos veiculamos sem perceber modos de representação da subjetividade que a reificam e que com isso não nos permitem dar conta de seu caráter composto, elaborado, fabricado, da mesma forma que qualquer mercadoria no campo dos mercados capitalísticos (GUATTARI e ROLNIK, 2005, p. 82, grifo do autor).

O autor nota que, embora mergulhadas em universos semióticos que as precedem e ultrapassam, as pessoas respondem de maneira particular aos estímulos dessas estruturas serializadas. Formalizar esses diferentes modos em quadros de referência seria, pois, nivelar um composto de produção de significações diversificado e criativo a estruturas e formas estanques de exercício existencial e sonegar, assim, a riqueza da produção cultural que pode emergir de um grupo social, uma nação ou uma etnia: “A identidade é aquilo que faz passar a singularidade de diferentes maneiras de existir por um só e mesmo quadro de referência identificável”. Identidade é, portanto, um conceito de “referenciação”, que circunscreve a realidade em paradigmas de restrição e sujeição das forças existenciais (GUATTARI e ROLNIK, 2005, p. 80). Para considerar o problema a partir de uma perspectiva identitária, segundo Guattari, seria preciso supor que existisse, por exemplo, uma natureza negra ou uma natureza feminina à qual os indivíduos deveriam aderir, o que mascararia a dimensão histórica e cultural desses quadros referenciais e impediria ações transformadoras e novas orientações: “Toda vez que uma problemática de identidade ou de reconhecimento aparece em determinado lugar, no mínimo estamos diante de uma ameaça de bloqueio e de paralisação do processo” (GUATTARI e ROLNIK, 2005, p. 87).

Por isso, em substituição à abordagem da identidade para a análise e a práxis sociais, Guattari propõem os conceitos de *subjetivação* e *singularização*.

Inicialmente, os autores substituem o conceito clássico de sujeito como a definição de uma “suposta natureza humana” pela idéia de uma subjetividade que é elaborada socialmente, modelada e fornecida para consumo por agentes de produção semiótica (GUATTARI e ROLNIK, 2005, p. 33). O sujeito passa então a ser concebido como um feixe de energias em movimento, sejam religiosas, artísticas, econômicas ou outras, vivendo “um possível pré-estruturado” na realidade em que se encontra (idem, p. 52). Essas formas de subjetividades são produzidas e consumidas como mercadorias e asseguram o *status quo* da hierarquia social e somente através delas as realidades podem ser controladas e dirigidas para os fins da cultura dominante: “A produção de subjetividade constitui matéria-prima de toda e qualquer produção” (ibidem, p. 36). No entanto, sua ação nunca é determinista, pois a

constituição da subjetividade pelo indivíduo dá-se num processo plural de combinação dessas referências coletivas com desejos, anseios e emoções pessoais.

Embora circule pelos conjuntos e instituições sociais, a subjetividade é assumida pelos indivíduos em suas existências particulares e pode ser recebida por eles de duas maneiras diferentes: pela submissão muda e sem resistência ou pela conversão de suas significações em respostas singulares e criação de soluções particulares para a existência. O indivíduo vive, portanto, numa “encruzilhada”, percorrido transversalmente por uma multiplicidade de referências às quais ele adere sem crítica ou as modifica para atender a desejos e expectativas não contempladas. Quando adere a uma subjetividade reificada, a pessoa experimenta um processo de individuação. Nesse caso, há uma cristalização de processo num quadro de referência estático. Guattari aponta três níveis básicos de individuação na condição biológica dos corpos, que compromete os indivíduos com necessidades de nutrição e sobrevivência, na divisão sexual, que os separa em gêneros, e nas relações sócio-econômicas, que divide a realidade social em classes e estratos (2005, p. 47).

A identidade cultural seria uma forma coletiva de territorializar, isto é, circunscrever uma subjetividade num sistema fechado de referência, cuja consequência imediata seria a exclusão de grupos e indivíduos da possibilidade de pertencimento ou uso dos quadros semióticos da cultura circunscrita, resultando na oposição clássica entre identidade e alteridade. A identidade é, pois, “um meio de auto-identificação num determinado grupo que conjuga seus modos de subjetivação nas relações de segmentaridade social” (2005, p. 85).

Esta definição de identidade parece estar de acordo com aquela concepção de Hall para a identidade pós-moderna como “celebração móvel”, que transita numa fluidez contínua através das interpelações dos diversos sistemas culturais. O conceito de subjetividade de Guattari leva também a compreender o movimento dos três tipos históricos de identidade propostos por Hall. O “eu central” concebido pelo iluminismo constituía uma forma de subjetivação que estimulou condutas e pensamentos de índole positivista unidirecional, mas foi desestabilizado por singularizações promovidas pela pluralidade epistemológica das ciências humanas surgidas na virada do século XIX para o XX, de onde se origina a idéia de um sujeito

aderente, isto é, de uma subjetividade elaborada a partir da concepção de um grupo social de pertencimento.

Acreditamos, portanto, que as teorias de Hall e Guattari dialoguem entre si e possam complementar-se. O que talvez seja preciso é estabelecer melhor as diferenças terminológicas de ambos os autores. Identidade, por exemplo, é noção que conduz ao exterior, na definição de Guattari: como territorialização de subjetividades, existe fora do sujeito, podendo ser assumida ou não no âmbito de seus desejos. Hall, por sua vez, observa a identidade a partir do sujeito, por isso a define como “fragmentada” e propõe, até, substituí-la pelo termo de “identificação”, que melhor define o dinamismo do processo e aproxima ainda mais a noção do autor com a de subjetividade proposta por Guattari. Trata-se, portanto, de ângulos referenciais diferentes de abordagem e de terminologia, por isso as duas teorias não se excluem absolutamente.

Finalmente, acreditamos coincidir as visões de ambos os autores sobre o sujeito. Como o sujeito pós-moderno de Hall, o de Guattari também é definido como instável e não unificado e também não é considerado a representação de uma prática estratificada, como os grupos sociais.

Voltando à teoria de Guattari, os agentes de produção de subjetividade não estão concentrados em indivíduos ou grupos⁵, o que chega, portanto, aos indivíduos, produzido pelos agentes de subjetivação no capitalismo, são “sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo”.

A cultura não é, então, somente um conjunto de modelos ou um modo de transmissão de informações, mas também a forma de se exercer um “mercado geral de poder”. Da mesma maneira que o capital codifica as relações econômicas e sociais, a cultura produz os sistemas semióticos de produção, circulação e consumo do poder. No caso do capitalismo, esse poder é de caráter etnocêntrico e logocêntrico, separando territórios culturais entre si, privilegiando raças e nações e erigindo

⁵ Mas atuam a partir de máquinas de semiotização de natureza extrapessoal, como sistemas econômicos, tecnológicos ou midiáticos, ou de natureza intrapessoal, como modos de percepção e sentido, de elaboração de memória, de desejo, de expressão biofisiológica etc. Esses sistemas maquínicos, compostos da integração de múltiplas formas de expressão e produção de significações, sejam elas técnicas, teóricas, estéticas, sociais ou outras, codificam e recodificam modelos de subjetividade e os põem em movimento no espaço social.

modelos racionalizantes de conduta a partir de paradigmas da cultura hegemônica. Existiria, assim, para o autor, uma subjetividade “capitalística”, global e total, regendo os mecanismos sociais deflagrados pelos desdobramentos históricos da Revolução Francesa, sob a qual toda subjetividade individual resultaria de “um entrecruzamento de determinações coletivas de várias espécies, não só sociais, mas econômicas, tecnológicas, de mídia e tantas outras”.

O novo sujeito foi fundado, a partir de então, sobre as bases de sua relação com o pensamento (cartesiano), com a lei moral, com a natureza e com o outro feito objeto (GUATTARI e ROLNIK, 2005, p. 31). Esse sujeito é modelado em série, fruto de uma subjetividade universal formulada pelos equipamentos coletivos de subjetivação, dos quais a mídia é um dos principais vetores e a cultura de massa sua mais expressiva manifestação, com sua máquina de produzir indivíduos “normalizados, articulados uns aos outros segundo sistemas hierárquicos, sistemas de valores, sistemas de submissão” (idem, p. 23).

Contra esse efeito alienante de individuação e padronização da subjetividade, Guattari opõe os processos de singularização, reação automodeladora na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade e produz respostas originais ao conjunto de modelos veiculados pelos agentes da subjetivação capitalística. Nesse caso, uma autonomia avaliativa traduz os elementos da situação e elabora seus próprios sistemas de referência, escapando à dependência dos modelos propostos pelas máquinas de produção globais. Esse exercício de autonomia e liberdade contraria, portanto, até mesmo as propostas de identidade cultural ou de grupo, uma vez que estas, para Guattari, poderiam veicular modelos de subjetividade sedimentados pelos sistemas capitalísticos de subjetivação e, de qualquer maneira, estariam propondo formas territorializadas, isto é, circunscritas, de ação, o que sempre pode cercear a atividade livre e autônoma do desejo:

Aquilo que chamo de processos de singularização – poder simplesmente viver, sobreviver num determinado lugar, num determinado momento, ser a gente mesmo – não tem nada a ver com identidade [...]. Tem a ver, sim, com a maneira como em princípio todos os elementos que constituem o ego funcionam e se articulam; ou seja, com a maneira como a gente sente, como a gente respira, como a gente tem ou não vontade de falar, de estar aqui ou de ir embora (GUATTARI e ROLNIK, 2005, p. 81).

Assim, ao lado dos processos de subjetivação coletivos e até em certa medida contra eles, existiriam maneiras criativas de elaborar subjetividades e propô-las aos mecanismos sociais, denominados pelo autor como singularização.

Para o autor, essas alternativas autônomas de subjetivação, entretanto, são na maior parte das vezes policiadas ou contidas por uma função de culpabilidade da subjetividade capitalística: como precisamos dar consistência a nossas singularidades e assumir uma posição existencial, preferimos o mais das vezes aceitar e interiorizar automaticamente um modelo prévio de referência ou identidade a propor, justificar e consolidar novas formas de subjetividade. No vácuo cavado pelas necessidades de referência penetram sempre os agentes da subjetividade capitalística para recuperar os desvios e integrá-los no sistema global de referências:

A tendência atual é igualar tudo através de grandes categorias unificadoras e redutoras – tais como o capital, o trabalho, um certo tipo de assalariamento, a cultura, a informação – que impedem que se dê conta dos processos de singularização. Toda criatividade no campo social e tecnológico tende a ser esmagada, todo microvetor de subjetivação singular, recuperado (GUATTARI e ROLNIK, 2005, p. 48-49).

Identificamos que este contexto é o que sustenta, por exemplo, boa parte da literatura de auto-ajuda, que, cuidando de oferecer modelos aos territórios de subjetividade em crise, propõe esses modelos recuperando ou atualizando valores avalizados pelos modos de subjetivação capitalística. Nas obras analisadas adiante veremos como modelos de comportamento para os gêneros e distinções de papéis sexuais seculares são atualizados e traduzidos em jargões científicos que podem recuperar posições desviadas de sua orientação tradicional. Trata-se daquele mecanismo, exposto por Guattari, de fortalecer as imagens territoriais para minar as tentativas de rompimento de fronteiras entre as subjetividades:

A meu ver, é porque o pânico gerado pelo processo vertiginoso de desterritorialização da família que estamos todos vivendo (o que implica evidentemente na desterritorialização de uma certa imagem de homem, de mulher e das relações entre ambos: a imagem romântica do “amor”) provoca o aparecimento defensivo de inúmeras formas de denegar essa situação e perpetuar esse tipo de território (GUATTARI e ROLNIK, 2005, p. 81).

Percebemos, então, entre as teorias de Hall, Giddens e Guattari níveis em que as abordagens confluem e níveis em que elas divergem, mas podem ser complementares. A diferença entre as concepções de Hall e Giddens situa-se especialmente na esfera da ação das relações de poder entre os indivíduos e os sistemas de referência. Enquanto, para Hall, a fragmentação do eu é constitutiva do próprio sujeito “pós-moderno”, para Giddens a fragmentação está em elementos de referência para a constituição do eu. Guattari, por sua vez, parece combinar as duas concepções e acredita que a própria noção de indivíduo é uma abstração, que o sujeito é sempre um terminal onde se cruzam diversos níveis de subjetividade e que o processo de subjetivação se constrói a partir da apropriação dessas subjetividades ou de sua transcendência por meio de processos de singularização. O que se chama “identidade”, portanto, é um campo de subjetividade territorializado, que, conforme aponta Hall, na contemporaneidade se tornou ainda mais fluido e fragmentado.

Tomaremos, portanto, para nossas reflexões durante esta pesquisa, a noção de identidade, defendida por Guattari, como espaço territorializado de subjetividades, e entenderemos uma “identidade feminina” como uma proposta de subjetividade territorializada, neste caso, pela mídia dos livros de auto-ajuda. Não poderemos, no entanto, nunca esquecer, que, conforme Hall e Giddens, esta identidade está sendo proposta em razão de uma crise de referenciais externos vivida pelo sujeito contemporâneo e busca, portanto, restabelecer firmezas através, por exemplo, de um discurso científico que recupera antigas formas de simbolização e codificação de comportamentos e procura transformá-las num sistema coeso de referencialidade.

1.1 A literatura de auto-ajuda

Nesse momento buscaremos apresentar o conceito de auto-ajuda e o vínculo existente entre este e o individualismo próprio do sistema de valores do capitalismo burguês, explorado pelos estudos de Francisco Rüdiger, e abordaremos também a fascinação, trazida à tona por Arnaldo Chagas, com que este discurso é pronunciado por seus líderes, de forma a que ele alcance o leitor protegido por uma aura de

autoridade que sustenta a sua penetração e facilite sua ação de agente de comportamentos sociais⁶.

Em *Literatura de auto-ajuda e individualismo*, Francisco Rüdiger ocupa-se de estabelecer um vínculo entre a auto-ajuda e o individualismo que foi proposto e desenvolvido no ocidente a partir da ascensão do capitalismo burguês. A intenção do autor é mostrar como o individualismo está na base da auto-ajuda e, para tanto, o autor se concentra mais na auto-ajuda como um meio contemporâneo para o indivíduo referendar e fortalecer o individualismo. Por não ter como objeto as questões de relacionamento, volta-se mais para o culto da personalidade individualista e para o cuidado de si, ou seja, para o desenvolvimento do sujeito. Segundo Rüdiger a literatura de auto-ajuda

refere-se ao conjunto textualmente mediado de práticas através das quais as pessoas procuram descobrir, cultivar e empregar seus supostos recursos interiores e transformar sua subjetividade, visando a conseguir uma determinada posição individual supra ou intramundana (RÜDIGER, 1996, p. 11).

O autor discorre seu texto afirmando que a literatura de auto-ajuda é um fenômeno eminentemente anglo-saxão. Toda sua história – pelo menos no formato que ela assume na contemporaneidade – tem seu berço nesse espaço, ainda que, em seu desenvolvimento posterior, tenha se espalhado por quase todo o ocidente. Foi a partir do século XX que as práticas de pensar e refletir sobre si (auto-reflexão) ganharam fôlego e o fenômeno pode ser visto dentro daquele quadro, já elucidado no início deste capítulo, de uma sociedade fragmentada e sem amparo para a construção de uma identidade e condutas de vida individuais. Para Rüdiger o contexto de mudanças sociais levou o indivíduo a questionar sua liberdade e sua ética de conduta, agora com o objetivo de uma validação espiritual. Em decorrência destes fatos a

⁶ Esse capítulo é dedicado à revisão da literatura teórica de literatura de auto-ajuda, e não traz nenhuma interferência teórica de nossa autoria. Para tanto, faremos a apresentação das afirmações e resultados de pesquisas dos autores citados, de maneira a elucidar, para o encaminhamento da pesquisa, o universo discursivo da auto-ajuda, uma vez que vem daí a população de meu *corpus* de análise. Não se trata, portanto, aqui, de discutir as teorias expostas, uma vez que é outro meu escopo nesta pesquisa. Trata-se, ao contrário, de contextualizar meu objeto dentro das únicas duas doutrinas, a que tive acesso, elaboradas para compreender parte do discurso de auto-ajuda. Certamente os autores podem apresentar abordagens já transcendidas pelo discurso sociológico, mas trazem, por outro lado, observações interessantes e, no limite, uma das poucas disponíveis para se iniciar uma análise de textos de auto-ajuda. Cabe, de qualquer maneira, lembrar, que os estudos conceituais sobre o fenômeno da auto-ajuda como um todo merecem, de outra parte, aprofundamentos que ainda estão à espera de pesquisas que os levem à frente.

racionalização e a reflexividade, que favorecem e estruturam a subjetivação, são fruto do sistema capitalista, que teve como uma de suas conseqüências a separação do sujeito de suas condições anteriores e naturais de vida. Para o autor, no início da modernidade, essas possibilidades eram restritas a um pequeno grupo de indivíduos que pertenciam às camadas dominantes da sociedade. A disseminação desse processo, que já existia de forma embrionária e se transforma no final do século XX em fenômeno de massa, ocorreu com o surgimento de diversos movimentos de ampliação do mercado de bens culturais do século XIX. Levando adiante o raciocínio, o autor afirma que essa reviravolta transformou as “práticas de si em fenômeno da cultura de massa” e hoje a reflexividade encontra-se imbricada ao núcleo da subjetividade e esse movimento aumenta proporcionalmente com o recrudescimento da diferenciação das diversas esferas de valores e sistemas de ações sociais.

O autor atesta que a conseqüência da modernidade foi a desintegração das representações coletivas e dos simbolismos coletivos que orientavam com sucesso a diluição dos objetivos pessoais para os propósitos sociais, e garante que com esse movimento surge o período de indivíduos relativamente livres que são obrigados a viverem em uma sociedade em modificação constante. Logo a somatória de problemas pessoais entra em conflito com esse alvedrio, de forma que, “na modernidade, parece que a liberdade individual vai perdendo sentido à medida que aumenta a liberdade do homem”. Nesse contexto, assegura Rüdiger, a literatura de auto-ajuda compõe uma mediação possível, através da qual “as pessoas comuns procuram construir um eu de maneira reflexiva, gerenciar os recursos subjetivos e, desse modo, enfrentar os problemas colocados ao indivíduo pela modernidade”. Assim, essa literatura se apresenta como uma forma individualista através da qual o novo sujeito procura superar os obstáculos relativos às concepções de vida atuais, que divergem radicalmente das que “regiam as antigas civilizações” (RÜDIGER, 1996, p. 14).

Segundo o autor, preconizando o advento de um indivíduo livre e auto-gestor, a literatura de auto-ajuda promoveu ou auxiliou a destruição da imagem de sociedade como uma esfera de reconhecimento para a identidade do sujeito. Esse movimento atingiu um número tão alto de pessoas que pode hoje ser entendido como uma prática

social estabelecida. Para Rüdiger, esta literatura levou ao público a concepção de sociedade como uma “grandeza negativa, moralmente neutra” (1996, p. 233). Faz parte da filosofia capitalista, na visão do autor, a tentativa de libertação do indivíduo da tutela dos poderes institucionais da cultura e da sociedade. A liberdade individual passa a ser, neste contexto, o bem maior a ser conquistado e cultivado, e os laços sociais só podem ou devem existir na medida em que emanem das vontades individuais:

A sociedade representa uma realidade secundária, construída através de contratos, pactuados por sujeitos livres, conforme seu interesse individual. Isto é, consiste numa espécie de terreno comum onde cada indivíduo persegue o conceito de bem viver que escolheu para e por si mesmo. E as instituições existem para provê-lo dos meios para levar adiante essa atividade autônoma (RÜDIGER, 1996, p. 160).

Assim, segundo o autor, o sujeito busca, na moral, na sociedade, na religião, na arte, na cultura e em todas as esferas de interação simbólica e convivência coletiva, valores que possam ser gerais sem perder seu caráter individual. Rüdiger sustenta que não se trata de eliminar valores que sejam socialmente aceitáveis, mas de tornar socialmente aceitáveis valores e formas de conduta que só se legitimam por uma visão individualista e particularizante do mundo:

Nosso tempo prima, em princípio, por um esforço no sentido de combinar os conceitos de liberdade e dignidade de todos com o ideal comum de desenvolvimento individual diferenciado. Em linhas gerais, os modernos pretendem tomar suas decisões e fazer suas escolhas procurando combinar sua configuração individual com o válido universalmente, os direitos pessoais com os direitos da humanidade (RÜDIGER, 1996, p. 165).

Ao buscar a história e a etimologia da palavra, Francisco Rüdiger afiança que a expressão “literatura de auto-ajuda” foi cunhada por Samuel Smiles, em 1859, como título de seu livro. Smiles foi médico e utilizou o termo *self-help* como sinônimo de “força de vontade aplicada ao cultivo de bons hábitos” (RÜDIGER, 1996, p. 33), reforçando as noções de caráter existentes à época⁷. Por ser o caráter um substantivo só executável socialmente, os aconselhamentos da literatura embasavam-se nas normas de trabalho e nos deveres salientados pelo grupo. Não existia, segundo o

⁷ Hoje o termo relaciona-se mais facilmente, segundo Rüdiger, a prazer e realização.

autor, a possibilidade de aconselhamento individual, seja a respeito de ganhos ou de como lidar com as perdas, pois nesse estágio a vida pessoal ainda se mesclava total e profundamente com a vida social.

Desenvolvendo cronologicamente o raciocínio, Rüdiger afirma que o passo seguinte foi dado pelo trio Channing, Whitman e Emerson, entre outros, que “proclamavam à mesma época, por sua vez, o advento do personalismo, anunciando para breve a chegada do *self-help-man*, o começo de uma nova era, na qual a preocupação não seria mais com o dever mas com o cultivo da personalidade” (RÜDIGER, 1996, p. 34). Essa transição se deu com base na formação da “*self-culture*”, na qual a força foi subjugada ao pensamento⁸, e, com o passar do tempo, em poucas décadas, a expressão *auto-ajuda* se tornou mais difundida, conhecida e usada por um número cada vez maior de pessoas e de situações, “passando a designar, na virada do século, uma verdadeira tendência de comportamento, dependente de um novo gênero de literatura de massa” (RÜDIGER, 1996, p. 34). Assim, conclui Francisco Rüdiger em seu livro, se deu a *democratização* da auto-ajuda, e o acesso às informações sobre guias de vida passou a ser propiciado a grupos cada vez maiores de leitores e, concomitantemente, a responsabilidade pela vida de cada um, a problematização e resolução das questões subjetivas foram passando das mãos da comunidade para as do indivíduo. Todas as alterações capitalistas do início do século XX, especialmente a evolução das tecnologias dos meios de comunicação de massa, propiciaram o que Rüdiger chama de um “mercado da personalidade”⁹:

O movimento histórico que preside e sustenta a formação das práticas de auto-ajuda em nossa sociedade é conhecido: encontra-se nas transformações sobrevindas à estrutura empresarial e ao sistema de classes durante as primeiras décadas do século, no conjunto de mudanças que conduziram a sociedade liberal burguesa do século passado para a atual sociedade de massas capitalista e resultaram no progressivo engendramento de um verdadeiro mercado da personalidade. (RÜDIGER, 1996, p. 128-129).

⁸ “Nessa época, todavia, o sentido da expressão foi se modificando bruscamente e se referindo cada vez mais ao cultivo de certos poderes mentais” (RÜDIGER, 1996, p. 34).

⁹ Esse “mercado da personalidade” se aproxima muito do conceito de “modelização capitalística” proposta por Felix Guattari em seu livro *Micropolítica: cartografias do desejo*.

Na opinião do autor, a literatura de auto-ajuda é facilmente absorvida pela multidão por se propor a auxiliar ou até responder diretamente aos obstáculos e problemas resultantes das mudanças na vida do sujeito moderno. Ainda segundo o autor, em uma época em que a humanidade, de forma geral, depara-se constantemente com questões relativas à elaboração e implementação de uma identidade individual, surgem então, cinco características típicas desse contexto.

A primeira característica apresentada por Rüdiger diz respeito à velocidade das transformações sociais, que cria um terreno fértil e facilita a existência de um espaço em que esses manuais encontrem viés para deslizarem socialmente. Melhor dizendo, o advento do individualismo e todas as dificuldades de construção de narrativas autobiográficas geraram necessidades de auxílio ao sujeito em crise e uma das formas de encontrá-lo são os manuais de auto-ajuda. É importante lembrar que, segundo Rüdiger, o próprio capitalismo pode ter sido o responsável por essa crise, uma vez que tenha proposto em escala social um conceito de individualidade. Essa crise, como vimos com Guattari, não passa de uma abstração para cristalizar uma subjetividade desejada e difundida.

A segunda característica mostra que a literatura de auto-ajuda é eficaz em função da sua forma e do seu conteúdo. Segundo Rüdiger, a difusão foi alavancada pelo mercado capitalista, com sua lógica de transformação de informação em produto vendável¹⁰. As técnicas de autoconhecimento tiveram seus conteúdos simplificados, superficializados e até vulgarizados para facilitar o processo de venda e aumentar o número de exemplares circulantes, “seus conceitos se tornaram fórmulas de propaganda” (1996, p. 16). O inchaço foi tamanho que um braço da literatura popular norte-americana abrangeu várias nações e transformou-se em um fenômeno da cultura de massa:

Nesse contexto, as respostas para os problemas de identidade, os recursos para descobrir e explorar os segredos da alma, do corpo e do sexo e as fórmulas para ter sucesso na vida e relacionar-se com as pessoas foram se tornando mercadoria de consumo de massa. As práticas de si começaram a se vulgarizar através dos meios de comunicação, difundindo um saber de cunho paracientífico, caracterizado nos catecismos sobre como conduzir a vida, nas matérias sobre o potencial humano, nos

¹⁰ O que colabora para outro fenômeno exposto por Guattari, o da laminagem da subjetividade.

testes de autoconhecimento e nos desenhos de perfis psicológicos (RÜDIGER, 1996, p. 16).

A terceira e principal característica desses textos de aconselhamentos e normas, segundo o autor, é o “discurso prescritivo”, no qual a intenção é apresentar regras que sirvam como baliza de procedimento individual diário. Por isso, seus conteúdos não são filosóficos, no sentido de abrirem possibilidades de discussão e até de discordâncias, e sim pragmáticos e performáticos, pois são constituídos de pareceres técnicos que podem (e devem) ser aplicados de forma prática e rápida pelo consumidor/leitor. A intenção textual, não se restringe a uma leitura comum, mas supõe que o leitor possa, a partir daquele momento, apropriar-se de todas as técnicas explicitadas para agir “sobre si próprio e sobre os outros¹¹ no contexto de nossa cultura” (RÜDIGER, 1996, p. 21). Rüdiger afirma que seu resultado claramente positivo, em termos de difusão e venda, deve-se ao fato de que essa literatura responde a questões diárias concretas, problemas e obstáculos que atingem alto número de seres humanos de diversas classes econômicas, sociais e culturais. Ela dá conta de realidades imediatas, de dificuldades autênticas, para as quais busca trazer alternativas:

As psicotecnologias que se difundiram com a literatura de auto-ajuda não se tornaram um fenômeno de massa, portanto, apenas porque se enquadraram num novo projeto de dominação. Na verdade, constata-se que esse enquadramento ocorreu porque as suas técnicas e conceitos, certo ou não, permitiram aos sujeitos lidarem com problemas de relacionamento e identidade e enfrentarem os problemas individuais postos pelo novo estágio da civilização (RÜDIGER, 1996, p. 141).

A quarta característica é a linguagem científica psicológica, outro recurso dessa literatura que permitiu seu rápido e amplo sucesso. Rüdiger declara que quando as informações científicas são traduzidas para as massas, elas perdem sua profundidade e solidez, além de isentarem o leitor de relacionar cada um dos aspectos de seu cotidiano problemático à dimensão econômica, política, social ou religiosa a que este esteja ligado: não se estimula o questionamento no nível horizontal das relações sociais, somente no nível vertical, individual, psicológico. Teremos

¹¹ Este fato reforça a idéia de que a constituição de si, ou a constituição da subjetividade individual, se dá na relação com o outro em um contexto de sociedade.

oportunidade de mostrar, adiante, como os livros analisados fazem uso unidirecional dessa linguagem para atestarem sua argumentação, esquecendo-se de sutilezas nas doutrinas científicas abordadas que poderiam, ao contrário, provar exatamente o contrário daquilo que os autores buscam convencer seu interlocutor.

A quinta e última característica manifestada no texto de auto-ajuda é que um dos pressupostos que fundamentam a literatura do “cuidar de si” é de que qualquer mudança social passa pela mudança individual. Esse é um conceito caro à literatura “para cuidar de si”, que segundo Rüdiger, permanece como pano de fundo sustentando todos os aconselhamentos e direcionamentos. O intento, segundo Rüdiger, é de que cada leitor mude – já que sua personalidade e seu desempenho social depende dele –, que passe a ser “uma nova pessoa” sem se transformar em algo falso ou mascarado; é necessário “descobrir o eu verdadeiro” de cada um e fortificá-lo a fim de que se possa viver somente nele. Rüdiger afirma que “o fundamental no processo da auto-ajuda é a mudança”.

O psicólogo Arnaldo Chagas, autor do livro *A ilusão no discurso da auto-ajuda e o sintoma social*, aborda a fascinação com que o discurso da auto-ajuda é pronunciado por seus líderes. A sedução é tamanha sobre o leitor, que esse não vê mais necessidade de analisar o discurso. Ele o legitima sob o risco de, se não o fizer, perceber que esse é o discurso do “*impossível*, arbitrário, fechado, repetitivo, um discurso *sustentado*, acima de tudo, pela *promessa* que não se cumpre, isto é, pela fantasia” (CHAGAS, 2001, p. 64 e 65, grifos do autor). Segundo Chagas, ao invés de provar alguma coisa de forma clara ou racionalmente atraente, o discurso dos autores/líderes da auto-ajuda tem como objetivo encantar e, para isso, fazem uso corrente de expressões maravilhosas, frases de efeito e “evocam palavras e frases de persuasão, as quais vão ao encontro direto do narcisismo do sujeito”, tudo isso com o objetivo claro e declarado de pautar as decisões individuais cotidianas. O autor assegura que os conceitos veiculados têm como característica a arbitrariedade e principalmente o tom “autoritário em sua impotência e convicção”, buscando a divulgação da fórmula pronta, o manual assertivo. Além disso, Chagas reforça a idéia de que essa literatura não está conectada com um pensamento reflexivo ou crítico, “visto que sua proposta é a de dar certo, *jámais falhar*”, por isso, não existe interesse,

de nenhuma das duas partes (autores e leitores), em “demonstrar resultados obtidos pelo esforço de um trabalho consistente e sistematicamente bem elaborado” (CHAGAS, 2001, p. 75, grifo do autor). Chagas ressalta que:

No conjunto de textos da literatura de auto-ajuda, encontram-se inúmeras maneiras e sugestões para que o sujeito possa orientar-se na vida e sair-se bem das situações problemáticas, persuadir e manejar pessoas, curar-se das doenças físicas e mentais, desfrutar o máximo da vida, ganhar muito dinheiro e alcançar riquezas materiais, resolver problemas de modo fácil e imediato, evitar preocupações, aumentar a capacidade cerebral e mental e, finalmente, alcançar a felicidade através do sucesso e da realização pessoal (CHAGAS, 2001, p. 88).

O autor entende que a literatura de auto-ajuda promete ao indivíduo a realização de objetivos caros à sociedade contemporânea como o encontro da felicidade ou a realização de todos os desejos e sonhos, algo próximo à perfeição e à plenitude, ou seja, as “respostas” dadas pelos livros e autores encontram suas perguntas nos registros sociais. Com esse intuito, os manuais incitam a busca e o encontro do poder pessoal – “inesgotável” – existente no interior de cada um, e essa busca encontra combustível no narcisismo individual. Assim o leitor, convencido pelo texto e “pelo discurso bem-pronunciado e tomado pelo sentimento de poder (provocado), se lança na busca daquilo que fora prometido, na esperança de um dia efetivá-lo” (CHAGAS, 2001, p. 97).

Retomando o autor anterior, Francisco Rüdiger, este divide a literatura de auto-ajuda em duas categorias.

Na primeira encontram-se os livros que acentuam o desenvolvimento das *capacidades objetivas* necessárias para a aquisição, manutenção e expansão dos sucessos nos negócios, da comunicação e da influência sobre pessoas próximas, da conservação de cônjuges e outras habilidades para o desempenho social. Em outras palavras, essa primeira categoria leva em conta as práticas ligadas ao contexto social, pois considera que a constituição do “eu” se dá na relação social com os outros. Essa primeira categoria compreende as “narrativas estruturadas por uma perspectiva de vida ou um modelo de subjetivação comprometidos [...] com o desenvolvimento da carismática individual do *ethos* da personalidade”. Essa categoria é fruto do relato egoísta, que ensina a sedução, e, segundo Bender e Granhan, citados por Rüdiger, diz

respeito à manipulação profunda de uns sobre os outros, a ponto das pessoas influenciadas realizarem as vontades do “manipulador”, mais do que simplesmente o estimarem, em todos os campos da vida pública ou até mesmo da vida privada (RÜDIGER, 1996, p. 145). Esse conjunto de práticas consiste em reverter a realidade a favor do indivíduo e não permitir que ela funcione contra ele, e o caminho proposto é o “crescimento pessoal e a prática do pensamento positivo” (RÜDIGER, 1996, p. 152).

A segunda categoria, proposta pelo autor, por outro lado, destaca as *capacidades subjetivas*, necessárias para aumentar a estima a si mesmo, conseguir e saber envelhecer com serenidade, vencer a depressão e até viver em plenitude. Denominadas pelo autor como *terapêuticas*, ou místicas terapêuticas, as obras listadas nesta corrente da auto-ajuda identificam o sucesso pessoal com o conceito de auto-realização. O sucesso é entendido, por Chagas, como a capacidade individual de conduzir-se como “uma personalidade bem sucedida” e por isso está muito mais ligado ao bem-estar psicológico do que à questão financeira ou de *status*. Finalmente difunde uma filosofia *mentalista*, por colocar o sujeito na dependência total de uma crença no poder da mente individual (RÜDIGER, 1996, p. 152).

Percebemos que existe, entretanto, uma intersecção entre as duas categorias, já que ambas se utilizam de um conjunto de técnicas semelhantes, subjagam a subjetividade e a singularidade ao racionalismo e dependem profundamente da crença do indivíduo nele mesmo.

Os dois principais teóricos brasileiros a respeito da auto-ajuda – Rudiger e Chagas – somam suas opiniões a respeito dessa literatura ser propagadora de modelos de conduta e normas de comportamento. Francisco Rüdiger afirma que:

a literatura de auto-ajuda difunde entre seu público um conjunto de modelos que, mal ou bem, influencia na maneira dele pensar sobre si mesmo e fornece a seus leitores um conjunto de pautas de ação e subjetivação cuja capacidade de intervir na realidade, todavia, extrapola seu poder, dependendo, entre outros fatores, da preexistência, nessa realidade, das condições favoráveis ao desenvolvimento de uma personalidade ou à ação social que ele prescreve, quando enseja o reordenamento de uma subjetividade (1996, p. 21 e 22).

Essa negligência, no interior do discurso de auto-ajuda, pelas condições sociais do leitor, leva Arnaldo Chagas a afirmá-lo como “ilusório” e, por isso, sucessor de algumas doutrinas religiosas, uma vez que, como estas, ele propõe uma cartilha de normas a serem seguidas para a conquista do bem-estar pessoal:

Assim sendo, pode-se levantar a hipótese de que os sistemas de auto-ajuda, de modo geral, não são nada mais, nada menos, do que ilusões modernas ou contemporâneas, principalmente se considerar-se o fato de que, na base de seu funcionamento encontra-se uma natureza que é semelhante a das doutrinas religiosas, a que, por essa razão, os sujeitos passam a se sujeitar e a crer em seus princípios de orientações. (CHAGAS, 2001 p. 84).

Chagas prossegue dizendo que esse caráter de orientação de condutas próprio da literatura de auto-ajuda faz com que ela atue como agente cultural de valores e representações simbólicas, numa via de mão dupla: de um lado, ela se apropria das questões presentes no cotidiano social para reproduzi-las como eixo norteador de seu discurso; de outro, serve como veículo de imagens e valores que podem modelar a conduta dos leitores¹². Concordando com Chagas, Rüdiger fala da literatura de auto-ajuda como expressão consciente, mas “dessincronizada, defasada e enviesada” dos temas e assuntos do cotidiano. A auto-ajuda, segundo Francisco Rüdiger, se alimenta dos meandros do cotidiano social e em contrapartida os “sintetiza e transmite” novamente para a sociedade. Por um lado ela é, para ele, a representação textual relativamente válida de um conjunto de hábitos e crenças coletivas; por outro, é colaboradora direta na manutenção de um *status quo* e da transmissão e reprodução de seus valores, através da divulgação de suas normas de praticidade, suas regras morais e seus critérios de validação do que é ou não é verdade (RÜDIGER, 1996, p. 26).

Por isso, decreta este autor, além de ser fruto do moderno sistema empresarial, por buscar responder ao “desejo privado de sucesso, riqueza e poder pessoal promovidos com o desenvolvimento do capitalismo” (RÜDIGER, 1996, p. 139), a

¹² O autor não faz, ou não apresenta, pesquisa que garanta que esse fato extrapole a teoria e encontre raízes nas práticas sociais, ou seja, não é citada pelo autor nenhuma pesquisa sobre a medida em que a literatura de auto-ajuda de fato altera as condutas diárias das leitoras ou dos leitores. No entanto, estou aceitando no contexto desta pesquisa as afirmações do autor, uma vez que, como já anunciado em nota anterior, não é meu objetivo discutir as teorias expostas, mas apenas utilizá-las como informações de contexto para situar meu objeto.

literatura de auto-ajuda prova a existência de uma acomodação em relação ao sistema de vida ora em vigor, ela se funde com as importâncias do sistema econômico capitalista e passa a representar o interesse privado, a eficiência e a produtividade. Rüdiger argumenta que os movimentos de auto-ajuda são uma forma de extrapolação dos limites disciplinares impostos ao indivíduo e também uma forma explícita de incentivo do “governo do sujeito pelo próprio sujeito”. Além disso, suas prerrogativas podem ser aproveitadas pelo sistema que agora necessita de “técnicas produtivas e suaves de controle social” (1996, p. 141).

Arnaldo Chagas corrobora o pensamento de Francisco Rüdiger e assegura que a relação entre os homens e os objetos que o circundam sofreu inúmeras mudanças na passagem do século XIX pro XX, a reboque de todas as transformações sociais próprias do período. Ambos afirmam que em qualquer um dos dois séculos, os métodos para cuidar de si se fundiram com os “movimentos reguladores de conduta de massa” (CHAGAS, 2001, p. 42). Assim, apesar de a regulação de conduta sempre ter existido, em uma sociedade de massa ela é exercitada de forma ampla e generalista. Arnaldo Chagas afiança que

o sujeito que adere à auto-ajuda e que, portanto, segue na “íntegra” seus princípios e ensinamentos, acredita na possibilidade de um dia poder “vir a ser” ou “vir a ter”. Ele acredita na promessa e passa a voltar-se para si, negando qualquer compromisso com um mundo social “estável e mais seguro”. Conseqüentemente, não admite qualquer obstáculo psíquico e material que possa suceder-se nas experiências ou na realidade de cada um. Assim, o sujeito, mediante identificação, encontra um sentido ou um reconhecimento social. Entretanto, passa a articular-se discursivamente pelos padrões que a cultura moderna oferece como uma das razões principais de sua existência: a busca do êxito, do esplendor, da perfeição a qualquer preço. À mesma medida, a cultura de massa, a mídia, o individualismo, as imagens comuns e gerais do *marketing*, o consumo e o narcisismo passam a marcar e delimitar seus territórios. (CHAGAS, 1996, p. 105).

Rüdiger, na obra *Literatura de auto-ajuda e individualismo*, cita Holzer, que denuncia, de forma valorativa, a facilidade com que nosso inconsciente valida, sem questionar, as informações passadas por essa literatura e as habilita em forma de disposições, emoções, anseios, sentimentos, idéias, opiniões, juízos, conceitos e imagens – em diferentes graus de intensidade e freqüência –, podendo enfraquecer as vontades e até privar da liberdade cada indivíduo: “Diariamente, atinge-nos uma

massa de sugestões hipnóticas que passa por cima das defesas externas da razão e se sedimenta sem crítica em nossa mente profunda, de onde passa a influir nossa conduta” (HOLZER citado por RÜDIGER, 1996, p. 217).

Arnaldo Chagas observa que a força do discurso dos líderes da auto-ajuda encontra-se na ausência de resistência geral ao impacto de suas falas. Seus textos são preenchidos

por palavras e frases persuasivas que, de modo geral não provocam desacordo em ninguém. Trazem, pois, na sua estrutura, conteúdos de certezas e convicções inabaláveis, como se, de fato, fossem experiências testadas e aprovadas pelas pessoas. Nesse discurso “não existem indagações” ou dúvidas. O que eles trazem é a resposta de uma promessa dogmática e definitiva (CHAGAS, 2001, p. 75).

Destarte, o discurso de auto-ajuda acaba sendo posto como lei de conduta, garante Chagas, cujo preço pela desobediência pode ser a felicidade do leitor. Por conseguinte, apresentando-se como modelo a ser aceito e seguido, o livro de auto-ajuda vem substituir as tábuas de regras morais impostas por uma tradição anteriormente representada através de sistemas religiosos ou políticos. É a nova lei, embora possa vir travestida dos velhos hábitos¹³, conforme explicita Rüdiger ao fazer a relação entre literatura de auto-ajuda e psicanálise:

Na utilização de algumas conceituações psicanalíticas, verificou-se que o discurso habitual dos líderes da auto-ajuda é um discurso de *lei de referência*. São eles os detentores da “função paterna”, como uma espécie de *modelo* perfeito, oferecendo ao sujeito, pelas sugestões e promessas, a possibilidade de se permitir uma montagem considerável de fantasmas a partir de seu desejo inconsciente que tende a realizar-se (RÜDIGER, 1996, p. 104).

Relacionando os conceitos apresentados até agora pelos dois autores com a leitura e análise da literatura de auto-ajuda que é nosso objeto nessa pesquisa, compreendemos, primeiramente, que os títulos *Homem cobra mulher polvo*, *Por que os homens mentem e as mulheres choram?*, *Homens são de marte e mulheres são de vênus* e *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?* estão na categoria

¹³ De resto, cabe lembrar que o discurso de auto-ajuda não é o único a perpetuar velhas formas de pensar sob novo figurino. Teóricos como Foucault, Derrida e Williams e outros contemporâneos já apontaram concepções da tradição em discursos pretensamente revolucionários. Como exemplo, vejam-se os trabalhos de Raymond Williams ou a doutrina de Robert Kurz sobre as marcas capitalistas no discurso marxista do século XX.

dos exemplares classificados por Rüdiger como livros sobre “capacidades objetivas” (1996, p.18), isto é, eles se dirigem para um desempenho social do indivíduo, uma vez que seu grande objetivo é aconselhar soluções para o relacionamento de casais.

Notamos também que, enquanto livros dirigidos para as capacidades objetivas de seus leitores, os títulos analisados em nossa pesquisa se enquadram na segunda das três direções apontadas por Rüdiger, ou seja, aquela em que, segundo o autor, a literatura de auto-ajuda busca construir “sujeitos morais de uma conduta” (RÜDIGER, 1996, p.18) e instituir um ethos da personalidade. Os títulos analisados são também ilustrativos da terceira direção, uma vez que procuram fornecer técnicas de manipulação do outro (neste caso o outro é o companheiro do sexo oposto) no jogo social.

Em resumo, os autores dos livros de auto-ajuda analisados, como objeto de pesquisa, dirigem-se ao sujeito na tentativa de libertá-lo – ou de propiciar meios para tanto – das determinações sociais. Ao fazer isso, inserem-se numa tradição que é a do gênero da literatura de auto-ajuda. Todos elevam os dados psicológicos e biológicos, colocando-os acima das dimensões históricas políticas e sociais que constroem a vida do sujeito. Os quatro autores analisados, Içami Tiba, John Gray e Allan e Barbara Pease, não promovem em seus textos a distinção, a originalidade, ou mesmo a construção da subjetividade, no nível individual, mas sim buscam instrumentalizar o leitor de forma a reintegrá-lo com os valores vigentes, universais e tradicionais em nossa sociedade atual. Ou seja, os autores intencionam harmonizar os leitores com o esquema coletivo de referências em vigor e dessa forma reforçam suas bases.

Ao fazer isso, esses autores invertem um princípio caro à auto-ajuda tradicional, qual seja, o da liberdade do indivíduo, pois para essa literatura a liberdade é um direito natural do sujeito. Segundo ela é da natureza humana se opor aos imperativos sociais. Diagnosticamos então que, embora estes autores analisados mantenham num nível secundário as condições sociais presentes nas escolhas (que definem, pelo menos em parte, o desempenho de cada um), todos remetem o sujeito a uma outra forma de determinação, não mais histórica, econômica ou social, mas *biológica e psíquica*.

Dito de outra forma, a auto-ajuda tradicional, descrita na pesquisa executada por Rüdiger, pretende libertar o sujeito de uma alienação do indivíduo diante de opressões culturais e institucionais, e para isso direciona o indivíduo a um auto-conhecimento, com a promessa de, que no fim deste, cada um dos leitores e praticantes alcance um “eu superior” (Rüdiger, 1996, p. 218). Este “eu superior” é explicado como uma superconsciência que resulta da aceitação por cada um individualmente de sua unicidade perante os outros nas relações sociais.

Entretanto, nas obras analisadas essa noção de “eu superior” não está vinculada à diferenciação do homem ou da mulher como indivíduo único, peculiar, pessoal e distinto da massa humana; ao contrário, essa supraconsciência, aqui, significa reconhecimento de um pertencimento a um grupo determinado por seu gênero e pelo seu sexo, ou seja, todas as mulheres ou todos os homens são tratados como iguais em seu gênero, não se apresenta nenhuma brecha no discurso que possa ser preenchida pela originalidade ou pela criatividade subjacente a cada um. Nas obras e autores em observação em nossa pesquisa, a pretensão de libertação da teia de relações e influências que circunda o sujeito é negada, pois mesmo que os autores proponham para os leitores a transcendência do mundo de dificuldades no relacionamento (mesmo que estas dificuldades estejam no nível do inconsciente)¹⁴, seus argumentos devolvem o indivíduo a uma *outra* forma de determinação que pode ser, também ela, alienante e opressora: a de um determinismo *biopsíquico dos gêneros*.

1.2 O sujeito feminino no século XX

Pensando em sujeito feminino no século XX, temos que levar em conta suas novas conquistas durante o século, em especial a conquista de um novo papel social – o de trabalhadora –, pois temos no sujeito feminino uma acentuação daquela crise de construção de identidade “pós-moderna” ou de “modernidade tardia”.

¹⁴ É válido lembrar que sem esta intenção de superação das dificuldades, que, segundo os autores, anteriormente à leitura dos livros encontrava-se inconsciente, estas obras não poderiam existir como auto-ajuda.

June E. Hahner exemplifica essa nova fase histórica e social feminina estudando a história da emancipação da mulher brasileira no século XX e mostra que, já no início do século, a presença feminina nos espaços até então considerados masculinos era alta e crescente, bem como o nível de instrução da mulher, que lhe abria novos horizontes profissionais e lhe granjeava maior participação social e uma nova posição existencial:

Na segunda década do século XX, cada vez mais mulheres foram ingressando no terreno culturalmente considerado masculino, das lojas e escritórios às escolas de medicina e mesmo à sala do tribunal, onde eram uma novidade quase tão grande quanto as mulheres barbeiras. Cada vez mais mulheres da classe alta passeavam pelas principais avenidas de importantes centros urbanos como o Rio de Janeiro, tomando chá em casas especializadas, ou fazendo compras em lojas de moda, onde eram atendidas por componentes de uma cada vez mais numerosa força de trabalho feminina. Embora grandes segmentos da população permanecessem analfabetos, um número crescente de mulheres recebia educação e podia assumir ocupações que lhe requeriam alguma instrução. As mulheres da classe média cada vez mais procuravam e encontravam emprego fora de casa, especialmente em salas de aula, serviços públicos e estabelecimentos comerciais. (HAHNER, 2003, p.254-255).

A imersão no mercado de trabalho constituiu, para o sujeito feminino, sua mais nova condição de existência, fazendo com que o problema da auto-identidade, peculiar ao indivíduo do século XX, fosse experimentado com maior relevo e intensidade nas questões femininas, uma vez que o trabalho é um dos maiores fatores condicionantes do comportamento pessoal e social e o exercício profissional nunca está dissociado das outras dimensões de expressão do sujeito. Conforme Giddens,

o trabalho condiciona fortemente as oportunidades de vida no sentido de Weber[...]. Mas o trabalho não está de nenhuma maneira separado da arena das escolhas plurais, e a escolha de trabalho e do ambiente de trabalho constitui um elemento básico das orientações de estilos de vida na extremamente complexa divisão moderna do trabalho. (2002, p. 80).

A migração para o espaço público de trabalho eleva a mulher, em muitos casos, à provedora da casa ou a habilita a também ocupar cargos políticos públicos. Ao lado dos papéis sociais já definidos historicamente para o gênero feminino, surgem então estes outros, que exigem da mulher a interação com um novo sistema de valores e comportamentos até então estranhos ao gênero (além de ter-se que haver

com a aparente crise de identidade geral, o sentimento de solidão e a sensação de estar sempre “perdida”, sentimentos que atingem em menor ou maior grau todos os indivíduos nessa época). A crise e a busca por uma auto-identidade pelo sujeito feminino são avivadas pela sua condição de alteridade num sistema cultural que privilegia valores androcêntricos de referência.

As mulheres hoje têm oportunidade nominal de seguir toda uma variedade de possibilidades e chances; mas, numa cultura machista, muitas dessas vias permanecem efetivamente fechadas. Ademais, para abraçar as que existem, as mulheres devem abandonar suas antigas identidades “fixas” de maneira mais completa que os homens. Em outras palavras, experimentam a abertura da modernidade tardia de uma maneira mais plena e ao mesmo tempo mais contraditória. (GIDDENS, 2002, p.101-102).

Maria de Fátima da Cunha, comentando os padrões de identidade e comportamento definidos para homens e mulheres no Brasil dos anos 60 e 70, observa que os papéis femininos ainda eram determinados por uma tradição patrilinear, que as confinava nos modelos seculares de mãe, dona-de-casa e esposa, com as correlatas características “próprias das mulheres”, como a pureza, a doçura, a resignação, o instinto materno e outras. Por outro lado, a mídia contribuía com o fornecimento de estereótipos que, antes de libertar a mulher dos modelos tradicionais, apenas lhe impunha novos papéis e modelos alienados de novas e possíveis opções. “As mudanças parecem ser lentas e graduais e o que é mais comum é a reprodução dos recursos dominantes que delimitam e forjam os lugares sociais de homens e mulheres” (CUNHA, 2001, p.203).

Diante disso, a mulher atual força-se a uma desconstrução e reconstrução de tudo aquilo que foi até hoje definido como a “identidade feminina”, para descartar ou re-significar velhos papéis ou valores. Como nota Malvina Muszkat,

nós mulheres, ao tentarmos novas formas de desempenho na sociedade, temos quase sempre adotado os velhos papéis masculinos, repetindo o modelo conhecido e falido. Cabe-nos questionar essa condição. Que possibilidades alternativas poderá descobrir a mulher entre os estereótipos culturais do “super-homem” e do “eterno feminino”? (MUSZKAT, 1985, p.15).

Por isso, para o filósofo espanhol, discípulo de Ortega y Gasset, Julián Marías, “o que caracteriza a mulher de nosso tempo é uma trabalhosa *busca de identidade*” (MARÍAS, 1981 p.147, grifo do autor). Essa busca, por outro lado, é notadamente acentuada por novas pressões sociais e não mais por simples questões de libertação feminina advindas de um passado de opressão patriarcal, uma vez que se desempenha num meio com outras variantes, que não mais dizem respeito a um antigo padrão cultural, mas nascem de uma situação histórica diversa e uma posição existencial já de certa forma conquistada e consolidada:

Creio que as mulheres de hoje estão submetidas a fortíssimas pressões que não são as tradicionais – já muito desgastadas há tempos –, mas outras novas e mais enérgicas. É pouquíssimo freqüente que uma mulher de nosso tempo se atreva a não ser como *se supõe que deva ser*; uma proibição tácita pesa gravemente sobre elas (MARÍAS, 1981, p.150, grifo do autor).

Conforme afirmamos na introdução, o século XX foi o que mais empreendeu esforços e resultados à determinação feminina de ampliar sua área de atuação do espaço privado (a casa) ao espaço público (o trabalho remunerado e a atividade política), chegando ao novo século com uma realidade que inclui a mulher no mercado e no Estado capitalista, apesar das diferenças salariais e de condições estruturais de trabalho que continuam em pauta na agenda das conquistas. Pela mesma razão, o mesmo século viu recrudescer, para a mulher, a pergunta sobre a sua “verdadeira” identidade. Pois, se a questão da auto-identidade é um dos problemas centrais do ser humano contemporâneo,

a pergunta quem sou eu? – a questão da identidade [...] – não tem verdadeiro sentido sem que se dê a esse “eu” sua condição sexuada. É isto o que se tornou problemático, pela primeira vez em muito tempo, o que introduz a desorientação, talvez o descontentamento da condição de mulher, por muito que sua situação haja melhorado. (MARÍAS, 1981, p.163, grifos do autor).

A questão da busca pela auto-identidade para a mulher, consiste, portanto, na busca por uma identidade de gênero e esta, por sua vez, sempre resulta num questionamento total do indivíduo enquanto ser humano. Daí que a busca por uma auto-identidade feminina acaba por tornar-se a primeira pergunta de uma dúvida

maior, sobre *o que se é*, e acaba por definir *todos* os espaços e dimensões existenciais, dos comportamentos cotidianos à delimitação dos grandes projetos biográficos. Judith Butler observa que

a queda a partir dos limites de gênero estabelecidos causa um sentido de deslocamento radical, que pode assumir uma significação metafísica. Se a existência humana é sempre existência dotada de gênero, extraviar-se do gênero estabelecido é em certo sentido questionar a própria existência. (BUTLER, 1987, p.143).

A partir do século XX, a história da mulher distingue-se social e culturalmente da masculina por uma questão essencial: a novidade do trabalho na existência cotidiana feminina alterou profundamente outros âmbitos de sua vida pessoal ou social, como o relacionamento com um parceiro ou a maternidade. Julián Marías, que estudou a vida de mulheres com educação superior e carreiras profissionais na década de 80, observa que houve, na história dessas mulheres, uma alteração positiva, por exemplo, na comunicação com os homens de seu círculo, em especial o parceiro ou cônjuge:

Durante grande parte da história, a vida profissional do marido era praticamente alheia à mulher; não era que a mulher não tivesse profissão, não tinha comunicação com a do marido, não entendia seu conteúdo, não lhe interessava. Ainda acontece isto em amplos grupos, é porém crescente o número de mulheres para as quais a profissão do marido existe e é algo compartilhado. Como a profissão do homem costuma ser muito importante – e o deve ser –, o fato da mulher sentir-se alheia à profissão cria uma distância entre ambos e dificulta a convivência. As coisas melhoraram extraordinariamente (MARÍAS, 1981, p.150-151).

Por outro lado, a própria constituição do sujeito feminino, independentemente de suas relações com o outro gênero e dos papéis social ou culturalmente definidos tradicionalmente para a mulher, exigia uma atenção sobre a sua condição pessoal, sua existência individual, o uso e o domínio do seu próprio corpo, como elemento fundamental na definição do seu lugar no mundo, uma vez que questões aparentemente culturais, como a maternidade e a vida sexual, são também definidas no âmbito da biologia. Em outras palavras, apareciam no horizonte de novos valores a serem re-significados, não apenas questões de cultura ou sociedade – como o

casamento e o trabalho –, mas também questões de natureza – como a gestação, o parto, a sexualidade e a manutenção do corpo.

Françoise Collin ressalta como o trabalho de Simone de Beauvoir foi em boa parte consagrado à fisiologia feminina, pois é

ultrapassando este dado corporal mais do que conformando-se com ele que o ser humano, e neste caso a mulher, pode tornar-se sujeito. [...] Assim, tornar-se um “eu” é um projecto, não a realização de uma natureza.

Ao mesmo tempo que sublinha a pesada contingência corporal das mulheres, Simone de Beauvoir afirma sua capacidade de se libertar dessa contingência para se tornarem plenamente humanas. Em sua opinião, este movimento é em primeiro lugar um acto individual que cada uma realiza para si (COLLIN, 1991, p.343).

A definição de uma identidade para a mulher excede, contudo, uma problemática que diz respeito apenas ao sujeito feminino e é avivada quando se pensa – como se faz na contemporaneidade – que os traços e conceitos marcados pela feminilidade são apresentados como a possível contrapartida alternativa e revolucionária para as instituições falidas do patriarcado. Collin lembra que a reação ao otimismo racionalista e cientificista do Iluminismo e do positivismo, herdeiros e mestres, respectivamente, de Descartes e do marxismo, assumiu, especialmente na corrente pós-moderna, a imagem de uma reação do feminino contra o masculino. No entanto, a autora ressalva que, se o mundo androcêntrico se define por conceitos como o fálico, o uno, a totalização e a instrumentalização, um modelo feminino se definiria como aberto, não-uno, infinito, indefinido e ilimitado, o que, por si, já trai o vazio em que se debate o sujeito feminino para elaborar uma auto-identidade, vazio de conceitos e valores, vazio de signos e significados, vazios de abstrações ou concretudes, vazio, enfim, de qualquer parâmetro ou paradigma fundador, uma vez que todos eles advêm de uma experiência masculina e patriarcal. “É difícil defender o puro indefinível das mulheres quando o seu território está tão estritamente delimitado do mesmo modo que é difícil atribuir-lhes uma lógica não dual quando se começa por dualizar os sexos” (COLLIN, 1991, p. 345).

Como dissemos anteriormente, a partir de uma reflexão sobre Giddens, o indivíduo contemporâneo vê-se, a todo momento, envolvido com questões de escolha de caráter urgente, pois a dimensão sócio-cultural invadiu todos os espaços da

intimidade. Na trajetória feminina, também essa condição é amplificada, uma vez que, se para o sujeito masculino casado, por exemplo, as escolhas no âmbito mais privado de atuação limitam-se quase que exclusivamente aos segmentos da provisão (que está diretamente relacionada ao trabalho e pouco excede, portanto, a esfera profissional do indivíduo) enquanto o espaço feminino pode não incluir um número grande decisões públicas. As decisões desse homem quase que se circunscrevem às escolhas sobre as espécies de mantimentos que trará para a família, como vai municiar a família de suas principais necessidades, como vida social e lazer, e outros instrumentos de provisão, que são, em última instância, dependentes de sua atividade profissional. A nova mulher, por sua vez, além dessas questões que surgem com a inserção no mercado de trabalho, tem alteradas todas as suas instâncias de decisões na vida privada, já que essa sempre foi a sua esfera de ação historicamente privilegiada.

A mulher [...] passou a vida executando operações reais e controláveis, de resultados imediatos; teve de responder pragmaticamente pelos efeitos. Os alimentos devem estar bem cozidos, as camas devem permitir que se durma nelas, a roupa deve estar limpa, a casa deve ser habitável, a criança deve ser alimentada, sossegada, consolada, adormecida, educada. Não se pode fazer tudo isso estupidamente – como se exercem tantas atividades e profissões, entre elas as “superiores” –, porque a consequência imediata é o fracasso; mais ainda, o inferno (MARÍAS, 1981, 161).

Ou seja, a invasão de opções no caso masculino se restringe ao espaço público enquanto no caso feminino é duplicada, pois abrange tanto o espaço público como o espaço privado. Acresce-se a isso que, como vimos, a vida privada da mulher foi mais atingida pelas consequências da “alta” modernidade ou “pós-modernidade” do que a do homem, uma vez que o espaço privado foi secularmente o espaço feminino, e, no universo contemporâneo, como notamos comentando Giddens, tudo tem que ser escolhido e bem escolhido, até as menores atitudes do cotidiano, o que traz para a mulher uma nova responsabilidade na construção de sua narrativa pessoal e de seus papéis sociais.

Isso demanda da mulher atenção, não apenas às novas condições de trabalho, mas também a todos os segmentos da existência social e pessoal e exige que ela busque soluções no conhecimento técnico não apenas direcionado às questões profissionais, mas às existenciais.

O desenrolar dessa nova fase para a mulher abrange a necessidade de significação e re-significação da sua situação enquanto sujeito *total* componente desse novo espaço. Por outro lado, a velocidade das mudanças e a instabilidade das identidades, sejam percebidas conscientemente ou não, obrigam à procura de mecanismos que auxiliem na ocupação do espaço simbólico e na construção de uma imagem e um papel ainda estranhos ao antigo sujeito.

Charles Winick fala de uma “dessexualização do mercado de trabalho” e de um “neutralismo de papéis”, enfatizando uma situação que já existe em muitos lares da classe média, em que a mulher não sustenta mais o papel feminino tradicional. Alguns outros aspectos podem ser considerados decorrentes destas mudanças, como a posição de liderança da mulher nos relacionamentos comandando as programações, opinando sobre as roupas, a carreira, a escola, o corte de cabelo que o parceiro deve usar, freqüentando “bar de encontros” ou dirigindo as finanças do namorado (1972, p. 240).

Prosseguimos agora, no próximo tópico, afunilando a questão teórica e expondo um recorte de nossa pesquisa, qual seja, a mulher na mídia do século XX.

1.3 A mulher na mídia e na cultura de massas

Já tivemos oportunidade de mostrar, com Guattari, que a mídia e a cultura de massas são um dos principais agentes contemporâneos de subjetividade. No texto “Feminismo e cultura popular”, Dominic Strinati discute a imagem feminina na mídia e sua análise a partir dos movimentos e entendimentos feministas. Utilizando a expressão de Tuchman para uma “aniquilação simbólica das mulheres”, o autor faz referência à forma como a produção cultural e os meios de comunicação de massa “ignoram, excluem, marginalizam ou banalizam as mulheres e seus interesses”. Para ele, as mulheres na mídia de massa estão ausentes ou associadas ao desempenho do trabalho doméstico e suas representações tendem a continuar concepções de feminilidade estereotipadas pela cultura patriarcal:

As representações culturais das mulheres nos meios de comunicação de massa são concebidas para manter a dar continuidade à divisão sexual de trabalho e às concepções ortodoxas de feminilidade e masculinidade. A “aniquilação simbólica” das mulheres serve para ratificar que os papéis desempenhados pela mulher casada, mãe e dona de casa são o destino das mulheres na sociedade patriarcal. Elas são socializadas no desempenho desses papéis por representações culturais que os apresentam como prerrogativa natura. (STRINATI, 1999, p.178).

O autor recorre às análises de teor quantitativo reunidas por Van Zoonen, que denuncia a pouca visibilidade das mulheres nos meios de comunicação de massa, cuja representação vincula-se quase sempre ao papel de esposa, mãe, filha, namorada ou no desempenho de funções estrita e tradicionalmente femininas, como secretária, enfermeira ou recepcionista, ou, ainda, na figura de objeto sexual. Van Zoonen considera que os meios de comunicação de massa mantêm os estereótipos dos papéis sexuais por refletiram os valores sociais dominantes e, também, porque os produtores destes meios são do sexo masculino e influenciados por estes estereótipos. Strinati acrescenta observação de Tuchmann, segundo o qual na sociedade norte-americana, embora as mulheres representem 51% da população e mais de 40% da força de trabalho, não aparecem assim retratadas, mas são representadas como “adornos infantis que precisam ser protegidos ou despedidos dos empregos para o abrigo do lar”. A hipótese de reflexão proposta por este autor argumenta que os meios de comunicação de massa têm que refletir valores sociais; assim, se empenham na aniquilação simbólica das mulheres para atrair o público, desconsiderando o trabalho feminino e banalizando a mulher, utilizando seu “desterro ao círculo familiar e ao lar”. Na televisão os homens tendem a dominar os programas; as profissões não são as mesmas (homens – doutores, mulheres – enfermeiras; homens – advogados, mulheres – secretárias). As propagandas confirmam a aniquilação simbólica das mulheres (STRINATI, 1999, p. 181).

Dyer, citado por Strinati, apresentou uma pesquisa de 1981, que examinou 170 propagandas diferentes veiculadas em televisão. Eis o resultado:

Verificamos que 66% dos personagens centrais em anúncios publicitários de instituições financeiras [...] eram homens ou vozes de homens. Em todos os anúncios eles eram representados como independentes, enquanto as mulheres eram dependentes. Os homens eram os típicos “possuidores de habilidade e autoridade”,

objetivos e conhecedores do produto; as mulheres eram as típicas consumidoras dos produtos. Em relação ao personagem central mostrado em casa, 73% eram mulheres e, das pessoas que não formularam nenhum argumento a respeito do produto, 63% eram mulheres [...]. Os comerciais de televisão retratam, claramente, os estereótipos de papel sexual (citado por STRINATI, 1999, p. 181).

Como apresentamos com Giddens, o novo sujeito retira da cultura globalizada e da mídia chamada “de massa” as referências ou paradigmas para seu comportamento individual e de classe. Dentre os processos de socialização mediados pelos canais de comunicação de massa está o dos papéis sexuais, o que pode trazer importantes conseqüências para o sujeito feminino, uma vez que, como os autores acima sugeriram, esses veículos podem estar perpetuando uma visão do feminino tradicional e estereotipada, concedendo como verdade e valor inquestionável o que pode ser apenas resultado de uma cultura historicamente construída.

No caso da mulher, o veículo de massa, seja pela imagem, seja pela literatura, pode trazer influências sólidas e duradouras, uma vez que especialmente para ela, a dinâmica da cultura de massa apresenta-se simpática como cabedal de referências para as escolhas e decisões, já que, conforme defende Julián Marías, justamente por sua histórica intimidade com a experiência concreta como fornecedora de paradigmas comportamentais, a mulher está menos aprisionada a preceitos e normas comportamentais e mais aberta à construção do conhecimento a partir do contato com a realidade e a necessidade imediata:

A mulher sempre fez as coisas muito menos “por princípios” do que o homem, fundamentou-se mais na experiência de vida, nascida sobretudo de sua maternidade, do contato com pessoas desde seu nascimento mesmo: a mulher assiste intimamente a um espetáculo único: o da personalização. É uma forma de sabedoria, que sempre corrigiu o pensamento abstrato do varão e o enriqueceu enormemente, quando o homem foi bastante inteligente para perceber e aceitá-lo (MARÍAS, 1981, p.160-161).

Dessa forma, rapidamente, firmou-se uma aliança entre a mulher e a mídia de massa. Luisa Passerini, referindo-se à imprensa francesa, nota que já no final da década de 30 surgiram formas típicas de comunicação de massa dirigida às mulheres. “Reconhecendo a solidão das mulheres, o jornal abre as suas páginas a confidências que se mantêm anônimas, mas permitem uma circulação de relatos autobiográficos

que deixam transparecer o sofrimento das mulheres no decurso das grandes mudanças já evocadas” (PASSERINI, 1991, p. 391). A partir desses depoimentos, a imprensa começou a introduzir em suas páginas conselhos e recomendações para que essas mulheres pudessem superar seus problemas. Anne Higonnet informa que as revistas femininas, que surgem nas primeiras décadas do século XX, já encorajavam as mulheres a cuidar de si próprias, num movimento que marca a transição entre valores tradicionais impostos às mulheres pela cultura patriarcal e sugestões para novos posicionamentos e emancipação de algumas condições inadequadas:

Embora algumas dessas revistas estejam mais centradas sobre a moda, outras sobre o governo doméstico e outras ainda sobre os tempos livres, todas elas partilham as fronteiras da feminilidade tradicional. Com imagem e com palavras, defendem e louvam os valores ligados ao aperfeiçoamento cosmético, à heterossexualidade e à família. No entanto, dentro de fronteiras de segurança bem estabelecidas, as revistas femininas pregam a realização pessoal e a mudança. (HIGONNET, 1991 p.418)

Com isso criou-se no espaço da mídia de massa o primeiro círculo de veiculação de conhecimento que elegia a mulher como seu público-alvo. Na verdade, se remontarmos às origens da cultura de massa, no século XIX, vamos observar que ela nasce particularmente ligada ao público feminino. Os primeiros romances de folhetim, os jornais e revistas literários e de aconselhamento são os antepassados dos meios de comunicação de massa do século XX e eram, na sua maioria, escritos para as leitoras “ociosas” da ascendente classe burguesa. A mídia de massa foi, portanto, a primeira instituição de informação, “ciência” e conhecimento técnico dirigida às necessidades femininas.

Isso traz duas conseqüências para as relações entre a condição feminina e os meios de comunicação de massa. A primeira foi o desenvolvimento, por essa nova mídia feminina, de uma linguagem própria, distinta da linguagem instituída pelos códigos científicos. Higonnet mostra como, nas páginas da imprensa feminina, a “objetividade” e “impessoalidade” da terceira pessoa própria do discurso científico cedem terreno às manifestações em primeira pessoa, conferindo ao texto “ensaístico” dessa nova expressão do pensamento uma subjetividade que as antigas expressões desconheciam:

As revistas ou espetáculos destinados a audiências femininas dirigem-se consistentemente às suas leitoras como pessoas individuais e solicitam a sua participação. “Eu” ou “Nós” escrevem freqüentemente a “Você”, e sugerem a possibilidade de reciprocidade. (HIGGONET, 1991 p.417)

Essa linguagem subjetiva e sentimental vai fundar um dos traços mais relevantes dos discursos da mídia de massa do século XX e se tornará marca estilística nos livros de auto-ajuda que se tornarão grandes sucessos editoriais na virada do século.

A segunda consequência da aliança entre a leitora e a mídia de massa foi o preconceito contra essa forma de expressão, presente já na fundação dessa aliança, como o demonstra o sociólogo francês e estudioso da cultura de massa Edgar Morin. Conforme registra Higgonet (1991 p.384-385), Morin ressalta que, na virada do século XIX para o XX, o discurso científico, político e estético restringia ao domínio masculino as manifestações da “alta cultura”, enquanto caracterizava como femininas e “baixas” as expressões da cultura de massa. Assim, o que poderia ser uma forma de contestação a linguagens, comportamentos e imagens falidas aparecia, no discurso falocêntrico (para usar a expressão cunhada e popularizada por Jacques Derrida para caracterizar o discurso patriarcal), como manifestação desprezível de sujeitos sem legitimidade de expressão, especialmente por constituir, a cultura de massa, a expressão privilegiada (ou permitida?) do “outro” feminino. A situação das relações entre o sujeito feminino e a cultura de massas só pôde ser recuperada e valorizada a partir dos estudos feministas, em especial os desenvolvidos pelos pesquisadores dos Estudos Culturais britânicos, a partir dos anos 60.

Das páginas das revistas, a informação de aconselhamento para a construção da auto-identidade feminina condensou-se numa forma mais consagrada de veiculação de conhecimento – o livro – e tornou-se importante instrumento de consulta na busca de soluções para as crises do sujeito moderno. Com isso, a literatura de auto-ajuda, uma das dimensões dessa cultura midiática, surge – como para outros sujeitos, também para a mulher – como ferramenta de compreensão de si e de orientação de conduta no novo mundo.

Para preencher as necessidades específicas do sujeito feminino, os livros de auto-ajuda dirigem-se ao desempenho pessoal e profissional da mulher, com regras,

normas, dicas, relatos de experiências positivas ou negativas de comportamento, valores e atitudes que têm como função servir de modelos ou referências para as leitoras que identificam em suas vidas os problemas que eles elencam. Já historicamente habituada ao socorro da imprensa feminina de aconselhamento, a essa literatura recorre boa parte das mulheres com dificuldade de composição de uma identidade e tomada de consciência do processo de identificação do sujeito feminino. É ela, muitas vezes, conforme dissemos na introdução, a ferramenta auxiliadora na auto-afirmação da “mulher enquanto mulher” que esteve historicamente habituada a outros papéis e identificações.

Deslocando as referências das grandes narrativas coletivas para a auto-gerência do indivíduo, esta literatura encontrou público especialmente entre aqueles sujeitos que, por ocuparem, até então, as margens do discurso da modernidade, menos se identificaram com a tradição legada. Entre eles está o público feminino, para o qual o livro de auto-ajuda veio constituir um meio de posicionar-se diante do novo espaço conquistado da esfera pública e de redefinir seu papel no âmbito das relações no espaço privado.

Proposta, desta maneira, como novo instrumento de agenciamento de subjetividades, a literatura de auto-ajuda que investigaremos a partir do próximo capítulo apresenta-se como discurso veiculador de conceitos axiológicos influentes na territorialização de uma identidade feminina. Para melhor contemplá-la, precisamos, agora, portanto, trazer ao espaço desta pesquisa algumas questões históricas e psicológicas que são tema de teorias e controvérsias sobre a construção social dos papéis e identidades masculinos e femininos, a partir da visão de alguns autores e autoras que propõem alguns conceitos e reflexões que pretendemos confrontar com os posicionamentos dos autores de auto-ajuda abordados a partir do capítulo seguinte.

1.4 Constituição histórica e social das identidades femininas e masculinas

A respeito de diferenças biológicas e das diversas possibilidades de papéis sexuais serem assumidos por mulheres ou homens em determinada sociedade, a

autora Michelle Zombalist Rosaldo afirma que a construção e a definição dos papéis e identidades femininos e masculinos são relativas a um contexto social e histórico, apesar de existir, na opinião da autora, uma desigualdade universal entre os papéis sexuais. Michelle Rosaldo não se aproxima das discussões a respeito das diferenças biológicas, mas transpassa-as e dedica-se à questão de papéis sociais exercidos por um ou por outro sexo em determinadas circunstâncias. Por último, apresenta uma discussão relacionando o que abrange o espaço público e o privado.

Outra autora, Nancy Chodorow¹⁵, para pensar a constituição do eu feminino, relaciona o comportamento do papel sexual adulto com a criação dos filhos pela mulher. Segundo ela, existe uma ligação entre a formação da personalidade do homem e da mulher com o meio social em que nascem e crescem, pois durante a primeira infância (período que dura até aproximadamente os sete anos) é que são interiorizadas as principais características que serão desenvolvidas na vida adulta.

Sherry Ortner também discorre sobre a formação da identidade feminina. Em seu texto a autora debate a respeito da desvalorização universal da mulher, da sua ocupação secundária nos espaços públicos sociais. Ela evidencia como se dão as avaliações culturais que decretam qual o espaço que pode ou deve ser ocupado pelas mulheres no interior de cada sociedade e soma a sua às teorias que atestam que a desvalorização da mulher em relação ao homem deve-se, de forma geral, às diferenças biológicas – que são interpretadas como limitações femininas – existentes entre eles. E finaliza indicando que, além de uma biologia e espaço social distintos do masculino, a mulher tem também uma *psique* única e singular.

À dificuldade e crise na formação da identidade do século XX associa-se a diferença, sentida pelo indivíduo ou pelo grupo, a partir de seu sexo e gênero, durante o processo social e histórico. Historicamente, o ocidente construiu narrativas determinantes para o sentido do sujeito sexual e para os papéis sexuais em sociedade. No entanto, como outros sistemas de referência, também as diferenças de gêneros começam a se relativizar e reconstruir na modernidade.

¹⁵ As afirmações dessa autora provocam polêmicas e muitas de suas afirmações já foram relativizadas por outras teóricas. A discussão não será aprofundada nesse momento pois para tanto precisaria sair do foco de minha pesquisa.

Michelle Zombalist Rosaldo, em seu texto “A mulher, a cultura e a sociedade – uma revisão teórica”, afirma a existência de diferenças nas avaliações culturais dos sexos. Nas palavras de Margaret Mead, citada por Rosaldo (1979, p. 34):

Se aquelas atitudes temperamentais tradicionalmente consideradas femininas – tais como passividade, sensibilidade e disposição para alimentar os filhos – podem facilmente ser colocadas como padrões masculinos numa tribo e em outra assimilados pela maioria das mulheres assim como pela maioria dos homens, não temos mais qualquer base para considerar os aspectos de tal comportamento como ligados ao sexo.

Segundo Michelle Zombalist Rosaldo existem muitas variações de comportamentos e papéis atribuídos à mulher e ao homem em diferentes sociedades. Por exemplo: há sociedades em que as mulheres comerciam ou cultivam, mas em outras quem faz isso são os homens; umas em que as mulheres são rainhas, outras em que elas se submetem ao poder político masculino; algumas em que as mulheres fazem a corte, muitas em que os homens tomam a iniciativa erótica e amorosa. O que, por outro lado, toda sociedade conhecida apresenta, sem exceções, são diferenças entre os sexos, não só na indumentária, como em tarefas e responsabilidades que são associadas aos homens e às mulheres.

Estudos citados por Rosaldo¹⁶ afirmam que a tarefa de criar os filhos cabe sempre à mulher, o que torna improvável que elas possam ser guerreiras, caçadoras ou algo semelhante. Limites de força e resistência também levam a diferenças nas atividades masculinas e femininas. Esses estudos mostram também que as atividades masculinas são sempre mais valorizadas, mais reconhecidas e mais importantes do que as atividades femininas e essa diferença nas avaliações culturais do homem e da mulher parecem ser universais. Mead, citada por Rosaldo, (1935, p. 302) nota que os valores prestigiados estão sempre relacionados ao universo masculino, “qualquer que seja a organização relacionada à origem ou à posse da propriedade e mesmo se essas organizações aparentemente formais sejam reflexos das relações conflituosas entre os sexos” (citado por Rosaldo, 1979, p. 35). Para exemplificar, a autora afirma que em algumas partes da Nova Guiné as mulheres cultivam batata e os homens inhame,

¹⁶ Barry, Bacon e Child.

sendo o último o alimento de maior prestígio e distribuído nas festas; nas Filipinas a mulher cultiva o arroz, alimento básico da família, mas o homem caça, e a carne sempre foi compartilhada pela comunidade, sendo o alimento mais valorizado.

Outro exemplo é o de que entre os arapesh (citado por Rosaldo e estudados por Mead, 1935, 1971) homens e mulheres são cooperativos e complementares, mas a esposa é considerada pelo marido como irmã e durante os rituais dominantes dos homens, deve permanecer como uma criança ignorante:

Na tribo Merina em Madagascar (Keenam, 1974) os homens não são agressivos, são mestres em discursos públicos e as mulheres são aconselhadas a não aprenderem as “sutilezas da linguagem polida”, devem se comportar como idiotas e na ideologia pública são inferiores, porém, conseguem influenciar decisões públicas gritando o que pensam (ROSALDO, 1979, p.36-37).

A autora prossegue afirmando que todos esses exemplos estão interligados pelo fato de que em todas as sociedades os homens têm autoridade sobre as mulheres e seus direitos legitimados culturalmente para exercer a supremacia sobre elas. Por outro lado, o texto segue assegurando que as mulheres estão longe de precisar de sua ajuda e, reconhecidas ou não, influenciam e exercem pressões importantes “na vida social do grupo”:

Em geral, os cientistas sociais aceitaram a autoridade masculina, assim como suas argumentações de que o poder exercido pelas mulheres é manipulativo, demolidor e desimportante. No entanto, “enquanto a autoridade legítima o poder, não o esgota” e os métodos de recompensa, controle de informação, pressão e manipulação são acessíveis a todos (ROSALDO, 1979, p.38).

Observando a organização cultural e social humana, a autora sugere, parafraseando Parsons (1964, p. 58), que a desigualdade universal dos papéis sexuais pode ser o resultado de “uma conjunção de diferentes fatores, fatores esses profundamente envolvidos no estabelecimento das sociedades”. Uma oposição entre público e doméstico proporcionaria uma base para a “identificação e pesquisa do lugar do homem e da mulher”, no que tange a aspectos psicológicos, culturais, sociais e econômicos da vida humana. Em diferentes sistemas sociais e ideológicos, essa oposição propicia uma estrutura universal para a conceituação das atividades dos

sexos, e é “mais ou menos saliente”. Rosaldo sustenta que os fatos de que os homens têm autoridade pública e de que as mulheres passam grande parte da vida adulta gerando e criando filhos levam a diferenciações sexuais de papéis nas esferas pública e doméstica¹⁷. A oposição “não determina estereótipos culturais ou desigualdades nas valorizações dos sexos”, porém o ato de identificar a mulher com o “doméstico” e o homem com o “público” cria, para a mulher, uma subordinação freqüentemente humilhante.

No mesmo sentido, Durkheim (1964, p. 60) propõe: “há muito tempo atrás, a mulher foi retirada dos afazeres militares e públicos e consagrada a vida inteira à sua família”, e Simmel (1955, p. 180), por sua vez, salienta que “a mulher, por causa de suas funções peculiares, foi relegada a atividades limitadas ao seu lar, confinada a dedicar a si mesma a um único indivíduo e impedida de transcender as relações grupais estabelecidas pelo casamento (e) família” (ROSALDO,1979, p.40). Em ambos os casos, a orientação doméstica da mulher é percebida como um fator crítico na compreensão de sua posição social:

Simplificando, os homens não têm um único comprometimento tão duradouro, tão consumidor de tempo e emocionalmente tão submetedor – tão próximo de parecer necessário e natural – quanto a relação de uma mulher com seu filho pequeno; e assim os homens estão livres para formar essas associações amplas que chamaremos “sociedade”, sistemas universais de ordenação, pensamento e comprometimento que ligam grupos mãe-filho particulares. [...] Óbvio como possa parecer, suas ramificações são enormes; nos permite isolar aqueles fatores inter-relacionados que universalmente tornam a mulher o segundo sexo (ROSALDO,1979, p.41).

Dando procedimento ao assunto, Michelle Rosaldo faz um estudo da autora Nancy Chodorow e assegura que esta desenvolveu uma teoria que relaciona o “comportamento do papel sexual adulto ao fato de que a mulher cria os filhos e mostra como o envolvimento precoce com a figura feminina possui conseqüências distintas para o desenvolvimento tanto dos meninos quanto das meninas” (ROSALDO, 1979, 41).

¹⁷ *Público* se refere “às atividades, instituições e formas de associações que ligam, classificam, organizam ou incluem grupos mãe-filho particulares”; *doméstico* se refere “às instituições e modos mínimos de atividades que são organizadas imediatamente em torno de uma ou mais mães e seus filhos” (ROSALDO,1979, p. 39-40).

1.4.1 Família e constituição da personalidade

Nancy Chodorow escreveu, em 1979, o texto “Estrutura familiar e personalidade feminina”, no qual propõe um modelo em que considera a “reprodução em cada geração, de certas diferenças gerais e quase universais que caracterizam a personalidade e os papéis masculinos e femininos” numa perspectiva psicanalítica, para além das diferenças biossexuais, ou seja, que leva em conta a evidência transcultural e sócio-psicológica. Seu artigo sugere que “uma experiência discriminativa decisiva, no desenvolvimento masculino e feminino, surge pelo fato das mulheres serem as grandes responsáveis pelos cuidados dos filhos e pela socialização feminina posterior” (CHODOROW, 1979, p. 65 e 66). Segundo Chodorow a menina tem mais facilidade de ser assimilada na vida adulta porque tem uma mãe para “amar e seguir”, e pode optar por tornar-se uma “pequena mãe” porque as atividades e maneiras femininas são adquiridas de forma natural. Ela entra em contato com “um quadro compreensível de possibilidades e relações importantes que a definirão através da vida” (ROSALDO, 1979, p. 41). Os meninos, por sua vez, precisam aprender a “ser homens”, se desligar da figura materna (em algum momento) e desenvolver sua masculinidade, procurando “laços horizontais” com os companheiros masculinos (já que as atividades paternas se desenvolvem, em geral, fora do lar). Homens e mulheres vivenciam esse meio social de forma diferenciada à medida que crescem, e vão desenvolver diferenças sexuais básicas na personalidade, em especial, certas características da relação mãe-filha. Tais características são “interiorizadas universalmente como elementos básicos da estrutura do ego feminino” (não necessariamente o que, normalmente, se chama feminilidade). Daí “a importância fundamental da relação mãe-filha para as mulheres e para um enfoque nos efeitos (conscientes e inconscientes) dos primeiros envolvimento da mulher com seus filhos de ambos os sexos” (CHODOROW, 1979, p. 66).

A personalidade, conforme a teoria psicanalítica de Chodorow, “é o conjunto de experiências de relação social dos meninos e meninas desde a primeira infância” e

resulta de uma experiência de interiorização de referências externas orientados pela psique da criança:

O desenvolvimento da personalidade não é o resultado dos propósitos conscientes dos pais. A natureza e a qualidade das relações sociais que a criança vivencia são particularizadas, interiorizadas e organizadas por ele/ela e vem a constituir a personalidade dele/dela. O que é interiorizado de uma relação contínua permanece independente da relação original e é generalizado e estabelecido como um traço permanente da personalidade. O *self* consciente geralmente não se dá conta de muitos traços da personalidade ou de sua completa organização estrutural. Ao mesmo tempo, são causas importantes de qualquer comportamento da pessoa, tanto do que é culturalmente esperado como do idiossincrático ou do singular para o indivíduo. Os aspectos da personalidade, como o conceito do *self* geral de um indivíduo e essencialmente a identidade do gênero masculino/feminino, precisam e dependem da consistência e da estabilidade de sua organização inconsciente. (CHODOROW, 1979, p. 67-68).

Para analisar a composição do eu feminino, Chodorow cita Fairbain (1952), para quem “todas as crianças iniciam suas vidas num estado de dependência infantil”, de uma ou mais pessoas, em geral da mãe. A criança não se diferencia de sua mãe, mas vivencia a sensação de unidade com ela. “Esse estado consiste, primeiro, na persistência de identificação primária com a mãe. [...] Segundo, inclui um modo de incorporação oral de relação com o mundo”, ou seja, cria uma forte ligação e dependência de quem alimenta e cuida (desamparo total da criança). Tais condições já eram vivenciadas (emocional e fisicamente) no útero materno, pela troca de substâncias corporais da placenta, relação que prossegue com a amamentação, na maioria das sociedades (CHODOROW, 1979, p.68).

O fato de o bebê interagir quase que exclusivamente com a mãe, devido à amamentação e a outros cuidados, acaba por prolongar e intensificar seu período de identificação primária (com uma única mãe e sempre mulher) e, ao contrário do que pensam, as mulheres tendem a cuidar dos bebês, não por necessidades biológicas, mas por conveniência, segundo Chodorow.

A mesma autora assegura que nos primeiros anos de vida, tanto para meninos quanto para meninas, a preocupação ocorre em relação aos problemas de separação e individuação, o que inclui três aspectos para análise: a quebra ou o enfraquecimento da identificação com a mãe, o início do desenvolvimento de um sentido

individualizado do *self* e o alívio da atitude oral totalmente dependente da ligação com a mãe. A vivência da maternidade envolve, pois, uma dupla identificação: a mulher se identifica com a própria mãe e, através da identificação com o seu filho, “(re) vivencia a si própria como um bebê amado” (KLEIN e RIVIÈRE, citado por CHODOROW, 1979, p. 69). Deutsch observa, pois, que a mulher acaba repetindo com o próprio filho sua experiência infantil de história mãe-filha e, assim, acaba perpetuando as diferenças entre papéis sexuais:

Sendo que ela é uma menina e que a identificação com sua mãe e a maternidade são tão ligadas ao fato de ser mulher, poderíamos esperar que a identificação dela com uma menina pudesse ser mais forte; porquanto uma mãe, que é apesar de tudo uma pessoa, que é mulher, e não desempenha apenas um papel definido rigidamente, tenderia a tratar as crianças de sexos diferentes de modos diferentes”. [...] Nenhum modelo de comportamento ou maneira de tratar é o que poderíamos chamar de “criação satisfatória”. Entretanto, a evidência de uma discriminação de natureza patológica no comportamento da mãe para com as meninas e meninos faz acentuar a tendência do comportamento “normal” (CHODOROW, 1979, p.69).

Nesse processo, sustenta Chodorow, as meninas têm mais dificuldades de separação e individuação e os meninos se diferenciam prematura e inadequadamente para sua idade, o que é indesejável em qualquer idade de seu relacionamento com a mãe. A qualidade da relação pré-edípica com a mãe difere, pois, entre meninos e meninas. Para os psicanalistas, “mesmo antes do estabelecimento da identidade sexual, se inicia a diferenciação da personalidade sexual”. Após os três anos, o desenvolvimento pré-edípico de meninos e meninas se torna diferente, como demonstram tanto os relatos teóricos quanto os empíricos. Nesse período, o pai e os homens passam a ter importância “no mundo objetal primário das crianças”. Os psicólogos cognitivos determinaram que por volta dos três anos de idade as crianças podem saber definitiva e irreversivelmente que são meninos (homens) e meninas (mulheres) e vivenciam conflitos sobre “masculinidade” ou “feminilidade” (identidade de gênero) e o que essas identidades “requerem em termos comportamentais e emocionais” (CHODOROW, 1979, p. 71).

Nesta esteira de raciocínio, a autora atesta que a ausência ou pouca presença do pai para a identificação do gênero masculino no menino com frequência conduz a

uma identificação “posicional” com os aspectos de papel masculino imaginado pela criança como exercido pelo pai, ao invés de uma identificação “pessoal” mais generalizada, que poderia surgir de um relacionamento “real” com o pai¹⁸, conforme Mitscherlich (1963):

O pai, devido ao seu trabalho que o mantém fora de casa grande parte do tempo, e a progressiva diminuição de sua presença ativa na família, tornou-se um pai “invisível”. Para o menino a ligação entre relações afetivas, identificação de gênero masculino e papel de aprendizagem (entre desenvolvimento libidinal e do ego) é relativamente atenuada. Ele se identifica com o papel masculino idealizado porque a realidade exige que a influência a ser exercida pelo pai não se realize. Em todas as sociedades caracterizadas por alguma segregação sexual (mesmo aquelas nas quais um filho eventualmente leve o mesmo tipo de vida de seu pai), grande parte da identificação masculina do menino precisa ser deste tipo, isto é, com aspectos do papel de seu pai ou o que ele fantasia ser o papel masculino, ao invés de se identificar com o seu pai como uma pessoa envolvida com ele (CHODOROW, 1979, p.72).

¹⁸ A esse respeito o autor Charles Winick, em seu texto “Unisexo: a dessexualização na vida americana”, alega que a reformulação do papel sexual do homem não acompanhou o ritmo da reavaliação do papel sexual da mulher. A vida moderna dispensa ou torna menos necessária a bravura, a força física, a agressividade do homem. Os meninos têm menos oportunidades de se identificarem com o comportamento masculino adulto (pai, avô e outras figuras de pai alternativas), antigamente representado por famílias numerosas e que viviam geograficamente próximas.

A maioria dos garotos não ajuda mais o pai em tarefas domésticas e aprendem menos tarefas masculinas tradicionais. Hoje, pelas averiguações, a figura paterna é menos significativa do que o motorista da escola ou o porteiro. A divisão do trabalho doméstico muda a posição do pai dentro do lar, ao realizar tarefas que eram exclusivamente da competência feminina ou da criadagem.

Os rapazes da classe média de hoje têm menos oportunidades do que os de gerações anteriores de verem seus pais atuando de maneira masculina. Papai será visto cortando o assado com uma faca elétrica e descansando após o jantar numa cadeira que o massageia, sentado passivamente. Poderá usar um apagador, a fim de corrigir erros na lista de compras, escovar os dentes com uma escova elétrica, e coroar sua noite com exercícios isométricos. Poucos pais relativamente terão atividades de ferreiros ou caçadores ou usarão de alguma forma força e agilidade no seu trabalho. Além disso, poucos filhos jamais chegam a ver os pais entregues a qualquer atividade de trabalho (WINICK, 1972, p. 242).

Por outro lado, na infância eram lançadas as raízes de um futuro culto aos heróis, pela identificação dos garotos com figuras heróicas das histórias, dos esportes, das novelas. Hoje, numa idade anti-herói, com a infância abreviada e o declínio da fantasia infantil, os meninos serão menos inspirados pelos heróis masculinos.

O neutralismo da nossa época também se originou do fato de que muitos dos jovens adultos de hoje nasceram durante a 2ª Guerra Mundial. Por um lado, os meninos ficaram sem a referência masculina e as meninas foram privadas da significativa fase do seu desenvolvimento psicossocial. Ou seja, muitos jovens ficaram predispostos a dificuldades de identificação sexual, com o agravante das alterações de ânimo e angústias das mães que ficaram sem os seus maridos.

Esta análise tem um aspecto que explica as “dinâmicas psicológicas da desvalorização social e cultural universal, e da subordinação feminina”: o menino, na obtenção de uma identificação masculina ilusória, define-a como negativa e repele o feminino, ou o que está relacionado com as mulheres. Internamente ele rejeita sua mãe e nega a ligação (com ela) e dependência (dela) que ainda são fortes, ligação que foi desenvolvida durante a infância. Reprime tudo que possa ser identificado como feminino dentro dele, denigre e desvaloriza tudo que considera feminino no mundo externo. Como um ser social, se reserva e se define como “superior às atividades sociais e às esferas culturais (moral, religião e criatividade), possivelmente até às próprias sociedades e culturas” (CHODOROW, 1979, p. 72 e 73). A crise edipiana do menino, descrita por Freud, fala da rejeição do feminino e da identificação com o pai. Uma vez que

a ligação primária do menino com a mãe ocorre na supercaracterização fálico-sexual e seu pai entra neste quadro como um rival óbvio (que, na fantasia do menino tem poder aparente para matar ou castrar seu filho), o menino precisa negar e reprimir radicalmente sua ligação com a mãe e substituí-la por uma identificação com seu amado e admirado, mas também potencialmente punitivo e conseqüentemente temido, pai. Ele interioriza um superego (CHODOROW, 1979, p.73).

A autora dá segmento a sua argumentação afirmando que o desenvolvimento da identidade sexual da menina é contrastante com o masculino, porque as atividades do papel feminino e a feminilidade são compreensíveis em sua vida diária. A identidade de gênero não envolve rejeição de sua identidade primária; ao contrário, ela ocorre distante da identidade primitiva e da ligação pré-edipiana. A identificação não é posicional, é pessoal, com os traços gerais dos caracteres e valores maternos, assim como não é baseada em fantasias, mas na “aprendizagem gradual de um modo de ser familiar na vida diária e exemplificada pela pessoa (mulheres) com quem ela esteve mais envolvida”, o que manifesta “uma continuidade de suas identificações e vínculos na mais tenra infância” (CHODOROW, 1979, p. 74).

Segundo ela, Freud e outros antigos psicanalistas entenderam como descontínuo, tortuoso e difícil o desenvolvimento da identificação feminina porque em algum momento ela precisa transferir sua escolha de objeto sexual primário (mãe

e mulheres) para pai e homens, se quiser atingir sua maturidade heterossexual. Freud considera que todas as crianças sentem que as mães são causas de queixas e infelicidades: “Elas dão tão pouco leite, elas têm um segundo filho, elas estimulam e depois proibem a gratificação sexual de seus filhos no processo de os criar”. E a menina recebe o “golpe final: a descoberta de que lhe falta o pênis” (CHODOROW, 1979, p. 74). Como reação, rejeita a mãe e se volta para o pai.

Em contradição à integridade mais geral do esboço freudiano, alguns teóricos revelam características do desenvolvimento feminino, afirmando que a menina não rejeita totalmente a mãe em favor dos homens, mas, como sugere Deutsch, vacila num “triângulo bissexual”, durante a infância e a puberdade, normalmente, fazendo forte tentativa de resolução em favor do pai, mas de forma que permaneça sua ligação com a mãe durante a vida toda (CHODOROW, 1979, p.74).

Airès, citado por Chodorow, sugere que “os meninos se tornaram crianças enquanto que as meninas permaneceram pequenas mulheres”. O conceito de infância privilegiou os meninos, e as meninas viveram por mais tempo o modo tradicional de vida que as confundia com os adultos. O desenvolvimento do papel sexual das meninas é mais complexo. As atividades escolares, por um lado, preparam-nas para a vida em uma comunidade social e tecnologicamente complexa, porém representam um pseudotreinamento, por não pretenderem interferir no que aparentemente é o mais importante para a constituição da mulher: ser feminina, esposa e mãe.

Chodorow, ao tratar do tema da personalidade de gênero e do papel sexual, apresenta uma série de autores com seus principais argumentos. Segundo ela, conforme Barry, Bacon e Child, o teor do treinamento dos meninos e meninas demonstra que a “socialização dos meninos tende a ser orientada em direção da realização e autoconfiança e das meninas em direção à criação, educação e responsabilidade” (CHODOROW, 1979, p. 77-78). Bakan reivindica que a personalidade do homem está preocupada com o “atuante” e a da mulher com o “comunal”:

Adotei os termos “atuação” e “comunhão” para caracterizar dois tipos fundamentais na existência dos modelos de vida, atuação para a existência de um organismo como

um indivíduo e comunhão para a participação individual em algum organismo amplo do qual o indivíduo faz parte. A atuação se manifesta na formação de separações; comunhão na falta das separações. A atuação se manifesta no isolamento, alienação e solidão; comunhão no contato, abertura e união. A atuação se manifesta na premência do domínio; comunhão na cooperação não contratual. A atuação se manifesta na repressão do pensamento, sentimento e impulso; comunhão na ausência e na remoção da repressão. (CHODOROW, 1979, p. 78).

Gutmann, também citado por Chodorow, localiza a socialização das personalidades “masculinas no meio ‘alocêntrico’ – meio no qual o indivíduo é parte de uma organização social ampla e de um sistema de vínculos sociais – e a feminina no meio ‘autocêntrico’ – no qual o indivíduo é o centro dos eventos e vínculos”. Carlson, por sua vez, conclui que “os homens representam vivências do *self*, dos outros, do espaço e do tempo em formas individualizadas, objetivas e distantes, enquanto as mulheres representam vivências em formas relativamente interpessoais, subjetivas e imediatas”. Cohen opõe o desenvolvimento dos modelos cognitivos “analítico” e “relacional”. O primeiro se caracteriza por um “estímulo” centralizado em partes específicas de orientação à realidade; o segundo “centralizado no *self* e respondendo às características globais de um estímulo em relação ao seu contexto total”. Para ela, as meninas podem misturar os dois tipos de funcionamento de forma conflituosa. Em alguns casos (mais raros) elas podem apresentar, simultaneamente, grande dependência sexual e habilidades analíticas muito desenvolvidas em outras áreas.

Sintetizando as teorias comentadas, Chodorow propõe que

o tipo de colocação na interação social e nas relações pessoais caracteriza a vida da mulher em relação a do homem. Desde a infância, é mais provável que as filhas participem num mundo intergeracional com sua mãe e freqüentemente com suas tias e avós, enquanto os meninos estão livres ou participem num mundo de uma única geração de mesma idade. Na vida adulta, a interação feminina com outras mulheres em muitas sociedades é baseada na família e atravessa linhas de geração. Seus papéis tendem a ser próprios e a envolver relações e responsabilidades difusas, ao invés de específicas. Na maioria das sociedades, as mulheres são *definidas* em termos de relação (esposa, mãe, filha, nora; mesmo uma freira se torna Noiva de Cristo). As associações masculinas (embora possam ser baseadas tanto na família como na intergeração) estão mais aptas do que as femininas em atravessar unidades familiares, a serem restritas a uma única geração e a serem recrutadas de acordo com critérios universais envolvendo relações de responsabilidades definidas por sua especificidade. CHODOROW (1979, p.79-80).

Por serem criadas pelas mulheres, as meninas constroem sua personalidade na relação e conexão com limites mais flexíveis do ego e, paralelamente, com um sentido mais seguro de identidade sexual. Em contextos sociais diferentes há variações no tipo de relação que podem existir entre o desempenho de um papel feminino e uma personalidade de mulher.

Chodorow mostra em *Deutsch* uma vasta documentação clínica dessas dificuldades e de suas conseqüências nos relacionamentos com filhos e homens; por exemplo: confusão de limites; equação *self-outro*; culpa e autocensura pela infelicidade do outro; vergonha e perturbação pela conduta do outro; “descoberta” das filhas de que elas “realmente” sobrevivem à vida de suas mães na escolha de sua profissão; a falta de uma conscientização total das mães quanto às reações dos corpos de suas filhas como tendo uma individualidade própria – superidentificação – e, portanto, muitas vezes, preocupação desnecessária com o peso e problemas de pele, com os quais a mãe realmente está preocupada em relação a si, além de outros problemas (CHODOROW, 1979, p. 80-81).

A qualidade das relações da mãe com os filhos, o tipo de colocação social da mulher, o tipo de evolução da identificação da filha com a mãe, são fatores de importância decisiva no desenvolvimento feminino. Todas essas características contrastam com a realidade da mulher ocidental. Suas relações familiares são menos relevantes: na medida em que os maridos são capazes de sustentar a família, não há necessidade de formar a rede de ajuda mútua entre as esposas, assim como, quando a mulher torna-se avó, não pode esperar aumento de “*status* e prestígio em seu novo papel” (CHODOROW, 1979, p.84).

Para concluir, Chodorow afirma que o papel universal da mãe terá efeitos tanto no desenvolvimento da personalidade masculina quanto no da feminina, e ainda no *status* relativo aos sexos, e que a opressão social e psicológica se perpetua na personalidade dos indivíduos. Sugere, para a igualdade social entre os sexos e para a liberação correspondente de certos tipos de conflitos psicológicos, que

filhos e filhas precisam ser capazes de desenvolver uma identificação pessoal com mais de um adulto e, preferivelmente, uma identificação fundamental com atribuições afins que lhes dêem um contexto social de expressão e propiciem alguma limitação sobre ele. Mais importante, os meninos necessitam crescer em torno de homens que assumem um papel maior no cuidado de crianças e as meninas em torno de mulheres que, em acréscimo às suas responsabilidades no cuidado dos filhos, tenham um papel valorizado e esferas de controle legitimadas e reconhecidas. Essas *disposições* poderiam assegurar que as crianças de ambos os sexos desenvolvessem um sentido de *self* suficientemente individualizado e forte, assim como uma identidade de gênero positivamente valorizada e segura, que não as atolassem na confusão de limites do ego, na baixa auto-estima e no relacionamento opressivo sobre os outros, ou na negação compulsiva de qualquer ligação ou dependência dos outros. (CHODOROW, 1979, p. 89-90, grifo da autora).

Segundo Rosaldo, três aspectos são, portanto, especialmente importantes na teoria de Chodorow:

1. O primeiro trata da maior probabilidade que as meninas têm de estabelecer vínculos com as mulheres da família, as quais são suas senhoras, e de serem integradas verticalmente através dos laços com pessoas específicas do mundo do trabalho adulto, em oposição aos meninos, que rompem as unidades domésticas e criam laços públicos, competitivos e engenhosos.
2. O segundo declara que o desenvolvimento precoce de uma jovem pode se processar sem conflito ou provocação num grupo onde seus membros nunca são questionados e onde sua idade ou habilidades acabam por definir seu *status* (responsabilidade e privilégio). As mulheres, confundindo-se com sua mãe, apresentam um ego frágil ou um sentido incerto do *self*, principalmente quando sobre a mãe reflete-se uma auto-imagem depreciadora. A filha dificilmente não terá problemas no processo de identificação. Por outro lado, poderá usufruir uma sensação positiva, de bem-estar e aceitação no caminho da maturidade. Já o grupo de companheiros masculinos é de difícil acesso, e o poder, *status* e sentido de valor não estão ao alcance do menino facilmente. As associações masculinas adultas são definidas, em geral, pela oposição à família (ritualmente ou de fato).

3. O terceiro e último aspecto importante na teoria de Chodorow, segundo Rosaldo, está na afirmação de que a mulher, na família, tem mais “experiências dos outros como indivíduos do que como possuidores de papéis institucionalizados formais”; persegue, então, seus próprios interesses, e desenvolve uma psicologia feminina. Ao contrário, o menino é capaz de conhecer a maturidade como a proposição de direitos e deveres abstratos. “Seu sucesso ou seu fracasso é julgado em termos de hierarquias masculinas, enquanto muitas mulheres, como esposas, mães e irmãs, obtêm respeito, poder e *status* através de suas relações pessoais com os homens”.

1.4.2 A constituição de papéis sociais

A orientação doméstica traz uma outra consequência relacionada à imagem da mulher na sociedade: ela está ligada aos filhos e goza do acesso a um tipo de segurança e a um sentido de posse difusa inacessíveis aos homens. Os homens física e socialmente distantes dos filhos, na condição de provedores, podem, por outro lado, reivindicar sobre eles poderes políticos e econômicos. Os homens, segundo a autora, em partes da Indonésia por exemplo, utilizavam muito do seu tempo em negócios distantes e eram tratados como estranhos ou hóspedes dentro do lar. A própria distância proporciona, freqüentemente uma “base de inserção para a reivindicação masculina da autoridade” (ROSALDO, 1979, P. 41-42).

A quebra radical entre a vida do homem e a do grupo familiar é observada em muitos lugares, através de rituais ou da política. Por exemplo, na Nova Guiné, os homens têm quartos de dormir coletivos (rituais secretos) e aprendem pela tradição que sua grande força e beleza ficam prejudicadas e diminuídas em seus laços com o lar. Já no mundo árabe, as mulheres interagem mais com mulheres e os homens com homens, e as esposas se encontram rapidamente com seus maridos apenas nas refeições e por algumas horas na cama, interação sempre limitada e sujeita ao humor do homem. Para distanciar-se de uma rede de relacionamentos sociais complexos e proteger sua integridade, os homens de Tuareg praticam o uso de um véu que cobre o nariz e a boca. Os homens com alto *status* usam o véu mais rigorosamente do que os vassallos ou escravos; as mulheres não possuem véus e não devem ver a boca dos homens. Nesses casos, a vida feminina é marcada pela ausência de privacidade e presença. Os rituais de importância não lhes são acessíveis; somente quando estão idosas, livres da responsabilidade de criação dos filhos e também da sexualidade, podem estabelecer “o respeito advindo com autoridade” (Rosaldo, 1979, p.44).

No decorrer de seu raciocínio a autora afirma que suas observações precedentes indicaram que “há continuidade na experiência precoce de crescimento da mulher”. A maioria das culturas assume que a socialização feminina é relativamente fácil enquanto que a do homem falha nessa continuidade. Ele pode ser arrancado da esfera familiar, por meio de rituais, buscando a “virilidade” fora do lar, e para isso é necessária a ruptura, a quebra na experiência masculina. Para se tornar homem ele precisa provar sua masculinidade entre seus companheiros e a mulher segue os passos da mãe. A autora prossegue afirmando que como as culturas tratam o desenvolvimento masculino como algo conquistado, o grupo de companheiros do homem não possui critério natural, que determine, exclusivamente, o companheirismo, o relacionamento ordenado ou uma cadeia de comando estabelecida, ao contrário de duas ou três gerações de um grupo doméstico feminino. Logo, para a autora, a ordem num grupo masculino e na sociedade em geral é sentida como um produto cultural: os homens sistematizam, normatizam idéias e padrões de avaliações e ordenam os relacionamentos entre eles próprios. A maioridade para a mulher é, pois, um *status* atribuído e para o homem é um *status* conquistado.

Entre as mulheres, em muitas sociedades, são poucos os meios de diferenciá-las; o fato de ser mulher determina sua classificação sob um conceito geral. Ao contrário, os homens são classificados em hierarquias de conquistas, são diferenciados em seus papéis. As mulheres são concebidas como irmãs, mães e esposas e os homens como resultado de conquista explícita. Landes (1971, p. v) fala sobre os Ojibwa, entre os quais “somente a metade masculina da população e suas atividades enquadram-se nas regras tradicionais, enquanto a metade feminina é deixada a um comportamento espontâneo e confuso”; as mulheres bem sucedidas podem rivalizar os homens em suas conquistas, mas “elas não as perseguem da forma sistemática masculina” (ROSALDO, 1979, p.46).

Ainda segundo Rosaldo, percebe-se, portanto, a partir dos estudos antropológicos e históricos empreendidos pelo século XX, que os papéis sexuais ancestralmente atribuídos como fixos para homens e mulheres podem e costumam decorrer de experiências psicológicas ou culturais vividos por ambos os sexos. Em seu texto, ela afirma que, estudiosos como Durkheim e Parsons concordam que as mulheres são mais “afetivas” ou “expressivas”, menos “intelectuais” ou “instrumentais” do que os homens, mas Zelditch (1955, 1964) defende que esta diferença é uma necessidade funcional da família como um grupo social e que “o aumento da evidência desmente essa suposição e sugere que o caráter ‘expressivo’ das mulheres é tanto uma interpretação cultural ou clichê, quanto um reflexo exato dos meios pelos quais elas agem e pensam” (ROSALDO, 1979, p. 47). Rosaldo nota como os cientistas sociais relativizaram os papéis conferidos à mulher pela cultura tradicional aos processos históricos e às relações entre os sexos no seio da sociedade:

Segundo Durkheim, se desejarmos supor que a estrutura e a natureza das próprias relações sociais influenciam as percepções culturais e os modos de pensamento, podemos agora ilustrar essa reivindicação da ciência social longamente tentada. Isso

reflete, não uma tendência natural e necessária, mas um tema cultural muito geral. Desde que as mulheres necessitam trabalhar num sistema social que obstrui seus objetivos e interesses, elas tendem a desenvolver um meio de ver, sentir e agir que parecem ser “intuitivos” e não sistemáticos – com uma sensibilidade à outra pessoa que lhes permite sobreviver. Elas podem, então, ser “expressivas”. Mas também é importante compreender que estereótipos culturais ordenam as próprias observações dos observadores. É porque os homens entram no mundo das relações sociais distintas que para nós se configuram como intelectuais, racionais ou instrumentais, e o fato das mulheres serem excluídas deste mundo faz com que elas pareçam pensar e se comportar de um outro modo. (ROSALDO, 1979, p.47).

A autora prossegue confirmando que num nível moral, historicamente o mundo da cultura é dos homens, eles são participantes dos sistemas de experiência elaborados pelo sujeito masculino, enquanto as mulheres dirigem a vida, o que parece ser irrelevante à distinção formal da ordem social. O *status* feminino deriva de seu estágio no ciclo da vida, de suas funções biológicas e seus laços sexuais e biológicos a homens específicos. São mais envolvidas com materiais sujos e perigosos da existência social: sangue, parto, morte, alimentação, cozinha, limpeza de fezes. Enfim, a mulher, definida através de símbolos que evidenciam suas funções biológicas e sexuais, significa *natureza* e freqüentemente “*desordem*”, enquanto o homem se opõe a todos estes valores com o sentido da *cultura* (Rosaldo, 1979, p.47). Ainda segundo a autora, estudos recentes da cultura simbólica sugeriram que, “por mais que viole o sentido de ordem da sociedade”, a mulher será vista como ameaçadora, sórdida, desordenada, errada.

Relacionados com a esfera da cultura, os homens definem, portanto, a ordem pública e são classificados em termos de posições institucionais, enquanto as mulheres são *apenas mulheres* e suas atividades, interesses e diferenças recebem somente comentário idiossincrático: onde as atividades masculinas se justificam como racionais por uma classificação social, por um sistema de normas aprovadas, as mulheres são consideradas desviadoras ou manipuladoras, classificadas em conjunto, e seus objetivos específicos são ignorados. “Elas não são publicamente compreendidas”. As mulheres “desafiam os ideais da ordem masculina”. Podem ser definidas como virgens, mas são necessárias à renovação do grupo; são excluídas da autoridade, mas exercem todos os tipos de poder informal; seu *status* pode derivar de suas relações com os homens, mas “elas sobrevivem a seus maridos e pais” (Rosaldo, 1979, p.48).

Em algumas sociedades, no entanto, as mulheres podem não parecer sórdidas e são tomadas como esposas e mães benignas. “O perigo é percebido somente quando a mulher falha em dar à luz aos filhos ou quando seus maridos ou filhos tenham morrido” (Rosaldo, 1979, p. 49). Por outro lado, ela tem a responsabilidade de viver para prantejar o marido: os homens participam ativamente nos rituais de morte, mas cabe à mulher chorar por mais tempo e mais alto, pois ela sempre deve mostrar mais sofrimento diante da morte.

No que se refere às relações de produção entre homens e mulheres, o que se observa é que as atividades econômicas das mulheres são variadas e difíceis de generalizações, desde as tarefas domésticas da mulher americana até os negócios

de longa distância das africanas. Mesmo parecendo menos pública que a do homem, a atividade econômica da mulher tende a ser individualizada ou realizada em pequenos grupos, e o produto deste trabalho é destinado à família e ao lar. Quando são destinados à comunidade, isso ocorre, em geral, para manter o prestígio do marido. Embora se encontrem exceções, em geral a orientação econômica, social e emocional da mulher é, pois, mais individual e particularista que a do homem.

A autora continua o desenvolvimento de sua argumentação dizendo que existe uma oposição universal e estrutural entre os domínios de atividades domésticas e públicas, visíveis e identificáveis facilmente: a esfera doméstica é o espaço da dona de casa suburbana; a esfera pública constitui-se pelo mundo público e social da indústria, das finanças e do prestígio. Entretanto, nos próprios grupos domésticos existe variação na estrutura relacionada aos tipos de poder feminino. Rosaldo defende que as mulheres enfraqueceram suas ligações domésticas e podem estruturar outros arranjos sociais que lhe facultem mais poder e valor e afirma que, segundo suas pesquisas, o *status* feminino é mais baixo quando as mulheres são isoladas umas das outras e subordinadas à autoridade de um único homem no lar. Sua posição é elevada quando podem disputar e reivindicar essa autoridade, assumindo papéis masculinos, estabelecendo laços sociais e criando um sentido de classificação, ordem e valor, num mundo onde as mulheres prevaleçam. Além disso, opiniões femininas e sua habilidade em trazer um alto dote ou em estabelecer laços com homens específicos são fatores importantes para forjar alianças políticas entre grupos. Também o controle dos gêneros alimentícios lhe permite influenciar os homens (recusar-se, por exemplo, a cozinhar para seus maridos), e somam-se a isso as possibilidades de ganhar a lealdade de seus filhos ou colocar o marido contra os outros homens da família. Para finalizar, a mulher pode forjar um mundo público para ela própria, desde instituições de caridade até campeonatos de assados, sociedades de negócios ou clubes de igreja, organizações políticas onde forcem homens imprudentes a “entrar na linha” (um aspecto interessante pode ser observado na mulher tradicional americana, que logra obter o poder encobertamente, bajulando a vaidade de seu marido e privativamente dirigindo sua vida pública).

Outra teórica que traz à luz questões sobre a formação da identidade feminina é Sherry Ortner, que, em 1979, escreveu o texto com uma pergunta no título: “Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?”.

1.4.3 Natureza e cultura

Neste artigo, a autora discute a questão do *status* secundário da mulher, classificando-a como uma verdade universal, um fato pancultural. Divide o

problema em três níveis¹⁹ e considera como foco, o primeiro deles: o problema da desvalorização universal das mulheres.

Quando a autora fala que em toda cultura conhecida as mulheres são consideradas, de alguma maneira, inferiores aos homens, está falando sobre avaliações *culturais*. Cada cultura, para Ortner, em seus próprios termos, faz essas avaliações. No entanto, o que evidencia em uma cultura específica essa avaliação são três dados: 1) o elemento de ideologia cultural e as colocações informativas que *explicitamente* desvalorizam a mulher e com elas, seus papéis, suas tarefas, seus produtos e seus meios sociais com menos prestígio do que os relacionados aos homens e às funções masculinas; 2) esquemas simbólicos, tais como a prerrogativa de violação, que poderão ser interpretadas *implicitamente* como uma colocação de avaliações inferiores; 3) as classificações sócio-estruturais que excluem as mulheres da participação social, ou em contato com algum tipo de domínio no qual reside o maior poder da sociedade.

Para a autora, os três tipos de dados podem estar inter-relacionados em qualquer sistema, ou qualquer um deles, isoladamente, pode ser suficiente para salientar a condição inferior da mulher em dada cultura.

No cômputo geral, afirma Ortner, em todas as sociedades conhecidas as mulheres são subordinadas aos homens e as pesquisas para uma cultura igualitária provaram ser infrutíferas, sem considerar o matriarcado. Mesmo as sociedades matrilineares, nas quais as mulheres exercem atividades superiores ou iguais aos homens, algum motivo – como a menstruação, por exemplo – pode coibi-las de exercer certas ações, como aproximações ou manipulações de objetos sagrados e outras.

Ortner declara em seu texto que a desvalorização universal da mulher pode ser explicada, em parte, devido à cultura em que ascende o determinismo biológico: algo geneticamente inerente ao homem o torna “sexo dominante”. Este algo, faltando às fêmeas, resulta em subordinação e, geralmente, em satisfação, desde que tal posição lhes proporcione proteção e oportunizem os prazeres maternos, para elas as experiências mais satisfatórias da vida.

Os fatos biológicos (diferenças) são importantes, porém não justificam a discriminação. Segundo Sherry Ortner, “dados e diferenças somente adquirem significado de superior/inferior dentro da estrutura de sistemas de valores, culturalmente definidos, portanto, há falha na demonstração biológica”, e a autora ainda tenta outro caminho para explicar a subordinação feminina à luz de fatores universais:

¹⁹ Os níveis de problematização propostos pela autora são os seguintes: 1) o fato universal do *status* de classe secundária, culturalmente atribuído à mulher em todas as sociedades; 2) as ideologias específicas, as simbolizações e as classificações sócio-estruturais pertinentes às mulheres que variam extraordinariamente de cultura a cultura; e 3) detalhes das atividades e contribuições, poderes, influência etc. das mulheres, observáveis em campo, freqüentemente em divergências com a ideologia cultural (embora sempre restrita na hipótese de que as mulheres nunca serão oficialmente proeminentes no sistema total).

Todo ser humano tem um corpo físico e um sentido de mente não física, faz parte de uma sociedade com outros indivíduos e é herdeiro de uma tradição cultural, devendo se engajar em algum relacionamento ainda que ligado com a “natureza” ou o reino não humano, a fim de sobreviver. Todo ser humano nasce (de uma mãe) e finalmente morre, todos estão interessados na sobrevivência pessoal e a sociedade/cultura tem seu próprio interesse para (ou pelo menos em alguns momentos em direção a) a continuidade e a sobrevivência que transcende as vidas e as mortes de indivíduos específicos, e assim por diante. É no domínio de tal universo da condição humana que poderíamos procurar uma explicação para o fato universal da desvalorização feminina (ORTNER 1979, p. 100).

A tese de Ortner é de que a mulher está sendo identificada com – ou parece ser um símbolo de – alguma coisa que cada cultura desvaloriza, algo inferior a si mesma. Há uma única coisa que corresponde àquela descrição e esta é a “natureza” em seu sentido mais generalizado:

Cada cultura, ou, genericamente, “cultura” está engajada no processo de gerar e sustentar sistemas de formas de significados (símbolos, artefatos etc.) por meio dos quais a humanidade transcende os atributos da existência natural, ligando-as a seus propósitos, controlando-os de acordo com seus interesses. Podemos assim amplamente equacionar a cultura com a noção de consciência humana (isto é, sistemas de pensamento e tecnologia), por meio da qual a humanidade procura garantir o controle sobre a natureza. Agora as categorias de “natureza” e “cultura”, certamente, são categorias conceituais – não se pode encontrar limite no mundo concreto entre os dois estados ou domínios do ser (*Idem*).

Para Ortner, algumas culturas oferecem oposição mais forte que outras entre as duas categorias conceituais e sugere-se que povos primitivos não vêem diferença entre o estado cultural humano e o estado da natureza. Segundo ela, entretanto, “a universalidade do ritual exprime uma afirmação em todas as culturas”, sobre a habilidade exclusivamente humana de agir e regular a natureza, ao invés de se deixar mover pelos atributos de existência natural:

Um domínio do pensamento cultural onde estes pontos são muitas vezes convencionados é aquele dos conceitos de pureza e corrupção. Virtualmente, cada cultura tem algumas destas crenças, que em grande parte parecem (ainda que por certo, não inteiramente), preocupadas com a relação entre a cultura e a natureza. Um aspecto bem conhecido da crença transcultural é aquele do “contágio” natural de corrupção; deixada em seus próprios esquemas, a corrupção (para estes propósitos grosseiramente equiparada à atuação desordenada de energias naturais), se estende e subjuga tudo que entra em contato com ela. Portanto, um enigma – se a corrupção é tão forte, como pode qualquer coisa ser purificada? Por que os agentes purificadores não se corrompem? A resposta, mantendo a presente linha de argumentação, é que a purificação é realizada num contexto ritual; o ritual de purificação, como a atividade intencional que opõe ação da autoconsciência (simbólica) contra as energias naturais, é mais poderosa que estas energias (*Ibidem*).

A autora defende a idéia de que cada cultura reconhece e mantém distinta a atuação da cultura (a consciência humana e seus produtos) e a atuação da natureza e também que a diferença da cultura tem como apoio o fato de poder transcender as condições naturais e transformar a natureza para seus propósitos (“socialização” e “culturação”), considerando-se desta forma, superior a ela. Partindo do postulado de que a mulher é identificada com a natureza, em oposição ao homem que é associado à cultura, e que o plano da cultura é submeter e transcender a natureza, então a cultura achará “natural” subordinar a mulher, para não dizer oprimi-la.

As mulheres parecem estar mais próximas da natureza pela função do corpo de procriação natural e específica das mulheres. Ortner (1979, p. 102) extrai três níveis de discussão importantes: o primeiro trata do corpo da mulher e de suas funções – na maior parte do tempo envolvida com “espécies de vida”, a mulher coloca-se mais próxima da natureza, enquanto os homens se liberam para assumir esquemas da cultura; o segundo, decorrente do primeiro, afirma que o corpo feminino e suas funções coloca a mulher em papéis sociais inferiores aos dos homens no processo cultural; por último, os papéis sociais tradicionais femininos, impostos por seu corpo e suas funções, lhe dão uma estrutura psíquica diferente, que, assim como sua natureza fisiológica e seus papéis sociais, é vista como mais próxima da natureza.

Simone de Beauvoir, citada por Sherry Ortner em estudo sobre a estrutura fisiológica, o desenvolvimento e as funções femininas, concluiu que a mulher é uma vítima da espécie muito mais que o homem o é:

A maioria das áreas e dos processos do corpo feminino não servem a uma função aparente para a saúde e estabilidade do indivíduo; ao contrário, como desempenham suas funções orgânicas específicas, muitas vezes são causas de desconforto, dor e perigo. Os seios são irrelevantes para a saúde, eles podem ser estirpados a qualquer época da vida da mulher; muitas das funções das secreções ovarianas para beneficiar o óvulo favorecem sua maturação e adaptação ao útero ao invés de suas próprias necessidades; com respeito ao organismo como um todo, funcionam mais para desequilibrar do que para regular – a mulher é adaptada para a necessidade do óvulo ao invés de suas próprias necessidades. [...] A menstruação é muitas vezes desconfortável e dolorosa. Frequentemente se relaciona com uma emoção negativa e de qualquer maneira envolve incômodas tarefas de limpeza e recolhimento de excreção [...]. Em muitas culturas a menstruação interrompe a rotina da mulher pondo-a numa situação estigmatizada que envolve várias restrições de suas atividades e contatos sociais. Na gravidez, muitas fontes de vitamina e minerais femininos são canalizados para a nutrição do feto, exaurindo suas próprias forças e energia. Em resumo, Beauvoir conclui que a mulher é mais escravizada às espécies do que o homem, sua animalidade é mais manifesta (ORTNER, 1979, p.239).

A autora prescreve que o corpo feminino condena, pois, a mulher a reproduzir a vida. O homem, sem a função natural de criação, fundamenta sua criatividade externa e artificialmente por meio de símbolos e tecnologia. Assim, cria objetos relativamente duradouros, eternos e transcendentais, enquanto a mulher cria seres perecíveis – os seres humanos. Por outro lado, as atividades masculinas de destruição (caça e luta) são mais valorizadas que as habilidades femininas de

procriação, de dar a vida. Segundo Beauvoir, citada por Ortner, não é a morte que é relevante na caça e na luta, mas ali o homem é elevado acima do animal, quando arrisca sua própria vida, “isso porque a superioridade da humanidade não é devida ao sexo que gera, porém ao que mata” (ORTNER, 1979, p. 104).

Como Ortner sugere,

se o homem, em toda parte, é (inconscientemente) associado com a cultura e a mulher parece mais próxima, a razão para estas associações não é difícil de compreender, basta considerar as implicações do contraste fisiológico entre o homem e a mulher. No entanto, ao mesmo tempo, a mulher não pode ser destinada totalmente à categoria da natureza, pois é perfeitamente óbvio que ela seja um ser humano maduro dotado de consciência humana exatamente como o homem; ela faz parte da metade da raça humana, sem cuja cooperação todo o processo sofreria um colapso. Ela pode parecer mais à mercê da natureza do que o homem, mas tendo consciência, ela pensa e fala; ela gera, comunica e manipula símbolos, categorias e valores. Ela participa dos diálogos humanos não somente com as mulheres mas também com os homens. Como Lévi-Strauss diz: “A mulher nunca pode tornar-se somente um signo e nada mais, pois desde que num mundo masculino ela é ainda uma pessoa, e na medida em que ela é definida como um signo deve (ainda) ser reconhecida como geradora de signos” (1979, p. 105).

A aceitação quase universal da mulher quanto à sua própria desvalorização se explica para Beauvoir por parecer que, como ser humano consciente “e membro de uma cultura, ela seguiu a lógica dos argumentos da cultura e alcançou conclusões culturais junto com os homens”, ou:

Ela sendo também um ser existente, sente a necessidade de sobrepujar e seu intento não é repetição, mas transcende em direção a um futuro diferente – em seu íntimo ela encontra a confirmação das pretensões masculinas. Ela acompanha os homens nos festivais que celebram o sucesso e as vitórias masculinas. Sua infelicidade é ter sido biologicamente destinada para a procriação da Vida, quando mesmo em sua própria visão da Vida, não leva em si as razões de existência, razões que são mais importantes que a vida em si (ORTNER, 1979, 105-106).

De acordo com esta observação, as mulheres criam de sua própria essência e os homens criam, ou são forçados a criar, de forma artificial, ou seja, pela cultura e para manter a cultura. As funções fisiológicas femininas (lactação, entre outras) universalmente acabam por limitar seu movimento social e tendem a confiná-la no âmbito familiar doméstico. Suas atividades são circunscritas pelas limitações e baixos níveis das forças e habilidades dos filhos. Os bebês que necessitam dos cuidados maternos, ainda não possuidores de cultura, comparam-se aos animais e legitimam a mulher como mais próxima da natureza.

Ao abordar o tema da psique feminina, Sherry Ortner, percebe que a proposta de que a mulher não tem apenas um corpo e um *status* social diferentes do homem, mas também a estrutura psíquica diferente, é ainda muito controversa para os estudiosos. Ela argumenta que a mulher

provavelmente deve ter uma estrutura psíquica diferente, porém me valerei firmemente do artigo de Chodorow (*neste livro*) para estabelecer primeiro que sua estrutura psíquica não necessita ser assumida como inata; ela pode ser explicada, como Chodorow demonstra convincentemente, através das ocorrências de práticas provavelmente universais de socialização feminina. Não obstante, se admitimos a proximidade empírica de universalidade da “psique feminina” com certas características específicas, estas características acrescentariam um peso à visão cultural da mulher como mais próxima da natureza (ORTNER 1979, p.110-111).

No intento de explicar o *status* universal secundário da mulher, a autora afirma que, se o determinismo biológico não é aceito, a explicação pode se originar por referência a outros universos da situação cultural humana:

Logo, os esboços gerais da abordagem – embora, sem dúvida, não sejam uma solução particular oferecida – foram determinados pelo problema em si e não por qualquer predileção de minha parte pela análise estrutural abstrata global. Eu argumento que a desvalorização universal feminina pode ser explicada demonstrando que a mulher é encarada como mais próxima da natureza do que o homem, que inegavelmente é visto ocupando o importante território da cultura. [...] A fisiologia feminina é mais envolvida na maior parte do tempo com a “preservação da vida” [...]; a ligação das mulheres com o contexto doméstico estruturalmente subordinado, responsável pela penosa função de transformar as crianças num estado primitivo em seres civilizados; a psique feminina [...] moldada para a função maternal por sua própria socialização [...] e um modo de se relacionar menos mediato [...]. Todos estes fatores fazem com que as mulheres pareçam enraizadas mais direta e profundamente na natureza. Entretanto, ao mesmo tempo, sua “associação” e participação completamente necessárias na cultura, são reconhecidas por esta e não podem ser negadas. Portanto, ela é encarada ocupando uma posição intermediária entre a cultura e a natureza (ORTNER, 1979, p. 115).

A autora assegura que a mulher é uma das agentes culturais mais importantes para transformar a natureza em cultura, em especial no que se refere à socialização das crianças. A permanência da cultura depende da socialização dos indivíduos, que, possivelmente, “verão o mundo naqueles termos culturais e, indubitavelmente, seguirão mais ou menos seus preceitos morais”. Nesta função de mediação, culturalmente definida, a mulher tenderá a ficar sujeita “às mais duras restrições e limitações” que a rodeiam. A posição intermediária entre a natureza e a cultura contribuirá para seu *status* inferior e deve ter a implicação de uma maior ambigüidade simbólica:

Uma vez mais substituindo nossa imagem da relação cultura/natureza, podemos enquadrar a cultura neste caso como uma pequena clareira dentro do sistema natural amplo. Deste ponto de vista, o que é intermediário entre a cultura e a natureza fica localizado na periferia contínua da clareira da cultura; embora possa parecer estar tanto acima como abaixo (e paralela) à cultura, está simplesmente de fora e em torno dela. Agora podemos começar a entender como um único sistema de pensamento

cultural pode freqüentemente referir-se à mulher como completamente polarizada e aparentemente com significados contraditórios, podemos dizer, desde que os extremos se aproximem. O exemplo mais simples que podemos mencionar é que, freqüentemente, a mulher representa tanto a vida quanto a morte (ORTNER, p. 116).

Sob outra perspectiva, a mulher está associada psiquicamente tanto no início como no fim da escala das formas de relacionamento humano. A mulher envolve-se mais diretamente com as pessoas como indivíduos e não como representantes de uma ou outra categoria social. Assim é possível explicar os símbolos destrutivos atribuídos à mulher (bruxas, feitiços, contaminação menstrual, castração pela mãe terrível), mas também os símbolos femininos de transcendência (divindade materna, caridade recompensada, símbolos de justiça e a presença de simbolismo feminino na artes, na religião, no mito e na lei). Nesta tendência à polarização (mais forte na mulher do que no homem), ora a mulher é exaltada, ora aviltada e raramente “dentro das categorias normais das possibilidades humanas”. Em síntese, o postulado que encarou a mulher como mais próxima da natureza do que o homem tem muitas implicações e interpretações para análise posterior:

Se [o postulado] é considerado simplesmente como uma posição *intermediária* na escala da cultura para a natureza, então, ainda é visto como inferior à cultura e, portanto, implica na hipótese pancultural de que a mulher é inferior ao homem na ordem das coisas. Se é interpretado como um elemento *mediador* na relação cultura/natureza, então pode ser considerado em parte uma tendência cultural não apenas para desvalorizar a mulher, mas para circunscrever e restringir suas funções desde que a cultura mantenha o controle sobre seus mecanismos pragmáticos de simbólicos de conversão da natureza em cultura. E se é entendido como um *status ambíguo* entre cultura e natureza, pode ajudar a considerar o fato que em ideologias e simbolizações culturais específicas a mulher pode ocasionalmente ser associada com a cultura e em qualquer ocasião, muitas vezes designadas como significado polarizado e contraditório dentro de um único sistema simbólico. O status intermediário, as funções mediadoras e os sentidos ambíguos, são diferentes interpretações para finalidades contextuais diversas da mulher focalizada como intermediária entre a natureza e a cultura. (ORTNER, p. 118)

Pelo exposto até aqui, percebemos a existência de claras oposições nas representações de papéis entre os sexos, o que poderia levar a diversas esquematizações, dentre as quais a que opõe o homem como sexo forte, dominação, esfera pública e poder à mulher como sexo frágil, subordinação, esfera doméstica/privada, poder de manipulação.

No entanto, estas oposições, segundo os autores percorridos, criam-se a partir de interpretações culturais conferidas a diferenças biológicas ou a experiências infantis dos sujeitos masculino e feminino com as figuras materna e paterna. Tomar as diferenças de gêneros, pois, como determinadas e absolutas, inatas ou imutáveis,

parece resultado de um equívoco de quem prega do interior de uma cultura marcada ideologicamente por diferenças de valores que se manifestam ao sujeito envolvido como diferenças de constituição.

Toda a teoria exposta na última parte deste capítulo teve como objetivo dar sustentação para nossas afirmações posteriores a respeito de que os textos de auto-ajuda analisados se mostram unidirecionais e tentam enquadrar a mulher em hábitos milenares de comportamento. As autoras e os autores citados na conclusão deste capítulo expõem as formas históricas de condicionamento dos gêneros, que, aliás, como veremos, os autores analisados negligenciam em sua maioria, logo, tornam-se o contraponto aos pressupostos dos discursos da literatura de auto-ajuda.

CAPÍTULO 2 – A AUTO-AJUDA E A DISTINÇÃO DOS GÊNEROS

Conforme anunciamos na introdução, o objetivo desta pesquisa é verificar o perfil de mulher definido pela literatura de auto-ajuda dirigida ao público feminino nos últimos dez anos.

Para chegarmos às obras-objetos, seguimos um procedimento metodológico que nos auxiliou na análise dessa forma de representação sugerida pelos livros. O procedimento foi o de observar, em primeiro lugar, quais são os mecanismos de construção da identidade/subjetividade e singularidade na sociedade de massas contemporânea. Em seguida verificar como os produtos da cultura de massas, nesse caso especificamente a literatura, servem de veículo para a construção e elaboração

de um perfil de identidade feminina – ambos descritos no capítulo um dessa dissertação. É importante ressaltar que em nenhum momento essa análise pretende uma discussão que aborde profundamente as questões de gênero. Trata-se de uma análise sociológica sobre o discurso da literatura de auto-ajuda, para elevar, daí, um modelo de “mulher” sub-reptício a esse discurso, que o possa conduzir ou que ele possa estar propondo para as leitoras contemporâneas.

Neste momento faz-se necessário esclarecer que a seleção do *corpus* da literatura de auto-ajuda para análise foi feita observando-se primeiramente os seguintes critérios:

1- *O tema da obra:* Foram selecionados livros que, por sua intenção direta de aconselhar na relação homem-mulher, operam substancialmente com um sistema de diferenças sexuais e de gênero;

2- *A data de publicação:* O *corpus* da análise limitou-se aos títulos publicados nos últimos 10 anos, ou seja, no intervalo que marca a virada do século;

3- *A circulação:* Reduziu-se o universo de pesquisa aos livros escritos ou traduzidos na língua materna e difundidos pelo território brasileiro.

4- *O posicionamento no ranking de público:* Preferimos avaliar os títulos de maior penetração e, logo, de maior circulação e possível influência junto ao público feminino.

Levando em conta a última orientação de seleção, iniciamos a pesquisa pela busca das fontes a partir das quais selecionaria o *corpus*. Fomos à Livraria Saraiva e pedimos a lista dos mais vendidos, ocasião em que nos informaram que a lista com os exemplares mais vendidos nacionalmente é fornecida semanalmente para a Revista *Veja*, informação que foi conferida por mensagem eletrônica (ANEXO 1).

Essa revista usa o seguinte conceito como definição para literatura de auto-ajuda: “Em auto-ajuda e esoterismo ficarão os manuais de aconselhamento e as obras de cunho religioso” (ANEXO 2), e divulga como fonte para uma lista final as seguintes livrarias:

- 1- São Paulo: Cultura, Laselva, Saraiva, Livraria da Vila, Fnac, Nobel.
- 2- Rio de Janeiro: Saraiva, Laselva, Sodiler, Travessa, Argumento.
- 3- Porto Alegre: Saraiva e Cultura.
- 4- Brasília: Sodiler, Saraiva, Leitura.
- 5- Recife: Sodiler, Saraiva e Cultura.
- 6- Natal: Sodiler.
- 7- Florianópolis: Livrarias Catarinense.
- 8- Goiânia: Saraiva e Leitura.
- 9- Fortaleza: Laselva.
- 10- Curitiba: Saraiva e Livrarias Curitiba.
- 11- Londrina: Livrarias Porto.
- 12- Belo Horizonte: Leitura.
- 13- Maceió: Sodiler.
- 14- Belém: Clio.
- 15- Vitória: Leitura.
- 16- Internet: Cultura, Laselva, Leitura, Nobel, Saraiva, Fnac, Sodiler e Submarino.

Desta forma, como o objetivo era localizar livros que tivessem ampla circulação nacional (produto de consumo em massa), o que de fato aumenta as chances das obras de serem lidas e exercerem influência, iniciamos uma averiguação nos arquivos da Revista *Veja*²⁰ seguindo os critérios 1 e 2 e 3 da metodologia.

O critério de número 2 (data de publicação) nos levou a definir que os exemplares da revista *Veja* explorados seriam os publicados entre janeiro de 1995 e dezembro de 2004, totalizando uma soma de aproximadamente²¹ 520 exemplares. Em função do volume de exemplares e da repetição dos nomes que aparecem na lista do *ranking*, consideramos apenas a lista divulgada na primeira edição de cada mês, totalizando 48 fontes de pesquisa contendo 10 títulos cada.

²⁰ Hoje a Revista *Veja* disponibiliza todos os exemplares publicados desde 1995 na versão on-line em sua página oficial.

²¹ Posto que em algumas edições não foi divulgada a lista dos livros mais vendidos.

Após uma coleta detalhada e criteriosa acionamos a primeira e mais importante orientação para o crivo, ou seja, o tema da obra. Nesta coleta os seguintes títulos foram ao encontro do objetivo do trabalho ora desenvolvido:

TABELA 1 – LIVROS SELECIONADOS INICIALMENTE

TÍTULO	AUTOR	EDITORA
1. A arte da guerra para mulheres	Chin-ning Chu	Fundamento
2. Criando meninas	Gisela Preuschoff	Fundamento
3. Homem-cobra, mulher-polvo	Içami Tiba	Gente
4. Guerras eróticas	Maria Helena Matarazzo	Gente
5. Quem ama, educa!	Içami Tiba	Gente
6. Mulheres alteradas – vol. 1	Inês Burundarena Maitena	Rocco
7. Mulheres alteradas – vol. 2	Inês Burundarena Maitena	Rocco
8. Mulheres alteradas – vol. 3	Inês Burundarena Maitena	Rocco
9. Homens são de marte mulheres são de vênus	John Gray	Rocco
10. Por que os homens mentem e as mulheres choram?	Allan Pease e Bárbara Pease	Sextante
11. A dieta de south beach	Arthur Agatston	Sextante
12. Os 100 segredos dos bons relacionamentos	David Niven	Sextante
13. Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?	Allan Pease e Bárbara Pease	Sextante
14. Enquanto o amor não vem	Iyanla Vanzant	Sextante

15. Coisas que toda garota deve saber	Samantha Rugen	Melhoramentos
16. Mais coisas que toda garota deve saber	Antonio Carlos Vilela	Melhoramentos
17. 203 maneiras de enlouquecer um homem na cama	Olívia St Claire	Ediouro
18. 208 maneiras de deixar um homem louco de desejo	Margot Saint- Loup	Ediouro
19. Chic (érrimo) moda e etiqueta em novo regime	Glória kalil	Codex
20. Almas Gêmeas – o amor do virtual ao real	Mônica Buonfiglio	Monica Buonfiglio
21. Chic – Mulher	Gloria Kalil	Senac São Paulo
22. Inteligência emocional e a arte de educar (os / nossos) filhos	John Mordechai	Objetiva
23. O livro das virtudes para crianças	William Bennett	Nova Fronteira
24. Aborrecente, não. Sou adolescente!	Vera Lúcia Marinzeck Carvalho	Petit
25. Decifrar pessoas	Mark Mazzarella e Jô-ellen Dimitrius	Alegro
26. Papo de garota	Valeria Piasa Polizzi	O nome da rosa
27. Body for life	Bill Phillips	Manole
28. Guia dos curiosos – sexo	Marcelo Duarte e Jairo Bouer	Companhia das Letras
29. Boa forma em 90 dias	Matt Roberts	Globo

O passo seguinte foi um novo filtro para a aproximação de um número total de títulos exequível em uma análise de dissertação de mestrado. A seleção se embasou

em uma ordem de aproximação e afastamento de uma declarada intenção de auxílio bio-psico-social do sujeito feminino.

Sendo assim, iniciou-se a triagem excluindo os títulos de número 05, 22, 23 e 29, por serem demasiado vagos e de difícil convergência em um grupo menor, além de divergirem consideravelmente do foco da pesquisa. Poderiam ser, basicamente, entendidos como livros que tratam especificamente da “porção” “mãe-educadora” das mulheres, ou no caso do livro 29, de uma questão especificamente física, não contemplando as outras áreas (psico-social).

Os exemplares de número 06, 07 e 08, além de serem volumes de uma mesma obra e autora, são livros compostos com *charges* e optamos por não analisar imagens/caricaturas nesse momento.

A exclusão dos volumes de número 11 e 27 deve-se ao fato de os livros constituírem coletâneas de receitas dirigidas ao modelamento corporal e perda de peso, e de não fazer nenhuma menção às diferenças entre sexos.

Os títulos número 12 (*Os 100 segredos dos bons relacionamentos*), 14 (*Enquanto o amor não vem*), 20 (*Almas Gêmeas – o amor do virtual ao real*) e 25 (*Decifrar pessoas*) não foram abordados por não se evidenciar neles uma separação ou um direcionamento para a mulher no decorrer do texto. Todos são escritos para um público geral e nosso recorte passa pela literatura dirigida à mulher especificamente ou a ambos os sexos, mas com abordagem sobre as diferenças entre eles.

Já os títulos de número 15 (*Coisas que toda garota deve saber*), 16 (*Mais coisas que toda garota deve saber*) e 26 (*Papo de garota*) não foram escolhidos por serem direcionados à faixa etária dos 12 aos 18, ou seja o público-alvo nesse caso são exclusivamente as adolescentes e não o público feminino indistintamente.

O volume 19 (*Chic (érrimo): moda e etiqueta em novo regime*) e também o 21 (*Chic – Mulher*) são livros declaradamente dedicados a um grupo social e não ao gênero feminino, mesmo que o segundo se direcione às mulheres, seu foco principal é o grupo dos que almejam os “chiques”. Segue a citação de um excerto da contracapa do segundo deles que, ao declarar seu objetivo, diz esperar “atingir uma categoria especial de pessoas, que é emblemática dos novos tempos: as celebridades”.

O título 24 (*Aborrecente, não. Sou adolescente!*) é um livro de cunho religioso para adolescentes e devido a essa premissa ele também foi excluído.

Por último, o exemplar *Criando meninas* tem como preocupação as questões de orientação psicológica para a formação de uma personalidade. Sua exclusão deveu-se ao fato de que enfoca principalmente a educação e não se dirige principalmente à gestão pessoal e existencial. Este exemplar também converge para o critério de eliminação usado nos itens 05, 22 e 23, que também tratam de questões ligadas à educação.

Após esta primeira seleção, restaram, portanto, os seguintes títulos:

- 1- A arte da guerra para mulheres
- 2- Homem-cobra, Mulher-polvo
- 3- Guerras eróticas
- 4- Homens são de Marte Mulheres são de Vênus
- 5- Por que os homens mentem e as Mulheres choram?
- 6- Por que os homens fazem sexo e as Mulheres fazem amor?
- 7- 203 maneiras de enlouquecer um homem na cama
- 8- 208 maneiras de deixar um homem louco de desejo
- 9- Guia dos curiosos – sexo

Seguindo no intento de diminuir o número total de exemplares, aproximando-o de um número condizente com o volume de trabalho de uma dissertação de mestrado, notamos que, entre esses nove finais, existem quatro que são obras da literatura de auto-ajuda que propõem diferenças de papéis entre homens e mulheres e estabelecem, assim, um sistema de *traços femininos definidos a partir da oposição com sua contrapartida masculina*. Esses autores sugerem, portanto, uma identidade feminina concebida dentro de um esquema binário de valores e comportamentos, em que cada lado se define como a contraface especular do outro. Ao notar a existência dessa coincidência de abordagem e tratamento do assunto aproximando quatro dos nove últimos títulos, os selecionamos como *corpus* final para a análise.

Como todos os quatro títulos contemplam os critérios estabelecidos anteriormente, ou seja, enquadram-se no tema da obra, data de publicação e circulação, além de terem alcançado recordes de vendas e ocupado listas dos mais vendidos no *ranking* do mercado editorial brasileiro, nos sentimos à vontade para analisar cientificamente os seguintes títulos:

- 1- PEASE, Bárbara. PEASE, Allan. **Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?** RJ : Ed. Sextante, 2000.
- 2- PEASE, Bárbara. PEASE, Allan. **Por que os homens mentem e as mulheres choram?** RJ : Ed. Sextante, 2003.
- 3- GRAY, John. **Homens são de Marte, mulheres são de Vênus.** RJ : Ed. Rocco, 1995
- 4- TIBA, Içami. **Homem cobra, mulher polvo.** SP : Editora Gente, 2004.

Os títulos *Guerras eróticas*, *203 maneiras de enlouquecer um homem na cama*, *208 maneiras de deixar um homem louco de desejo* e *Guia dos curiosos – sexo* constituem manuais para conduta estritamente sensual e erótica. Não existem nesses livros estímulos suficientes a condutas que acordem com incentivos bio-psico-social, e seu âmbito de atuação para definições de comportamentos é, portanto, restrito.

Por último, o livro *A arte da guerra para mulheres* não fez parte do escopo dessa seleção por não remeter diretamente à incitação de uma formação de imagem feminina a partir da construção desta em relação ao parceiro do sexo oposto.

Após seguir todos os passos acima citados para a localização dos livros-objetos, continuamos o meu processo de pesquisa identificando, em cada um deles, os *aspectos valorativos* e as *normas de comportamento* sugeridos por essa literatura para

auxiliar na operação dos problemas abordados, bem como as *características* aconselhadas por essa literatura e os *modelos* sugeridos como *padrões* para a mulher.

Finalmente passamos à análise comparativa do discurso dessa literatura, a fim de avaliar esses valores, normas de comportamento e características e padrões de desempenho comuns aos títulos do *corpus*, com vistas a buscar um paradigma de recorrência, o que nos forneceu respostas para a questão que motiva nossa investigação, ou seja, respondemos de que forma essa literatura de auto-ajuda incentiva a construção da subjetividade feminina, mapeamos os mecanismos utilizados por essa literatura para estabelecer uma “imagem” de feminino que pode promover alterações de comportamentos em suas leitoras.

2.1 Resumo das obras

2.1.1 – “Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?”

O livro **Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?**, de Bárbara e Allan Pease, é um manual com a intenção de divulgar avanços científicos a respeito da evolução humana e principalmente explicar como essas descobertas científicas se aplicam no relacionamento entre um homem e uma mulher.

A narrativa inicia-se com a descrição da dificuldade de escrever um livro com esta proposta. O capítulo 1 afirma que homens e mulheres são da mesma espécie e esse é o máximo de proximidade que existe entre ambos, já que são de mundos distintos.

Depois disso os autores prosseguem, no segundo capítulo, descrevendo as diferenças sobre a linguagem corporal e os sinais não verbais emitidos e percebidos de modos singulares por cada um dos sexos. Todas as explicações acerca das raízes desses comportamentos remetem ao período em que a humanidade habitou as cavernas.

O capítulo 3, intitulado “*Está tudo aí*”, versa sobre os “*mais recentes resultados das pesquisa sobre o cérebro*” (p. 48)

Segundo os autores, está nas diferenças de funcionamento cerebral, a origem das divergências entre homens e mulheres. O capítulo termina com um teste composto por 30 questões que, após respondidas pelas/os leitoras/es, leva-as/os a entender a estrutura de constituição de seu cérebro, que vai do supermasculino, passa pela interseção e tem como outro extremo o superfeminino.

O capítulo seguinte expõe a questão da fala. Nesse, afirma-se que os homens falam muito menos do que as mulheres por terem evoluído como caçadores e não como comunicadores. As frases seguintes expressam com clareza o conteúdo do capítulo:

Durante a caça, só utilizavam sinais não-verbais e muitas vezes ficavam horas e horas em silêncio à espera da presa. O homem moderno, quando vai pescar com os amigos, também fica muito tempo imóvel, sem falar. Gosta de estar junto deles, mas não vê necessidade de dizer isso. Reunião de mulheres é diferente: se estiverem caladas, é sinal de problema grave. Homens só aceitam mais proximidade quando o compartimento de seu cérebro onde fica a comunicação se abre – depois de muitas doses de bebida. (p. 80).

A finalidade da conversa de uma mulher é a própria fala. Mas o homem entende aquela ‘falação’ como uma busca de soluções e, com seu cérebro analítico, interrompe a toda hora. (p. 87).

O capítulo seguinte aborda a “*habilidade espacial*” e garante que não é uma habilidade feminina ler mapas ou se situar. Esse fato é explicado a partir do desenvolvimento do homem como caçador que precisava avaliar a velocidade, direção e distância da caça para poder calcular quanto precisaria correr para alcançá-la e matá-la com uma pedra ou lança. Explica-se por habilidade espacial a capacidade de

formar no cérebro imagens que correspondam à realidade em tamanho, posição, volume, movimento e aspecto. Inclui também ser capaz de imaginar um objeto se deslocando no espaço, percorrer caminhos vencendo os obstáculos e ver as coisas em uma perspectiva tridimensional. Tudo isso para estudar do alvo e acertar nele. (p. 105).

Apenas 10% das mulheres têm essa capacidade, segundo os autores, e deriva daí a dificuldade feminina em dirigir um automóvel em algum local desconhecido ou mesmo estacioná-lo. No final as mulheres são aconselhadas a não competir com os homens no campo em que eles têm maior capacidade, e sim, optar por carreiras e ocupações em que possam exercer suas aptidões naturais. Essas aptidões são

entendidas como entrar em acordo com a orientação da estrutura cerebral própria do sexo feminino.

Dentre as diferenças elencadas no capítulo 6 – “*Pensamentos, atitudes, emoções e outros campos minados*” –, a principal reside na percepção de prioridade de cada sexo. Para o homem a prioridade é perseguir resultados, objetivos, *status*, poder, alcançar as linhas de chegada e vencer as competições. Para a mulher as prioridades são a comunicação, a harmonia, a igualdade, o amor e o relacionamento interpessoal. Para explicar tamanha diferença, os autores recorrem à biologia:

O cérebro das meninas é estruturado para responder a pessoas e rostos, enquanto o dos meninos responde a objetos e formas. As diferenças entre os sexos foram avaliadas cientificamente e os resultados mostram que cada um percebe o mundo conforme a tendência da estrutura de seu cérebro. (p. 119-120)

o homem valoriza objetos, a mulher os relacionamentos. A estrutura do cérebro ditou as preferências. (p. 121).

Ao explicar por que os homens têm dificuldade em assumir seus erros, a resposta é de que este passou um milhão de anos não querendo ser visto como um fracasso, o que determinou seus comportamentos e atitudes atuais.

Na seqüência o assunto abordado é o “*Nosso coquetel químico*”. Nesse capítulo explica-se que os hormônios programam o cérebro antes mesmo do nascimento de uma criança e ditam ao longo da vida os pensamentos e atitudes do indivíduo. Ao narrar sobre a vida adulta, em um tópico intitulado “*A Química do Amor*”, os autores garantem que o amor resulta de uma série de reações químicas no cérebro. Essas reações são as responsáveis por todos os efeitos físicos e mentais nas pessoas apaixonadas, conforme exemplifica a seguinte frase: “*Em outras palavras: todas as nossas emoções – amor, tristeza, alegria – são bioquímicas*” (p. 137). Justifica-se hormonalmente todo o instinto maternal, a tensão pré-menstrual e o interesse maior ou menor por sexo da parte das mulheres em determinadas fases do mês. A testosterona, por sua vez, está ligada à agressividade, tanto que essa diminui na vida dos homens após os 50 ou 60 anos de idade, paralelamente ao declínio da testosterona no organismo masculino. A capacidade espacial está também ligada à produção de testosterona, outro argumento que justifica uma melhor capacidade masculina em detrimento da feminina.

No oitavo capítulo, “*Gays, lésbicas e transexuais*”, as afirmações são categóricas: “*a homossexualidade é genética, não depende de escolha*” (p. 153), e “*cientistas comprovam que a homossexualidade não é opção. É uma orientação inalterável*” (p. 155).

“*Homens, mulheres e sexo*” é o nono capítulo. Nesse a impulsiva disposição masculina por sexo é explicada por razões biológicas – hipotálamo maior do que o da mulher – e sociais – incentivo à vida sexual como sinônimo de aproveitar a vida – além da necessidade de assegurar a continuidade da espécie. O hipotálamo menor assegura a fidelidade feminina, o menor interesse sexual se explica pelos nove meses de gestação necessários para o nascimento de um filho, além dos posteriores cinco anos para que a criança possa se alimentar e defender sozinha. A monogamia não é considerada da natureza humana.

Os quesitos “*Casamento, Amor e Romance*” são muito mais importantes para as mulheres do que para os homens. Eles isolam amor e sexo e lidam com cada um em separado, logo conseguem manter um relacionamento baseado em forte atração física, coisa que as mulheres não conseguem. No cérebro feminino existe uma rede de conexões entre o centro do amor e o centro do sexo, e o primeiro deve ser sempre ativado antes do segundo. O homem geralmente não sabe como agir em matéria de romance, muitos deles pensam que ser romântico é estar pronto para fazer sexo a qualquer hora ou lugar.

O último capítulo – “*Rumo a um futuro diferente*” – apresenta pesquisas em que a maioria das mulheres preferiria ser dona-de-casa ou “*dondoca*” se não fosse pelas necessidades financeiras e em que apenas 19% afirmam estar de fato interessadas na carreira. Já, na contrapartida masculina, 87% dos homens declaram que o que mais importa em sua vida é a carreira e 99% dizem que querem ter uma ótima vida sexual. A maternidade é apresentada como o que mais satisfaz as mulheres. A relação entre homens e mulheres é incentivada, apesar do levantamento das diferenças existentes entre os dois, os autores acreditam que ter conhecimento sobre o funcionamento biológico e das expectativas tanto masculinas quanto femininas seja um bom passo para uma relação harmoniosa e de sucesso.

A diagramação dos livros traz, dentre outros recursos gráficos, a aplicação do “olho”, ou elemento destacado do texto e posto em relevo em uma janela especial na página, com fonte e corpo distintos. Listamos, abaixo, os temas dos “olhos” do texto, sempre interessantes por evidenciarem as passagens mais significativas do discurso dos autores:

- *Quantos homens são necessários para trocar um rolo de papel higiênico? Não se sabe, isso nunca aconteceu. (p. 15)*
- *Os circuitos cerebrais e os hormônios determinam nosso comportamento e modo de pensar. (p. 18)*
- *A igualdade entre homens e mulheres é uma questão moral ou política. A diferença essencial é uma questão científica. (p. 19)*
- *“Minha mulher consegue enxergar um fio de cabelo louro no meu casaco a cinqüenta metros de distância, mas sempre esbarra na porta da garagem quando guarda o carro.” (p. 26)*
- *Mulheres têm uma visão periférica mais ampla, homens têm visão do tipo “túnel”. (p. 29)*
- *Em viagens longas, as mulheres devem dirigir de dia e os homens à noite. (p. 34)*
- *O homem consegue dormir apesar de um ruído que a mulher não suporta: torneira pingando. (p. 37)*
- *A mulher é de quatro a seis vezes mais propensa a tocar em outra mulher durante uma conversa do que um homem tocar em outro homem. (p. 43)*
- *Na verdade, o rapaz não perde sensibilidade da pele quando chega à adolescência. É que ela se concentra num só lugar... (p. 44)*
- *As pesquisas mostram que homens não são bons “leitores de mentes”. A boa notícia é que, com treinamento, eles podem melhorar muito. (p. 47)*
- *Isso é ficção ou realidade? (p. 50)*
- *O homem casado brinca que dorme perto da porta para o caso de precisar fugir da mulher. Na verdade é puro instinto de sobrevivência. (p. 52)*
- *Testes comprovam que as mulheres são três por cento mais inteligentes que os homens. (p. 53)*
- *Quinze a vinte por cento dos homens têm cérebros estruturados de modo feminino. Cerca de dez por cento das mulheres tem cérebros masculinizados. (p. 64)*
- *Os homens costumam escolher cartões com mensagens bem longas. Assim, sobra menos espaço para escreverem. (p. 80)*

- *Disse um comediante: “Fiquei seis meses sem falar com a minha mulher. Só pra não interrompê-la.” (p. 85)*
- *Ao lado de um homem calado, com o olhar perdido, sempre há uma mulher se sentindo desprezada. (p. 87)*
- *A mulher que, à noite, fala sem parar só está “gastando” as palavras que sobraram de sua cota diária. Não quer ser interrompida com soluções para seus problemas. (p. 88)*
- *Primeira regra para se comunicar com um homem: seja objetiva! Dê-lhe uma coisa de cada vez para pensar. (p. 90)*
- *Um homem é capaz de ir do ponto A ao B atravessando um verdadeiro labirinto de ruas. Agora, experimente deixá-lo no meio de um bando de mulheres falando de um monte de coisas diferentes ao mesmo tempo. Ele fica completamente perdido. (p. 91)*
- *Se a mulher conversa muito, é sinal que gosta de você. Se ela não lhe dirige a palavra, você está encrencado. (p. 93)*
- *Se quer que um homem escute, avise primeiro e organize a pauta. (p. 97)*
- *Acha que alguém está a fim de você? Preste atenção em seu tom de voz. (p. 100)*
- *Cerca de 90 por cento das mulheres têm limitada capacidade de orientação espacial. (p. 104)*
- *As mulheres não desenvolveram suas habilidades espaciais porque o máximo que vem caçando através dos tempos é o bicho homem. (p. 106)*
- *A mulher não tem senso de direção, mas o homem nunca encontra as meias na gaveta. (p. 110)*
- *Se as mulheres fossem responsáveis pelas leis de trânsito, já teriam proibido entrar de ré nas vagas e estacionar paralelamente ao meio-fio. (p. 112)*
- *Quer convencer uma mulher com as plantas de uma construção que você lhe apresentou? Mostre uma versão em três dimensões. (p. 115)*
- *Ele está pensando, intrigado: “Como será que as moscas conseguem ficar pousadas no teto de cabeça para baixo?”(p. 117)*
- *Sabe por que Moisés passou 40 anos vagando pelo deserto? Porque se recusava pedir informações. (p. 118)*
- *Meninas buscam relacionamentos e cooperação. Meninos buscam poder e status. (p. 120)*
- *Se a mulher está infeliz no relacionamento, não consegue se concentrar no trabalho. Se o homem está insatisfeito o trabalho, não consegue se concentrar no relacionamento. (p. 123)*
- *Os homens detestam críticas. E a mulher fica encantada com um homem que reconhece seus próprios erros. (p. 126)*

- *Se um homem se fecha, deixe-o em paz. Mas, se é a mulher que se cala, atenção – o problema é grave e exige uma conversa séria. (p. 130)*
- *“Você, suas alegrias, tristezas, ambições, decisões, seu senso de identidade, o amor – tudo isso não é mais que a atuação de um enorme conjunto de células nervosas.” (p. 138)*
- *As pessoas apaixonadas são mais saudáveis e resistentes às doenças. O amor faz bem a saúde . (p. 138)*
- *Atenção, mulheres: cuidado com homens canhotos, carecas, de barba cerrada, que lidam com a contabilidade, lêem mapas e espirram ao mesmo tempo. (p. 143)*
- *Criaturas com os mais altos níveis de testosterona dominam o reino animal. (p. 147)*
- *Duas constatações: o homossexualismo é principalmente inato e o ambiente exerce um papel muito menos importante do que se pensava na determinação do nosso comportamento sexual. (p. 153)*
- *Cientistas comprovam que a homossexualidade não é opção. É uma orientação inalterável. (p. 155)*
- *A mulher que planeja uma gravidez deve tirar longas férias em um lugar tranqüilo e evitar contato com pessoas doentes ou negativas. (p. 158)*
- *Se o centro do comportamento, no cérebro, não receber hormônio suficiente para dar ao homem atitudes, modo de falar e linguagem corporal tipicamente masculinos, essas funções vão ter características femininas. (p. 161)*
- *O homem precisava ser capaz de ter o máximo possível de orgasmos no mais curto espaço de tempo, antes que fosse atacado por predadores ou inimigos. (p. 165)*
- *Alguns homens pensam que ser pai é só fazer o filho. (p. 166)*
- *Para fazer sexo, a mulher precisa de motivo. O homem precisa de lugar. (p. 169)*
- *A mulher está mais tranqüila com um homem que goste de música clássica e trabalhe meio expediente. Cuidado com os homens que trabalham demais, tocam piano e gostam de jazz. (p. 173)*
- *A mulher quer muito sexo com o homem que ama. O homem quer muito sexo. (p. 178)*
- *“Você é um amante medíocre!” – disse ela. “Como você conseguiu formar uma opinião em dois minutos?” respondeu ele. (p. 181)*
- *Como manter uma mulher satisfeita sexualmente: Acaricie, enalteça, mime, saboreie, massageie, conserte, acompanhe, cante, cumprimente, apóie, alimente, acalme, perturbe, brinque, tranqüilize, estimule, afague, console, abrace, ignore as gordurinhas, paparique, excite, pacifique, proteja, telefone, adivinhe, beije, aconchegue, perdoe, ajude, divirta, seduza, carregue, sirva, fascine, atenda, confie, defenda, vista, elogie, venere, reconheça, exagere, agarre, entregue-se, sonhe, provoque, recompense, toque, aceite, idolatre, adore. (p. 190)*
- *Como manter um homem satisfeito sexualmente: Já chegue sem roupa. (p. 191)*

- *Todo homem tem a fantasia de fazer sexo com duas mulheres ao mesmo tempo. As mulheres gostam da idéia. Pelo menos, teriam com quem conversar depois que ele pegasse no sono. (p. 191)*
- ***O que estimula a mulher***
 1. Romance
 2. Compromisso
 3. Comunicação
 4. Intimidade
 5. Toque não-sexual
- ***O que estimula o homem***
 1. Pornografia
 2. Nudez feminina
 3. Variedade sexual
 4. Roupas íntimas
 5. Disponibilidade da mulher (p. 195)
- *Qual a diferença entre erotismo e tara? Erotismo é quando você usa uma pena. Tara é quando usa a galinha. (p. 197)*
- *O casamento tem um lado bom. Ensina lealdade, sentido de família, tolerância, autocontrole e outras qualidades de que você nunca precisaria tanto se não fosse casado. (p. 201)*
- *O homem prefere esperar pela mulher ideal, mas, com o passar do tempo, só o que consegue é ficar mais velho. (p. 205)*
- *A paixão é um truque biológico da natureza que tem como objetivo a união entre homem e mulher pelo tempo suficiente para procriar. (p. 207)*
- *A mulher percebe quando não é amor. Por isso, se é preciso terminar o relacionamento, toma a iniciativa. (p. 209)*
- *Para a mulher, amor e sexo estão entrelaçados. Um não anda sem o outro. Enquanto a mulher faz amor, o homem faz sexo. (p. 211)*
- *“O senhor dormiu com esta mulher?” – perguntou o juiz. “Não, excelência, nem um segundo!” (p. 211)*
- *Para a mulher, o homem que merece nota cinco às sete da noite recebe a mesma nota à meia noite, não importa quantas doses ela tenha bebido. (P. 212)*
- *As mulheres preferem os homens de bunda bem torneada e firme, embora a maioria não saiba por quê. (p. 214)*
- *Nunca se esqueça de que a mulher é romântica. Ela gosta de vinho, flores e chocolate. Mostre que você também gosta... Pelo menos, fale nisso de vez em quando. (p. 216)*
- *Quer saber se um homem está pronto para fazer sexo? Veja se ele está respirando. (p. 216)*
- *Depois de casado, o homem sabe tudo sobre sua mulher. Então, para que conversar? (p. 219)*

- “Amor de primavera” é só para animais com período de gestação curto. (p. 221)
- A rosa é a flor do amor. Depois de três dias, as pétalas caem e você fica com uma coisa feia e pontuda nas mãos. (p. 223)
- É bom ser homem porque se pode comprar nabo e pepino sem constrangimento. (p. 226)
- Duas em três mulheres se afastam do trabalho nove dias por ano devido ao estresse. (p. 227)
- Você é uma mulher trabalhando sob uma hierarquia tradicionalmente masculina? Então, tem duas opções: pedir demissão ou se masculinizar. (p. 229)

2.1.2 – “Por que os homens mentem e as mulheres choram? Uma visão científica (e bem humorada) de nossas diferenças”.

O outro livro de Bárbara e Allan Pease, **Por que os homens mentem e as mulheres choram?** é uma continuidade do anterior. Nele os autores pretendem aprofundar e explicar detalhadamente conceitos e afirmações polêmicas apresentadas no primeiro. As explicações de cunho biológico se mantêm explicitamente como causa dos comportamentos de ambos os sexos. O objetivo continua sendo o de ajudar os casais a perceber suas diferenças para melhorar a qualidade das relações cotidianas: a promessa de ganho e alívio para ambos permanece. A base do raciocínio é de que homens e mulheres não são nada parecidos, logo a indicação é de entender, administrar e gostar das diferenças. A recompensa afiançada é de amor e carinho.

A rabugice é o tema do primeiro capítulo. Entendida como reclamação constante, “rabujar” é definido como sinônimo de aborrecimento, tormento, “encheção de saco”, “torração de paciência”, repreensão, amolação, “fungação no cangote”, admoestação, altercação, dominação (no caso do marido), importunação, aflição, provocação e irritação. E rabugento é definido como: “*indivíduo, especialmente mulher, que reclama o tempo todo*” (p. 18). As mulheres, então, são apresentadas como rabugentas e não notam o que as torna merecedoras de tal adjetivo. As mulheres entendem que lembrar aos homens as suas obrigações com o lar, ou a respeito de remédios, de não abusar com a bebida, dentre outras

“obrigações”, são demonstrações de carinho. A sociedade protege o homem rabugento, pois todas as suas insistentes observações são vistas como preocupação com o sexo oposto. É feito um levantamento da rabugice através dos tempos e a mulher é eleita como a rabugenta oficial, que sempre espera que sua “vítima”, movida pelo sentimento de culpa, faça o que ela quer. A rabugice é vista como agressiva e a rabugenta como agressora. O resultado de uma série de reclamações é o ressentimento e a solidão. O agredido se afasta por não gostar de ficar sujeito a sentimentos como a raiva contida, mensagens ambíguas, autopiedade, censura ou de ser constantemente acusado de tudo. A rabugice é sinal de uma ligação de intimidade, logo dificilmente se manifesta em um espaço de trabalho. A mulher não é responsabilizada diretamente pela sua rabugice, ela é apresentada como “refém” de sua estrutura biológica-cerebral, conforme se explicita nessa frase: “*A mulher possui uma estrutura cerebral que lhe permite superar qualquer homem do planeta em termos de falação e rabugice*” (p. 24).

Foto pag 25 e 27, 3 E 4 .

A solução apresentada é que a mulher diga o que realmente quer sem rodeios, diga o que sente, sempre use a primeira pessoa do singular antes de qualquer reclamação, que deixe o homem pensando por uns 30 minutos depois de suas afirmações, e que, ao invés de reclamar com o homem, que o treine para fazer o que ela quer.

O capítulo 2 apresenta uma lista de “*Sete coisas que os homens fazem deixando as mulheres loucas*”. Estas são: 1) oferecer soluções e dar conselhos o tempo todo; 2) passear pelos canais de TV com o controle remoto; 3) não parar o carro para pedir orientação; 4) insistir em deixar o assento do vaso sanitário levantado; 5) criar problemas para irem fazer as compras; 6) terem hábitos pessoais desagradáveis; 7) gostar de piadas grosseiras. Cada tópico é desenvolvido levando em conta as determinações cerebrais e as diferenças de perspectivas de cada um e ao final é sempre apresentada uma solução para cada “problema”.

O terceiro capítulo se propõe responder “*Por que as mulheres choram?*” e aponta os perigos da chantagem emocional. A resposta se inicia por uma justificativa científica:

Foto pag 75

As lágrimas são segregadas por uma glândula localizada acima do olho e eliminadas por dois canais, no canto interno, que deságuam por sua vez na cavidade nasal. Em circunstâncias emocionais ou aflitivas, o excesso de lágrimas que não consegue ser drenado pelos canais lacrimais rola pela face. (p. 75).

O motivo para as mulheres chorarem mais que os homens é que o choro é interpretado por elas como uma forma de confiança, ao contrário deles que o vêem como sinal de fraqueza, e, por isso, acaba sendo usado como forma de aproximação e de manipulação. A chantagem emocional visa conseguir a obediência de uma pessoa a partir da exploração de sua vulnerabilidade. A vantagem aparente é que ela evita o confronto. O capítulo se encerra com dicas de como lidar com um chantagista emocional.

O título do capítulo 4 é: *“O sistema ultra-secreto de pontuação das mulheres” ou “como estragar a semana de um homem”*. Aqui é sugerido que as mulheres fazem uma lista de pontos (ponto é um ato que agrada uma mulher) a partir de coisas pequenas, do dia-a-dia, como levar o lixo pra rua, colocar as toalhas de banho para secar no local adequado, mostrar interesse enquanto ela fala, beijá-la sem boliná-la, telefonar avisando que vai chegar tarde, arrumar a cama, tirar a mesa, abrir uma tampa apertada, abrir a porta do carro pra ela, ceder-lhe o casaco quando faz frio, colocar o telefone da sua mãe no discador rápido, dizer que sente a sua falta, abaixar a tampa do vaso sanitário, entre outros. E os homens fazem sua lista a partir de um “quadro geral” no qual passam despercebidas ações cotidianas; por conseguinte, na lista masculina entra: trabalhar cinco dias na semana, dar carona para a sogra, montar o aeromodelo das crianças, fazer churrasco para os amigos, investigar ruídos noturnos, completar o óleo do carro, lavar o carro, trabalhar até tarde da noite, pendurar quadros na parede, reconfigurar a caixa de som, também entre outros. Os autores afirmam que os homens atribuem mais pontos que as mulheres, devido ao fato de terem o cérebro espacialmente orientado para tarefas físicas e espacialmente relacionadas. A mulher não apenas conta os pontos como os acumula durante longos períodos e nunca os esquece.

O capítulo 5 segue “*Esclarecendo os sete maiores mistérios dos homens*”. Estes mistérios são: 1) Homens nunca sabem nada sobre a vida de seus amigos; 2) Homens evitam assumir compromissos; 3) Homens sentem a necessidade de estar sempre com a razão; 4) Homens adultos se interessam por “brinquedos” de meninos; 5) Homens só conseguem fazer uma coisa de cada vez; 6) Homens são fanáticos por esportes; 7) Conversas masculinas no banheiro; O capítulo é todo ilustrado com casos reais ou fictícios que ajudam a decifrar esses “*mistérios*” e também termina apontando uma solução para o maior entendimento por parte da mulher sobre o comportamento do homem.

O capítulo 6 – “*A outra mulher*” – fala sobre a mãe dele. Os problemas com sogras são apontados como predominantes na vida da mulher e não do homem. Esses se apresentam como insolúveis a princípio e podem causar infidelidade, angústia e, em última instância, o divórcio. O texto transcorre expondo o ponto de vista de cada uma das partes envolvidas, no caso a esposa, o marido e a sogra dela, com a intenção de que cada um passe a ser mais compreensivo e em determinados casos mais assertivo e rigoroso, com a intenção clara de estabelecer limites para o outro.

O sétimo capítulo, intitulado “*Os misteriosos caminhos da linguagem feminina*”, expõe que as mulheres

evoluíram agrupadas com outras mulheres e crianças dentro e nas proximidades das cavernas. A capacidade de construir e consolidar relacionamentos íntimos era fundamental para a sobrevivência de cada uma delas. Os homens evoluíram perseguindo alvos móveis. Quando se engajavam em alguma atividade, as mulheres falavam o tempo todo, como forma de se manterem unidas. Enquanto isso, os homens, quando caçavam e pescavam, evitavam falar para não espantar a presa. (p. 147).

As soluções passam por: 1) Cada um aprender as diferenças de motivações e necessidades do outro e evitar assim o excesso de críticas ou acusações; 2) O homem não pode esquecer que a mulher precisa falar para se sentir melhor, o que a leva a narrar muito mais detalhadamente um problema. Logo é necessário que ele a ouça e a aconselhe se, e somente se, ela pedir; 3) O homem entender a necessidade feminina de exagerar as emoções e a partir dessa percepção, não levar todas as suas

expressões desproporcionais ao pé da letra. Jamais deve chamá-la de “rainha do drama” ou algo que o valha; 4) Mulheres, no trabalho ou em uma conversa com outros homens, devem procura usar apenas o discurso direto e entender que isso não é uma forma agressiva de se expressar. Se a mulher estiver divagando muito o homem deve estipular-lhe um tempo limite no qual ele está a disposição para ouvi-la; 5) Por último o homem deve entender que a necessidade que as mulheres têm de saber detalhes e informações pessoais está programada em sua psique e visa à sobrevivência dos relacionamentos. Logo, ao falar com uma mulher é importante que o homem lhe forneça mais detalhes do que o de costume e também não se impaciente com suas questões.

“*Todo mundo mente*”. Essa é uma das primeiras frases do capítulo 8, “*Você acha que eu fico gorda com esta roupa*” ou “*Por que os homens mentem?*”. Aqui os autores afirmam que a maioria das mentiras ocorre nos primeiros encontros com o sexo oposto, pois todos querem se apresentar da melhor maneira possível. Em casos como esse, a mentira é considerada branda e aceitável, por fazer parte do tecido social que impede os seres humanos de se ferir e insultar mutuamente com a verdade dura, fria ou dolorosa. Os motivos que levam à mentira são basicamente dois: 1) obtenção de ganho pessoal e 2) intenção de evitar uma dor. A culpa que o mentiroso sente depois de mentir é a principal pista que ele deixa para que a mentira seja distinguida da verdade. Os quatro tipos de mentiras são: 1) branda, 2) benéfica, 3) maliciosa e 4) dolosa. A última é a pior delas, pois visa deliberadamente ferir ou tirar vantagem da vítima em benefício próprio. Os mentirosos se dividem em dois grupos: 1- os naturais, 2- os não-naturais. As mentiras mais comuns contadas pelos homens às mulheres são: “1) *Eu não estou bêbado*; 2) *De uma vez por todas, eu nunca transei com essa mulher*; 3) *O sexo com minha ex era uma droga*; 4) *Ela é só minha amiga. Que mal há nisso?*”. Na sua maioria essas mentiras são detectadas por envolverem emoções que “*piscam como luzes vermelhas verbais ou visuais. Quanto maior a mentira e quanto mais emoções envolvidas, mais pistas serão deixadas pelo mentiroso*”. As mulheres têm mais facilidades que os homens em detectar uma mentira, pois seu cérebro “*está organizado em múltiplas trilhas, de modo que ela pode lidar com várias*

informações ao mesmo tempo. Isso lhe dá a vantagem emocional de saber ler os sinais corporais e ouvir o que está sendo dito enquanto fala” (p. 177). Em resumo, os homens não mentem mais que as mulheres, é que eles são muito mais vezes pegos em suas mentiras e, por não deterem os arranjos cerebrais que auxiliam a flagrar o mentiroso, as mentiras femininas passam despercebidas. O capítulo termina com duas listas, uma de sinais que denunciam a mentira nos homens, e outro que ensina como não ser vítima de mentiras, além de um dicionário contendo 24 exemplos de padrões da linguagem masculina.

No capítulo 9 – “*O teste de apelo sexual da mulher*” – os autores ensinam as mulheres a tornarem conscientes os mecanismos usados por elas para fazerem os homens funcionarem. O capítulo é composto por um teste com 20 questões para a leitora e a interpretação da pontuação a leva a perceber se ela é uma deusa do sexo, uma *miss* elegância ou se é necessário caprichar.

O décimo capítulo aborda o poder de atração sexual feminina: “*O que faz os olhos dos homens saltarem?*”. Nele os autores asseguram que para os homens a atração se dá no nível biológico, por isso ele passa a se interessar a partir do momento em que a mulher “*exibe dotes que lhe permitem transmitir seus genes à próxima geração*” (p. 202). Já para a mulher “*um homem atraente é aquele que se apresenta como biologicamente capaz de lhe proporcionar alimento e segurança durante a criação dos filhos*” (p. 202). Uma afirmação relevante nesse texto é a de que “*em ambos os sexos, as respostas a esses sinais primitivos de atração estão programadas no cérebro*” (p. 202). A lista com 13 fatores que estimulam os homens por ordem de prioridade é: 1) silhueta atlética, 2) boca sensual, 3) seios fartos, 4) pernas longas, 5) quadris redondos/ cintura fina, 6) nádegas hemisféricas, 7) olhos atraentes, 8) cabelos longos, 9) nariz pequeno, 10) ausência de barriga, 11) costas arqueadas, 12) vulva arqueada e 13) pescoço alongado. A afirmação abaixo justifica o fato de o restante do capítulo ser ocupado com dicas e conselhos para que as mulheres

nos últimos sessenta anos, quase todos os estudos sobre a atração chegaram às mesmas conclusões a que chegaram pintores, poetas e escritores nos últimos seis mil anos: o corpo e a aparência da mulher

exercem maior atração sobre os homens do que sua inteligência e qualidades, mesmo no politicamente correto século XX. (p. 204)

O capítulo 11 – “*O teste do apelo sexual masculino*” – é complemento do anterior, voltado agora para o auto-conhecimento masculino. O capítulo apresenta 17 perguntas e a análise da pontuação final leva o leitor masculino a prognosticar se seu comportamento está sendo decodificado pelas mulheres como o de um gatão, um gato, ou um gato vira-lata.

No capítulo 12 – “*O que atrai as mulheres*” – é apresentada uma lista com os principais fatores estimulantes das mulheres por ordem de importância: 1) corpo atlético, 2) peito e ombros largos e braços musculosos, 3) bunda pequena e firme, 4) cabelo farto, 5) boca sensual, 6) olhos bondosos, 7) nariz e queixo fortes, 8) quadril estreito e pernas musculosas, 9) ausência de barriga, 10) pênis grande e 11) barba de três dias. A solução apresentada para que o homem se torne atraente é, em primeiro lugar, trabalhar as técnicas de comunicação e relacionamento. Depois, buscar um emprego em que tenha satisfação e realize seu potencial, além de ter planos e objetivos e estar comprometido com eles. Terceiro, matricular-se em uma escola de dança e numa academia para entrar em forma.

O último capítulo trata da aposentadoria: “*Quando o caçador pendura o arco*”. Aqui afirma-se que as mulheres se abatem muito menos que os homens após a aposentadoria, por não terem dado ao trabalho o mérito de ter sido prioridade durante toda a vida. Assim, se aposentar para elas é só deixar de trabalhar, mas não acaba sua vida social nem familiar. Como o homem tem mais dificuldades, as dicas são: ter um plano de aposentadoria, que implica em aumentar os interesses durante a vida de trabalho, criar um círculo de amigos fora do ambiente de trabalho, fazer um investimento de tempo com cuidados com a saúde, se voluntariar em trabalhos sociais e comunitários, ficar atento à espiritualidade e incluir sexo em sua rotina.

Seguem agora os destaques em olhos na composição gráfica do livro:

- *Nascemos nus, molhados e famintos. Depois as coisas pioram (Provérbio Chinês).* (p. 7)
- *As mulheres se preocupam com o futuro ate arranjam um marido. Os homens nunca se preocupam com o futuro até que arranjam uma esposa.* (p. 8)

- *Se uma mulher esbofeteia um homem em público, todo mundo parte do princípio de que ele é que está errado. (p. 10)*
- *Qual é a definição de um homem? Um suporte para um pênis. (p. 10)*
- *Estima-se que a bulimia afete de 4 a 5% das universitárias, contra apenas 1 em cada 300 universitários. (p. 11)*
- *Para a mulher, basta conhecer bem um único homem para entender todos os homens; enquanto que um homem nunca entenderá nenhuma mulher, mesmo que conheça todas elas (Helen Rowland). (p. 12)*
- *100% dos divórcios começam com o casamento. (p. 14)*
- *Rabujar: aborrecer, atormentar, encher o saco, torrar a paciência, repreender, amolar, ficar fungando no cangote, molestar, alterar, dominar (o marido), importunar, afligir, provocar, irritar. Rabugento: indivíduo, especialmente mulher, que reclama o tempo todo. (p. 18)*
- *As mulheres reclamam; os homens dão instruções. (p. 20)*
- *Quanto mais reclama, mais isolada fica. (p. 24)*
- *O cérebro masculino só tem uma trilha. O homem não consegue fazer amor e explicar ao mesmo tempo por que não levou o lixo para fora. (p. 26)*
- *As deusas do sexo não reclamam das roupas largadas pela casa - elas deixam as próprias roupas espalhadas pelo chão. (p. 29)*
- *Não se ganha prêmios literários escrevendo fantásticas listas de compras. (p. 31)*
- *Estudos provam que os homens casados vivem mais tempo do que os solteiros. Mas alguns homens dizem que o tempo é que parece mais longo. (p. 31)*
- *Sejam firmes com vocês mesmos, não apenas com seus filhos. (p. 38)*
- *O homem se valoriza pelos resultados que é capaz de alcançar ou pela precisão com que consegue atingir uma zebra em movimento. (p. 45)*
- *Quando um homem pede conselho a outro homem, aquele que dá o conselho encara a consulta como um elogio. (p. 46)*
- *A mulher quer apenas que o homem a ouça com interesse, mas ele pensa que ela está lhe pedindo uma solução. (p. 47)*
- *Em geral, a mulher quer ser ouvida, não aconselhada. (p. 52)*
- *No paraíso, cada homem tem três controles remotos e os assentos do vaso sanitário ficam sempre levantados. (p. 53)*
- *Os homens não querem saber o que está passando na televisão, eles querem saber o que mais está passando na televisão. (p. 54)*

- *O silêncio do homem não significa que ele não a ama. Significa que ele quer um momento de sossego. (p. 55)*
- *Os homens nunca se perdem – só descobrem destinos alternativos. (p. 56)*
- *Por que são necessários quatro milhões de espermatozoides para encontrar e fertilizar um único óvulo? Porque nenhum deles gosta de perguntar qual é o caminho. (p. 57)*
- *Os homens, quando vão ao banheiro, nunca levam um grupo de apoio. (p. 57)*
- *Para um homem, um par de sapatos, um terno e duas camisas duram anos, talvez décadas. E o melhor é que, por causa disso, a carteira dele dura muito mais. (p. 60)*
- *A mulher se veste cuidadosamente de acordo com o tempo, a estação, a moda, a cor do cabelo, da pele e dos olhos, o lugar aonde está indo, a forma como se sente naquele dia, com quem está saindo e o que irão fazer. Para o homem, basta dar uma cheiradinha na roupa que deixou no encosto da cadeira. (p. 61)*
- *O que se pode dizer de um homem bem vestido? Que a esposa escolhe bem as roupas. (p. 62)*
- *Eu sempre seguro a mão dela. Se eu soltar ela compra. Allan Pease - (p. 63)*
- *A vantagem de ser homem é não ter de sair da sala pra ajeitar as partes íntimas. (p. 64)*
- *Nunca se deve deixar um homem comer alimentos produtores de gases menos de duas horas antes de se deitar. (p. 65)*
- *Osama bin Laden tem 53 irmãos e irmãs, 13 esposas, 28 filhos e mais de 300 milhões e dólares. Mas ele diz que odeia os americanos por causa do estilo de vida excessivo que eles levam. (p. 68)*
- *Pobre homem, encurralado entre três mulheres que choram, cada um com sua queixa específica. A filha: “Se você gostasse de mim de verdade, me dava um bicicleta nova! A mãe da Sally deu uma pra ela!!!” A mulher: “você se esqueceu do nosso aniversário de casamento! Nossa relação caiu na rotina, você não me ama mais!” A velha mãe: “Não precisam se preocupar comigo... Estou velha, doente logo, logo vou morrer.” (p. 74)*
- *As focas e as lontras do mar não usam lágrimas como instrumento de manipulação. Os humanos, sim. (p. 77)*
- *As pessoas que fazem chantagem emocional são, mais comumente, parentes e amigos. (p. 80)*
- *A chantagem parece ser o caminho mais fácil porque permite à pessoa evitar o confronto. (p. 81)*
- *Os homens usam a abordagem direta e bem estruturada para conseguir o que querem. As mulheres preferem a chantagem emocional. (p. 81)*
- *Adultos que usam chantagem emocional criam filhos que são ainda melhores nessa prática. (p. 86)*

- *Nunca se esqueça – chantagistas emocionais são como fanfarrões e crianças malcriadas e devem ser tratados como tal. (p. 91)*
- *Evite contrapor com ameaças, insultos ou atacar as vulnerabilidades do chantagista. (p. 93)*
- *Não brigue nem discuta com chantagista – treine-o. (p. 93)*
- *A vítima pode estar, inconscientemente, repassando as conseqüências da chantagem emocional a outros membros da família e aos amigos. (p. 94)*
- *A ameaça de perder o amor faz de muitas mulheres presas fáceis de chantagistas. (p. 96)*
- *A mulher atribui um ponto por ação ou presente, independentemente do tamanho. Se o homem tivesse também um sistema de pontuação, atribuiria pontos conforme o tamanho da ação ou do presente. (p. 99)*
- *A mulher mantém o placar e nunca esquece. (p. 100)*
- *Para a mulher o que importa não é o tamanho, é a freqüência. (p. 100)*
- *Por que não experimentamos mudar de posição esta noite? ele perguntou. “Boa idéia!”, disse ela. “ Você vai para a pia e eu fico soltando puns no sofá”. (p. 104)*
- *Todos os homens são iguais. Só as caras é que são diferentes para a gente poder distinguir um do outro (Marilyn Monroe). (p. 107)*
- *O homem sabe todas as piadas que o amigo lhe contou, mas não sabe que ele se separou da mulher. (p. 112)*
- *Quando um homem está com amigos e não conversa, isso não significa que eles brigaram; é porque ele está olhando a fogueira. (p. 112)*
- *Se você quer um homem fiel, procure num hospício (Mae West). (p. 116)*
- *Casei-me com o Sr. Com-a-Razão. Só não sabia que o primeiro nome dele era Sempre. (p. 119)*
- *O homem acha que ouvir conselho da mulher equivale a ouvir que está errado e que não merece a confiança dela. (p. 121)*
- *Chamar um bombeiro sem antes consultar o homem da casa pode ser interpretado como um grave insulto. (p. 123)*
- *A única diferença entre os homens e os meninos é o preço de seus brinquedos. (p. 124)*
- *O homem tem duas vezes mais probabilidade do que a mulher de se envolver num acidente de carro enquanto fala num telefone celular. (p. 126)*
- *Os esportes permitem que o homem faça parte de um grupo de caçadores. (p. 127)*
- *Os homens podem ser tomados por intensa emoção quando assistem esporte, o que raramente ocorre em sua relação afetiva. (p. 128)*

- *“Minha mulher me disse que, se eu não largasse a obsessão pelo meu time de futebol, ela me largaria. Vou sentir muito a falta dela”.* (p. 128)
- *Banheiros femininos são uma rede de salas de espera e centros de aconselhamento onde você pode conhecer pessoas novas e interessantes.* (p. 130)
- *Qual a diferença entre a sogra e o urubu? O urubu espera você morrer pra devorar seu fígado.* (p. 132)
- *“Eu recebi hoje um e-mail avisando que minha sogra tinha morrido e perguntando se eu ia mandar enterrar, cremar ou embalsamar”. Eu respondi: “Claro – providencie os três”.* (p. 133)
- *Um homem conheceu uma mulher maravilhosa e dela ficou noivo. Providenciou um jantar, naquela mesma noite, para que sua mãe a conhecesse. Mas chegou acompanhado de três mulheres – uma loura, uma morena e uma ruiva. A mãe perguntou por que ele trouxera três, em vez de apenas uma. Ele disse que queria saber se ela era capaz de adivinhar qual das três mulheres era a sua futura nora. Depois de examinar cuidadosamente cada uma delas, a mãe respondeu: “É a ruiva”. “Como foi que você adivinhou tão rápido?”, ele perguntou. E ela respondeu: “Porque não fui com a cara dela”.* (p.134)
- *Adão e Eva foram o casal mais feliz e afortunado do mundo, porque nenhum dos dois tinha sogra.* (p. 137)
- *Quantas sogras são necessárias pra trocar uma lâmpada? Uma. Ela fica segurando a espera de que o mundo gire ao seu redor.* (p. 138)
- *Qual a diferença entre um pit-bull e uma sogra? O pit-bull acaba te soltando.* (p. 140)
- *A melhor época para se cortar o cordão umbilical é o nascer.* (p. 142)
- *Eu e minha sogra fomos felizes durante vinte anos. Até a gente se conhecer.* (p. 143)
- *Se você conseguisse convencer sua sogra a caminhar quinze quilômetros por dia, depois de uma única semana ela estaria a 105 quilômetros de distância.* (p. 144)
- *Você já viu cobra voar? Então experimente jogar sua sogra pela janela.* (p. 145)
- *O cérebro do homem é orientado para soluções. O da mulher, para processos.* (p. 149)
- *Ao lhe fazer confidências pessoais, ela não está se queixando – está demonstrando que confia em você.* (p. 149)
- *As mulheres usam o silêncio para punir os homens. O problema é que os homens adoram o silêncio.* (p. 150)
- *Meu marido e eu decidimos nunca dormir antes de resolver nossas pendências. Uma noite nós ficamos acordados durante seis meses (Phyllis Diller).* (p. 152)
- *Existem duas teorias sobre como discutir com uma mulher. Nenhuma delas funciona.* (p. 152)

- *Uma das cem coisas que a mulher gostaria que os homens soubessem: tudo o que ela disse há seis ou oito meses é inadmissível na discussão atual. (p. 153)*
- *O exagero torna muito mais excitantes as conversas sobre relacionamentos. (p. 154)*
- *Eu quero um milhão... mas um de cada vez (Mae West sobre os homens). (p. 155)*
- *Quando um homem não consegue acompanhar o discurso de negócios de uma mulher, ele finge que entende. (p. 160)*
- *Filhos não “querem” fazer tarefas domésticas, eles precisam ser instruídos diretamente a fazê-las. (p. 161)*
- *Diga sempre a verdade – depois saia correndo. Provérbio - (p. 167)*
- *Só os inimigos dizem a verdade. Amigos e amantes, apanhados na teia da obrigação, mentem sem parar (Stephen King). (p. 169)*
- *As pesquisas mostram que 30-40% dos pacientes obtêm alívio com placebos. (p. 171)*
- *A verdade vai libertá-lo, mas primeiro ela vai ferrar você (Mal Pancoast). (p. 172)*
- *As pessoas dizem gostar da verdade, mas o que elas querem mesmo é acreditar que gostam da verdade. (p. 173)*
- *A mulher mente para fazer o homem se sentir bem. O homem mente pra se fazer de bom. (p. 174)*
- *A principal pergunta dos homens que faz as mulheres mentirem é: “Que tal, foi bom?” (p. 175)*
- *O homem precisa atingir o seu alvo com precisão e não ter com ele uma conversa profunda e cheia de significado. (p. 177)*
- *“Eu posso me encrencar por uma coisa que não fiz?” perguntou o aluno. “Não”, respondeu o diretor. “Ótimo, porque eu não fiz o dever de casa”. (p. 179)*
- *O pai se aproxima dos filhos que discutem acaloradamente ao lado de um cachorrinho. “Qual é a razão da briga?”, pergunta o pai. “Estamos fazendo um concurso”, respondem os meninos. “Quem contar a maior mentira ganha o cachorro”. “Que coisa feia!” reage o pai. “Eu nunca menti!” Os meninos se põem a chorar, desolados: “Papai, você ganhou o cachorro!” (p. 180)*
- *Quando a pessoa balbucia uma resposta a uma pergunta direta, desconfie. (p. 186)*
- *Os homens jamais entenderão as mulheres e as mulheres jamais entenderão os homens. E isso é algo que homens e mulheres jamais entenderão. (p. 192)*
- *As mulheres gostam de homens mais velhos porque eles têm mais experiência e mais acesso a recursos. (p. 202)*

- *Pessoas atraentes conseguem melhores empregos, salários mais altos, tem mais credibilidade e até mais permissão pra descumprir as normas do que seus correlativos menos atraentes. Bill Clinton é a prova disso. (p. 203)*
- *Ao exibir fotografias de mulheres “bonitas” a homens heterossexuais, pesquisadores do Hospital Geral de Massachusetts descobriram que essas imagens ativam as mesmas partes do cérebro que a cocaína e o dinheiro. (p. 204)*
- *A esposa é escolhida por sua virtude; a concubina, por sua beleza (Provérbio Chinês). (p. 204)*
- *Os homens preferem aparência a cérebro porque a maioria deles enxerga melhor do que raciocina (Germaine Greer). (p. 204)*
- *Por que os homens têm dificuldade em manter contato visual? Porque os seios não têm olhos. (p. 206)*
- *Para a mulher, um degrau para o estrelato. Para o homem, uma escada para o céu. - (p. 207)*
- *Decidi entrar em forma. A forma que escolhi foi a redonda (Roseanne). (p. 208)*
- *O rosto da mulher é uma tela sobre a qual, diariamente, ela pinta um retrato de seu eu interior (Picasso). (p. 211)*
- *Bambi, Barbie e Minnie Mouse têm nariz pequeno. (p. 213)*
- *Não se compare com as imagens das revistas femininas. Elas só farão você se sentir feia. (p. 217)*
- *A atração sexual é 50% aquilo que você tem e 50% aquilo que os outros pensam que você tem (Zsa Zsa Gabor). (p. 218)*
- *Para a mulher, ter senso de humor não quer dizer contar piadas. Quer dizer rir das piadas dele. (p. 218)*
- *“Você ainda vai me amar quando eu ficar velha e de cabelo branco?”, ela perguntou. “Eu não só vou amá-la”, ele respondeu, “como vou lhe escrever”. (p. 219)*
- *Não existe mulher feia, existe mulher preguiçosa (Helena Rubinstein). (p. 220)*
- *A simetria corporal do homem é mais importante para a mulher do que a simetria facial - razão pela qual os campeões de boxe muitas vezes atraem belas mulheres. (p. 227)*
- *Nádegas pequenas e firmes indicam maior chance de concepção. (p. 231)*
- *Para algumas, é um careca. Para outras, é uma máquina de fazer sexo. (p. 232)*
- *O rapazinho estava apavorado com a primeira vez que ia fazer sexo com sua namorada, porque tinha certeza de que seu pênis era muito pequeno. Mas como não podia adiar para sempre, acabou convidando-a para ir ao seu apartamento. Lá chegando, ele abaixou a luz e começou a tirar a roupa. Depois, com cuidado, começou a despi-la e acariciá-la. Nervoso, ele afinal colocou o membro ereto na mão dela, desejando que ela não reparasse no tamanho. “Não, obrigada”, ela disse, “eu não fumo.” (p. 235)*

- *A mulher deseja um homem que seja terno, carinhoso e comunicativo, mas também forte, robusto e masculino. O problema é que ela não pode tê-lo, porque ele já tem namorado. (p. 237)*
- *Dentro de cada idoso há uma pessoa jovem pensando: “Que diabo aconteceu?” (p. 239)*
- *Os esportes modernos são uma forma de substituir a caçada. (p. 243)*
- *Você percebe que está aposentado quando sabe todas as respostas mas não tem ninguém para lhe fazer as perguntas. (p. 244)*
- *Os homens valorizam as realizações, as mulheres, os relacionamentos. (p. 244)*
- *Era um casal de 70 anos que sempre teve ótima saúde devido a insistência da mulher com alimentação saudável e exercícios. Um belo dia, morrem os dois num acidente de automóvel. Na porta do paraíso, São Pedro lhes apresenta sua nova vida. E lhes mostra uma mansão fabulosa. “Mas quanto isso vai custar”, pergunta o homem. “Nada”, responde São Pedro. “É de graça. Aqui é o céu.” Mostra-lhes em seguida um maravilhoso campo de golfe atrás da mansão. “Mas quanto custa entrar para sócio?”, pergunta o homem. “Nada. É de graça. Aqui é o céu.” E por fim os leva ao restaurante local e lhes mostra o menu, cheio de pratos deliciosos com vários tipos de molho cremoso. “Mas nós só comemos comida sem gordura, com pouco sal, sem derivados de leite, e de baixa taxa de colesterol”, diz o homem. “Não se preocupe”, diz São Pedro, “Aqui é o céu. Não há calorias no céu, vocês podem comer quanto quiserem que ainda estarão magros e saudáveis”. Ao ouvi-lo, o homem se vira, indignado, para a esposa. “Sua desgraçada!”, ele berra com ela. “Se você não insistisse para a gente comer comida saudável e fazer exercícios, nós poderíamos ter chegado aqui dez anos antes!” (p. 246-247)*
- *O homem gosta de pensar que seu “grupo de caça” ainda precisa dele. (p. 248)*
- *Aposentados que não planejaram sua vida estão constantemente doentes. (p. 248)*
- *Um casal de aposentados estava sentado à mesa do jantar conversando sobre a velhice. “O pior”, dizia a mulher, “é o esquecimento”. “Como assim”, perguntou o marido. “Ora, eu estou no meio de uma coisa e esqueço o que estava fazendo”, ela respondeu. “Um dia, na semana passada, eu estava no alto da escada pensando se tinha acabado a chegar em cima ou se estava começando a descer”. “Hum!”, disse o homem. “Eu nunca tive esse tipo de problema”. A mulher sorriu com tristeza. “Aí, ontem eu estava sentada no carro me perguntando se tinha acabado de entrar para ir a algum lugar ou se tinha acabado de chegar em casa e estava saindo do carro”. O homem grunhiu: “Não, eu nunca passei por algo assim”, ele insistiu. “Minha memória é perfeita, e bate na madeira.” E deu duas batidinhas na mesa. Depois olhou intrigado para a porta e perguntou: “Quem é?” (p. 250-251)*
- *Homens ocupados em atividades estressantes e que ao se aposentarem não fazem nada morrem cedo. (p. 251)*
- *Estudos mostram que quanto mais cedo você planeja a sua aposentadoria, melhor saúde terá e mais tempo irá viver. (p. 252)*

2.1.3 – “Homens são de Marte, Mulheres são de Vênus - Um guia prático para melhorar a comunicação e conseguir o que você quer nos seus relacionamentos”.

O livro de John Gray, **Homens são de Marte, Mulheres são de Vênus**: é composto pelos seguintes capítulos:

- 1- Homens são de Marte, mulheres são de Vênus;
- 2- O sr. Conserta-Tudo e o comitê para o progresso da casa;
- 3- Os homens vão para as suas cavernas e as mulheres falam;
- 4- Como motivar o sexo oposto;
- 5- Falando línguas diferentes;
- 6- Os homens são como elásticos;
- 7- As mulheres são como ondas;
- 8- Descobrimo nossas diferentes necessidades emocionais;
- 9- Como evitar discussões;
- 10- Marcando pontos com o sexo oposto;
- 11- Como comunicar sentimentos difíceis;
- 12- Como pedir apoio e receber;
- 13- Mantendo viva a magia do amor;

O primeiro capítulo inicia dando o tom do livro todo, e os primeiros parágrafos são:

Imagine que os homens são de Marte e as mulheres são de Vênus. Um dia, há muito tempo os marcianos, olhando através de seus telescópios, descobriram as venusianas. Bastou uma olhadela nas venusianas para despertar sentimentos desconhecidos até então. Eles se apaixonaram e rapidamente inventaram a viagem espacial e voaram até Vênus.

As venusianas receberam os marcianos de braços abertos. Elas sabiam intuitivamente que esse dia iria chegar. Seus corações se abriram para um amor que nunca tinham sentido antes.

O amor entre as venusianas e os marcianos era mágico. Eles se deliciavam em estar juntos, fazer coisas juntos e participar juntos. Apesar de serem de mundos diferentes, eles se divertiam com suas diferenças. Passaram meses aprendendo um sobre o outro, explorando e apreciando suas necessidades, preferências e padrões de comportamento diferentes. Por anos seguidos viveram em amor e harmonia.

Aí eles decidiram voar para a Terra. No começo tudo era maravilhoso e lindo. Mas os efeitos da atmosfera da Terra assumiram o controle, e certa

manhã todos acordaram com um tipo peculiar de amnésia – amnésia seletiva!

Tantos os marcianos quanto as venusianas esqueceram que eram de planetas diferentes e que deviam ser diferentes. Naquela manhã tudo o que tinham aprendido sobre suas diferenças foi apagado de sua memória. E desde esse dia homens e mulheres têm vivido em conflito. (p. 19).

O objetivo do autor nesse livro é, portanto, discutir as diferenças entre homens e mulheres detalhadamente, a partir desta distinção inicial.

No capítulo 2 ele examina como os valores dos homens e das mulheres são inerentemente diferentes. Homens valorizam o poder, a competência, a eficiência e a realização, logo estão constantemente fazendo coisas para se provarem e desenvolverem seu poder e suas habilidades. Mulheres têm valores diferentes, elas valorizam o amor, a comunicação, a beleza e os relacionamentos, e por sua vez passam muito tempo amparando, ajudando e acalentando-se umas às outras. “*Seu senso de si mesma é definido pelos seus sentimentos e pela qualidade dos seus relacionamentos*” (p. 28). O autor apresenta a sua opinião a respeito dos dois erros mais comuns no que diz respeito ao sexo oposto:

1) “*Um homem tenta mudar os sentimentos de uma mulher quando ela está aborrecida tornando-se o sr. Conserta-Tudo e oferecendo soluções para os seus problemas que invalidam os sentimentos dela*” e 2) “*Uma mulher tenta mudar o comportamento de um homem quando ele comete erros tornando-se o comitê para o progresso da casa e oferecendo conselhos e críticas não solicitados.*(p. 29).

Gray defende a idéia de que através da compreensão do nosso passado marciano/venusiano se torna óbvio por que homens e mulheres cometem erros sem se dar conta. A intenção declarada é de que os leitores corrijam seus erros e passem a responder imediatamente um ao outro de maneira mais produtiva.

No capítulo 3 são demonstradas as maneiras diferentes com que os homens e as mulheres lidam com o estresse. Enquanto os marcianos tentam se afastar e pensar silenciosamente sobre o que os está incomodando, as venusianas sentem uma necessidade instintiva de conversar sobre aquilo que as incomoda. Esse excerto do texto explicita bem esse capítulo:

*Quando um marciano fica aborrecido, ele nunca fala sobre o que o está incomodando. Ele jamais chatearia outro marciano com seu problema, a menos que a assistência de seu amigo fosse necessária para resolver o problema. Em vez disso, ele fica calado e vai para sua caverna particular para pensar sobre o problema, ruminando sobre ele para achar a solução. Quando acha uma solução, se sente muito melhor e sai da caverna. (...)
Quando uma venusiana fica aborrecida ou estressada com o seu dia, para encontrar alívio, ela procura por alguém em quem confie e então conversa com todos os detalhes sobre o problema do seu dia. Quando as venusianas compartilham suas fragilidades, elas repentinamente se sentem melhor. Esse é o jeito venusiano. (p. 41).*

As formas de motivar o sexo oposto é o tema apresentado no capítulo 4. Os homens ficam motivados quando se sentem necessários, enquanto as mulheres ficam motivadas quando se sentem acalentadas. Três passos são propostos como forma de melhorar o relacionamento e cada sexo vencer o desafio que lhe é próprio: os homens precisam superar sua resistência a dar amor enquanto as mulheres têm que superar sua resistência em recebê-lo. Esses passos são: 1) motivação – basicamente significa que o marido deve ouvir mais sua esposa; 2) responsabilidade – a responsabilidade de apoiar a esposa cabe ao marido; 3) prática – o marido deve respeitar os limites da esposa e essa deve aprender a deixar claro quais são esses limites.

O capítulo 5 afirma que homens e mulheres comumente falam línguas diferentes. Um “*Dicionário fraseológico marciano/venusiano*” é fornecido para traduzir expressões comumente mal-interpretadas. Vejamos um exemplo desse dicionário:

*“Está tudo bem” traduzido para venusiano significa “Isso é um problema, mas não é culpa sua. Eu posso resolver isso comigo mesmo se você não interromper meu processo fazendo mais perguntas ou oferecendo sugestão. Aja simplesmente como se isso não tivesse acontecido que eu posso processá-lo dentro de mim mais efetivamente.”
Sem essa tradução, quando ele diz “Está tudo bem”, ela pode escutar “É dessa maneira que deveria ser. Nada precisa ser mudado. Você pode abusar de mim e eu posso abusar de você”, ou ela escuta ‘Está tudo bem agora, mas lembre-se disso como culpa sua. Você pode fazer isso uma vez, mas não faça de novo senão...’ (p. 86).*

O capítulo 6 incita a leitora e o leitor a descobrirem como homens e mulheres têm necessidades diferentes de intimidade. Um homem se aproxima, mas

de repente precisa inevitavelmente se afastar. As mulheres são incentivadas a suportar o processo de afastamento masculino de um modo que faça com que ele salte de volta para ela como um elástico. *“Os homens são como elásticos. Quando se retiram, só podem esticar até uma certa distância antes de saltar de volta. Um elástico é uma metáfora perfeita para entender o ciclo masculino de intimidade. Esse ciclo envolve aproximação, afastamento e, de novo, aproximação”* (p. 105). Segundo o autor o melhor momento para ter conversas íntimas com um homem é quando esse está voltando. Provavelmente depois de um tempo afastado ele retorne como se nada estivesse acontecendo, esse retorno é o melhor momento para a conversa.

Examina-se, no capítulo 7, como as atitudes amorosas de uma mulher aumentam e diminuem ritmicamente num movimento ondulatório. Os homens devem aprender como interpretar essas mudanças de sentimentos, algumas vezes repentinas. Os homens devem aprender também a reconhecer quando eles são mais necessários e como amparar habilidosamente nessas horas sem ter que fazer sacrifícios.

No capítulo 8 diferenças de modos de lidar com sentimentos são exploradas. O autor afirma que homens e mulheres dão o tipo de amor de que precisam e não o tipo de amor de que o sexo oposto precisa. Os homens precisam primordialmente de um tipo de amor que seja confiante, que aceite e aprecie. As mulheres precisam primordialmente que seja carinhoso, que entenda e respeite. Seis maneiras de desestimular o parceiro são apresentadas com o intuito de que se tornem conscientes para que deixem de existir. Um dos erros que as mulheres cometem é: *“Ela não reconhece o que ele faz por ela, mas reclama do que ele não faz”* (p. 154), e um dos erros que os homens cometem é: *“Quando ela está aborrecida ele explica por que ele está certo e por que ela não deveria estar aborrecida”* (p. 156).

No capítulo 9 o assunto abordado é: *“Como evitar discussões dolorosas”*. Os homens devem aprender, na opinião do autor, que agindo como se sempre estivessem com a razão eles podem estar invalidando os sentimentos de uma mulher. As mulheres, por sua vez, devem perceber como, sem saber, elas passam mensagens de desaprovação em vez de discordância, reforçando, desse modo, os

sentimentos de defesa do homem. A anatomia de uma discussão é explorada e esquematizada da seguinte maneira:

1) Uma mulher expressa seu aborrecimento com o assunto X; 2) Um homem explica por que ela não deveria estar aborrecida com X; 3) Ela se sente invalidada e fica mais aborrecida; 4) Ele sente a desaprovação dela e fica aborrecido. Ele a culpa por aborrecê-lo e espera um pedido de desculpas antes de se reconciliar; 5) Ela se desculpa e se pergunta o que aconteceu, ou fica mais aborrecida e a discussão aumenta até virar uma batalha. (p. 177)

O capítulo 10 elucida como homens e mulheres têm um placar de maneiras diferentes. Os homens são convidados a entender que para as venusianas qualquer presente de amor marca tantos pontos quanto qualquer outro presente, independente do tamanho. Em vez de se concentrarem em um grande presente os homens são lembrados de que pequenas manifestações de amor são tão importantes quanto as grandes; 101 maneiras de marcar pontos com as mulheres estão catalogadas. Entre elas: 1) Dê-lhe quatro abraços por dia; 2) Quando estiverem de mãos dadas, não deixe que sua mão fique frouxa; 3) Preste mais atenção nela do que nos outros em público; 4) Dê escapadas românticas; 5) Escreva um recado ou faça um cartaz em ocasiões especiais como aniversários; 6) Mantenha o chão do banheiro limpo e enxugue-o depois de tomar banho 7) Dê-lhe um beijo e se despeça quando sair; 8) Ria das piadas e do humor dela; 9) Não atenda ao telefone em momentos íntimos ou se ela estiver compartilhando sentimentos vulneráveis; 10) Deixe a tampa do vaso sanitário abaixada.

No capítulo 11, aparecem formas de se comunicar um com o outro durante tempos difíceis. As maneiras diferentes de homens e mulheres ocultarem sentimentos são discutidas junto com a importância de compartilhar tais sentimentos. A técnica da carta de amor é recomendada para expressar sentimentos negativos ao parceiro, como uma forma de descobrir o amor maior e o perdão.

Por que venusianas têm maiores dificuldades para pedir ajuda é o assunto do capítulo 12, bem como por que os marcianos resistem aos pedidos. Leitoras são incentivadas a aprender como as frases “Você poderia?” e “Você pode?” desestimulam os homens. A sugestão é que em vez disso as mulheres sigam três

passos: 1) Pedir corretamente o que já está recebendo; 2) Tentar pedir mais (mesmo quando se sabe que ele pode dizer não); e 3) Tentar pedir mais asseveradamente.

No capítulo 13, estão disponíveis “*as quatro estações do amor*”. São elas 1) a primavera, comparada à paixão; 2) o verão, que se dá quando os parceiros percebem que o outro não é tão perfeito quanto se imaginava a princípio e passam a trabalhar o relacionamento; 3) o outono, momento de se colher e experimentar um amor mais maduro que aceita e compreende as imperfeições próprias e do parceiro; 4) o inverno, momento de experimentar a própria dor, quando sentimentos dolorosos emergem, tempo para crescimento solitário e cura profunda. Depois do inverno é inevitável o retorno da primavera. Segundo o autor, essa perspectiva realista de como o amor muda e cresce auxilia a transpor os obstáculos inevitáveis que emergem em qualquer relacionamento. Outra dica é a percepção de que o passado, tanto o feminino quanto o masculino, pode afetar seu relacionamento no presente.

A intenção clara do autor de *Homens são de Marte, Mulheres são de Vênus* é de que a leitora e o leitor descubram “*novos segredos para criar relacionamentos amorosos e duradouros*” (p.23). A promessa é a de que cada nova descoberta aumente a habilidade para ter relacionamentos satisfatórios.

Seguem agora os destaques do livro:

- *Supomos erroneamente que se o (a) nosso (a) parceiro (a) nos ama, ele vai reagir e se comportar de certas maneiras – as maneiras que nós reagimos e nos comportamos quando amamos alguém. (p. 20)*
- *Quando homens e mulheres são capazes de respeitar e aceitar suas diferenças, então o amor tem uma chance de desabrochar. (p. 24)*
- *O senso de si mesmo de um homem é definido pela sua habilidade em alcançar resultados. (p. 26)*
- *Oferecer a um homem um conselho não solicitado é presumir que ele não saiba o que fazer ou que ele não possa fazê-lo por si mesmo. (p. 27)*
- *O senso de si mesma de uma mulher é definido pelos seus sentimentos e pela qualidade dos seus relacionamentos. (p. 28)*
- *Falando em termos gerais, quando uma mulher oferece conselhos não solicitados ou tenta “ajudar” um homem, ela não tem a menor idéia do quanto pode parecer crítica e desamorosa para ele. (p. 31)*

- *Muitas vezes uma mulher quer somente compartilhar seus sentimentos sobre seu dia, e seu marido, pensando que está ajudando, a interrompe oferecendo um fluxo contínuo de soluções para os seus problemas. (p. 32)*
- *Quando nosso (a) parceiro (a) resiste a nós é provavelmente porque cometemos um erro na nossa percepção do momento ou na abordagem. (p. 35)*
- *Um homem quer fazer progressos quando sente que está sendo abordado como a solução de um problema em vez do problema em si. (p. 39)*
- *Para se sentirem melhor, os marcianos vão para suas cavernas para resolver seus problemas sozinhos. (p. 41)*
- *Para se sentirem melhor, as venusianas se encontram e falam abertamente sobre seus problemas. (p. 42)*
- *Uma mulher sob estresse não está preocupada em achar soluções imediatas para seus problemas, mas sim busca alívio expressando-se e querendo ser compreendida. (p. 47)*
- *Para esquecer seus próprios sentimentos dolorosos, uma mulher pode se tornar emocionalmente envolvida com os problemas dos outros. (p. 48)*
- *Do mesmo modo que um homem se satisfaz solucionando os detalhes intrincados da resolução de um problema, uma mulher se satisfaz conversando sobre os detalhes dos seus problemas. (p. 50)*
- *Os homens ficam motivados e fortalecidos quando se sentem necessários. As mulheres ficam motivadas e com autoridade quando se sentem acalentadas. (p. 55)*
- *Quando lhe é dada a oportunidade de provar seu potencial, um homem dá o melhor de si. Somente quando ele sente que não pode ter sucesso é que regressa pra suas velhas fórmulas egoístas. (p. 58)*
- *Não ser necessário é uma morte lenta para os homens. (p. 58)*
- *A tendência de uma mulher a ser compulsiva se dissipa quando ela se lembra de que é merecedora de amor – ela não tem que conquistá-lo; pode relaxar, dar menos, e receber mais. Ela merece. (p. 60)*
- *Quando ela acordar e se lembrar das suas necessidades, ele também acordará e quererá dar-lhe mais. (p. 67)*
- *O mais profundo medo de um homem é de que ele não seja bom o bastante ou que seja incompetente. (p. 68)*
- *Do mesmo modo que as mulheres têm medo de receber, os homens têm medo de dar. (p. 69)*
- *É difícil para um homem ouvir uma mulher quando está infeliz ou desapontada porque ele se sente um fracasso. (p. 70)*
- *As línguas dos marcianos e das venusianas tinham as mesmas palavras, mas a maneira como eram usadas lhes dava significados diferentes. (p. 72)*

- *Para expressar totalmente os seus sentimentos, as mulheres assumem licença poética para usar vários superlativos, metáforas e generalizações. (p. 73)*
- *A reclamação número um que as mulheres fazem de um relacionamento é: “Eu não me sinto ouvida”. Até essa reclamação é mal entendida pelos homens. (p. 74)*
- *O maior desafio para uma mulher é interpretar e apoiar corretamente um homem quando ele não está conversando. (p. 80)*
- *Quando um homem está em silêncio, é fácil para uma mulher imaginar o pior. (p. 81)*
- *Nunca entre na caverna de um homem ou você será queimada pelo dragão! (p. 84)*
- *É muito difícil para um homem diferenciar empatia de simpatia. Ele detesta que sintam pena dele. (p. 95)*
- *Uma mulher não deve ser julgada por precisar dessa reafirmação, assim como um homem não deve ser julgado por precisar da caverna. (p. 98)*
- *Quando um homem ama uma mulher, periodicamente ele precisa se afastar antes de poder se aproximar. (p. 105)*
- *Um homem automaticamente alterna suas necessidades de intimidade e de autonomia. (p. 108)*
- *Até um certo ponto um homem se perde de si mesmo ao entrar em conexão com sua parceira. (p. 110)*
- *O homem passa a entender seu próprio ciclo e reassegura à mulher, quando se afasta, que estará de volta. (p. 123)*
- *A auto-estima de uma mulher sobe e desce como uma onda. Quando ela atingir o fundo, é o momento para uma faxina emocional. (p. 126)*
- *Nos relacionamentos, os homens se retraem e se aproximam, enquanto as mulheres sobem e descem em sua habilidade de amar a si mesmas e aos outros. (p. 126)*
- *Mesmo quando um homem está tendo sucesso em apoiar uma mulher, ela pode ficar ainda mais aborrecida. (p. 129)*
- *Quando os sentimentos negativos são reprimidos, sentimentos positivos ficam reprimidos também, e o amor morre. (p. 133)*
- *Os homens discutem pelo direito de serem livres enquanto as mulheres discutem pelo direito de ficarem aborrecidas. Os homens querem espaço enquanto as mulheres querem compreensão. (p. 137)*
- *Apoiando a necessidade dela de ser ouvida ela poderia apoiá-lo na sua necessidade de ficar livre. (p. 138)*
- *Fazer de um homem a única fonte de amor e apoio é colocar pressão demais sobre ele. (p. 141)*

- *Quando as necessidades financeiras de uma mulher são satisfeitas, ela se torna mais consciente das suas necessidades emocionais. (p. 143)*
- *Satisfazer uma necessidade primordial é necessário antes que alguém esteja apto a receber e apreciar totalmente os outros tipos de amor. (p. 147)*
- *Um homem comumente comete o erro de pensar que, uma vez que tenha satisfeito todas as necessidades amorosas primordiais de uma mulher e que ela se sinta feliz e segura, ela deva saber daí em diante que é amada. (p. 151)*
- *O segredo para fortalecer um homem é nunca tentar mudá-lo ou melhorá-lo. (p. 160)*
- *A melhor maneira de ajudar um homem a crescer é deixar de tentar mudá-lo de qualquer maneira. (p. 162)*
- *Do mesmo modo que a comunicação é o elemento mais importante num relacionamento, discussões podem ser o elemento mais destrutivo. (p. 165)*
- *A maioria dos casais começa a discutir sobre uma coisa e, em cinco minutos, já estão discutindo sobre o modo como estão discutindo. (p. 167)*
- *Intimidação sempre enfraquece a confiança num relacionamento. (p. 169)*
- *Os homens raramente dizem “Sinto muito” porque em Marte isso significa que você fez alguma coisa errada e está pedindo desculpas. (p. 177)*
- *A maioria das relações cresce progressivamente quando um homem começa a invalidar os sentimentos de uma mulher e ela lhe responde com desaprovação. (p. 178)*
- *A maneira mais comum com que as mulheres inadvertidamente começam discussões é não sendo diretas quando compartilham seus sentimentos. (p. 180)*
- *Os homens estão mais dispostos a discutir quando cometeram um erro ou aborreceram a mulher que amam. (p. 183)*
- *Quando uma mulher faz contagem de pontos, não importa o quanto um presente de amor seja grande ou pequeno, ele marca um ponto; cada presente tem valor igual. (p. 193)*
- *Dê-lhe quatro abraços por dia. (p. 198)*
- *A maioria dos homens luta por um sucesso cada vez maior porque acredita que isso os fará merecedores de amor. (p. 206)*
- *Certamente um homem requer participação equivalente de uma mulher nas tarefas domésticas do dia-a-dia, mas se ele não for apreciado, então a contribuição dela não significará quase nada e não terá a menor importância para ele. (p. 215)*
- *Se um homem cometeu um erro e se sente constrangido, pesaroso ou envergonhado, então estará precisando mais do amor dela... Quanto maior o erro, mais pontos ele lhe dará. (p. 220)*
- *Quando um homem está num estado negativo, trate-o como uma tempestade passageira e proteja-se. (p. 220)*

- *Quer você compartilhe seus sentimentos na sua carta ou simplesmente escreva uma carta para se sentir melhor, escrever seus sentimentos é uma ferramenta essencial. (p. 224)*
- *Cartas-Respostas são a melhor maneira de ensinar um homem sobre as necessidades de uma mulher. (p. 236)*
- *Ironicamente, o mesmo ato que evita nossas emoções negativas lhes confere o poder de controlar nossas vidas. (p. 254)*
- *Livros podem inspirá-lo (a) a se amar mais, porém ouvir, escrever ou expressar verbalmente seus sentimentos também irão ajudá-lo (a). (p. 256)*
- *Para desenvolvermos nossa capacidade de amar a nós mesmos, também precisamos receber amor. (p. 259)*
- *Quando tira um tempo para ouvir seus sentimentos, você está de fato dizendo a pessoa sensível que há dentro de você “Você é importante. Você merece ser ouvido (a) e eu me importo o suficiente para ouvir”. (p. 260)*
- *Em Vênus seu lema é “Amar e nunca ter que pedir!” (p. 263)*
- *Se a mulher não está pedindo apoio, o homem supõe que está dando o bastante. (p. 264)*
- *Quando um homem escuta um tom exigente, não importa quão agradavelmente você exprima seu pedido tudo o que ele entenderá é que não está dando o bastante. Sua tendência é dar menos até que você aprecie o que já está dando. (p. 265)*
- *Quando pedir apoio a um homem, admita que ele não tem que ser convencido. (p. 266)*
- *Os homens ficam muito mais dispostos a dizer sim se têm liberdade de dizer não. (p. 278)*
- *Quando você pede apoio a um homem e não o rejeita por dizer não, ele não esquecerá disso, e da próxima vez estará muito mais disposto a colaborar. (p. 281)*
- *Quando um homem resmunga, é um bom sinal – ele está tentando considerar o seu pedido a despeito das necessidades dele. (p. 283)*
- *Um dos elementos-chave de se pedir asseveradamente é permanecer em silêncio depois de ter solicitado a ajuda. (p. 286)*
- *É um paradoxo: como você se sente seguro (a) com seu (ua) parceiro (a), seus sentimentos mais profundos têm uma chance de virem à superfície. Quando eles vêm à superfície, você fica com medo e é incapaz de compartilhar o que sente. (p. 300)*

2.1.4 – “Homem cobra, mulher polvo – Entenda as diferenças e seja muito feliz”.

O primeiro agradecimento de Içami Tiba em **Homem cobra, mulher polvo** dirige-se aos três autores e às três obras anteriores. Seu objetivo é de tratar justamente das diferenças entre homens e mulheres em seus diversos aspectos.

O primeiro capítulo da obra intitula-se: “*Propaganda enganosa, mas hormonalmente verdadeira!*”. Nele o amor, a espiritualização e a educação são assinalados como disfarces para o instinto sexual. Esse excerto elucida tanto o capítulo quanto o ritmo do livro:

Os cromossomos determinam a vida sexual de todos os animais, inclusive a dos seres humanos. Talvez a única diferença fundamental seja o ‘como somos’ da espécie humana, que nos dá a racionalidade e, conseqüentemente, a inteligência, a criatividade e motivações muito diferentes das simplesmente biológicas. Assim o ‘como somos’ criou o amor, a espiritualização e a educação, transformando o simples ritual biológico do instinto sexual numa história de amor única e verdadeira para cada casal de amantes. A propaganda enganosa fica por conta dos cromossomos, que continuam determinando novas atrações – que, por sua vez, o ‘como somos’ teima em chamar de paixões, romances, idílios, galanteios, sonhos, devaneios.... (p. 19).

No segundo capítulo – “*Domingo chuvoso, café na cama*” –, Içami Tiba afirma que para o homem é um sacrifício continuar na cama se o cérebro e o corpo já acordaram. Ele narra nesse capítulo um caso hipotético no qual um homem prepara um café da manhã para sua esposa. A narrativa tem o objetivo de explicitar toda a superação pessoal (já que o homem não se atém com facilidade aos detalhes) que o marido precisa passar para conseguir preparar uma bandeja completa.

No terceiro capítulo – “*O orgasmo assassino*” –, passo a passo é descrito um dia de um casal que fez tudo certo para agradar o outro o dia todo e conseguir um orgasmo no início da noite. Algumas afirmações sobre diferenças entre os sexos aparecem entremeadas à ficção, como por exemplo: “Sentir-se desejada pelos homens é muito gratificante. Sentir que realiza o desejo do seu querido não é o mesmo que um orgasmo, mas chega perto, bem pertinho...” (p. 25).

No quarto capítulo – “*Polvo e cobra vão ao banheiro*” –, mulheres são descritas como detalhistas, preocupadas com os barulhos que surgem no vaso sanitário, dispostas a se transformarem em melhores amigas de uma outra mulher que acabaram de conhecer e para quem pediram um absorvente. Já o homem se orgulha de soltar altos avisos sonoros de suas intenções íntimas, não suporta a convivência nem a distância com nenhum outro homem no lavatório. Nesse contexto Tiba mostra como que a polvo diz o que está sentindo e é bem receptiva ao toque corporal de

outra mulher, mas o cobra prefere resolver tudo sozinho e respeita o limite invisível que existe entre dois estranhos.

No quinto capítulo – “*Cobra na Fórmula 1, polvo na novela*” – o autor responde por que a mulher não se interessa por Fórmula 1 da seguinte forma: 1) Não se vê a cara do piloto; 2) Para a polvo, é preferível compor a competir; 3) Essa história de corrida contra o relógio não faz sentido. O tempo, para a polvo, é totalmente subjetivo. É por isso que ela pode ficar horas fazendo compras ou falando ao telefone, mas não tem paciência de encher o tanque do carro; 4) Como ela pode torcer para alguém se todos os carros são praticamente iguais?; 5) Acompanhar sessenta voltas na mesma pista? É muito monótono...; 6) O ronco dos motores atrapalha as conversas; 7) Ela gosta mesmo é de novela. Para Içami Tiba, novela foi feita para a polvo e vice-versa.

O sexto fala das “*Eliminações líquidas*” e diz que homens não conseguem andar e controlar a bexiga ao mesmo tempo, mas mulheres conseguem por ter como característica marcante em sua personalidade a necessidade de satisfazer as necessidades dos outros antes das próprias.

O sétimo capítulo – “*Família feliz no shopping*” – afirma que homens não suportam chorinhos, gritinhos, briguinhas e insistentes chamadinhos de atenção das crianças; por esse motivo a responsabilidade por elas passa a ser da mulher.

O oitavo capítulo – “*Com os filhos, em casa e no escritório*” – expõe uma idéia que pode ser resumida neste excerto:

As crianças tiram a concentração do seu relatório. Elas atrapalham a ‘caça’ porque tosem, falam alto, querem fazer xixi ou saem correndo no exato momento em que o ancestral cobra caçador está, após longa e estratégica espera em silêncio, na maior concentração possível, pronto para abater sua presa. Isso o irrita. Então, ele nada resolve, mas encaminha a situação: ligue para sua mãe!. A situação deixa claro que, para a polvo, os filhos estão acima de tudo em qualquer momento. Para o cobra, que está no escritório, o trabalho vem em primeiro lugar (p. 47).

O nono capítulo – “*Família feliz na praia*” – reforça a idéia de que a mulher tem maior habilidade natural para cuidar da família.

O décimo capítulo – “*Pelota de sal na comida*” – trata de uma comemoração do décimo aniversário de casamento do casal polvo e cobra e retoma a idéia de que para a mulher os filhos estão acima do marido e da sua própria vida pessoal.

No décimo-primeiro – “*Birra de criança*” – Içami Tiba ensina a mãe a lidar com uma criança birrenta no shopping. Içami Tiba apresenta o “*Método do Chacoalhão*”, que é o seguinte:

1) Pague a despesa, fazendo de conta que o birrento não é pessoa conhecida; 2) Pegue firme o bracinho do birrento, que deve estar com os pés apoiados no chão; 3) Se possível olhe no fundo dos olhos dele (o birrento evita encarar a vítima); 4) Sacuda-o firmemente ao mesmo tempo que grita pára com isso! Para que todos (transeuntes e vendedores) ouçam claramente. As chacoalhadas devem acabar com os gritos. De cinco a sete sacudidas são suficientes: mais do que isso pode cansar a própria vítima da birra. Certifique-se de que o birrento não consiga controlar os movimentos da cabeça; 5) Largue o braço do birrento, vire as costas e saia rapidamente do local. Com isso, a vítima anula a força do birrento, que precisa do olhar dela para sustentar a birra. Nunca vi um birrento insistir depois que sua vítima foi embora, muito menos escolher um transeunte qualquer para aplicar a birra... A propósito, é recomendável sair depressa da cena para não correr o risco de ter as nádegas mordidas pelo birrento. (p. 61).

No décimo-segundo capítulo – “*Idades sexuais*” – o autor afirma que são cinco as idades sexuais do ser humano: 1) Idade do pombinho – idade da inocência; 2) Idade do macaquinho – idade em que os meninos correm atrás dos espermatozóides e as meninas são surpreendidas pela menstruação; 3) Idade do urubu – homens se lançam freneticamente em busca de uma relação sexual e mulheres buscam com a mesma força uma paixão; 4) Idade da águia – assim é chamada a fase da maturidade sexual; 5) Idade do condor, do papagaio ou do pombo – Tempo de diminuição da frequência das relações sexuais. O viagra veio aumentar o número de relações nessa fase da vida.

No décimo-terceiro capítulo – “*Cobra e polvo singles, com ou sem filhos*”, o autor afirma que, vivendo sozinhos e solteiros, os homens desenvolvem algumas habilidades femininas e vice-versa.

O décimo-quarto – “*O rapto*” é um capítulo de aconselhamento para que a mulher se desligue um pouco de suas várias funções ou seus vários tentáculos.

No décimo-quinco – “Respostas para o que você quer saber” – são respondidas as seguintes perguntas: 1) Por que as mulheres falam mais que os homens?; 2) Por que as mulheres, quando chegam em casa depois do trabalho, ainda querem conversar?; 3) Qual é a função da fala no homem e na mulher?; 4) Por que o homem estressado pede para a mulher “calar a boca”?; 5) Por que a mulher estressada precisa falar mesmo que não seja ouvida?; 6) Por que o homem não escuta quando está fazendo alguma coisa?; 7) Será que, para o relacionamento dar certo, a mulher tem de ficar falando enquanto o homem finge que escuta?; 8) Por que o homem não sabe olhar disfarçadamente?; 9) Por que a mulher enxerga sem olhar diretamente?; 10) Por que o homem não se importa de soltar “puns”?; 11) Por que para a mulher soltar um “pum” é um drama social?; 12) Por que a mulher fica tocando, acariciando e abraçando o homem, mas não quer fazer sexo?; 13) Por que o homem só toca, acaricia e aborda a mulher quando está a fim de fazer sexo?

Seguem agora os destaques do livro:

- *Piadas e bom humor aliviam a dor porque liberam endorfinas – cuja composição química, similar à da morfina e à da heroína, tem efeito tranqüilizante no corpo. O humor cura, pois o riso anestesia o corpo, ativa o sistema imunológico, protege contra doenças, auxilia a memória, melhora o aprendizado e prolonga a vida. (p. 13)*
- *Propaganda enganosa, mas hormonalmente verdadeira! (p. 14)*
- *Domingo chuvoso, café na cama. (p. 20)*
- *Orgasmo assassino. (p. 24)*
- *Polvo e cobra vão ao banheiro. (p. 28)*
- *Ninguém consegue falar com um cobra que está a caminho do banheiro com passos largos e apressados, a cara fechada num ar agoniado e solene. Quem quiser perguntar algo lhe dê uns toques no ombro. Então, o cobra pára e ouve, já que andar, controlar a bexiga e conversar são coisas demais para fazer ao mesmo tempo. (p. 33)*
- *Cobra na fórmula 1, mulher na novela. (p. 34)*
- *Eliminações líquidas. (p. 38)*
- *É típico do comportamento feminino satisfazer as necessidades dos outros antes das próprias. Ao contrário do homem-cobra, que focaliza seu objetivo e ignora todo o resto, a mulher-polvo faz várias coisas ao mesmo tempo e, com seus tentáculos, controla tudo que a rodeia. (p. 41)*
- *Família feliz no shopping. (p. 43)*

- *Com os filhos, em casa e no escritório. (p. 46)*
- *Família feliz na praia. (p. 50)*
- *O polvo não descuida dos filhotes um segundo sequer, nem para piscar. A intensidade do sol e a brisa resseca seus olhos, que começam a arder e lacrimejar. Mas ela está lá, a vontade mais firme do que o corpo, que já não agüenta mais. (p. 53)*
- *Pelota de sal na comida. (p. 54)*
- *Cobra e polvo não chegam a um acordo. Para ela, parece que o marido não está feliz com a família – se estivesse, levaria junto os filhinhos... Para ele, aniversário de casamento é coisa de casal e festa de família é coisa de família. (p. 56)*
- *Birra de criança. (p. 58)*
- *Birra é um recurso para tirar do outro aquilo que ele não quer dar. Tem sabor de vitória para o birrento, mas é tremendamente desagradável para a vítima. A birra só permanece porque dá resultados, isto é, a vítima acaba consentindo em ser explorada. Assim, quem alimenta a birra é a vítima. (p. 60)*
- *A intenção do filho é demover a mãe da sua mesquinha e insignificante idéia de não comprar o que ele quer. Para isso, usa sua “arma secreta”: ridiculariza a mãe em público, transformando-a numa neurótica e psicótica. (p. 63)*
- *Idades sexuais. (p. 64)*
- *Cobra e polvo singles, com ou sem filhos. (p. 74)*
- *O rapto. (p. 80)*

2.2 Comentários sobre as obras

Um dos principais fundamentos no qual os autores da literatura de auto-ajuda analisados nesta pesquisa se sustentam para fazer suas afirmações reside, como vimos, na diferença entre os sexos e os gêneros. Repare-se em como John Gray, em seu *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus*, afirma a diferença entre os sexos e sua relação com a tensão no relacionamento de casais:

Entendendo como homens e mulheres são completamente diferentes, você vai aprender novas maneiras de lidar com sucesso, ouvir e apoiar o sexo oposto. Você aprenderá como criar o amor que você merece. [...] Quando você se lembrar de que seu parceiro (a) é tão diferente de você quanto uma pessoa de outro planeta, você poderá então relaxar e cooperar com as diferenças em vez de resistir ou tentar mudá-las. (HMMV, p. 15, grifos nossos).

A diferença não é, portanto, considerada problema, o que é apontado como negativo é apenas o desconhecimento dela como atributo imanente da espécie. Pelo contrário, diferença sexual e de gênero significa saúde, ela é apontada como positiva, e John Gray chega a afirmar que *“homens e mulheres saudáveis são diferentes”* (HMMV, p. 14, grifos nossos).

A orientação é, então, para perceber as diferenças e assumi-las como condição dada para o bem-estar do relacionamento. Na sua compreensão e aceitação estaria a chave para a solução dos conflitos: *“Essa compreensão ampliada das nossas diferenças ajuda a resolver muito da frustração em lidar e tentar entender o sexo oposto. Desentendimentos podem então ser rapidamente dissipados ou evitados. Expectativas incorretas são facilmente corrigidas”* (HMMV, p. 15). O mesmo pressuposto pode ser detectado no raciocínio do brasileiro Içami Tiba. *“Quando dois seres tão diferentes como o homem e a mulher se relacionam”, defende o autor, “é necessário que essas diferenças sejam muito bem compreendidas a fim de que o relacionamento seja bom”* (HCMP, p. 10-11). E ainda: *“O esclarecimento dessas dúvidas alivia as pressões internas e externas do relacionamento entre homens e mulheres, tornando-o mais espontâneo e saudável”* (HCMP, p. 84).

Identificada, assim, a crise de entendimento entre homens e mulheres em suas diferenças de gênero e sexo, as obras se propõem, então, como guias na compreensão dessas diferenças. É bom esclarecer aqui que “compreensão”, dependendo do autor, pode significar apenas percepção das diferenças presentes nos indivíduos ou, em outros casos, entendimento de causas ou origens dessas diferenças, pois, como veremos abaixo, alguns autores arriscam-se dar explicações para as diferenças, de forma a legitimá-las a partir de discursos sustentados de credibilidade, representados especialmente por informações científicas retiradas de disciplinas como a biologia e a antropologia:

A questão aqui é simples: homens e mulheres são diferentes. Nem melhores nem piores – apenas diferentes. Cientistas, antropólogos e sociólogos sabem disso há anos, mas têm a dolorosa certeza de que afirmar publicamente suas conclusões em um mundo politicamente correto como o nosso poderia transformá-lo em verdadeiros párias de uma sociedade determinada a

acreditar que homens e mulheres têm as mesmas habilidades, aptidões e potenciais – justamente quando a ciência começa a provar o contrário. (PHSMA, p. 10).

Aqui a trama do texto utiliza a estratégia de conferir uma aura de originalidade rebelde ao discurso que os autores vão apresentar para aumentar-lhe o valor de autoridade. Com isso, avisam o leitor de que ver homens e mulheres como diferentes constitui um ponto de vista revolucionário e cientificamente moderno, o que serve, muitas vezes, ao contrário, para validar comportamentos seculares na cultura patriarcal que protegem a condição masculina, como a de não ser incomodada pelo cônjuge quando estiver ocupada em suas atividades pessoais: *“Essa diferença básica entre os sexos é uma freqüente fonte de problemas. A mulher tenta conversar com o homem justamente na hora em que ele está lendo o jornal ou navegando pelos canais” (PHSMA, p. 54).* Em outras palavras, os autores impõem aos leitores a idéia de que compreender que homens e mulheres são diferentes é um novo paradigma científico, mas, paralelamente a esse tipo de afirmação, retomam, no discurso e nos exemplos, conceitos que remetem a mulher a um antigo papel de desigualdade e inferioridade social, já que ao sugerir que a mulher não incomode seu parceiro durante o momento em que ele assiste a TV ou lê seu jornal, insinua que as falas, preocupações ou ocupações femininas são menos importantes do que as masculinas e que ela deve aguardar a sua “hora” de ser chamada, de se pronunciar e até de se aproximar dele.

Os pesquisadores de outras áreas da ciência que tentam negar essa condição trabalham para manter um sistema baseado na “estranha crença” da igualdade entre os sexos:

Homens e mulheres são diferentes. Nem melhores e nem piores – apenas diferentes. A ciência sabe disso, mas as pessoas politicamente corretas fazem de tudo para negar. Existe uma visão política e social de que homens e mulheres devem ser tratados igualmente com base na estranha crença de que são iguais. É claro que não são. (PHSMA, p. 226).

É unanimidade entre esses autores da auto-ajuda que apostar na igualdade é um ato absurdo porque vai contra a biologia, isto é, contra a natureza, que institui

diferença entre os sexos. Aqui, um determinismo biológico justifica uma determinação comportamental: “*O relacionamento fica difícil quando homem e mulher não reconhecem que são biologicamente diferentes e cada um quer que o outro atenda suas expectativas*” (PHSMA, p. 232).

Uma palavra pacificadora vai então demover possíveis revoltas contra a pasteurização dos desvios comportamentais que possíveis processos de subjetivação autônomos possam estar desenvolvendo para escapar aos padrões determinados historicamente para as diferenças sexuais. Como os autores visam propor uma identidade padronizada para cada um dos sexos, usam recursos para sugerir ao leitor que ele pode se incomodar com o que será dito, mas deve aceitá-lo:

Nesse livro, tratamos dos importantes avanços alcançados recentemente pela ciência da evolução humana e mostramos como as lições aprendidas se aplicam aos relacionamentos entre homens e mulheres. Vamos chegar a conclusões extremamente perturbadoras, às vezes. Controvérsias vão surgir. Mas vamos entender melhor muitas coisas estranhas e certamente aprender a conviver melhor. (PHSMA, p. 10).

Através de uma antecipação do discurso opositor, o leitor é avisado de que ele pode não gostar ou não aceitar o que vai encontrar, mas será melhor para ele se acatar e puser em prática os preceitos sugeridos pelo texto. O preço a pagar caso ele recuse as recomendações é o desconhecimento de suas próprias condições de existência e as dificuldades de convívio, pois buscar a igualdade entre os sexos não é apenas um equívoco, mas uma premissa “perigosa”: “*Qualquer teoria que insista na uniformidade sexual é muito perigosa porque exige o mesmo comportamento de pessoas com circuitos cerebrais completamente diferentes*” (PHSMA, p. 232). Nesse ponto o discurso dos autores apresenta evidentes recursos da culpabilidade sugerida pelo Guattari e Deleuze como estratégia cultural para um sistema hegemônico de valores que visa controlar os desejos de desvios e subjetivação autônoma. Aqui, buscar uma forma original de conduzir-se pode levar ao desentendimento e à infelicidade no relacionamento com o sexo oposto, uma vez que a originalidade significaria rebeldia, não ao sistema e à cultura, mas a uma lei natural.

Introduz-se, então, no discurso desses autores, o traço característico da literatura de auto-ajuda: propor manuais de autodirecionamento de conduta, for-

necendo dados e técnicas para compreensão e manipulação de padrões de comportamento, visando a solução de crises pessoais: *“Homens são de Marte, mulheres são de Vênus revela novas estratégias para reduzir a tensão nos relacionamentos e criar mais amor através, em primeiro lugar, do reconhecimento detalhado de como homens e mulheres são diferentes”*, anuncia John Gray, prometendo ao leitor *“técnicas práticas para resolver os problemas que surgem das nossas diferenças”* (HMMV, p. 15) e alertando para o fato de seu livro não trazer *“somente uma análise teórica de diferenças psicológicas, mas também um manual prático de como ter sucesso em criar relacionamentos amorosos”* (HMMV, p. 16). Gray define sua obra, na introdução, como *“um manual para relacionamentos amorosos nos anos 90”* (HMMV, p. 15) e, após comentar em cinco ou seis linhas publicações que antecederam a sua, conclui pela ausência e necessidade de um “guia definitivo” para entender a diferença como a saúde dos sexos. É evidente, portanto, pelos termos do autor, intenções de encerrar polêmicas com relação aos traços distintivos entre homens e mulheres e à solução apontada na sua aceitação pelos dois lados do relacionamento.

Pease & Pease utilizam a metáfora da viagem no interior de uma nação estranha, como se homens e mulheres pertencessem a culturas distintas e não fossem, ambos, construtores de um sistema cultural conjunto: *“Este livro é como um guia para conhecer um país estrangeiro, uma outra cultura. Ele vai lhe fornecer várias informações para entender seus habitantes”*. A socialização na família, na escola, na igreja, no bairro, entre outras, que modelam comportamentos de homens e mulheres segundo sua classe econômica, cor e opção religiosa, não é levada em conta em nenhuma ocasião por nenhum dos autores. Para qualquer um dos quatro, conhecer o sexo oposto sem que este seja concebido em seus contextos sociais de formação de personalidade vai, no final, constituir uma “vantagem” para o homem ou mulher que aceitar os preceitos expostos (PHSMA, p. 20). Essa vantagem pode ser a solução para uma crise de identidade de papel, pois, na argumentação dos autores, a desagregação da instituição familiar surge como o principal problema a ser resolvido:

A família não mais depende unicamente do homem para sua sobrevivência e não se espera mais que a mulher fique em casa exercendo as funções de mãe

e zeladora. Pela primeira vez na história da espécie humana, a maior parte dos homens e mulheres se confunde na hora de definir suas atividades. Você faz parte da primeira geração a ter de encarar situações que seus antepassados nunca conheceram. Pela primeira vez, buscamos em nossos parceiros amor, romance e realização pessoal, já que a sobrevivência, garantida para muitos pela estrutura da sociedade moderna através de fundos de pensão, aposentadorias, leis de proteção ao consumidor e várias instituições governamentais, não é tão prioritária. Então, quais são as novas regras? Onde se pode aprender? Este livro tenta dar algumas respostas. (PHSMA, p. 23 e 24).

Guattari aludiu a esse fator de desagregação familiar como motivo de fortalecimento dos papéis sexuais. Aqui vemos como os autores propõem recuperar as referências perdidas e restabelecer as práticas e os papéis a partir das novas regras, isto é, naquilo que Guattari chamou de atitude integradora, recuperar os desvios e marginalizações e introduzi-los no antigo sistema de comportamento patriarcal. Inicialmente, apontam os sintomas de uma crise identitária na “confusão” de papéis que novos modos de vida trouxeram à problematização do indivíduo. Em seguida, opõe a condição moderna à de um passado remoto, quando a dificuldade não existia; só por isso a situação pretérita já aparece como desejável e saudosa para o leitor. Propondo-se promover a aprendizagem de “novas regras” para a conduta nessa situação de crise, o livro aponta para uma receita original, quando, na verdade, veremos adiante, remontará às culturas pré-históricas para redefinir papéis sedimentados pela cultura patriarcal. Curiosamente, muitas vezes é o homem que aparece como vítima maior das mudanças, enquanto a mulher parece menos incomodada com elas, de onde se pode concluir que as transformações empreendidas instituíram formas de viver do desejo feminino ou repararam e restituíram às mulheres espaços de expressão que o antigo sistema lhes negava:

O mundo tornou-se agora um lugar confuso para os homens – suas aptidões cerebrais primordiais passaram a ser amplamente supérfluas e as mulheres os estão atacando por todos os lados. Os homens não têm mais nenhum modelo claro para seguir nem especificações claras do que se espera deles. (PHMMC, p. 128).

As mulheres não são “claras” em seus pedidos ou exigências, e o homem perde, por isso, seu padrão de referência. Nota-se a dependência de cada sexo com o seu oposto na definição do papel social, mas, mais do que isso, parece que a livre

autodeterminação de um deles soa como ataque aos olhos do outro, especialmente quando esse outro é o ocupante da liderança cultural no *status quo* do sistema vigente. Novamente, a palavra “primordiais” designa que, em algum momento no passado, a situação era outra e estamos perdidos porque saímos dela. Esse raciocínio denuncia um conservadorismo avassalador, uma desconsideração total de todas as alterações sociais e históricas que ocorreram no interior e entre todas as sociedades desde os “primórdios” até os dias de hoje, e suscita a idéia de um ato de má-fé feminina por “atacar por todos os lados” homens que se encontram em uma situação de fragilidade contextual por terem perdido suas primeiras referências.

Os autores prosseguem afirmando que, se temos problemas, isso se deve ao fato de que nos desviamos dos padrões que nos guiavam em nossas condutas e que tão bem serviram às gerações anteriores:

Em todas essas situações não existem culpados. Somos a primeira geração a não ter modelos a seguir para um relacionamento bem-sucedido, já que nossos pais não precisaram enfrentar esse problema. Mas, novamente, uma boa notícia: todo mundo é capaz de adquirir as novas habilidades necessárias à sobrevivência a partir do momento que tenha consciência da razão das diferenças e se empenhe em lidar com elas. (PHSMA, p. 89).

As “novas habilidades”, no final, traduzem-se apenas na consciência e na aceitação dos velhos comportamentos: “*Por que os homens ficam passeando pelos canais de TV com o controle remoto? [...] O homem moderno ainda olha para a fogueira no fim do dia, mas agora recorrendo a jornais, livros e controles remotos*” (PHMMC, p. 53). Não se trata de mudar os comportamentos, mas de compreendê-los e não recusá-los: “*Vamos partir do pressuposto que, quanto mais os homens e as mulheres estiverem conscientes de suas diferenças, mais fácil se torna o relacionamento*” (PHMMC, p. 152).

Cumprida esta premissa, as promessas de bem-estar nas relações amorosas estão asseguradas: “*Com essa nova consciência, você vai, espero, ultrapassar as afirmações desse livro e continuar a desenvolver meios pelos quais possa se relacionar amavelmente com o sexo oposto*” (HMMV, p. 14) e “*você descobrirá novos segredos para criar relacionamentos amorosos e duradouros*” (HMMV, p. 23). Pease & Pease, por sua vez, anunciam que seu objetivo “*é ajudar as pessoas a*

aprenderem mais sobre si mesmas e sobre o sexo oposto, tornando a interação e os relacionamentos mais ricos, prazerosos e promotores de crescimento mútuo”.(p.12) Obviamente, aprender sobre si mesmo significa conhecer suas determinações físicas e psicológicas, para saber o que esperar do parceiro e, principalmente, o que se pode e o que não se pode desejar. Trata-se de um manual de regras para gerir o desejo, pois *“os relacionamentos não dão certo porque os homens não compreendem que as mulheres não podem ser como eles, e as mulheres esperam que os homens se comportem do mesmo modo que elas”*. Além disso, se de um lado a leitura propõe-se auxiliar no relacionamento do casal, de outro ela evidentemente proporrá uma identidade íntegra para o indivíduo, um modo de conhecer-se reconhecendo-se num padrão externo de tipo e conduta: *“A leitura não vai apenas ajudar você a se relacionar com o sexo oposto, mas a se entender. E, como resultado, conseguir uma vida mais feliz, saudável e harmoniosa”* (PHSMA, p. 12).

Evidentemente não se precisa, contudo, abrir os livros e iniciar a leitura interna para tomar conhecimento da intenção orientadora de comportamentos que pauta seus autores. Esse propósito já pode ser esclarecido por uma atenção aos subtítulos das obras. Içami Tiba subintitula sua obra com um *“Entenda as diferenças e seja muito feliz”*, enquanto na capa do livro de John Gray lê-se um subtítulo bem menos acanhado: *“Um guia prático para melhorar a comunicação e conseguir o que você deseja nos seus relacionamentos”*. Por outro lado, enquanto o primeiro ressalta no subtítulo o condicionamento da felicidade à compreensão de diferenças existentes, o último acentua a comunicação entre os dois sexos como caminho do relacionamento saudável.

Os títulos das obras de auto-ajuda analisadas se aproximam bastante em sua forma. Nas quatro obras²², uma metáfora ou metonímia atribuída a cada um dos sexos reduz as distinções de traços comportamentais a uma palavra-chave que traduziria um conjunto inteiro de posicionamentos e condutas. As palavras redutoras dispõem-se, então, num eixo de oposição, que cria imagens para as identidades feminina e masculina elaboradas a partir de uma essência contraditória (e conflitiva) entre os dois sexos. Assim, os homens “fazem sexo”, “mentem”, são cobras e de Marte; já as

²² Estamos nos debruçando, para esta análise, na *tradução* para o português dos títulos estrangeiros.

mulheres “fazem amor”, “choram”, são polvos e de Vênus. Os termos atribuídos ao sujeito feminino, quando opostos a seus contrários – sexo, mentir, cobra e Marte – conferem à mulher, entre outras, características como o sentimentalismo, a passividade, a integração e a composição, a beleza e a ternura. Em contrapartida, homens são definidos como frios, instintivos, agressivos e competitivos. Essas referências implícitas nos títulos se tornarão explícitas no texto interno das obras. Pease & Pease, por exemplo, afirmam que *“o homem é por natureza desconfiado, competitivo, fechado, defensivo, um solitário que esconde as emoções para manter o controle”* e, logo, demonstrar emoção significará “perder o controle”, enquanto *“o cérebro da guardiã da cria está programado para a franqueza, a confiança, a cooperação, as demonstrações de vulnerabilidade, a revelação de emoções e para saber que não é preciso ter a situação sob controle o tempo todo”* (Pease & Pease, 2000, p. 127).

Na obra de Içami Tiba, as metáforas comportamentais da cobra e do polvo suscitam também interpretações icônicas pela semelhança de formas entre os animais e as genitálias dos dois sexos: enquanto a cobra sempre foi tradicionalmente associada ao falo, o polvo, por seus tentáculos, é uma das imagens teriomórficas relacionadas com a simbologia da aranha, popularmente associada à genitália feminina. A combinação dos dois níveis semânticos das palavras, um que traduz os traços comportamentais e outro que remete à anatomia dos sexos, alinha metaforicamente distinções de gêneros com diferenças sexuais, confundindo-os, todos, numa mesma imagem.

O título de John Gray vai um pouco mais longe e aproveita conotações retiradas à mitologia e à tradição simbólica dos ícones que identificam os sexos. Em momento nenhum no texto do autor – faça-se justiça – revela-se a filiação de seu raciocínio com as personagens mitológicas, mas é inevitável associar os planetas propostos pelo título e pela exposição de Gray com as entidades maravilhosas homônimas. Marte, o deus romano identificado com o Ares grego, é representante da guerra e da agressividade, secularmente identificado com as proezas heróicas de personagens masculinas, protetor das batalhas, impetuoso na ação e agressivo com homens e deuses. Vênus, por outro lado, é a contrapartida romana da deusa grega

Afrodite, figura antropomórfica de princípios femininos como a maternidade e as paixões instintivas. Deusa da beleza e do amor, serviu, desde inícios da Idade Média, como condutora de valores identificados ao comportamento da mulher. A relação das duas divindades com a oposição entre os gêneros é tão presente na cultura ocidental, que os ícones que as representavam passaram a significar também, respectivamente, os dois sexos: o masculino, por um círculo com uma flecha sobreposta, desenho esquemático das armas de Ares-Marte, o escudo e a lança; o feminino, igualmente por um círculo, mas apoiado num cabo em forma de cruz, estilização do espelho em que Afrodite-Vênus se contempla. Este apelo à tradição mitológica e simbólica fortalece diferenças secularmente apontadas para ambos os sexos no discurso de Gray e seguramente auxilia o reforço das distinções.

Os quatro autores dos livros selecionados para esta análise empregam recursos para legitimar suas observações e a verdade de seus discursos. Estes podem ser observados na composição do texto, como formas de ancoragem das informações em índices que lhe confirmam credibilidade. Os principais recursos notados são: 1) testemunhos e pesquisas de público; 2) a autoridade do sujeito do discurso; 3) exemplos ilustrativos das afirmações; 4) interpelações ao leitor para referendo de uma observação doutrinária pela experiência viva; 5) ilustração com episódios vulgarmente reconhecidos no cotidiano; e 6) apoio em discursos científicos. Esses recursos de legitimação podem ser divididos em dois grupos: o primeiro – do qual fazem parte os itens de 1 a 5 – é repleto de conceitos que podem ser entendidos como frutos da *experiência empírica*, da vivência dos leitores e dos autores; o segundo é preenchido por alusões à *ciência*. A partir de agora separamos cada um dos recursos para melhor explicá-los e comentá-los.

2.2.1 Testemunhos e pesquisas de público

Uma das formas de testemunhos a que recorrem os autores para conferir credibilidade aos seus discursos são as pesquisas. Na introdução de sua obra, John

Gray avisa que “todos os princípios” abordados em seu livro foram “*testados e tentados*” e “*pelo menos 90% dos mais de 25.000 indivíduos questionados se reconheceram entusiasticamente nessas descrições*” (HMMV, p. 14). As entrevistas foram realizadas com participantes em seminários sobre relacionamento ministrados pelo autor. “*Como resultado de perguntas a mais de 25.000 participantes dos meus seminários sobre relacionamento, eu pude definir em termos positivos como homens e mulheres são diferentes*”, argumenta Gray (HMMV, P. 15). Já Pease & Pease legitimam seus dados contando que percorreram 400 mil quilômetros em anos de pesquisas, entrevistaram 15 mil homens e mulheres, estudaram artigos, entrevistaram especialistas e deram palestras em seminários “*ao redor do mundo todo*” (PHSMA, p. 11; PHMMC, p. 117). Depois de descrever o currículo de dez anos de pesquisas na área de comportamento humano, os próprios autores autoneameiam-se delegados da verdade, com justas razões para proferirem um discurso razoável e aceitável:

Durante mais de uma década, nós coletamos e registramos respostas a pesquisas sobre como homens e mulheres se comunicam e recorremos à ciência do comportamento humano para explicar suas diferenças. Pesquisamos homens de diferentes nacionalidades e raças. Conseqüentemente, estamos aptos a revelar a lógica intrigante que há por trás das cinco perguntas masculinas mais freqüentes a respeito da forma como as mulheres se comunicam. (PHMMC, p. 146, grifos nossos).

2.2.2 A autoridade do sujeito do discurso

No entanto, as formas mais recorrentes de testemunhos citados nos textos analisados são os depoimentos geralmente anônimos ou abstraídos da experiência dos autores e generalizados como frases e ditos freqüentemente ouvidos em suas atividades profissionais ou diálogos com leitores e espectadores. Veja-se esta confissão de um homem surpreso com a transfiguração de sua esposa idealizada: “*Um delegado em um dos nossos seminários disse que não conseguia entender como é que a visão maravilhosa de sua mulher para descobrir o que ele queria esconder desaparecia completamente quando ela tinha que estacionar o carro na garagem*” (PHSMA, p. 26 e 27). Ou este exemplo de Gray: “*Em resposta a esses insights, os*

homens geralmente dizem ‘Isso é exatamente como eu sou. Você andou me seguindo por aí? Eu não sinto mais como se alguma coisa estivesse errada comigo’” (HMMV, p. 16). O sujeito pluralizado e o advérbio freqüentativo “geralmente” conferem à fala, neste caso, um *status* coletivo, definindo não apenas o ato de um indivíduo situado, mas um paradigma comportamental com o qual o receptor do discurso acaba se identificando. É o caso destes outros excertos, retirados das duas obras de Pease & Pease:

Ouvimos milhares de opiniões de mulheres nos mais variados países, e todas comprovam: A mulher que, à noite, fala sem parar só está “gastando” as palavras que sobraram de sua cota diária. Não quer ser interrompida com soluções para seus problemas. (PHSMA, p. 37, grifos meus).

“Pare de me interromper!” – em cada canto do mundo, em todas as línguas, há um homem dizendo isso para uma mulher (PHSMA, p. 92, grifo meu).

Em todos os cantos do mundo há homens reclamando que as mulheres falam demais. E é verdade. Comparadas aos homens, elas falam bastante (PHSMA, p. 93, grifo meu).

Outra exclamação masculina irritada que se ouve por toda parte é: “Vá direto ao ponto!” (PHSMA, p. 94, grifo meu).

As mulheres de todo o mundo têm uma aversão especial pelo hábito masculino de ficar mudando de canal (PHMMC, p. 51, grifo meu).

Abstraída de seu caráter particular e individual, cada percepção, impressão ou experiência localizada torna-se argumento para identificar um padrão comportamental ou cultural e justificar a empresa dos autores, afinal, tais fatos podem ser percebidos “em cada canto”, “em todo canto”, “em toda parte” onde existam homens e mulheres. Rapidamente, o que poderia ser fruto de uma existência pessoal e situada converte-se em comportamento estandardizado e, pelos princípios que regem a função da culpabilidade, identificar-se com o padrão é menos angustiante do que acreditar-se “estranho”. Além disso, a coletivização de uma fala dá-lhe maior autoridade e destrói o que ela pode apresentar de subjetivo; não interessa, por exemplo, se o testemunho de defesa que justifica um comportamento acusado e repudiado nas mulheres vem justamente do réu; o importante é que foram “milhares” os testemunhos concordantes.

Os testemunhos de terceiros não são, contudo, os únicos empregados pelos autores, que recorrem igualmente à primeira e à segunda pessoas do discurso para conduzir afirmações de validação das informações fornecidas. Gray recorda, na introdução de seu livro, que ele nasceu de uma experiência vivida pelo próprio autor com sua esposa, quando ele teria descoberto como as diferenças entre sexos são responsáveis por desentendimentos na relação amorosa:

Nos meus relacionamentos anteriores, eu me comportava de forma indiferente e inamistosa nos momentos difíceis simplesmente porque não sabia mais o que fazer. Como resultado, meu primeiro casamento tinha sido bastante doloroso e difícil. Esse incidente com Bonnie me revelou como eu poderia mudar esse padrão.

Ele inspirou meus sete anos de pesquisa para ajudar a desenvolver e refinar os insights sobre homens e mulheres nesse livro. (HMMV, p. 13).

À semelhança de Gray, o psiquiatra Içami Tiba insere experiências de sua própria vida conjugal para ilustrar situações em que a distinção entre os comportamentos dos dois sexos tornam-se evidentes. A introdução dessas experiências é feita sem que nenhum dos autores leve em consideração o território social de suas análises e percepções, ou seja, não vislumbram o contexto social que os cerca e que os levasse a afirmar como comportamento de mulheres ou homens comportamentos de mulheres e homens em uma circunferência de uma classe social ou de um país. No caso dos três estrangeiros, eles não consideram que os Estados Unidos da América não são o mundo e que as mulheres e homens norte-americanos respondem a estímulos e motivações próprias da sua cultura e do seu tempo, e que, se altera a cultura, alteram-se também os fomentos externos e os incentivos aos quais cada habitante responderá. Içami Tiba, o único brasileiro, comete o mesmo equívoco ao tentar representar em seu livro um comportamento tido como exemplar do feminino e do masculino sem balizar e referenciar essa mulher; o texto faz transparecer que o autor não se dá conta, por exemplo, de que o Brasil não é formado somente pela classe média e pela mulher representativa dessa classe.

No capítulo intitulado “O rapto”, o autor Içami Tiba narra uma passagem em que sua mulher preparou-lhe uma surpresa, “seqüestrando-o” quando o levava para o trabalho e embarcando com ele em um avião para uma viagem há muito programada

e adiada. No final da narrativa, o narrador utiliza sua própria experiência para generalizar uma máxima ao leitor:

Nessa história toda o que achei super legal é que, quando a polvo quer, consegue coisas do cobra que ele nem sonha, enquanto o cobra dificilmente consegue enganar uma mulher. Afinal, o cobra é uma limitação da polvo, só tem um tentáculo. (HCMP, p. 83).

Bárbara e Allan Pease vão além e transformam-se em personagens, num discurso em terceira pessoa, para pequenas narrativas cotidianas que servem para ilustrar as situações de conflito e os preceitos para solucioná-las. Veja-se este exemplo:

Barbara e Allan estavam se vestindo para ir a um coquetel. Bárbara tinha comprado um vestido novo. Queria estar o máximo. Pegou dois pares de sapato – um azul, outro dourado. E então fez a Allan uma pergunta que assusta qualquer homem:

– Querido, qual dos dois fica melhor com esse vestido?

Ele sentiu um frio na espinha, sabia que estava encrencado.

– Ah... Hum... o que você preferir, querida – resmungou.

– Ora, Allan – ela já estava impaciente –, qual combina mais... o azul ou o dourado?

– O dourado! – ele arriscou, nervoso.

– Mas o que é que tem de errado com o azul? – Ela perguntou. – Porque você não gosta dele? Custou uma fortuna e você não gosta, não é?

Allan, de ombros caídos, era a imagem do desânimo.

– Se você não quer a minha opinião, não peça, Barbara!

Ele tentou resolver o problema e ela nem agradeceu! É que Barbara estava tendo uma atitude tipicamente feminina: pensando alto. Na verdade, já tinha decidido qual sapato usar e não precisava de uma segunda opinião. Queria a confirmação de que estava bem. (PHSMA, p. 78).

A situação é trivial: o casal vai a um evento social e a mulher pede opinião ao marido sobre o seu traje. O nó dramático instaura-se pela hesitação do homem diante da consulta e se fecha com uma resposta irritada diante da reação adversa da mulher à resposta do marido. Reconhecemos nas personagens da trama os nomes dos próprios autores, o que leva à suposição de que o episódio tenha *realmente* ocorrido com seus atores. Por outro lado, a exposição por uma voz em terceira pessoa confere ao enredo um caráter de objetividade, de história impessoal, numa imitação dos recursos ficcionais, cuja consequência limítrofe é sempre uma identificação inconsciente do leitor com a situação narrada. Em outro momento, o narrador chega a identificar

nominalmente as personagens com os autores: “*Barbara Pease, autora desse livro, não sabia do teor de testosterona contido na pílula anticoncepcional que estava tomando. Seu marido, Allan, logo aprendeu a difícil arte de se desviar de pratos e outros objetos voadores durante a fase de TPM de Barbara e redescobriu seu talento para corridas de curta distância*” (PHSMA, p. 144, grifos nossos). Se a primeira função desse processo de autonarrar-se em terceira pessoa é fazer o leitor acreditar que os autores conhecem na prática o tema de sua palestra, um efeito secundário, mas não menos importante, está na sugestão de que um ato aparentemente subjetivo executa-se num plano de objetividade: a *pessoa* “Bárbara”, que até aqui “conversava” com um interlocutor na intimidade que permite a intermediação do texto literário, converte-se, subitamente, numa *mônada* social, também ela sujeita às determinações do meio, o que a iguala a todos os outros sujeitos numa esfera abstrata de identidade e cumplicidade.

Outro recurso recorrente dos autores para incluir-se como testemunha das informações veiculadas é utilizar a primeira pessoa do plural para incluir-se nas observações que manifestam sobre o comportamento humano, como neste caso, em que Gray compartilha com o leitor a dificuldade de comunicação resultante do estado passional que toma conta do ser humano quando este está entregue a emoções “negativas”:

Quando estamos aborrecidos, desapontados, frustrados ou nervosos é difícil nos comunicarmos amistosamente. Quando emoções negativas vêm à tona, tendemos momentaneamente a perder nossos sentimentos amorosos de confiança, carinho, compreensão, aceitação, apreço e respeito. Em tais momentos, mesmo com a melhor das intenções, conversar se transforma em brigar. Na calor do momento nós não nos lembramos de como nos comunicar de uma forma que funcione para o nosso parceiro ou para nós. (HMMV, p. 223, grifos meus).

A utilização da primeira pessoa, seja no corpo dissertativo, como vimos imediatamente acima, seja na forma de depoimento de experiência vivida pelo narrador, confere maior confiança no texto por aproximar autor e leitor, que no caso do livro de auto-ajuda, vêm-se numa espécie de relação professor-aluno, médico-paciente ou terapeuta-cliente. Introduzir-se o próprio narrador na situação relatada sugere ao leitor que seu “médico” ou “professor” sabe do que está falando, não

apenas por conhecer teoricamente o assunto, mas sobretudo porque, como ser humano, ter experimentado igualmente as dificuldades pelas quais passa o leitor.

No entanto, a pura introdução do narrador na situação explorada pela literatura de auto-ajuda não seria suficiente por si só para ancorar as afirmações num lastro de verdade. É preciso um segundo tipo de recurso: o da autoridade do sujeito que narra e aconselha. Não é apenas pelo fato de ter vivido, como o leitor, situações de conflitos conjugais ou amorosos, que Gray, Içami Tiba e Bárbara e Allan Pease ganham a confiança de sua platéia, mas especialmente por tê-las vivido e transformado-as em uma doutrina confiável para a solução dos problemas, uma vez que detêm o lugar privilegiado do saber conferido por seus títulos e suas atividades profissionais. John Gray assina o seu livro pospondo ao nome do autor a sigla “Ph. D.”, além de, como vimos, citar um currículo de palestras e seminários sobre relacionamento. Já Içami Tiba, não fôssemos recorrer ao renome midiático que sua participação em programas de rádio e TV lhe conferiu em todo o território brasileiro, bastaria uma olhada nas três páginas finais de seu livro para imediatamente o leitor reconhecer que está diante de um delegado do saber: ali um cuidado de marketing editorial expôs, além de todos os títulos acumulados pelo autor, a lista de seus 15 livros publicados, um *ranking* de vendas, prêmios recebidos e uma relação de outras produções do autor, como vídeos, palestras e seminários. Informações semelhantes são fornecidas sobre o casal Pease na contracapa de suas obras: ele é apresentado como “*especialista em linguagem corporal reconhecido mundialmente*”, enquanto a esposa é referida como pessoa “*especializada em capacitação profissional*” e “*diretora da Pease Training International, empresa que produz vídeos, cursos de treinamento e seminários para empresas e órgãos governamentais em todo o mundo*” (grifo meu).

2.2.3 Exemplos ilustrativos

A terceira forma de ancorar a credibilidade do discurso dos autores de auto-ajuda analisados são os exemplos. Esta é, talvez, na verdade, a mais presente em todos os livros pesquisados. John Gray utiliza prenomes, como Tom e Mary, Sandra e

Larry, às vezes citados como exemplos hipotéticos, outras vezes referidos como antigos conhecidos ou pacientes do narrador. A atribuição de casos a “amigos”, “pacientes” ou “conhecidos” é, aliás, a maneira mais freqüente de validar esses testemunhos. Esses são casos exemplares de Pease & Pease: “*Uma conhecida nossa, Gerri, era mãe solteira, saía pouco*”; “*Uma amiga minha foi expulsada da sala de aula na faculdade ao reagir com um ‘Mentira!’ à afirmação do professor de ciências religiosas de que havia mais de mil santuários onde a Virgem Maria operava milagres*” (PHMMC, p. 171 e 184). Em boa parte dos casos, os exemplos são citados como experiências confessadas por membros das platéias em congressos, seminários ou encontros de treinamento, o que vem discriminado por expressões como “*em um de nossos seminários, um participante contou*” (PHSMA, P. 84); “*uma vez, depois de uma palestra, um homem nos contou*” (p. 174); “*recentemente, em uma de nossas conferências, uma mulher nos contou*” (215). Nesse caso, a ancoragem de credibilidade é assegurada pelo testemunho de alguém que recebeu assistência dos autores e, possivelmente como o leitor, reconheceu a ciência dos palestrantes e sua autoridade para fornecer preceitos e princípios de conduta correta. Na segunda obra do casal Pease, o *feedback* dos receptores do primeiro livro acrescenta-se a esses testemunhos de audiência, na estatística das correspondências que confirmam o acerto dos preceitos sugeridos pelos autores: “*Não é fácil dizer o número de características irritantes que as mulheres vêem nos homens, mas, pelas cartas que recebemos de mais de cinco mil leitoras, chegamos às sete perguntas que as mulheres fazem com maior freqüência sobre os homens*” (PHMMC, p. 44).

Já Içami Tiba constrói toda a estrutura de seu livro apenas com narrativas exemplares. São enredos criados a partir de experiências na maioria das vezes banais e comumente vividas na vida doméstica e a dois, e as personagens não são nomeadas, criando a impressão de constituírem personagens típicas ou coletivas. Estas duas qualidades das narrativas de Tiba – trivialidade do tema e anonimato das personagens – permitem ao seu texto favorecer uma espécie de identificação dos leitores com as cenas narradas. Cito um trecho do capítulo intitulado “Família feliz no shopping” para ilustrar o estilo do autor. O trecho é longo, mas vale a pena acompanhá-lo por seu caráter modelar para o conhecimento do livro de Tiba:

Um domingo frio e garoento era tudo o que ele queria para ficar esparramado no sofá o dia inteiro. Depois de ler os jornais, nada como ver todos os programas esportivos e filmes de ação da tevê. Com a barba por fazer, usando seu moletom mais surrado e bebericando uma cervejinha antes do almoço, ele desfruta seu merecido ócio de fim de semana.

Para ela, porém, o domingo não tem nada de relaxante. As crianças estão impossíveis, presas no apartamento e sem nada para fazer. [...]

Então ela tem uma idéia salvadora: vamos todos ao shopping! Isso resolve o problema das crianças – que terão onde gastar toda aquela energia – e o do almoço. Os filhos, é claro, vibram com a idéia. Quem parece não gostar muito da proposta é o marido. Conformado, porém, ele prefere fazer a vontade da família a ter de aturar choros, birras e bicos. (HCMP, p. 43).

A narrativa segue justapondo cenas de peripécias no *shopping*, onde o autor aproveita para emendar aqui e ali suas observações sobre as diferenças comportamentais entre homem e mulher, como: “*É insuportável para qualquer cobra concentrado em tubo em alguma atividade, principalmente dirigir, que algo o atrapalhe*” (p. 43) ou “*Essa mania da mulher de experimentar tudo e sair sem comprar nada deixa o homem tão constrangido que ele nem gosta de acompanhá-la às lojas*” (p. 45). Como Içami Tiba, os Pease também acrescentam tramas “anônimas” sob o pretexto de proteger clientes ou pacientes: “*Todas as histórias são verdadeiras – apenas os nomes foram alterados para proteger os culpados*” (PHMMC, p. 74).

2.2.4 Interpelações ao leitor

O quarto recurso de ancoragem de credibilidade que notamos nos textos analisados é um derivado do emprego do testemunho. Quando expusemos, acima, os tipos de testemunhos a que recorrem os autores, observamos que eles ocorrem com as três pessoas do discurso. Como vimos, o testemunho pode introduzir-se quando o narrador chama depoimentos ou experiências de terceiros e quando ele próprio anuncia-se como prova de suas afirmações, mas também pode ser empregado interpelando-se o leitor para que ele, reconhecendo-se nas observações do narrador, sirva de testemunha às informações veiculadas no texto, à maneira destes

chamamentos de Gray ao acordo do interlocutor para suas afirmações: “*Certamente você já teve a experiência de se sentir preso a sentimentos negativos*” (HMMV, p. 253, grifo meu) e, depois de descrever um exemplo ilustrativo de suas idéias: “*Você provavelmente pode reconhecer essa situação porque é somente um dos muitos exemplos em que homens e mulheres se desentendem*” (HMMV, p. 40, grifos nossos). Pease & Pease operam com os conceitos ambíguos e ardilosos de consciência e inconsciência: “*Ao escrever este livro, trouxemos dados que seu subconsciente provavelmente já conhecia. Só que você não tinha parado para pensar no assunto*” (PHSMA, p. 233). No caso, tudo o que os autores vão dizer da diferença entre os sexos pertence a uma esfera infra-estrutural, já predeterminada e sempre presente na composição biopsíquica de cada homem e mulher. O papel dos autores é trazer à consciência essa determinação e torná-la aceitável.

2.2.5 Ilustração com episódios do cotidiano “universal”

Deste último exemplo, bem como daquele que já expusemos para falar do estilo de narrativa exemplar de Içami Tiba, podemos retirar um quinto recurso textual para conferir credibilidade ao discurso de auto-ajuda pesquisado: a ilustração com episódios da experiência comum, situações típicas ou clichês. Já vi-mos como este é praticamente o meio de composição que norteia praticamente toda a obra analisada de Içami Tiba. John Gray confirma a presença dos exemplos como narrativas triviais para criar identidade das situações abordadas com a realidade do leitor:

A verdade desses princípios é evidente por si mesma e pode ser validada pela sua própria experiência, bem como pelo senso comum. Muitos exemplos irão simples e concisamente expressar o que você sempre soube instintivamente. Essa validação o ajudará a ser você mesmo e a não se perder nos seus relacionamentos. (HMMV, p. 16)

2.2.6 Apoio em discursos científicos

Finalmente, passamos para o segundo pólo das análises, no qual os autores deixam de ancorar seus textos na vivência cotidiana e passam para a ancoragem acadêmica. Nesse destacamos que os autores buscam tornar ainda mais confiáveis suas informações recorrendo ao apoio de dados científicos vulgarizados pela imprensa ou pelo mercado editorial. As obras analisadas buscam sustentar-se por teorias científicas para argumentar as diferenças comportamentais que apontam nos dois sexos.

O único autor que não aborda diretamente causas e origens das diferenças de comportamentos entre os sexos é John Gray, e ele avisa de sua intenção de fugir a essas explicações na introdução da obra:

Nesse livro eu não abordo diretamente a questão do porquê homens e mulheres são diferentes. Essa é uma questão complexa para a qual há muitas respostas, que vão desde diferenças biológicas, influência da família, educação e nascimento até condicionamento cultural pela sociedade, pela mídia e história. (HMMV, p. 17).

No entanto, o autor afirma que essas explicações são abordadas em outra obra sua, de maneira que, *para o leitor deste seu livro*, fica pressuposto que essas causas e origens existem ou, em outras palavras, que as diferenças entre homens e mulheres são dados incontestáveis, cuja explicação pode ser encontrada em outros textos, pois este partirá do princípio de que elas estão aí e devemos aceitá-las para assegurar a saúde de nossas relações pessoais e sociais. Destarte, a maior parte da exposição de Gray limita-se a descrever os comportamentos e recomendar soluções para possíveis conflitos advindos das diferenças de gêneros.

Já Bárbara e Allan Pease retiram seus argumentos da Antropologia, entendendo o comportamento de homens e mulheres como traços psicológicos adquiridos de uma experiência pré-histórica da divisão de papéis: *“Trata-se aqui de uma linha de psicologia evolucionária que diz que, no cérebro de cada um de nós, existem padrões residuais de comportamento construídos pelas necessidades de nossos ancestrais” (PHMMC, p. 201)*. Assim, embora o discurso possa parecer reger-

se por uma perspectiva histórica, no fundo acaba confluindo para o reducionismo biológico:

Homens e mulheres evoluíram de modos diferentes porque tinha de ser assim. Os homens caçavam, as mulheres ficavam com o grupo. Os homens protegiam, as mulheres cuidavam. Como resultado, seus corpos e cérebros tomaram rumos diversos no processo de evolução e se transformaram para se adaptarem melhor às suas tarefas específicas. Os homens se tornaram mais altos e mais fortes que a maioria das mulheres, e seus cérebros se desenvolveram para cumprir as tarefas que lhe cabiam. As mulheres ficavam satisfeitas de ver seus homens saírem para trabalhar enquanto elas mantinham o fogo aceso na caverna. Seus cérebros, então, evoluíram para atender às funções que precisavam desempenhar. Assim, por milhões de anos, as estruturas dos cérebros de homens e mulheres foram se formando de maneiras diferentes. Hoje em dia, sabemos que homens e mulheres processam a informação de modos distintos. Pensam diferente. Têm crenças, percepções, prioridades e comportamentos diversos. (PHSMA, p. 16).

Depois de descrever o caminho duplo de formação dos universos semióticos no imaginário masculino e feminino, o texto conclui com a exposição da situação contemporânea: “hoje” homens e mulheres “sabem” que possuem cérebros diferentes. Além disso o termo “tinha de ser assim” pode denotar que historicamente foi assim que se deu, mas a ambigüidade da expressão e o contexto biologizante do excerto inclina à interpretação de que “a natureza assim o quis”. Trata-se, pois, em última instância, de uma diferença neurológica, isto é, física, invariável e que determina comportamentos acima de qualquer tentativa de desvio local ou cultural: “*Os homens são sempre iguais – pode mudar a cor da pele, a cultura ou a religião, mas seus cérebros funcionam da mesma forma, quer tenham nascido em Trieste ou em Timbuktu*” (PHMMC, p. 73).

No caso dos dois títulos de Pease & Pease, o termo inicial “por que” denuncia a intenção dos autores de dar esclarecimentos e respostas. Nas perguntas dos títulos – Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor? e Por que os homens mentem e as mulheres choram? – as ações de cada um dos sujeitos – masculino e feminino – são propostas como dadas e aceitas. O que se questiona são as razões desses comportamentos, e o que se propõe como respostas são as diferenças adquiridas em experiências pré-históricas incorporadas à biologia de cada sexo. O

leitor que busca apoio técnico nessas obras para suas questões pessoais e sociais toma seus discursos como verdade diretiva de conduta, especialmente quando depara com textos como o que segue, cuidadosamente composto num jargão técnico que transfere a fala da esfera laica para o segmento acadêmico, criando uma relação de poder que posiciona o leitor como ouvinte de um saber que se quer comunicar para salvá-lo:

Chorar é um comportamento que temos em comum com outros animais e que começa ao nascermos, mas os humanos são os únicos que choram de emoção. Para os humanos, as lágrimas servem a três propósitos: ajudar a limpar a superfície do olho; excretar substâncias químicas geradas pelo estresse; sinalizar aflição em situações emocionalmente carregadas. As lágrimas são segregadas por uma glândula localizada acima do olho e eliminadas por dois canais, no canto interno, que deságuam por sua vez na cavidade nasal. Em circunstâncias emocionais ou aflitivas, o excesso de lágrimas que não consegue ser drenado pelos canais lacrimais rola pela face. (PHSMA, p. 75).

Primeiro o texto identifica o homem aos outros animais de seu gênero, enquadrando-o numa perspectiva biológica; em seguida, traça o divisor, introduzindo a emoção como elemento distintivo da raça humana. Num terceiro momento, entretanto, esse traço é novamente reposicionado ao lado de outros dois, nivelando-o com elementos fisiológicos – além do que, reforçam a vulgarização e descontextualização de termos e conceitos científicos. Finalmente, o trecho encerra elidindo o traço distintivo com uma descrição técnica do processo de produção da lágrima, num efeito de pasteurização do elemento psicológico, convertido, aqui, em puro processo físico-químico. Tudo o que disser respeito, aliás, às afecções psíquicas, no discurso dos autores, será entendido como fisicamente determinado: “*Existem evidências de que o fenômeno do ‘amor’ resulta de uma série de reações químicas no cérebro que provocam efeitos físicos e mentais. [...] Em outras palavras: todas as nossas emoções – amor, tristeza, alegria – são bioquímicas*” (PHSMA, 2000, p. 137). Numa atualização dos princípios novecentistas do positivismo, tudo vai se resumir à mecânica fisiológica e às reações químicas e qualquer movimento do desejo ou das paixões pode – e deve – ser explicado por um processo biológico e genético:

A principal substância química que provoca os sintomas da paixão é a feniletilamina, da família das anfetaminas, encontrada no [...] Quando duas

peças se beijam, seus cérebros fazem uma rápida análise da saliva um do outro e decidem sobre a compatibilidade genética (PHSMA, p. 138).

Num capítulo que leva como subtítulo “*A tristeza química da mulher*”, os autores abordam a tensão pré-menstrual como complexo determinante fisiológico de “*maus pressentimentos, tristeza, depressão, até tendências suicidas*” (PHSMA, p. 142), eliminando daí alternativas como a insatisfação ou, no caso do suicídio, as razões já propostas pela sociologia durkheimiana na anomia social. Em outra obra, chegam a propor que “*estudos têm revelado que o comprimento dos vestidos e a altura dos saltos variam com o ciclo menstrual*” (PHMMC, p. 207).

Içami Tiba, por sua vez, escreveu seu livro a partir de uma leitura das três outras obras também elencadas para o *corpus* desta pesquisa, buscando condensar informações veiculadas por seus antecessores numa obra-síntese. Portanto, sua abordagem combina as visões dos outros autores, mas transforma os traços de diferenças comportamentais em marcas biopsíquicas, constantes do sistema neurológico humano, distinto em homens e mulheres. Partindo do par binário mente/alma, ele busca explicar os conceitos de fêmea/macho e feminino/masculino, que pretende abordar na obra. Definindo “mente” como o processo que “*rege conscientemente o que sentimos e fazemos*” e “alma” como “*a parte desconhecida da consciência que nos faz perceber o que sentimos e fazemos*”, Içami Tiba atribui à primeira um caráter biológico e à segunda um aspecto psíquico. Através dessa separação do comportamento em duas dimensões, conclui que a distinção entre fêmea e macho segue-se de um “determinismo biológico”, regido por hormônios, enquanto as categorias de feminino e masculino caracterizam processos tanto da mente quanto da alma (HCMP, p.11-12). Observe-se este argumento do autor, apoiado sobre dados da biofisiologia:

O que talvez o cobra nem suspeite é que tudo está escrito nos seus cromossomos, na sua genética. Impelido pela testosterona, o macho procura fêmeas para espalhar seus genes mundo afora. Mas nada lhe garante que a fêmea perpetuará seus genes, daí a necessidade biológica de mantê-la sob seu poder. Já para a fêmea, a descendência está assegurada mesmo que ela tenha filhos de vários pais. Para atrair o macho, ela precisa ter quadris largos que agasalhem bem a gravidez, seios fartos para alimentar os filhos dele e beleza, gerando belos machos que, por sua vez, atrairão suas fêmeas. (HCMP, p.17).

Todos os traços distintivos, em Içami Tiba, são atribuídos a atividades hormonais dos sexos. É, por exemplo, a progesterona que prepara a mulher para a maternidade e lhe confere aquelas características que a fazem mais atenciosa com os filhos do que o homem. Dessa forma, uma identidade feminina é determinada, no discurso do autor, por uma configuração genética e biológica.

A presença dessas informações científicas no discurso da auto-ajuda confere a essas obras o *status* e o crédito de divulgação científica. Entretanto, nenhuma das obras considera as diferenças de sexo ou gênero a partir de uma experiência sócio-histórica. Com exceção da abordagem com tendências antropológicas nos dois títulos de Pease & Pease, que só se apropriam de alguns dados da pré-história humana para tentar explicar comportamentos no homem e na mulher da atualidade, nenhum autor se ocupa da construção histórica desses comportamentos, excluindo de seu discurso, por exemplo, até as teorias da origem e desenvolvimento do sistema patriarcal no ocidente. Pelo contrário, a própria instauração do patriarcado é vista como resultado das diferenças entre os sexos. Logo, também não deveria ser questionada. Argumentando que a testosterona leva ao sucesso e este, por sua vez, aumenta o nível do hormônio masculino, os autores concluem: “*Homens com muita testosterona têm historicamente dominado a raça humana, e é razoável supor que mulheres que se destacaram tenham recebido uma dose adicional de hormônio masculino entre seis e oito semanas de vida intra-uterina*” (PHSMA, p. 146). Em outro trecho, os autores afirmam diretamente que as respostas para a primazia do masculino na cultura vigente pode ser explicada pela biologia. Contestando a afirmação das correntes opostas, que protestam a igualdade dos gêneros, os autores utilizam o próprio patriarcado como contra-argumento:

Se homens e mulheres são idênticos, como afirmam esses grupos, por que os homens sempre mantiveram sua dominação? O estudo do funcionamento do cérebro nos fornece muitas respostas. Nós não somos idênticos. [...] Se homens e mulheres têm direitos iguais, isto é uma questão política e moral. Se são idênticos, é uma questão científica. (PHSMA, p. 19)

Nota-se, contudo, a confusão que os próprios autores estabelecem entre os conceitos de igualdade e diferença. Eles mesmos afirmam duas esferas de análise, uma social e uma biológica, que devem ser abordadas distintamente, mas utilizam uma para explicar a outra e sobre determinam uma à outra: se existem diferenças sociais e culturais, elas se devem a diferenças biológicas.

A necessidade dos autores de fazerem acreditar suas premissas chega a frases que beiram o fascismo acadêmico:

Quando afirmamos que as estruturas físicas e mentais de homens e mulheres são diferentes, estamos nos baseando em pesquisas de renomados paleontólogos, etnólogos, psicólogos, biólogos e neurocientistas. As diferenças entre os cérebros de homens e mulheres estão perfeitamente claras, acima de qualquer especulação, preconceito ou dúvida razoável. (PHSMA, p. 19, grifos nossos)

Especulação ou preconceito de fato não são critérios legítimos de contestação, mas que pesquisador sensato e ciente de seu ofício não se reposicionará diante de uma dúvida razoável? Uma das formas de desacreditar teorias contrárias é inquiná-las de ultrapassadas: “*Antigamente se pensava que os hormônios só afetavam o corpo, não o cérebro. Hoje se sabe que os hormônios programam o cérebro antes do nascimento, ditando nossos pensamentos e atitudes*” (PHSMA, p. 135). A oposição entre “antigamente” e “hoje” confere à doutrina exposta a positividade do discurso moderno e coetâneo ao leitor, e a oposição entre os verbos “pensar” e “saber” sugere a fragilidade científica da teoria anterior sobre a objetividade e a certeza da que os autores professam. O mesmo recurso é utilizado no trecho que segue:

Até recentemente, acreditava-se que quando uma criança nasce sua mente é uma página em branco, onde os educadores imprimem suas escolhas e preferências. Recentes estudos de biologia mostram, porém, um panorama completamente novo e apontam os hormônios e o cérebro como os principais responsáveis por nossas atitudes, preferências e comportamento. Isso quer dizer que, ainda que criados em uma ilha deserta, sem uma sociedade organizada ou pais que os influenciassem, meninos competiriam fisicamente e mentalmente entre eles, formando grupos com uma nítida hierarquia, e meninas trocariam toques e carinhos, se tornariam amigas e brincariam com bonecas. (PHSMA, p. 17 e 18).

Percebe-se a negligência com os fatores ambientais e culturais na formação dos padrões de comportamento e da divisão de papéis sexuais. Essa ausência de abordagens sócio-históricas nas obras analisadas é preocupante. A tendência biologizante na maior parte da argumentação dos quatro discursos analisados pode conduzir a interpretações equivocadas dos papéis sexuais e do comportamento de gêneros.

Se é verdade que, conforme afirmam os autores, “estudos” indiquem influência dos hormônios em certos comportamentos, é também verdade que os resultados dessas pesquisas não sejam suficientes para creditar à biologia a determinação comportamental. O argumento mais evidente para o estabelecimento desta dúvida é a existência de outras pesquisas apontando para conclusões inversas. Compêndios de psicologia, que costumam reunir e avaliar pesquisas comportamentais, apontam, ao contrário do que os autores da auto-ajuda insistem em pespegar, que os estudos sobre diferenças de gênero são ainda inconclusivos. É o caso, por exemplo, de Papalia & Olds, autores de obras introdutórias à psicologia comportamental, que asseguram que, “numa revisão importante de mais de 2.000 estudos, constataram-se apenas algumas diferenças significativas entre meninos e meninas” (PAPALIA & OLDS, 2000, p. 222). Outra afirmação, citada pelos mesmos autores, pode ser relevante para considerar as diferenças de gênero mais como resultado da interação social do que de um determinismo biológico: “As diferenças de gênero são válidas para grandes grupos de meninos ou meninas, mas não necessariamente para indivíduos” (TURNER & GERVAI, citado por PAPALIA & OLDS, 2000, p. 223). Esta observação é interessante, pois sugere que, ainda que não se possa defender diferenças de gênero para os indivíduos homens e mulheres, elas são bastante presentes no âmbito social, isto é, no imaginário coletivo e no espaço da cultura. Além disso, essas diferenças não aparecem imediatamente, mas quando as crianças atingem um certo grau de maturidade: “As diferenças – físicas, cognitivas e emocionais – entre bebês masculinos e femininos são pequenas [...]. Algumas tornam-se mais pronunciadas após os três anos; mas, em média, meninos e meninas são mais semelhantes do que diferentes” (MACCOBY, citado por PAPALIA & OLDS, 2000, p. 222).

Por isso, aquele papel dos hormônios ou de outros fatores biológicos sobre o comportamento, aventado por Pease & Pease, não parece mais tão inequívoco. A neurologia e as ciências da aprendizagem mostram ser a espécie humana aquela cuja formação mais se prolonga após o parto. Gilbert Durand, por exemplo, discípulo do filósofo Gaston Bachelard que sistematiza o imaginário a partir de dominantes biológicas, mostra como a complexidade da formação do imaginário não pode ser reduzida a uma simples determinação neurológica. Ele compara o mundo das “vértebras inferiores”, onde existem ligações simbólicas inatas e rudimentares para regularizar comportamentos, ao caso humano, em que a ligação simbólica ocorre apenas a partir dos dezoito meses, enquanto a articulação simbólica, isto é, a manipulação dos dados herdados ou obtidos do ambiente, surja apenas por volta dos quatro ou cinco anos. Além disso, a formação anatômica do cérebro no ser humano termina apenas aos sete anos, enquanto as reações encefalográficas se normalizam apenas aos vinte. Durand conclui com palavras de P. Chauchard: “O homem é o único ser com uma maturação tão lenta que permite ao meio, especialmente ao meio social, desempenhar um grande papel no aprendizado cerebral” (citado por DURAND, 2001, p. 38).

Assim, a maior parte de nosso sistema nervoso central só se desenvolve nos dois primeiros anos de vida, indicando que muito de nossa constituição biológica possa ser fruto de nossos hábitos e experiências, e não o contrário.

A pressa de divulgar conclusões a partir de dados e pesquisas parciais é sintomática na apropriação da informação científica pelo discurso leigo e midiático. Burkett, um teórico norte-americano do jornalismo científico admite que

os escritores de ciência, especialmente aqueles que trabalham para os veículos de massa, tendem também a despir a ciência de muitas nuances. [...] Dessa forma, ao escrever sobre ciência para o público não-especializado, de uma maneira ou de outra, o escritor pode ficar vulnerável a acusações de supersimplificação. (BURKETT, 1990, p. 9).

Falando da posição de vulgarizadores do discurso científico, não é de estranhar que os autores da auto-ajuda acabem por exercer o mesmo tipo de banalização do

discurso científico. Este tipo de reducionismo apressado pode ser notado em textos como este de Içami Tiba:

Na mulher, a região cerebral responsável pela fala é mais ativa que no homem. Isso é comprovado pelo exame de ressonância magnética do cérebro. Por ter mais capacidade de falar do que o homem, a mulher acaba usando integralmente essa capacidade e falando mais mesmo. (HCMP, p. 85).

Essa citação denuncia o tom pejorativo do discurso, pois, considerando que o maior número de palavras utilizadas pelas mulheres para se expressar seja uma pré-determinação biológica, Tiba o apresenta de forma negativa, já que, sendo algo do qual as mulheres não têm como fugir ou como alterar, passa a ser uma forma de desqualificação apresentá-lo como inferior socialmente. Fazendo um exercício de levar ao extremo o raciocínio – do falar-menos masculino com o falar-sem-parar próprio do feminino –, podemos inferir que, se as guerras entre os povos se dão devido à falta de conversa e diálogo, poderia caber, então, às mulheres, falantes incorrigíveis e inatas, conduzirem o mundo à paz através da fala.

As informações deveriam servir para explicar por que as mulheres falam mais que os homens, mas assim formuladas pecam por desconsiderar que, como a maior parte do cérebro humano é configurado após o parto e durante os dois primeiros anos da criança, esta particularidade do cérebro feminino poderia, pelo menos hipoteticamente, ser constituída socialmente.

Além disso, muitas afirmações dos autores podem servir apenas para descrever hábitos de grupos e culturas. Quando, por exemplo, Içami Tiba diz que “*o cobra costuma comer²³ em silêncio e depressa*” (HCMP, p.79), pode estar tomando por modelo indivíduos de uma determinada classe, cultura ou situação, pois dificilmente se comprovaria esta observação num churrasco de fim-de-semana na periferia de uma cidade brasileira. Pode tratar-se, antes, de um comportamento perceptível num homem jantando com a família depois de um dia de trabalho numa instituição capitalista, com prováveis dificuldades de relacionamento em casa. É certo que

²³ A frase citada e retirada de seu contexto pode sugerir certa ambigüidade, uma vez que o verbo “comer” também sugere conotações sexuais. Se fosse este o caso, acreditamos que as afirmações que fazemos a seguir sobre as diferenças culturais e emocionais seriam ainda mais evidentes.

muitos homens, em nosso tempo, nossa sociedade e nosso sistema econômico podem se identificar com o modelo. Difícil é acreditar, sem melhores averiguações, que seja esta uma característica inata do gênero masculino. Caso semelhante ocorre quando Pease & Pease informam que, na Austrália, o número de meninos acidentados é maior que o dobro das meninas e dizem que “*isso acontece porque os garotos, além de mais imprudentes, têm uma visão periférica menos desenvolvida*” (PHSMA, p. 29), sem questionar, por exemplo, se os meninos não eram socialmente mais estimulados a correr riscos em aventuras e desbravamentos do mundo. Certamente não podemos nos eximir de comentar a possível ambigüidade da frase, uma vez que o verbo “comer” também sugere conotações sexuais. Neste caso, as afirmações que já fizemos sobre as diferenças culturais e emocionais são ainda mais presentes.

No caso da obra de Içami Tiba, o autor ainda toma certos cuidados que podem reduzir os riscos de um discurso doutrinador. Um deles está diretamente anunciado na introdução e na conclusão do livro. Antes do sumário, o autor alerta o leitor, numa espécie de subtítulo para o livro, de que sua obra “*é uma leitura de cenas do cotidiano filtradas pelo bom humor para incrementar o amor*” (HCMP, p.6, grifo meu). Conduzindo seu discurso sempre com humor e ironia, o autor transforma as situações cotidianas em caricaturas satíricas do comportamento de homens e mulheres. Um dos principais efeitos do humor no discurso é desqualificar o objeto temático. Na comédia, por exemplo, toda situação dramática é rebaixada como indigna de real preocupação, ao contrário do que ocorre nos textos trágicos ou dramáticos, que chamam maior atenção para a necessidade de sensibilização e reflexão sobre o tema. A ironia, como forma especial do humor em que se diz num segundo nível o contrário do que se afirma nas sentenças de primeiro plano, tem o caráter de, por outro lado, manter uma aparência de seriedade encobrendo o ridículo. Dessa forma, o discurso irônico pode conduzir o leitor ao constrangimento de identificar-se com aquelas situações e levá-lo, então, à reflexão e ao desejo de mudança. Na conclusão, Içami Tiba ressalva que “*o homem e a mulher não são obrigados a seguir o que seus cromossomos ditam*”, mas podem mudar seus “comportamentos jurássicos” (HCMP, p.92). Em outro momento também avisa:

Não se pode mais admitir que o homem continue agindo como macho quando ele precisa evoluir para o masculino, sendo ou não cobra. Já as mulheres, com a revolução sexual, queimaram seus sutiãs, mas muitas ainda continuam com suas calcinhas muito apertadas e é tempo de serem mais donas da própria sexualidade. (HCMP, p. 64-65).

No entanto, em outra passagem o autor identifica o “como somos” apenas como um disfarce cultural para o determinismo biológico dos cromossomos:

Os cromossomos determinam a vida sexual de todos os animais, inclusive a dos seres humanos. Talvez a única diferença fundamental seja o “como somos” da espécie humana, que nos dá a racionalidade e, conseqüentemente a inteligência, a criatividade e motivações muito diferentes das simplesmente biológicas. Assim, o “como somos” criou o amor, a espiritualização e a educação, transformando o simples ritual biológico do instinto sexual numa história de amor única e verdadeira para cada casal de amantes. A propaganda enganosa fica por conta dos cromossomos, que continuam determinando novas atrações – que, por sua vez, o “como somos” teima em chamar de paixões, romances, idílios, galanteios, sonhos, devaneios... (HCMP, p. 19, grifo meu).

Não fica claro, portanto, pelo discurso de Içami Tiba, se existem diferenças constitucionais entre os dois termos e as esferas comportamentais que eles nomeiam. Ao limitar o comportamento humano ao determinismo biológico, masculino ou feminino passa a significar apenas a dimensão simbólica de traços inalienáveis da psico-fisiologia sexual.

Nos outros autores, as permissões para “comportamentos revolucionários” e contrários aos traços constituintes de cada sexo ganham menor ênfase. No entanto, é preciso considerar que existe em todos os autores pesquisados a intenção de estimular mudanças no padrão de comportamento dos leitores, ainda que as recomendações sejam divididas conforme o sexo do orientado, como nestes conselhos de John Gray:

Se você é uma mulher, eu sugiro que, pela próxima semana, você tente se controlar ao dar qualquer conselho ou crítica não solicitado. O seu parceiro não somente irá apreciar, como também ficará mais atencioso e compreensivo com você.

Se você é um homem, eu sugiro que pela próxima semana você pratique ouvir a qualquer momento que uma mulher falar, com a única intenção de respeitosamente entender o que ela está passando. Tente morder a língua toda vez que você sentir o impulso de oferecer uma solução ou mudar a maneira que ela está se sentindo. Você ficará surpreso quando vir o quanto ela apreciará você por isso. (HMMV, p. 39).

Entretanto, os autores afirmam e recomendam as mudanças na superfície comportamental, sem que os traços diferenciais sejam removidos, uma vez que parece implícito ao discurso de cada um deles a crença em que, forjados na constituição biológica ou no milenar condicionamento antropológico e cultural, esses traços constituam características irrecorríveis em cada um dos sexos. O subtítulo de um item do capítulo 6 da obra de John Gray trai esse princípio do autor: “*Aprendendo a apoiar um ao outro sem ter que mudar*”. Nesse item lemos:

Sandra sempre reclamou que Larry não falava. Tinha se convencido de que o silêncio dele tornava a intimidade impossível. No seminário ela aprendeu a compartilhar seus sentimentos sem esperar e exigir reciprocidade de Larry. Em vez de rejeitar o silêncio dele, ela aprendeu a apreciá-lo. Fez dele um ouvinte melhor.

Larry aprendeu a arte de escutar. Ele aprendeu a ouvir sem tentar consertá-la. É muito mais efetivo ensinar um homem a ouvir do que a se abrir e ficar vulnerável. Quando ele aprende a ouvir alguém por quem se importa e é reconhecido por isso, ele aos poucos se abre e comparti-lha mais automaticamente (HMMV, p. 117).

Nada nas obras, portanto, leva a crer que os traços distintivos entre os sexos e os gêneros sejam frutos da experiência histórica, passíveis de mudança na atualidade. Ao contrário, as interpelações dos autores a dados científicos e o apoio de suas afirmações em testemunhos e experiências do cotidiano trivial e do senso comum concebem para o leitor um universo demasiadamente marcado pelas diferenças, em cujo domínio sua única escolha parece ser a de aceitar essas diferenças, venham elas de onde vierem, e pacificar-se com elas.

Por outro lado, é preciso lembrar as recomendações que todos eles fazem pela tolerância e pela mudança ao menos na forma de encarar os conflitos com o sexo oposto. Se a posição dos autores com relação à possibilidade de intervenção num plano essencial e profundo não se pode deduzir de seus discursos, é pelo menos de se imaginar que, sub-repticiamente, aquelas recomendações contêm em embrião a transformação possível. Pois, se um homem decidir-se por ouvir a mulher e trocar com ela, num diálogo, impressões sobre os sentimentos dela, sem impor soluções a seus dilemas (como o propõe, por exemplo, John Gray), só por esta atitude, ele pode

estar modificando em si o silêncio, a tendência ativa e racionalizante e a sensação de potência absoluta que os autores analisados creditam ao comportamento masculino.

Pease & Pease, por exemplo, embora, de todos os textos analisados, revelem maior ortodoxia no determinismo biológico, algumas vezes abrem o discurso intolerante para as mudanças, sugerindo que elas sejam possíveis e até desejáveis: “*O fato de uma coisa ser instintiva ou natural não quer dizer que seja boa*”, alertam. “*Conhecendo suas necessidades biológicas, o homem moderno pode decidir e evitar ser incinerado por fazer o que lhe parece natural*” (PHSMA, p. 177). Chegam a citar pesquisas mostrando que diferenças culturais podem implicar em mudanças comportamentais que os próprios autores tomam como biologicamente herdadas e determinadas. Por exemplo, quando afirmam que, naturalmente, o sujeito masculino é impulsionado prioritariamente para a atividade sexual, ressaltam que uma pesquisa publicada na revista *American Demographics*, em 1997, revelou, a partir de um estudo com mais de 10.000 homens adultos, uma relação entre “impulso sexual e inteligência”. Segundo a pesquisa, “*quanto mais “culto” o indivíduo, menos sexo ele pratica ou tem vontade de praticar*” (PHSMA, p. 173). No entanto, se nesses momentos os autores alertam para alternativas de construção de singularidades no comportamento dos gêneros, é importante observar que, no resto do texto, quando abordam as zonas de conflito uma a uma, pouco deixam para a ação revolucionária e, ao contrário, chegam mesmo a aconselhar a inibição de toda luta e recusa do paradigma estabelecido.

De qualquer forma, a mudança, em todos os livros, só é aconselhada com vistas à aceitação do parceiro. Não se aconselha, por exemplo, que a mulher deixe de ser sentimental e procure desenvolver uma cognição focal e racional semelhante à atribuída ao mundo masculino ou que o homem abandone sua auto-imagem de macho conquistador e provedor para tornar-se um passivo acolhedor de uma atividade do sexo oposto. Isto não pode ser tocado: está inscrito pela natureza em nossa biologia ou pelos ancestrais pré-históricos em nossa herança genética. Recomenda-se, sim, que cada um permaneça com suas distintas características seculares, mas invista na alteração de sua maneira de compreender o sexo oposto e de considerar no outro as

qualidades desconhecidas em si mesmo. A mudança pretendida e sugerida é de relacionamento, não de constituição pessoal.

CAPÍTULO 3 – A IDENTIDADE DA MULHER NO DISCURSO DE AUTO-AJUDA

Para identificar uma imagem de mulher pressuposta e veiculada no discurso dos textos que selecionamos para nossa pesquisa, procuramos estabelecer categorias ou ângulos de abordagem sob os quais a mulher é contemplada.

Todos os autores analisados buscam abranger em sua discussão diversas dimensões do convívio entre homens e mulheres e pautam sua argumentação a partir das zonas de conflito. Com isso, as obras elencadas cobrem as seguintes áreas de conflito: SEXUALIDADE, NAMORO E CASAMENTO, AFETIVIDADE (formas de o indivíduo lidar com seus sentimentos e emoções), MATERNIDADE /PATERNIDADE E EDUCAÇÃO DOS FILHOS, COGNIÇÃO (maneiras peculiares de inteligência e processamento de informações), SOCIABILIDADE (disposições para o convívio com outros indivíduos) e TRABALHO. Por outro lado, nenhuma delas aborda diretamente as formas de cada sexo lidar com questões espirituais ou religiosas – zona de menor conflito aparente entre as identidades sexuais – mas também se esquivam de observações diretas sobre espaço e mercado de trabalho, gestão econômica e de finanças, pessoal ou familiar, regiões sabidamente tensas no cotidiano dos casais em condições de convívio diário.

Situações “reais” ou fictícias do convívio entre homens e mulheres servem aos autores para discorrer sua análise das diferenças de papéis e comportamentos entre os dois sexos. A partir dessas descrições, constrói-se, para um e outro sexo, um perfil que pode conduzir à proposta de uma identidade de gênero para cada um dos lados. Para facilitar ao leitor o acompanhamento das diferenças entre os sexos apontadas pelos autores em cada uma das dimensões supracitadas, *criamos seis categorias*, e vamos abordá-las uma a uma.

3.1.1 - Sexualidade, namoro e casamento

Como nos segmentos abordados até aqui, também no amor e na sexualidade mantém-se a dicotomia básica que separa as condutas masculina e feminina: a atividade e o movimento são atitudes próprias do homem como a passividade e a inércia o são da mulher. Para os primeiros passos do amor, a etapa da paquera e do namoro, Içami Tiba avisa:

Uma polvo sabe que um cobra valoriza a conquista de algo que nenhum outro conseguiu, mas despreza o que lhe foi fácil obter. O grande trunfo da polvo é proporcionar ao cobra a sensação da conquista, quando, na realidade, é ela que determina os passos dele. (HCMP, p. 15-16, grifos nossos).

Estamos aqui diante do velho jogo da sedução e da conquista amorosa e no hábito secular de incluir a primeira “ação” entre os atributos femininos e a segunda entre os masculinos. Seduzir é o que faz a mulher, isto é, sem se deslocar ou mover-se, atrai sobre si a atenção do outro, utilizando um magnetismo que abre caminho para o deslocamento do macho, rumo a sua receptividade de fêmea. Já o homem é o conquistador, o invasor de terras, é ele que se movimenta sobre e para o outro, é dele, mais uma vez, o domínio da ação no mundo. Pease & Pease propõem “dicas testadas e aprovadas há 5.000 anos” para o homem conquistar uma mulher: “1. prepare o

ambiente; 2. providencie a comida; 3. acenda o fogo; 4. compre flores; 5. convide pra dançar; 6. não deixe faltar champagne e chocolate” (PHSMA, p. 216-218). A lista de recomendações privilegia as esferas do agir e do prover. À mulher não cabe a conquista: ela é o objeto a ser granjeado. Daí deriva outra condição feminina: a de objeto, e não sujeito, do desejo, e a conseqüente necessidade de que a mulher esteja sempre bonita e bem arranjada para atrair a atenção do macho, afinal, “*o homem é visualmente atraído por curvas, pernas e formas. Qualquer mulher de formas e proporções normais chama sua atenção*” (PHSMA, p. 184). Isso ocorre porque, segundo os autores, os signos visuais são muito importantes para o homem, que, portanto, “*usa inconscientemente a aparência da mulher como medida do respeito e do amor que ela tem por ele*” (PHMMC, p. 218 e 219). O casal chega a fornecer uma lista de prioridades que o desejo masculino considera numa mulher: “*1. Silhueta atlética; 2. Boca sensual; 3. Seios fartos; 4. Pernas longas; 5. Quadris redondos /Cintura fina; 6. Nádegas hemisféricas; 7. Olhos atraentes; 8. Cabelos longos; 9. Nariz pequeno; 10. Ausência de barriga; 11. Costas arqueadas; 12. Vulva arqueada; 13. Pescoço alongado*” (PHMMC, p. 205), e alertam para a preferência da “*forma de pêssigo*” para as nádegas (PHMMC, p. 209). Além disso, preferem que as mulheres usem o sapato alto, que “*reforçam o perfil sexual das mulheres alongando-lhes as pernas, arqueando as costas, empinando as nádegas, diminuindo os pés e empurrando a pélvis para frente*” (PHMMC, p. 207). Finalmente, concordam com a tradição de que inteligência não é atributo feminino, e chamam, para testemunho, a arte de pintores e poetas:

Nos últimos sessenta anos, quase todos os estudos sobre a atração chegaram às mesmas conclusões a que chegaram pintores, poetas e escritores nos últimos seis mil anos: o corpo e a aparência da mulher exercem maior atração sobre os homens do que sua inteligência e qualidades, mesmo no politicamente correto século XX. (PHMMC, p. 204).

A conclusão é, pois, que, se pintores e poetas exaltaram a beleza, é porque ela é *naturalmente* desejável, e esquece-se que, na cultura, como na biologia, também existe herança de modelos. Diante de afirmações como essas, torna-se impossível

livrar o sujeito feminino de seu destino de objeto de desejo, contra o qual lutam tantas feministas. Pelo contrário, segundo os autores, o melhor é conformar-se a ele:

É fato que a aparência da mulher pode atrair ou repelir o homem durante o relacionamento. Muitas mulheres ficam furiosas com isso. Aham que é injusto um homem grisalho e enrugado ser considerado distinto e maduro, e a mulher na mesma situação, simplesmente uma velha. Mas é o que acontece. Não adianta se aborrecer com isso e ficar se queixando do que você não pode mudar. É assim que os homens – e muitas mulheres – pensam. Não lute contra isso. Administre suas conseqüências. (PHMMC, p. 220).

Eles acrescentam, ainda, um estudo demonstrando que as mulheres norte-americanas que diversificam as “roupas íntimas sensuais” conseguem manter com mais eficiência a fidelidade de seus parceiros. “*Essa é uma das formas de adaptar ao relacionamento monogâmico a necessidade masculina de variar*”, concluem os autores (PHSMA, p. 180).

Se a harmonia das formas é o critério de beleza para a mulher, para o homem é o das linhas expressivas de força. Pease & Pease afirmam que, em razão de sua necessidade de ser subjugada e provida, a fêmea humana procura no macho “*ombros largos, cintura estreita e braços fortes*”, pois desde a pré-história o que a mulher procura é só um bom caçador. “*Também gosta de bundas bem torneadas e durinhas*”, que auxiliam a posição em pé, necessária para a luta, e garantem “*mais impulso durante o ato sexual, aumentando as chances de fertilização*” (PHSMA, p. 214).

Em uma frase de John Gray, a oposição entre conquistador e conquistada se faz com mais sutileza, mas justamente por isso ela atrai ainda mais a concepção de um macho ativo e de uma fêmea passiva na esfera do amor e do erotismo humano. Lembrando sempre que uma mulher precisa sentir-se amada e que o homem precisa alimentá-la com seu amor para que ela permaneça constante em seu sentimento, o autor profere: “*Quando um homem ama uma mulher, ela começa a brilhar com amor e satisfação*” (HMMV, p. 126). Repare-se, pela construção da frase, como se dá, no discurso deste narrador, a relação de cada sexo com a experiência do amor. Em primeiro lugar, recordemos que o verbo é a categoria sintática que representa, no discurso, a ação. Temos, portanto, dois verbos em duas orações: “ama” e “brilha”. O

primeiro é conferido ao homem; o segundo, à mulher. “Amar” é uma ação que se dirige sobre o outro, isto é, desloca-se no espaço para deter-se sobre um objeto externo; a gramática diria que é um verbo transitivo, isto é, “transita” para um objeto: quem ama, ama alguém ou alguma coisa. Por outro lado, “brilhar” propõe uma ação imanente, sem projeção sobre um objeto fora do sujeito: este brilha, e é só. No caso do sujeito da frase de Gray, a mulher “brilha com amor e satisfação”. Ora, é, portanto, o sujeito masculino que *ama*, é ele o agente do amor, é dele que emana a atividade de amar. A mulher, por sua vez, sente o amor despertar em si pela ação do homem, pois, note-se, a conjunção “quando” da oração do sujeito masculino torna sua ação condicionante da ação de “brilhar” do sujeito feminino: o homem ama uma mulher, exerce sobre ela uma atividade de amar, é o sujeito de um amor; a mulher conhece um amor passivo, ela recebe e é objeto de um amor. Esta diferença da experiência amorosa se traduz, no texto de Içami Tiba, por uma atitude masculina de controle e uma feminina de cuidado:

Ele tem de colocá-la em seu território, sob seu absoluto controle [...]. A polvo se excita só de sentir quanto é desejada pelo cobra. A expressão do seu amor é ter o homem sempre consigo, nos seus braços, nutri-lo, agasalhá-lo, acariciá-lo, beijá-lo e dizer muitas e muitas vezes quanto o ama. (HCMP, p. 17).

Dessa forma, o homem busca, no amor, controlar, sobrepor-se ao outro, enquanto a mulher quer subsumir-se em proveito do parceiro masculino. No amor, é próprio do sujeito masculino afirmar-se e do feminino negar-se. Içami Tiba traduz esta oposição com dois verbos poderosos: “A expressão máxima do amor do cobra é possuir a sua fêmea. [...] A expressão máxima do amor da polvo é cuidar do seu homem e dar-lhe muitos filhos” (HCMP, p. 15-16, grifos meus). Para a mulher, portanto, o amor é vivido como doação de si ao outro, por isso ela se realizaria no cuidado do homem e na vivência da maternidade, isto é, no cuidado da prole. O homem, ao contrário, precisa sentir sempre seu sujeito presente à situação, ele tem que acreditar no poder de sua ação para viver uma relação amorosa plena. John Gray diz: “Os homens ficam motivados e fortalecidos quando se sentem necessários. [...] As mulheres ficam motivadas e fortalecidas quando se sentem acalentadas” (HMMV, p.

55, grifos do autor). Para a mulher, basta a companhia do outro para viver o amor: “*Quando uma mulher está aborrecida, indefesa, confusa, exausta ou desesperançada, o que ela mais precisa é de simples companheirismo. Ela precisa sentir que não está sozinha. Precisa se sentir amada e acalentada*” (HMMV, p. 59). Assim, o homem precisa *sentir-se* na relação amorosa, enquanto a mulher precisa *sentir o homem*. Existe, portanto, na relação amorosa diagnosticada pelos autores da auto-ajuda, uma onipresença do sujeito masculino, criada a partir de uma negação constitutiva do sujeito feminino. No caso de John Gray, para esta condição feminina ele arrisca uma explicação, fugindo esta única vez da intenção, anunciada na introdução do livro, de não fornecer nessa obra esclarecimentos sobre as origens das diferenças comportamentais entre os sexos:

Estabelecer limites e receber são muito amedrontadores para uma mulher. Ela está comumente com medo de precisar demais e então ser rejeitada, julgada, ou abandonada. Rejeição, julgamento e abandono são mais dolorosos porque bem no fundo do seu inconsciente ela acredita, erroneamente, que não é merecedora de receber. Essa crença se formou na infância a cada vez que ela tinha que reprimir seus sentimentos, necessidades ou desejos. (HMMV, p. 65).

Situando a causa da auto-anulação feminina numa infância cultural de repressão de sentimentos, necessidades e desejos, John Gray sugere origens históricas para o comportamento amoroso da mulher – e também, por que não, do homem. De qualquer forma, a ênfase nas diferenças e na administração delas acaba distraindo o leitor de uma consciência histórica, pois, como escritor de auto-ajuda, o autor se propõe oferecer conselhos para a gestão pessoal das dificuldades e são elas que tomarão relevo no discurso de Gray.

Para elucidar as condutas ativa e passiva de homens e mulheres, respectivamente, o autor cria duas metáforas também esclarecedoras na análise dos perfis comportamentais propostos para homens e mulheres. Ele associa o homem ao “elástico” e à mulher à “onda”, para exemplificar a conduta móbil do primeiro e estacionária da segunda: “*Os homens e mulheres têm seus ritmos e ciclos próprios. Os homens se retraem e se aproximam, enquanto as mulheres sobem e descem em sua habilidade de amar a si mesmas e aos outros*” (HMMV, p. 126). Nestas

metáforas, o autor pretende sintetizar, de um lado, aquele comportamento masculino de “natural” afastamento durante as relações, bem como a condição feminina de variar seu humor conforme o amor que sente o parceiro lhe demonstrar. Como nas situações em que se vê aborrecido e preocupado, também nas relações amorosas, segundo Gray, é comum ao homem um afastamento temporário:

Os homens são como elásticos. Quando se retiram, só podem esticar até uma certa distância antes de saltar de volta. Um elástico é uma metáfora perfeita para entender o ciclo masculino de intimidade. Esse ciclo envolve aproximação, afastamento e, de novo, aproximação. [...] As mulheres interpretam mal o afastamento de um homem porque uma mulher geralmente se afasta por razões diferentes. Ela se retrai quando não confia nele para entender seus sentimentos, quando foi machucada e tem medo de ser machucada de novo, ou quando ele fez alguma coisa errada e lhe desapontou.

Certamente um homem pode se afastar pelos mesmos motivos, mas ele também se afastará mesmo que ela não tenha feito nada de errado. Ele pode amá-la e confiar nela, e de repente começar a se afastar. Como um elástico esticado, ele vai se distanciar e então voltar por si só. (HMMV, p. 105).

O homem se afasta, portanto, por uma necessidade natural, constitutiva de seu sexo, e esse afastamento ocorre sem motivos exteriores. Em outras palavras, é próprio do macho da espécie não querer ou não poder manter por muito tempo a intimidade entre o casal, pois ele estaria sempre compelido a viver uma liberdade que é própria do sexo. Um homem “não se amarra”:

Um homem se afasta para satisfazer sua necessidade de independência e autonomia. Quando ele tiver se esticado para longe completamente, então instintivamente voltará. [...] Automaticamente ele ficará mais motivado a dar o seu amor e a receber o amor de que precisa. Quando um homem volta, ele retoma o relacionamento no mesmo grau de intimidade em que estava antes de se esticar para longe. Ele não sente nenhuma necessidade de um período de readaptação. (HMMV, p. 105-106).

E novamente o autor alerta a parceira para os perigos de contestar a liberdade inata do ser masculino. Como, segundo o autor, o distanciamento, para o homem, constitui uma atividade necessária para ele experimentar mais vivamente o sentimento do amor, uma vez que a perda parece condicional para que ele valorize o objeto possuído, o melhor conselho para a mulher é conceder nesse afastamento, deixar o seu homem ir e esperar que ele volte quando assim for sua vontade. O

homem tem, pois, liberdade no amor, é sua condição inata; à mulher cabe novamente a espera:

Se um homem não tiver a oportunidade de se afastar, ele nunca terá a chance de sentir seu forte desejo de estar perto. É essencial que as mulheres entendam que se elas insistirem em intimidade constante ou ‘correrem atrás’ do seu parceiro íntimo masculino quando ele se afastar, então ele ficará quase sempre tentando escapar e se distanciar; ele nunca terá uma chance de sentir seu próprio desejo apaixonado por amor. (HMMV, p. 117).

Não satisfeita essa necessidade intrínseca de romper a intimidade, o parceiro pode manifestar sintomas de uma espécie de TPM masculina: “*Quando um homem se aproxima demais e não se afasta, os sintomas comuns são mau humor, irritabilidade, passividade e cair na defensiva*” (HMMV, p. 118). O mesmo conselho é proposto pelo casal Pease, para quem o homem de todos os tempos, como o antepassado pré-histórico, só “*quer ficar sentado em uma pedra ou olhando para o fogo*” (PHSMA, p. 124).

A mulher, por sua vez, não sente necessidade de afastar-se do parceiro. Seu movimento é de variação de humor no interior da própria relação, oscilação que ocorre na dependência da atenção que o amante lhe dispensa. A mulher não abandona a relação nem foge da intimidade, mas, vivendo sempre no interior dela, reage emocionalmente conforme essa intimidade aumenta ou diminui. Novamente é a ação do macho que determina e conduz o processo e as fases da relação amorosa:

Uma mulher é como uma onda. Quando ela se sente amada, sua auto-estima sobe e desce num movimento ondulatório. Quando ela estiver se sentindo realmente bem, ela atingirá o pico, mas então, de repente, seu estado de ânimo pode mudar e sua onda quebrar vertiginosamente. Esse mergulho é temporário. Depois de atingir o fundo, de repente, seu estado de ânimo mudará e ela de novo se sentirá bem sobre si mesma. Automaticamente sua onda começa a subir de novo. (HMMV, p. 125).

A mulher “esvazia-se” de amor, é um vaso, uma copa oca que depende do macho para encher-se de sentimento: “*Quando a onda de uma mulher sobe, ela sente que tem uma abundância de amor para dar, mas quando desce, sente seu vazio interior e precisa ser preenchida com amor*” (HMMV, p. 125).

Nestas metáforas propostas por John Gray para o comportamento amoroso dos dois sexos pode-se notar, mais uma vez, marcas de uma concepção que opõem homem e mulher a partir da ação e da inação. A imagem de um elástico sugere um movimento horizontal, um ir e vir no espaço, um deslocamento para fora da relação, enquanto o movimento ondulatório proposto para a conduta feminina representa uma oscilação vertical estabilizado num único ponto do espaço, no caso, o interior do relacionamento e da intimidade. A mulher é o ser da permanência, da estabilidade e da espera pelo retorno do macho viajante e aventureiro. A descrição é bem menos delicada e quase toca a obscenidade no texto de Içami Tiba:

A polvo, usando um dos seus tentáculos, pode acolher o companheiro como a um filho. Ela fica com pena dele, coitadinho, tão necessitado... Não custa nada “deixá-lo ir”; afinal, ele é apenas um macho que só pensa “naquilo”. Se é “bom” para ele, ela também fica feliz... (HCMP, p. 18)

Para este autor, a mulher não se incomoda com as “escapadas” do macho porque “é típico do comportamento feminino satisfazer as necessidades dos outros antes das próprias” (HCMP, p. 39). Em Pease & Pease toda sutileza é definitivamente abandonada. Para o casal, o macho escapa porque é um disseminador natural de esperma, o que veio a constituir um problema quando as regras sociais instituíram o casamento monogâmico (PHSMA, p. 166), e “não há dúvida: o homem tem que travar uma batalha constante consigo mesmo para ficar com uma só mulher” (p. 176). Os autores admitem a promiscuidade masculina e, num capítulo que procura respondê-la, afirmam que ela é uma “herança da evolução” presente na estrutura do cérebro masculino, que precisa de variedade, pois, à maneira de seus outros irmãos mamíferos, o macho da nossa espécie está “programado” para cruzar com “o máximo possível de fêmeas”. Assim, um homem pode copular até cinco vezes com a mesma parceira num dia, mas a sexta só acontecerá se aparecer uma segunda fêmea para estimulá-lo (PHSMA, p. 176-179). E, como a responsabilidade pelo comportamento promíscuo é da biologia, obviamente, o “ponto principal” da promiscuidade e da infidelidade masculina é que ela é proporcional ao “tamanho dos testículos” (sic!) (PHSMA, p. 182). A mídia, aqui, surge como prova da

promiscuidade masculina, e não, como poderia se pensar de outra maneira, como estimuladora dela:

Quase todas as imagens pornográficas na Internet, a prostituição e os vídeos eróticos são dirigidos ao público masculino, levando a uma conclusão: a maior parte dos homens consegue viver uma relação monogâmica, mas sua estrutura cerebral exige uma estimulação mental poligâmica. (PHSMA, p. 175 e 176).

Mais uma vez percebe-se certa ingenuidade na argumentação dos autores, que tomam a ação dos agentes de subjetivação apenas como reflexo de um padrão inevitável, em vez de perceber neles a ação de um poder constituído para manter o *status quo*.

A conclusão do casal Pease, a partir da admissão de uma promiscuidade masculina inalienável, é de que o casamento não serve, portanto aos homens, embora seja estimado pelas mulheres. Se para o homem, a vida “acaba” no casamento (PHMMC, p. 117), os autores asseguram que este é o sonho da maioria das mulheres ocidentais, que vêem na cerimônia e no contrato uma “*demonstração pública de que ‘ela é especial’ para um certo homem*”, a ponto de este macho promíscuo abrir mão de sua tendência a espalhar o sêmen e aderir ao convívio monogâmico (PHSMA, p. 203). Para o homem, no entanto, Pease & Pease, não vêem vantagem alguma no casamento monogâmico, esquecendo, aliás, conclusões das mais importantes teorias antropológicas do parentesco, como a de Lévi-Strauss, citadas, por exemplo, por Simone de Beauvoir, para as quais existe um vínculo histórico entre o patriarcado e a instituição do casamento e da família para controlar a descendência e a transmissão de heranças:

No momento em que o patriarcado é poderoso, ele arranca da mulher todos os direitos sobre a detenção e a transmissão dos bens. Quando se admite que os filhos de uma mulher não são dela, passam eles a não ter nenhum laço com o grupo de origem da mulher. [...] Pelo casamento, a mulher não é mais emprestada por um clã a outro; ela é radicalmente tirada do grupo em que nasceu e anexada ao do esposo. [...], como o escravo, o animal de carga, a coisa, é natural que o homem possa ter tantas mulheres quantas lhe apraza [...]. Em compensação, a mulher é adstrita a uma castidade rigorosa. (BEAUVOIR, 1970, p. 102-103).

É importante, obviamente, notar que, neste caso, o casamento monogâmico deve impor-se à mulher, mas não necessariamente ao homem. Na visão de Beauvoir, é por isso que as mulheres o desejariam mais que os homens, uma vez que foi para elas que a família foi constituída e destinada. Portanto, o sujeito masculino não tira vantagens do casamento monogâmico quando é ele que deve se submeter a ele; ao contrário, quando a mulher se submete, as vantagens são simplesmente aquelas que permitiram a instituição de uma política e uma economia patrilineares.

No entanto, Pease & Pease adiantam-se e concluem que, se o casamento não serve para o macho, não serve também para o casal. Uma vez que os autores pautam-se pela determinação biológica, acabam por deduzir que *“o homem, como a maioria dos primatas e muitos mamíferos, não é biologicamente inclinado à monogamia”* e *“a espécie humana não é monogâmica por natureza”* (PHSMA, p. 175 e 176). Para eles, *“o homem produz testosterona suficiente para se sentir inclinado à promiscuidade, mas não tanta que o impeça de se submeter às regras sociais, religiosas ou femininas e aderir à monogamia”* (PHSMA, p. 182) No entanto, no segundo livro publicado, cerca de três anos mais tarde, os autores tomam outra linha de pensamento e admitem a possibilidade de reversão do quadro. Admitindo que o cérebro humano, como o de outros animais, *“não está programado para a monogamia”*, ressaltam que, no nosso caso, o cérebro evoluiu a ponto de permitir *“decisões conscientes a respeito do que queremos e do que não queremos fazer”* e, por isso, os homens infiéis não podem usá-lo como desculpa para seus atos. *“Eles tinham poder de escolha”* (PHMMC, p. 116)

Ambigüidade argumentativa semelhante percebe na condução que os autores dão às relações entre os conceitos de sexo e amor. Inicialmente, graças às premissas do determinismo biológico, eles tendem a sempre limitar qualquer tipo de emoção às explicações do materialismo positivista, e o amor apareceria, portanto, apenas como uma expressão sónica para processos que se reduziriam, todos, a atividades bioquímicas relacionadas com a necessidade reprodutiva da espécie: *“Em termos biológicos, esses três componentes do amor (atração, paixão e afinidade) evoluíram para atender a função vital de assegurar a reprodução. Uma vez conseguida a concepção, o sistema desligaria e interromperia o processo do amor”* (PHSMA, p.

206). Nesse caso, as leis de atração e manutenção dos relacionamentos estão todas submetidas às determinações físicas dos organismos em busca dos melhores espécimes para a perpetuação dos genes, como neste caso em que os autores descrevem o mecanismo de estímulo masculino para o desejo da mulher:

O cérebro feminino decodifica o estado do sistema imunológico do homem e, se for compatível com o dela ou mais forte, ela diz que aquele homem é muito atraente ou “estranhamente magnético”. Se seu sistema imunológico for mais forte que o dele, provavelmente ela não vai sentir grande atração. (PHSMA, p. 46).

Depois de identificarem, porém, amor e sexo, Pease & Pease seguem separando-os para “esclarecer” as diferenças de gêneros no relacionamento erótico. Esta oposição, aliás, como já mostrei acima, revela-se explícita na tradução do próprio título de um de seus livros, sugerindo que um dos pares – o sexo – é valorizado pelo homem, enquanto o outro – o amor – é apreciado pelas mulheres. Os autores são, aqui, categóricos em admitir a tradição, aceitá-la e legitimá-la pelo discurso científico: *“Homem quer sexo, mulher quer amor. Disso já se sabe há milhares de anos, mas raramente se fala sobre o assunto” (PHSMA, p. 187).* Existiria, no cérebro, um “centro” do amor e um “centro” do sexo (hipotálamo). No cérebro masculino, cada uma dessas regiões agiria separadamente uma da outra, enquanto se comunicariam no cérebro feminino. Por isso o homem se satisfaz com *“um relacionamento baseado em forte atração física”*, mas a mulher precisa que o primeiro seja estimulado para que o hipotálamo funcione (PHSMA, p. 210). O centro do amor corresponderia, ao que se nota, às habilidades para converter o ato físico em imagens e signos: *“Para a mulher, fazer uma declaração de amor não é o problema. Sua estrutura cerebral enche seu mundo de sentimentos, emoções, comunicação e palavras” (PHSMA, p. 208).*

De qualquer forma, a definição de “amor” fica obscura nestas passagens, pois, ainda que o categorizem como uma “emoção”, os autores o confinam a uma origem bioquímica, vinculada aos estímulos sexuais. Por outro lado, não deixam de considerá-lo à parte, e usam a distinção entre os dois conceitos para confortar a mulher incomodada com as “traições” do parceiro. Eles avisam que é uma limitação

masculina não conseguir associar o sentimento ao ato, embora o sentimento exista, mesmo quando o desejo sexual se dirige para outra mulher: *“Estamos só explicando que o fato de um homem olhar para outra mulher não quer dizer que não ame a sua parceira – é apenas a biologia em atividade”* (PHSMA, p. 185).

A confusão talvez se desfaça, quando os autores identificam amor com “compromisso” e sexo com “cópula”. Para eles, a presença de atos de carinho e palavras e signos românticos traduziriam o conforto da segurança: *“A mulher sabe que ela se sente protegida, valorizada e querida e os dois já chegaram à fase da afinidade”* (PHSMA, p. 209). Este conceito do sentimento amoroso é confirmado também em outra passagem:

A mulher avalia o relacionamento de acordo com fatos a médio prazo: se ele tem sido atencioso nos últimos meses, se tem ajudado nas tarefas da casa, se eles têm conversado... O homem não percebe a diferença. Não consegue entender por que ela não quer fazer sexo com ele, que foi tão gentil e carinhoso o dia todo. Só porque ele chegou tarde em casa dois dias antes? (PHSMA, p. 171, grifo meu).

Quando, portanto, a relação entre o casal vai além da cópula e se estende por um “prazo” maior, a situação agrada a mulher, preocupada com a estabilidade do relacionamento: *“A mulher sempre acha que o relacionamento é mais importante para ela que para ele – e é mesmo”* (PHSMA, p. 124). Mesmo neste caso, entretanto, tudo está determinado pela biologia: *“Para a mulher, manter um compromisso, pelo menos até que sua prole seja auto-suficiente, é algo que está programado em sua psique”* (PHMMC, p. 116). Ao contrário, o homem demonstra “fobia” a compromisso no relacionamento: *“Pensam que pronunciar a palavra “amor” possa significar compromisso para a vida toda e o fim de qualquer possibilidade de entrar em uma banheira cheia de mulheres lindas e nuas”* (PHSMA, p. 209). Essa aversão ao compromisso recua, no entanto, com o avanço dos anos e a redução do nível de testosterona torna o homem *“mais voltado para a família”* na faixa de idade entre os 50 e os 60 anos (PHSMA, p. 144).

As diferenças na consideração do relacionamento produzem, por outro lado, formas também distintas de conduzir o ato sexual. Embora os quatro livros analisados concentrem-se prioritariamente sobre a relação amorosa entre homens e mulheres, os

de John Gray e de Içami Tiba são reticentes em abordar diretamente a sexualidade. Os conselhos concentram-se, na maioria das vezes, nas relações emocionais e nos conflitos que comprometam a comunicação interpessoal. Já em uma de suas obras, Pease & Pease dedicam um capítulo inteiro para dissertar sobre “*o que homens e mulheres buscam no sexo*”. Segundo os autores, para o homem o sexo é uma forma de liberação de tensões ou de “*expressar fisicamente o que não consegue expressar emocionalmente*”. A mulher, ao contrário, só se sente apeteçada para o ato se for submetida primeiro a estímulos que a envolvam numa atmosfera em que o ato sexual surja como culminação da relação dos corpos. Os autores asseguram que uma mulher precisa de, pelo menos, 30 minutos de preparo para o ato sexual. Reaparece, aqui, aquela concepção da mulher como vazio a ser preenchido pelo sujeito masculino: “*Ele quer esvaziar, ela quer completar*” (PHSMA, p. 192), e Pease & Pease não resistem a introduzir uma anedota sobre as diferenças entre as preliminares masculinas e femininas:

Como manter uma mulher satisfeita sexualmente: acaricie, enalteça, mime, saboreie, massageie, conserte, acompanhe, cante, cumprimente, apóie, alimente, acalme, perturbe, brinque, tranqüilize, estimule, afague, console, abrace, ignore as gordurinhas, paparique, excite, pacifique, proteja, telefone, adivinhe, beije, aconchegue, perdoe, ajude, divirta, seduza, carregue, sirva, fascine, atenda, confie, defenda, vista, elogie, venere, reconheça, exagere, agarre, entregue-se, sonhe, provoque, recompense, toque, aceite, idolatre, adore. [...] Como manter um homem satisfeito sexualmente: já chegue sem roupa. (PHSMA, p. 190 e 191).

A complementaridade cheio/vazio se evidencia também no âmbito da satisfação sexual. Aqui, a nulidade do sujeito feminino assegura-lhe um prazer independente do orgasmo, pois o que vale é sentir que o parceiro a deseja. Como o ser feminino é um receptáculo vazio de sentimentos, necessidades ou vontades, o prazer da mulher aparece condicionado ao desejo do homem; é ele, com sua índole ativa e conquistadora, que pode conferir o amor e o prazer à parceira apenas com a intensidade do seu desejo:

Para a mulher, mesmo que a transa seja boa, dificilmente ocorre o orgasmo. Sentir-se desejada pelos homens é muito gratificante. Sentir que realiza o

desejo do seu querido não é o mesmo que um orgasmo, mas chega perto, bem pertinho... (HCMP, p. 24-25).

Pease & Pease fazem a mesma observação: *“O crédito do homem para a satisfação é o orgasmo. [...] Ela precisa de proximidade e calor, de sentir a excitação aumentando, e é capaz de sentir enorme prazer durante a relação, sem necessariamente chegar ao orgasmo”,* pois, *para a mulher, no ato sexual o orgasmo é apenas um “bônus” (PHSMA, p. 193 e 194).*

Novamente, para o casal Pease, tudo se deve à biologia e à conformidade cerebral dos sexos. O homem está sempre pronto para o sexo e privilegia o orgasmo graças à sua natureza de macho espalhador de sêmen. Para cumprir seu papel, ele tem de 10 a 20 vezes mais testosterona do que a mulher, cujo hipotálamo é muito menor do que o masculino e, conforme uma “natureza sábia”, foi programada para se interessar por sexo apenas no período fértil. Para confirmar sua teoria, o casal cita o exemplo de uma “égua no cio” (sic!), que só permite a cobertura pelo garanhão quando o óvulo está em posição de ser fecundado (PHSMA, p. 140 e 141).

Se o homem procura o sexo para se aliviar de problemas, como o desemprego, as dívidas e outros fatores diários de estresse, a mulher se inibiria diante do ato sexual em situações semelhantes (PHSMA, p. 171). Novamente, o homem age e a mulher recolhe-se. Além disso, perpetua-se, pela afirmação de que esse comportamento é biológico, que uma mulher não possa desejar quando envolvida com dificuldades do dia-a-dia ou que homens devem estar sempre prontos para o coito, independentemente dos problemas que os possam estar afligindo. Percebe-se, nesta como em outras descrições dos autores analisados, que o desejo é concebido como uma afecção de grupo. O sujeito deseja o que seu grupo identitário deseja, uma mulher deseja o que a biologia das mulheres as preparou para desejar: *“Os valores e as prioridades da mulher moderna são os mesmos que há séculos fazem parte do mundo feminino, ainda que vividos de forma diferente” (PHSMA, p. 228).* E os autores são os porta-vozes dessa tirania biológica que afirma o que cada um deve querer para sua vida: *“As prioridades sexuais de homens e mulheres são tão opostas que não faz sentido ficarem se castigando. Não há nada há fazer, eles são como são” (PHSMA, p. 189).*

Mesmo as obras de John Gray e Içami Tiba, que pouco abordam da sexualidade, propõem modos de desejo predeterminados para os sujeitos masculino e feminino. Como o centro de atenção é o relacionamento amoroso, torna-se inevitável abordar também diferenças de gêneros para a vida sexual do casal. O livro de John Gray é praticamente mudo quando se trata de abordar a sexualidade. Já Içami Tiba apresenta alguns trechos interessantes para a análise de propostas de conduta para homens e mulheres na atividade sexual. Uma das diferenças é o valor que, segundo o autor, cada um dos sexos confere a esta esfera do relacionamento. Para o autor, os homens encaram a sexualidade, pelo menos em público, mais superficialmente do que as mulheres, mas isso porque no macho humano a sexualidade envolve alguma emoção dolorosa que ele tenta reprimir: “*O humor é o recurso mais usado pelo ser humano para lidar com a dor. [...] Sinto-me compelido a escrever que cobras falam de sexo contando piadas, enquanto polvos discutem detalhadamente sua vida sexual com as amigas sem a ajuda de nenhuma piada*” (HCMP, p. 12).

A mulher é, pois, um ser sexual, que não teme e não vive tensões com o corpo ou com a própria sexualidade. O próprio ato sexual surge como uma agressão ao corpo masculino, e à depressão pós-coito masculina opõe-se uma vivacidade no corpo feminino que ao homem exaurido na relação pode parecer incômoda:

Para o cobra, todo esse clima é muito fugaz. Seu corpo biológico sente-se exaurido e exige um sono reparador, mesmo que breve. Já na polvo, todos os tentáculos estão em êxtase; para eternizar esse momento nirvânico, eles se põem a dançar. E dançam sobre o corpo do cobra, que jaz inerte. [...] O cobra, porém, quer dormir. Os carinhos altamente excitantes de minutos antes o incomodam agora. Fosse ele um jurássico macho, viraria as costas para a polvo e se entregaria feliz a seu roncado sono. Mas o cobra, um homem informático, que ama a polvo, sua globalizada esposa, supera o seu sono antropológico e se põe a conversar sobre a relação. Ela no maior dos entusiasmos – e ele com o cérebro em coma. (HCMP, p. 27).

Se a mulher deseja, portanto, estender a relação com um diálogo ou carícias após o coito, deve esperar do macho respostas bem menos envolvidas e uma falta de atenção que é peculiar ao gênero e à constituição biológica do corpo masculino. Segundo Pease & Pease, o coito libera no corpo feminino uma quantidade de hormônios que a deixa mais excitada e buscando o toque e a conversa, ao contrário do

homem, que, por ter aliviado pelo orgasmo a tensão, dorme ou concentra-se numa outra tarefa que não seja mais o contato dos corpos (*PHSMA*, p. 192).

Entretanto, se, por um lado, o ato sexual desperta na fêmea humana emoções e disponibilidade para o amor, mulheres são bem mais complicadas de serem conduzidas a esse estado de envolvimento amoroso. Como argumentamos acima, os autores abordados concebem o ser feminino como falta, ausência, carência, necessidade. Assim, quando vai sugerir condutas para um homem fazer feliz uma mulher, John Gray elabora um quadro com “101 maneiras de marcar pontos com elas”:

Lembre-se de que, para uma mulher, grandes coisas e pequenas coisas contam um ponto. Todos os presentes de amor são iguais e igualmente necessários – grandes ou pequenos. Para evitar criar ressentimentos, tente fazer algumas das pequenas coisas que fazem uma grande diferença. Não espere que uma mulher se sinta satisfeita a não ser que ela receba uma infinidade de pequenas manifestações de amor, bem como as grandes. (HMMV, p. 209).

Em contrapartida, uma vez que o homem, conforme o discurso do autor, é portador de força e potência que precisa apenas ser reconhecida, aparece como menos necessitado e conseqüentemente menos complicado de satisfazer: o quadro para as mulheres apresenta apenas 24 dicas para marcar pontos com seu parceiro (*HMMV*, p. 216). Isso se torna, muitas vezes, na opinião de Pease & Pease, pretexto para o homem procurar outra parceira, acusando sua companheira do momento de estar sempre insatisfeita (*PHSMA*, P. 124).

Gray propõe ainda doze “necessidades de amor”. Ele afirma que todos nós precisamos dos doze tipos, mas cada sexo apresenta necessidades que lhe são primordiais, embora não o sejam para o sexo oposto e “satisfazer uma necessidade primordial é necessário antes que alguém esteja apto a receber e apreciar totalmente os outros tipos de amor” (*HMMV*, p. 147). Assim, existiriam seis necessidades de amor próprias do homem e seis necessidades peculiares à mulher: “Os homens precisam principalmente de confiança, aceitação, apreço, admiração, aprovação e encorajamento. As mulheres precisam principalmente de carinho, compreensão, respeito, devoção, validação e reafirmação” (*HMMV*, p. 146).

O primeiro par de oposição define, portanto, para o homem, uma necessidade de confiança e, para a mulher, a necessidade de carinho:

Quando um homem mostra interesse pelos sentimentos de uma mulher e preocupação sincera com o seu bem-estar, ela se sente amada e amparada. [...] Quando a atitude de uma mulher está aberta e receptiva em relação a um homem, ele sente que ela confia nele. Confiar num homem é acreditar que ele esteja dando o melhor para sua parceira. Quando as reações de uma mulher revelam uma crença positiva nas habilidades e intenções do seu homem, a primeira necessidade primordial dele é satisfeita. (HMMV, p. 148).

Pease & Pease explicam essa busca de confiança no imperativo biológico da maternidade. Como terá que se dedicar, durante a gravidez e os primeiros anos após o parto, aos cuidados do filho, a mulher precisará de um homem que providencie comida e abrigo e a programação cerebral feminina a conduzirá, portanto, na escolha do parceiro, àquele macho com o maior número de índices de força e virilidade (PHSMA, P. 166). Pela mesma razão é importante a relação estável e o compromisso. A mulher se sentirá amada no reconhecimento de seus sentimentos e na providência de seu bem-estar. Mais uma vez a estabilidade é o que define o ser feminino, que, por sua vez, saberá amar o seu parceiro se for capaz de abertura e receptividade, pois o macho da espécie precisa ser validado como provedor, cujas habilidades são capazes de “dar o melhor” à sua companheira. Esta distinção se confirma pelas segundas necessidades de cada sexo, a compreensão e a aceitação:

Quando um homem ouve sem julgar, mas com empatia e interesse, uma mulher que expressa seus sentimentos, ela se sente ouvida e compreendida. [...] Quando uma mulher amavelmente acolhe um homem sem tentar mudá-lo, ele se sente aceito (HMMV, p. 148 e 149, grifo meu).

Novamente, o que a mulher precisa é que apenas ouçam e compreendam a expressão de seus sentimentos. Pease & Pease respondem a isso dizendo: “Aí está uma boa notícia para os homens: não precisam responder, basta escutar” (PHSMA, p. 88). O homem, por sua vez não pode ser questionado em suas atitudes. Cada um deve, pois, ser respeitado naquilo que seria constitutivo de sua essência: o sentimento

na mulher e a ação no homem. O terceiro eixo de necessidades apenas reforça o respeito aos sentimentos, mas também introduz outro traço do caráter feminino:

Quando um homem responde a uma mulher de uma maneira que reconheça e priorize os direitos, desejos e necessidades dela, ela se sente respeitada. Quando o comportamento dele leva em consideração os pensamentos e sentimentos dela, ela com certeza se sente respeitada. [...] Quando um homem é apreciado, ele sabe que seu esforço não foi desperdiçado e fica assim encorajado a dar mais (HMMV, p. 149, grifos meus).

Novamente “pensamentos e sentimentos” na mulher contrapõem-se ao “esforço” ativo da conduta masculina. Mas agora, ao encorajamento a que o homem “dê mais” corresponde aquela carência substancial do elemento feminino, traduzido aqui pelo respeito que deve o parceiro aos “desejos e necessidades” da mulher. Como já observado anteriormente, o autor concebe o ser feminino como falta, ausência, vácuo a ser preenchido pela ação masculina. Priorizar essas necessidades do caráter feminino é dever do bom amante, o que satisfaz na mulher a devoção, sua quarta necessidade no amor:

Quando um homem dá prioridade às necessidades de uma mulher e orgulhosamente se compromete a apoiá-la e satisfazê-la, sua quarta necessidade de amor é satisfeita. [...] Do mesmo modo que uma mulher precisa sentir a devoção de um homem, um homem tem uma necessidade primordial de sentir a admiração de uma mulher. Admirar um homem é observá-lo atentamente com admiração, deleite e prazerosa aprovação. Um homem se sente admirado, quando ela fica alegremente espantada com suas características ou talentos únicos, que podem incluir humor, força, persistência, integridade, honestidade, romantismo, amabilidade, amor, compreensão e outras das chamadas virtudes antiquadas” (HMMV, p. 150, grifos meus).

Devoção é gratuita: existe no vazio, não depende de nada que o outro faça ou tenha. Pelo contrário, existe tão mais forte e é mais apreciada quando não exige pagamento ou retribuição, pois o devoto é aquele que se dedica religiosamente ao objeto amado, sem nada esperar em troca. Ao contrário, a admiração pressupõe uma qualidade, uma ação ou um poder que a legitime e estimule. Assim, o amor à mulher não deve surgir de uma apreciação de suas qualidades, mas do suprimento de suas carências, enquanto o amor ao homem significa reconhecimento de seus esforços para

satisfazer a mulher amada. Desta diferença complementar nas formas de amar masculina e feminina deriva, para o homem, a necessidade da aprovação e, para a mulher, a necessidade de sentir validadas – e conseqüentemente satisfeitas – as suas necessidades:

Quando um homem não se opõe ou discute com os sentimentos e vontades de uma mulher, mas, em vez disso, aceita-os como válidos, uma mulher se sente verdadeiramente amada porque sua quinta necessidade primordial é satisfeita. [...] Todo homem quer ser o herói ou o cavaleiro de armadura reluzente para sua mulher. O sinal de que ele passou no teste é a aprovação dela. [...] Uma atitude aprovadora reconhece ou procura as boas razões subjacentes ao que ele faz (HMMV, p. 151-152, grifos meus).

Pode-se identificar, aqui, um prolongamento, no amor entre amantes, do amor filial. Se o amor pela mulher deve ser incondicional, como o amor do filho pela mãe, que existe pelo simples motivo de que é ela a criatura que o deu à luz e que o nutriu durante os primeiros anos de vida, já o amante masculino, como o pai, precisa merecer o sentimento de sua amante. Como o pai, ele só pode ser amado se provar seu mérito de provedor. Uma vez asseguradas essas cinco necessidades do amor, elas precisam ser finalmente mantidas por um estímulo de um parceiro ao outro: o homem precisa ser encorajado; a mulher, reafirmada:

Quando um homem repetidamente demonstra que se importa, entende, respeita, valida e é devotado a sua parceira, a necessidade primordial dela de reafirmação é satisfeita. [...] Da mesma forma, o homem precisa primordialmente ser encorajado por uma mulher. A atitude encorajadora de uma mulher, quando esta expressa confiança nas suas habilidades e no seu caráter, dá esperança e coragem ao homem. (HMMV, p. 151).

A mulher, para continuar existindo como amante, precisa ter seu ser reafirmado, seus sentimentos e pensamentos validados pelo sujeito masculino, única forma de ela se sentir íntegra enquanto amante e – por que não? – indivíduo. A mulher apenas se subjetiviza a partir de uma objetivização de seus sentimentos, por intermédio do sujeito masculino, só pode recuperar-se como ser por uma dá-diva gratuita do homem. Este, por sua vez, necessita do encorajamento, em tudo o que esta palavra pode traduzir por estímulo à ação: coragem é a porção de ousadia, destemor e fortaleza física e moral de que um indivíduo precisa para lançar-se a um movimento

perigoso ou incerto. Enquanto a mulher precisa, portanto, do homem para se reafirmar, isto é, vir a ser, o homem precisa do estímulo da mulher para *despertar* ou *continuar* sua “essência”, o que já está afirmado: o movimento. A mulher depende do homem para existir – (re)afirmar-se; o homem só precisa dela para estimular-lhe o que ele já é – encorajar.

Entretanto, talvez não sejam igualmente proporcionais a responsabilidade de cada sexo na boa condução dos relacionamentos, pelo menos a concluir-se da obra de John Gray, pois o autor, curiosamente, dedica um capítulo inteiro (capítulo 12) à leitora como guia para a mulher lidar com um homem, mas não faz o mesmo com o leitor masculino. Mais uma vez, talvez esta estruturação na divisão da obra venha dos perfis sexuais que conduzem o raciocínio do autor, uma vez que, para ele, como para os outros autores, se o homem é uma criatura isolada e pouco afeita ao diálogo e à sensibilidade com o outro, por outro lado é próprio da mulher ceder e cuidar das relações interpessoais e sociais. Pease & Pease adiantam-se e afirmam que “boa parte do crédito” pelo sucesso dos relacionamentos amorosos entre homem e mulher vão para ela, “*que possui a habilidade necessária para administrar o relacionamento e a família*”. A elas, portanto, se querem receber atenção e apoio no cuidado dos relacionamentos, cabe pedir ao parceiro, sob o risco de nunca serem atendidas se não gritarem suas necessidades:

As mulheres cometem o erro de julgar que não têm que pedir apoio. Como elas intuitivamente sentem as necessidades das outras e dão o que puderem, elas erroneamente esperam que os homens façam o mesmo. Quando uma mulher está apaixonada, ela instintivamente oferece seu amor. (HMMV, p. 262, grifos nossos).

No entanto, tudo pode permanecer na mesma, pois elas sempre serão vítimas daquela alardeada aversão masculina aos pedidos explícitos, que trairiam, de alguma forma, para suas sensibilidades de macho, uma fragilidade no seu desempenho:

Os homens não são instintivamente motivados a oferecer seu apoio: eles precisam que lhes seja pedido. Isso pode ser muito confuso porque se você pede apoio a um homem da maneira errada, ele pode ficar desmotivado, e se você não pedir de jeito nenhum, você vai receber pouco ou quase nada (HMMV, p. 263).

Se não pede, a mulher dificilmente receberá do homem, pois ele não sabe dar; se pede, ele se afastará magoado e mais uma vez ela fica a ver navios. John Gray não deixa alternativas à mulher: faça o que fizer, diante da inabilidade ou da surdez masculina, ela continuará íntima da necessidade e da ausência.

3.1.2 - Afetividade

Conforme os textos analisados, cada um dos sexos tem maneiras diferentes de lidar com sua subjetividade emocional e com a condução e expressão de seus sentimentos. Decorre dessa distinção essencial, aliás, para John Gray, todo o complexo de traços distintivos entre os comportamentos de homens e mulheres. Para ele, o homem é mais reservado, não enfatiza seus sentimentos, especialmente os que lhe apontem qualquer fragilidade, e prefere resolver sozinho seus problemas. Já a mulher, essencialmente comunicativa, gosta de expressar suas emoções e valoriza as relações mútuas e o diálogo. Içami Tiba segue Gray: “*A polvo diz o que está sentindo, pede e oferece ajuda com a maior naturalidade, enquanto o cobra quer resolver tudo sozinho*” (HCMP, p. 50). Dessa forma, cada sexo vai experimentar e fazer experimentar seus sentimentos de maneiras distintas, o homem calando-os, interiorizando-os e evitando sua demonstração em público ou mesmo ao parceiro, a mulher chamando sobre eles a atenção do parceiro ou de outras mulheres: “*Os homens não esperam que os outros homens falem muito e nunca insistem em conversar*” e acreditam que “falar só faz piorar as coisas”, mas “as mulheres acreditam que falar faz todo mundo se sentir melhor” (PHMMC, p. 112-113 e 152). Além disso, homens nunca falam entre si sobre seus sentimentos: “*Quando conversam os homens falam sobre trabalho, esportes, carros e mulheres*” (PHMMC, p. 112 e 113).

A diferença, para Gray, torna-se perceptível em situações de crise, quando um ou outro está pisando numa zona de tensão ou sofrendo dificuldades para solucionar um problema. Observe-se esta descrição do autor para o comportamento de um macho humano diante de uma dificuldade:

Quando um marciano fica aborrecido, ele nunca fala sobre o que o está incomodando. Ele jamais chatearia outro marciano com seu problema, a menos que a assistência de seu amigo fosse necessária para resolver o problema. Em vez disso, ele fica calado e vai para sua caverna para pensar

sobre o problema, ruminando sobre ele para achar a solução (HMMV, p. 41, grifos meus).

Compare-se com esta descrição de uma mulher na mesma situação:

Quando uma venusiana fica aborrecida ou estressada com o seu dia, para encontrar alívio, ela procura por alguém em quem confie e então conversa com todos os detalhes sobre o problema do seu dia. Quando as venusianas compartilham suas fragilidades, elas repentinamente se sentem melhor. [...] As venusianas não se sentem envergonhadas de ter problemas. Seus egos não dependem de parecerem ‘competentes’, mas sim de participarem de relacionamentos amorosos. Elas compartilham abertamente seus sentimentos de fragilidade, confusão, desesperança e cansaço (HMMV, p. 41-42, grifos meus).

Conclui-se, destes dois excertos, que um homem não expõe seus sentimentos por vergonha de que eles denunciem uma fragilidade ou incompetência que seu sexo não pode admitir, ao contrário da mulher, aparentemente imune a essa insegurança com relação a suas próprias fraquezas. No entanto, pode-se deduzir igualmente que, enquanto uma mulher concentra-se na falha, isto é, no seu sentimento de impotência, guiando-se por ele no seu comportamento e procurando conversar sobre seus sofrimentos e seu estado de confusão diante do problema, o homem se orientaria por uma busca de solução para a dificuldade. O comportamento dela pressupõe uma inércia diante do problema que equivaleria no homem ao oposto, ao ato de uma mobilização para enfrentar o problema e superá-lo. Além disso, enquanto o homem “se concentra na resolução de um problema”, escolhendo, para isso, “o problema mais urgente ou mais difícil” (HMMV, p. 42, grifos meus), a mulher, interessada apenas na confissão, expandiria a atenção e seu sentimento de fraqueza a outras áreas contíguas àquela da esfera do problema central, transferindo sua concentração da busca de uma resposta para uma reflexão sobre o próprio aborrecimento e sua necessidade de atenção. O problema torna-se, antes, um pretexto ou casualidade para expor suas emoções e não deve ser, como para o homem, o foco das atenções:

Quando uma mulher está estressada, ela instintivamente sente necessidade de conversar sobre seus sentimentos e todos os possíveis problemas que estão associados com seus sentimentos. Quando ela começa a falar, não prioriza o significado de qualquer problema. Se está aborrecida, então está aborrecida com todos eles, grandes ou pequenos. Ela não está preocupada

em achar soluções imediatas para seus problemas, mas sim busca alívio expressando-se e querendo ser compreendida. Falando ao acaso sobre seus problemas, ela fica menos aborrecida (HMMV, p. 46-47).

Pela mesma razão, Pease & Pease afirmam que a mulher, quando sob pressão, toma por uma “bênção” a oportunidade de uma conversa com o parceiro, enquanto, na mesma situação, ele se incomodaria com uma conversa, que só lhe soaria como “interferência em seu processo de resolução de problemas” (PHSMA, p. 124).

Opõem-se, assim, os comportamentos masculino e feminino, também por uma respectiva objetividade ou subjetividade na lida com suas reações à provocação dos fenômenos. Enquanto a introspecção masculina é recolhimento para concentração no objeto que o incita, no problema que o estimula, a expansividade feminina é a expressão de um pensamento subjetivo, voltado antes para a reação do sujeito ao problema do que aos embaraços ou às potencialidades propostas pelo objeto que o preocupa. Dessa forma, se o homem está orientado para a superação e a transcendência, através do combate de seus sentimentos negativos pela execução de uma tarefa, à mulher reserva-se uma espécie de conformidade e inação codificada na comunicação pura de suas emoções, distantes agora da realidade externa do problema e de seu desafio à criatividade e à atividade humana:

Os homens se tornam progressivamente concentrados e retraídos enquanto as mulheres se tornam progressivamente indefesas e emocionalmente envolvidas. [...] Ele se sente melhor resolvendo problemas, enquanto ela se sente melhor conversando sobre problemas” (HMMV, p. 40, grifos meus).

A oposição verificada no par de verbos resolver/conversar torna inevitável inferir da observação do autor uma vontade de ação masculina em contradição com uma inércia feminina. O homem está, portanto, todo voltado à ação e seus sentimentos não conhecem outra realidade senão a do mundo exterior dos objetos e dos fenômenos. Se ele não consegue resolver o problema que o perturba, vai em busca de um desafio em outra esfera, onde possa agir em vez de permanecer inerte e à espera de uma solução passiva:

Se não consegue encontrar uma solução, então ele faz alguma coisa para esquecer do problema, como ler o jornal ou jogar algum jogo. Ao liberar sua

mente dos problemas do seu dia-a-dia, ele consegue gradualmente relaxar. Se seu estresse é realmente grande, ele precisa se envolver em alguma coisa ainda mais desafiadora, como corrida de automóveis ou alpinismo. (HMMV, p. 41).

Graças a essa “objetividade” peculiar a seu sexo, o homem também objetivou seu vocabulário, o que se traduz lingüisticamente numa fala mais concisa e precisa do que a feminina: “*Os homens usam frases curtas, diretas, que se encaminham para uma solução, um desfecho. Empregam um vocabulário mais amplo e enriquecem com fatos o que dizem. Os termos são bem definidos, como ‘nenhum’, ‘nunca’ e ‘absolutamente’*” (PHSMA, p. 95).

Pease & Pease remetem ao passado pré-histórico de caçador do sujeito masculino para explicar essa inaptidão para a gerência e a expressão dos sentimentos e ao mesmo tempo a maior objetividade de que seria portador o macho. Para eles, o homem não podia “entender” empaticamente os outros seres e criaturas, porque precisava lutar contra eles e vencê-los, ao contrário da mulher, desincumbida dessa tarefa truculenta, o que lhe conferiu sensibilidade maior do que a de seu parceiro. Pela mesma razão, o homem tem que conter qualquer manifestação emocional que possa ser entendida como fraqueza:

Raramente se vê um homem chorar em público, porque, em todo o processo evolutivo, o homem que demonstra emoção, principalmente na presença de outros homens, se coloca em situação de risco. Ao transmitir fraqueza ele encoraja outros homens a atacá-lo. Para a mulher, no entanto, exibir suas emoções, em especial para outras mulheres, é sinal de confiança: a que chora se torna o bebê, e a amiga desempenha o papel dos pais protetores. (PHMMC, p. 76).

Por ter sido destinado à responsabilidade de caçar, guerrear e proteger, o homem adquiriu o traço biológico de procurar soluções a toda situação de dificuldade, desenvolvendo de forma mais eficiente do que a biologia feminina a região cerebral dedicada à visão espacial e à concentração, responsável, entre outras coisas, pela atenção aos objetivos e à resolução de problemas. O resultado disso é que todo macho acaba se definindo pelo sucesso nos resultados da resolução de problemas práticos (PHMMC, p. 45). Certamente que, combinada com a explicação histórica, segue a conseqüente determinação biológica adquirida com os séculos de

comportamento redundante. A experiência histórica que favoreceu a afinidade com as questões emocionais converteu-se, por exemplo, na mulher, em estrutura neurológica:

O hipocampo – a parte do cérebro usada na linguagem e no armazenamento e recuperação da memória – está cheio de receptores de estrogênio e cresce mais rapidamente nas meninas do que nos meninos, dando às mulheres maior capacidade de recuperação de lembranças de assuntos carregados de emoção. (PHMMC, p. 178).

As respostas opostas de atividade e passividade nas condutas de homens e mulheres, respectivamente, podem ser também deduzidas de um quadro proposto por John Gray para evidenciar as diferentes maneiras pelas quais um e outro sexo encobrem seus sentimentos reais. O autor elenca oito pares de condutas opostas para mostrar como homens e mulheres escondem sentimentos dolorosos do conhecimento de outras pessoas. Apesar da extensão do excerto, vale a pena conferirmos estes oito pontos:

1. *Os homens podem usar a raiva como uma forma de evitar os sentimentos dolorosos de tristeza, mágoa, pesar, culpa e medo. / As mulheres podem usar a consideração e a preocupação como uma forma de evitar os sentimentos dolorosos de raiva, culpa, medo e desapontamento.*
 2. *Os homens podem usar a indiferença e o desencorajamento como um meio de evitar os sentimentos dolorosos de raiva. / As mulheres podem cair em confusão como uma forma de evitar raiva, irritação e frustração.*
 3. *Os homens podem se sentir ofendidos como uma forma de evitar se sentirem magoados. / As mulheres podem se sentir mal como uma forma de evitar constrangimento, tristeza e arrependimento.*
 4. *Os homens podem usar a raiva e a noção de certo e errado como uma forma de evitar sentir medo ou dúvida. / As mulheres podem usar medo e dúvida como uma forma de evitar raiva, mágoa e tristeza.*
 5. *Os homens podem se sentir envergonhados como uma forma de evitar raiva e aflição. / As mulheres podem usar a aflição como uma forma de evitar a raiva e o medo.*
 6. *Os homens podem usar a paz e a tranqüilidade como uma forma de evitar raiva, medo, desapontamento e vergonha. / As mulheres podem usar a esperança como uma forma de evitar raiva, tristeza, aflição e pesar.*
 7. *Os homens podem usar a confiança para evitar se sentirem inadequados. / As mulheres podem usar a felicidade e a gratidão para evitar a tristeza e o desapontamento.*
 8. *Os homens podem usar a agressão como uma forma de evitar o medo. / As mulheres podem usar o amor e o perdão como uma forma de evitar a mágoa e a raiva.*
- (HMMV, p. 251-252, grifos meus)

Observe-se, em primeiro lugar, como a raiva ou a agressividade aparecem como conduta manifesta masculina em três itens (1, 4 e 8), mas nenhuma vez como conduta feminina. Em contrapartida, ela surge seis vezes, no quadro do autor, como sentimento reprimido pela experiência feminina (itens 1,2,4,5,6 e 8). Ora, sendo a raiva, ao contrário de emoções como a tristeza e o medo, um sentimento expansivo, mais afeito a manifestar-se externamente em atos e gestos que a lancem sobre o mundo exterior, percebe-se daí, pelo quadro de Gray, a concepção da conduta masculina como mais agressiva e ativa e a da feminina como mais contida e passiva.

Sobre isso também o item 2 é elucidativo. Ali o autor opõe a conduta masculina da “indiferença” e do “desencorajamento” contra a da queda na “confusão” feminina. Igualmente aqui a oposição semântica pode reduzir-se à atividade ativa/passiva, pois, se indiferença e desencorajamento são atitudes dirigidas para o mundo, já que direcionadas para um outro, cair em confusão sugere um retorno à imanência do próprio sujeito e de seus sentimentos. A mesma observação vale para os itens 3 e 5, com relação às expressões “sentir-se ofendido” ou “sentir-se mal” e “vergonha” e “aflição”, em que o primeiro termo de cada par, referente ao comportamento masculino, pressupõe uma interação com o exterior, enquanto o segundo, dado como peculiar à conduta feminina, pode significar apenas um sentimento subjetivo e de origem apenas interior.

Outra inferência possível a partir deste quadro de Gray, além da oposição entre a atividade masculina e a passividade feminina, é a de uma diferença no uso da capacidade de julgamento e discernimento. Observe-se o par de opostos sugerido no item 4: a “noção de certo e errado” da conduta masculina com “o medo e a dúvida” da conduta feminina. Enquanto, segundo o autor, o homem utiliza um raciocínio moral para escapar ao medo e à dúvida, a mulher empregaria justamente a confusão mental para fugir à raiva ou à tristeza e à mágoa. Racionalização e critério moral na conduta masculina; confusão sentimental na feminina. Este eixo de oposição vai ter conseqüências também na distinção do exercício cognitivo para os dois sexos, item que abordaremos à frente.

Finalmente, palavras como “esperança”, “gratidão”, “amor” e “perdão” reforçam a imagem da mulher como portadora de um caráter mais passivo e receptivo,

afeita menos à busca e à atividade do que à espera. Gray, aliás, alerta para um certo distanciamento do homem em situações de tensão, momento em que ele estaria incapaz de dar atenção a qualquer outro segmento de sua vida, incluindo aí a própria companheira. Enquanto a mulher, descuidada da solução do problema para manifestar em conversas seus próprios sentimentos a respeito das dificuldades, dispersa sua concentração sobre todos os problemas e consegue envolver em seu dilema tudo o que permeia seu dia-a-dia, a concentração masculina na busca de uma solução do problema realiza-se às custas da atenção para qualquer outra questão, objeto ou pessoa que não estejam envolvidos com o dilema central:

Ele fica tão concentrado na resolução desse problema que perde temporariamente a noção de tudo o mais. Outros problemas e responsabilidades desaparecem gradualmente no pano de fundo. Em tais momentos, ele se torna progressivamente distante, esquecido, insensível e preocupado em seus relacionamentos. [...] Em tais momentos, ele é incapaz de dar a uma mulher a atenção e o sentimento que ela normalmente recebe e certamente merece. Sua mente está preocupada, e ele se sente impotente para liberá-la. Se, no entanto, ele puder encontrar a solução, ele se sentirá melhor instantaneamente e sairá da caverna; repentinamente ele estará à disposição para participar do relacionamento novamente. (HMMV, p. 42-43).

É preciso, pois, esperar o homem resolver o problema e retornar com a solução. A racionalidade e o “talento” masculino para resolução de dificuldades exige da mulher que ela entenda o afastamento masculino da intimidade do casal e aguarde seu retorno quando o problema não mais o incomodar. Para legitimar seu conselho, Gray não hesita em retirar testemunhos de uma sabedoria milenar, para sugerir à mulher o mal que lhe pode sobrevir se ousar perturbar um homem em seu momento de concentração “racional” e calculante:

Enquanto discutia esse assunto em um dos meus seminários, um índio norte-americano afirmou que na sua tribo as mães instruíam mulheres jovens que estavam se casando a se lembrarem que quando um homem estivesse aborrecido ou estressado, ele se retiraria para dentro de sua caverna. Não era para ela tomar aquilo como uma coisa pessoal porque aconteceria de tempos em tempos. Não significava que ele não a amasse. Elas lhes garantiam de que ele voltaria. Mas, mais importante, elas alertavam à jovem a nunca segui-lo até a caverna. Se ela o fizesse então ela seria queimada pelo dragão que protegia a caverna. (HMMV, p. 84)

Para Pease & Pease, a sentimentalidade feminina acaba se transformando em dissimulação, quando o choro é entendido no sujeito feminino como artifício da chantagem emocional:

Às vezes o choro vem como resposta direta do coração, mas há momentos em que as pessoas choram para manipular as emoções dos outros. Embora homens façam isso ocasionalmente, as mulheres são mais propensas a usar as lágrimas com arma de chantagem emocional, mesmo que não tenham consciência disso. [...] O objetivo é forçar a outra pessoa – marido, amante, filho, pai ou amigo – a agir de uma forma diferente da que gostariam. A mulher também chora para parecer arrependida e receber um castigo mais brando por uma ação errada. (PHMMC, p. 74 e 75).

Como os homens “lidam com fatos, dados e realidades concretas”, ao contrário da mulher, que transita num espaço de idealidade e pura linguagem, a mulher, aberta à percepção dos sinais emotivos, sabe que um homem se sente acuado quando confrontado com emoções e usam essa fraqueza masculina em seu próprio benefício (PHMMC, p. 89). Mas não é culpa da mulher ser chantagista: foi a biologia que a fez assim, conformando seu cérebro para usar de subterfúgios emocionais para evitar o conflito e favorecer a nutrição dos relacionamentos, que sempre foi sua “função” social: “Os homens usam a abordagem direta e bem estruturada para conseguir o que querem. As mulheres preferem a chantagem emocional” (PHMMC, p. 81), por isso são eles sempre as maiores “vítimas” da chantagem (PHMMC, p. 80).

3.1.3 - Maternidade, paternidade e educação dos filhos

Muito desta dinâmica amorosa e sexual, como vimos, é determinada, na opinião dos autores analisados, pelo imperativo biológico de reprodução para preservação da espécie. Assim, se a mulher procura um provedor no parceiro e existe como carência é porque precisa de um bom reprodutor, que saiba preencher-lhe o vazio da vida, como o vazio do útero, com filhos que lhe confirmem sentido à existência. Içami Tiba alerta:

Eles que se cuidem, pois são escolhidos conforme sua capacidade de prover e proteger bem as fêmeas e seus filhos, garantindo sua sobrevivência. Portanto, é preciso ter ombros largos, músculos fortes, boas mandíbulas, ar inteligente, olhar esperto e competitivo, até mesmo mostrar-se agressivo para se sobressair aos demais machos. (HCMP, p. 18).

Neste aspecto, as diferenças entre homem e mulher tornam-se ainda mais nítidas e ganham contornos mais fortes na visão dos autores, que vêem nas disposições de cada sexo para a formação de família e o cuidado com a prole qualidades extremamente opostas. Já pudemos perceber como os autores atribuem uma indisponibilidade congênita no sujeito masculino para conter sua promiscuidade e estabelecer um relacionamento estável. Enquanto a mulher, para os autores analisados, apresentaria uma tendência “natural” para a maternidade, ao homem a assunção de filhos e a formação de família não surge como necessidade inata. A mulher é, pois, biologicamente determinada à maternidade, ao contrário do homem, que só assume a condição de pai por uma injunção cultural:

A mulher-águia escolhe um homem capacitado para ser pai de seus filhos. Nessa escolha, ela leva em conta as qualidades que demonstram ser ele um bom reprodutor, protetor e provedor, apto a dar a ela e aos filhos uma boa condição de sobrevivência. [...] A motivação do homem-águia é espalhar seus genes por onde passa, ele usa suas habilidades de predador para seduzir as mulheres. Mesmo desejoso de que seu espermatozóide seja generosamente acolhido por um óvulo, o águia não está biologicamente destinado à paternidade. Mas o “como-somos” faz o homem entender-se como pai e assumir suas responsabilidades. (HCMP, p. 70.)

O destino da mulher é assegurar a preservação da espécie oferecendo seu corpo e sua existência à procriação e ao cuidado da prole; apenas ao homem cabe o cuidado consigo antes da atividade paterna. A paternidade é um atributo de segundo plano no projeto masculino, pois a ele – mas não à mulher! – a natureza conferiu um instinto de sobrevivência que o leva a lutar por uma integridade física e moral *pessoal*; mas a mulher, desprovida de uma atenção “instintiva” para consigo própria, vive para o coletivo e a espécie:

Como a natureza deu ao homem o instinto da autopreservação, ele primeiro satisfaz as próprias necessidades e desejos para depois pensar na perpetuação da espécie. Primeiro o sexo, depois a paternidade. (HCMP, p. 17).

Para a polvo, os filhos estão acima de tudo em qualquer momento. Para o cobra, que está no escritório, o trabalho vem em primeiro lugar. (HCMP, p. 47).

Tem coisa mais importante para a mãe do que dar de comer aos filhos? (HCMP, p. 56).

Pease & Pease citam uma pesquisa para mostrar como a maternidade está no destino da mulher, segundo esta, em uma entrevista com 5.000 mulheres norte-americanas, apenas 1% colocou o sexo como prioridade em sua vida pessoal, contra 80% apontando a maternidade como critério de auto-realização. Sem refletir sobre as possíveis influências de agenciamentos de subjetividade conduzindo a intenção das mulheres para a escolha estatisticamente percebida, os autores rapidamente concluem ser este um índice claro do desejo das mulheres modernas: “*Moral da história: a maternidade ainda é o que mais satisfaz as mulheres*” (PHSMA, p. 228). A causa da escolha, para os autores, é simples: além de estarem, durante milhares de anos, cuidando e alimentando os filhos, enquanto os maridos perseguiram, primeiro a caça, depois uma bola de futebol (PHMMC, p. 127), as mulheres são vítimas da progesterona, o hormônio do “*instinto maternal e protetor*”, que assegura que ela cumpra “*com eficiência seu papel de guardiã da cria*” (PHSMA, p. 139). Além disso, ela dispõe de habilidades necessárias para a tarefa que faltam ao seu parceiro masculino:

O professor Ruben Gur, neuropsicólogo da Universidade da Pensilvânia, usou tomografias para mostrar que, quando o cérebro de um homem está em

repouso, sua atividade elétrica é interrompida em pelo menos 70%. O estudo de cérebros femininos mostrou que 90% de atividade durante o mesmo estado, confirmando que as mulheres estão constantemente recebendo e analisando informações que chegam do ambiente que as cerca. A mulher conhece as esperanças, os amigos, sonhos, romances e medos secretos de seus filhos. Sabe em que pensam, como se sentem e, geralmente, que travessuras estão planejando. O homem mal percebe aquela gente miúda que mora na mesma casa que ele. (PHSMA, p. 27).

Por outro lado, a mulher ouve melhor do que o homem e distingue melhor os sons agudos, como choros de criança. Por isso ela acorda durante a noite para atender o filho enquanto o parceiro pode continuar dormindo (PHSMA, p. 37).

Para Içami Tiba, o homem também mostra-se despreparado para o cuidado dos filhos por seu caráter de provedor, por estar ocupado no espaço de trabalho: “*Nada atrapalha mais um cobra do que chorinhos, gritinhos, briguinhas e insistentes chamadinhos de atenção das crianças*” (HCMP, p. 43), “*as crianças tiram a concentração [...]. Elas atrapalham a ‘caça’*” (HCMP, p. 47). Para que ele possa cuidar de suas responsabilidades como macho provedor e trabalhador, a mulher precisa cuidar da prole e assegurar-lhe a tranqüilidade necessária ao bom desempenho de seu papel. É a ela que cabe o controle e a educação da prole, como deixa claro esta frase de arremate num exemplo de Içami Tiba, em que o pai, irritado com as crianças que tiram sua concentração do trânsito, espera da mulher que tome uma atitude e, para seu benefício, “*felizmente ela consegue controlar os filhos*” (HCMP, p. 43, grifo meu). Por outro lado, para o autor, se o homem não exerce sua paternidade nas responsabilidades cotidianas com a prole e não participa da educação dos filhos, a culpa é da mãe que não lhe permite intervenções:

“Caso a polvo fosse menos onipotente e onipresente na vida dos filhos, dando espaço ao cobra para focar sua atenção na educação das crianças, talvez não ficasse suspirando pelos cantos” (HCMP, p. 49).

Para Pease & Pease, enquanto as mulheres vão desenvolver mais afeição às crianças do que os homens, estes só vão descobrir seus sentimentos paternos com os netos (PHSMA, p. 228).

3.1.4 - Cognição

Condições e formas distintas de sentir e se relacionar desdobram-se em maneiras diferentes de inteligência e processamentos de informações para os dois sexos. Como vimos, os autores conferem à mulher atenção maior sobre os sentimentos, enquanto os homens se voltariam mais à conquista do mundo dos objetos no espaço exterior. O cérebro masculino está voltado para o trabalho na realidade, ele precisa voltar sua inteligência para criar meios de poder e domínio, por isso Içami Tiba afirma que “*para o cobra, é um sacrifício continuar na cama se o cérebro e o corpo já acordaram*” (HCMP, p. 21). Ao contrário, uma mulher, segundo os textos analisados, não opera informações para solucionar problemas, para combiná-las num discurso lógico que resulte numa ação sobre a realidade:

Conversando sobre todos os problemas possíveis sem se concentrar na sua resolução, ela se sente melhor. Explorando seus sentimentos nesse processo, ela ganha uma consciência maior do que a está realmente incomodando, e então repentinamente ela não está mais tão indefesa. (HMMV, p. 47).

Aquilo, pois, que se entende por atividade racional, isto é, a operação lógica de informações e cálculos para um fim prático e útil, seria domínio do masculino. Segundo uma antiga fórmula, também para estes autores o cérebro ou a psique feminina está melhor preparada para sentir do que para pensar logicamente. É o intelecto masculino que está preparado e adequado à atividade racional e científica, à resolução de problemas práticos e dificuldades que exijam concentração e lógica. A mulher deve aceitar essa condição e eximir-se de dar palpites. A solução, quando se tem uma problema a ser resolvido, deve vir do macho da espécie:

Os homens se orgulham de serem experts, especialmente quando se trata de consertar coisas mecânicas, de chegar a lugares e de resolver problemas. São esses os momentos em que ele mais precisa de aceitação amorosa por parte da mulher e não de seu conselho ou sua crítica. (HMMV, p. 31).

Pease & Pease também são categóricos: “*Quando se trata de resolver quebra-cabeça, a supremacia masculina é indiscutível*” (PHSMA, p. 108). O talento feminino

estaria no conhecimento emocional e intuitivo dos objetos e seres circundantes, para atingir dois imperativos biológicos: a defesa do espaço doméstico e a comunicação com a prole:

A mulher precisa ter capacidade de olhar para a sua ninhada e identificar imediatamente a dor, o medo, a fome, a doença, a tristeza e a alegria. Precisa ser capaz de avaliar rapidamente a atitude das pessoas que se aproximam de seu ninho – se amistosa ou agressiva. Sem essas técnicas de sobrevivência, ela fica vulnerável, corre perigo. Pelas mesmas razões, a mulher é capaz de ler as emoções dos animais. Ela sabe dizer se um cachorro está feliz, triste, zangado ou constrangido. (PHMMC, p. 177).

O homem precisa do cachorro para caçar, “*ele tem objetivo determinado e prazo certo*” (PHSMA, p. 130). Pela mesma razão ele se aborrece com um passeio ao shopping, enquanto para a mulher isso surge como “*uma atividade lúdica*” (PHSMA, p. 130). Os autores pretendem ainda explicar, com o mesmo argumento, a lendária curiosidade feminina: “*Não se trata de que as mulheres sejam curiosas... bem, elas não deixam de ser... é que com a sobrevivência a longo prazo programada em seus cérebros, elas querem saber como vai cada pessoa de seu grupo e como podem ajudar*” (PHMMC, p. 166).

Pela mesma razão, segundo Içami Tiba, elas gostam tanto de novela: “*Novela e polvo foram feitas uma para a outra*” (HCMP, p. 36). O autor não avisa seu leitor de que essa intimidade entre o gênero e a fruidora possa ser resultado de séculos de reclusão e hábito de só experimentar o espaço exterior pela via ficcional. Para Içami Tiba, a afinidade da mulher com a novela parece dever-se, antes, aos temas sentimentais da novela, que encontrariam eco na peculiar atividade cognitiva do cérebro feminino. É que o homem quer entender e a mulher, apenas sentir:

Ai do cobra se desandar a fazer perguntas bem no final da novela. Polvos adoram finais de novelas. Todos os tentáculos entram em ação com os amores que se concretizam, os ódios que se matam; todos se abraçam, choram, confessam tudo e recebem o perdão geral. É a dança dos tentáculos. Agora, num momento tão sagrado como esse, em que a polvo chora e ri ao mesmo tempo, vem o cobra lhe torrar a paciência? Tem dó! Talvez, se estiver num dia de benevolência e amor, ela diga: você não quer ler este romance? É lindo... Se pelo menos fosse um livro de aventuras, suspira o cobra ao se preparar para mais uma sonequinha. (HCMP, p. 37, grifos do autor).

Em alguns outros momentos, a habilidade de concentração masculina parece, ao contrário, uma limitação. “*Andar, conversar e controlar a bexiga são atividades demais para o cérebro do homem-cobra realizar ao mesmo tempo*”, diz Içami Tiba (HCMP, p. 39). Mas logo a desvantagem operacional converte-se numa espécie de valor moral, pois, em vez de aplicar seu talento para dedicar-se a tarefas múltiplas e concomitantes em fins lógicos, racionais e “elevados”, a mulher consegue, com sua habilidade tentacular, enganar mais facilmente que o homem:

Quando a polvo quer, consegue coisas do cobra que ele nem sonha, enquanto o cobra dificilmente consegue enganar uma mulher. Afinal, o cobra é uma limitação da polvo, só tem um tentáculo. [...] Ela não pode se desligar de seus vários tentáculos. O homem, pelo contrário, só tem um tentáculo, um foco, é mais fácil desligar. (HCMP, p. 83).

Assim, para Pease & Pease, o que se conhece por “intuição feminina” seria uma “*apurada capacidade que a mulher tem de notar detalhes e alterações mínimas na aparência e no comportamento de outras pessoas*” (PHSMA, p. 26).

Uma consequência direta das diferenças de organização de raciocínio entre homens e mulheres serão peculiaridades similares na manipulação da linguagem, uma vez que uma e outra, linguagem e racionalidade, são esferas mutua-mente dependentes da experiência humana. Para John Gray, por exemplo, uma vez que a atividade cognitiva feminina é fundamentada em verdades intuitivas e não lógico-formais, a mulher pensa enquanto fala, para, através da expressão contínua das palavras, tentar aproximar-se como se tateasse conceitos e sensações, de uma verdade ainda oculta, por isso fala muito, e muito do que fala não pode ser considerado como interessante ou essencial no assunto em pauta, uma vez que a maior parte das frases serão apenas peças de um pensamento que está ainda em formação. Ao contrário, o homem se concentra antes de falar e, quando fala, é, portanto, para dizer alguma coisa importante e considerável:

Homens e mulheres pensam e processam as informações de maneiras muito diferentes. As mulheres pensam em voz alta, compartilhando suas descobertas interiores com um bom ouvinte interessado. Mesmo hoje, uma mulher frequentemente descobre o que quer dizer pelo processo de

simplesmente falar. Esse processo de simplesmente deixar os pensamentos fluírem livremente e expressá-los em voz alta a ajuda a penetrar na sua intuição. [...] Mas os homens processam as informações diferentemente. Antes de falar ou responder, eles primeiro ‘ruminam’ ou pensam sobre o que ouviram ou experimentaram. Interna e silenciosamente eles descobrem a resposta mais útil e correta. (HMMV, p. 80, grifo meu).

Por isso, Pease & Pease afirmam que o homem “*usa frases mais curtas e bem mais estruturadas que as da mulher*” e confunde-se com a verborragia feminina: “*A mulher pode começar um assunto, mudar para outro no meio da frase e em seguida, sem qualquer aviso, voltar ao que estava dizendo antes, mas acrescentando dados absolutamente novos e deixando o homem desnortado*” (PHSMA, p. 89 e 90). Os autores dizem que o homem “*só fala se tem algo a dizer*”, ou seja, usa a linguagem estritamente para “*comunicar fatos, dados ou soluções*”, enquanto as mulheres conversam também para estabelecer relações com o outro, e concluem: “*O cérebro do homem é orientado para soluções. O da mulher, para processos*” (PHMMC, p. 148 e 149).

A mulher, portanto, elabora uma linguagem mais indireta e ambígua, que mais “*insinua*” do que mostra (PHMMC, p. 158). Conseqüência direta do pensamento e da verborragia intuitiva feminina seria uma peculiar familiaridade com a linguagem figurada ou poética. Se a mulher pensa com a intuição, suas palavras veiculariam muito mais significados sugestivos do que sentidos literais. Constituiriam, assim, antes aproximações do que expressões diretas de uma verdade pré-determinada. “*Para expressar totalmente seus sentimentos, as mulheres assumem licença poética para usar vários superlativos, metáforas e generalizações*”, afirma Gray. “*Os homens erroneamente tomam essas expressões literalmente*” (HMMV, p. 73), já que, limitados por aquele talento para a concentração numa única dimensão do pensamento, teriam dificuldade de lidar com os dois planos de significados que constituem toda linguagem metafórica, isto é, o literal e o figurado que confere ao termo uma segunda significação. Parece que, para Gray, ao homem seria mais complicada uma passagem de uma significação denotada para uma conotada, como exige a decodificação de uma linguagem poética. Outra vez, o leitor pode vincular a inteligência feminina mais à ficção, à poesia e à arte, do que a masculina, nesse caso mais afeita ao discurso referencial do pensamento científico. Imagina-se que o autor

esteja fazendo menção aos padrões comportamentais que regem a vida da maioria dos homens e das mulheres, pois se considerarmos a produção do espaço simbólico que liga a poesia a arte e a ficção, veremos que este é preenchido por muitos homens também. Acredita-se que ao falar da sociedade como um todo, de forma generalizante, o autor tenha desprezado esse tipo de realidade social.

3.1.5 - Sociabilidade

Diferenças entre modos de lidar com suas emoções resultam em distintas condutas sociais e disposições para o convívio com outros indivíduos. Assim, para os autores estudados, homens e mulheres apresentarão diversidades na maneira de conceber a vida em comunidade e nos valores que enfatizarão para o desempenho de sua vida social. As mulheres, por exemplo, segundo Içami Tiba, “*não vêem problema em se encostar uma na outra, trocar ou mesmo compartilhar o que estiverem usando*” e até sentem “*prazer e entrosamento para ocupar o mesmo espaço, ainda que o lugar não comporte tantos tentáculos*”, ao contrário dos homens, que “*marcam território, não invadem o do outro nem querem o seu invadido*” e, se tiverem seu espaço individual de alguma forma invadido por outro indivíduo, “*reagem violentamente*” (HCMP, p. 52). Pease & Pease afirmam que um “*estudo cuidadoso concluiu que mesmo os meninos mais sensíveis ao toque não chegavam ao índice alcançado pelas meninas de menor sensibilidade*” e que, na vida adulta, a sensibilidade da pele feminina é cerca de dez vezes maior do que a da pele masculina” (PHSMA, p. 42). Um hormônio – a ocitocina – é o que estimula na mulher a vontade de ser tocada e a faz dar maior importância aos carinhos do que seu parceiro masculino (PHSMA, p. 42)

Os homens, por outro lado, são agressivos e seus hormônios “*podem ser chamados hormônios da agressão*”, especialmente a testosterona, que é “*responsável pela sobrevivência da espécie*”, já que é ela quem impele o homem ao enfrentamento da caça e dos predadores (PHSMA, p. 142). Um dos capítulos desta obra do casal, aliás, intitula-se “*Por que os homens são agressivos?*”, denotando, nos termos, um pressuposto de que a agressividade é peculiar ao sexo masculino.

Na origem dessa contradição comportamental entre os dois sexos está a oposição – milenarmente anunciada e que os autores abordados atualizam em seus discursos – entre a competição masculina e a integração feminina. Em um jogo ou uma disputa, essa diferença, segundo os autores, torna-se evidente: “*Nenhum cobra*

disputa um campeonato porque ‘o que vale é competir’”, afirma Içami Tiba. “*Se ele entra, é para ganhar. [...] Para a polvo, é preferível compor a competir*” (HCMP, p. 55). A diferença também é resumida numa fórmula por Pease & Pease: “*Meninas buscam relacionamento e cooperação. Meninos buscam poder e status*” (PHSMA, p. 120). Os autores citam exemplos de situações em que crianças distinguem-se nas reações conforme o sexo. Quando, por exemplo, estranhos chegam ao grupo, são recebidos diferentemente pelos representantes masculinos ou femininos: “*As meninas aceitam melhor quem chega e são mais solidárias com coleguinhas deficientes. Os meninos com frequência desprezam ou implicam com os mais fracos*” (PHSMA, p. 121).

A maior habilidade feminina para a integração irmana-se com um peculiar talento para a comunicação e a linguagem. Pease & Pease afirmam que exames de ressonância magnética revelaram que a presença de pontos responsáveis pela decodificação de palavras e sinais corporais e de voz é de uma a duas vezes maior no cérebro feminino do que no masculino (PHMMC, p. 176 e 177). Por outro lado, o hormônio feminino estrogênio é apontado como o catalisador desses processos de codificação nas células cerebrais (PHSMA, p. 59). Enquanto uma mulher pode usar diariamente de 6.000 a 8.000 palavras, de 2.000 a 3.000 sons vocais e de 8.000 a 10.000 gestos, expressões faciais e outros movimentos corporais paralingüísticos, a capacidade do homem para as mesmas tarefas é de menos da metade desses números: de 2.000 a 4.000 palavras, de 1.000 a 2.000 sons vocais e de 2.000 a 3.000 signos paralingüísticos (PHSMA, p. 86).

Outras diferenças de conduta podem ser notadas na maneira como cada um dos sexos se comporta durante um dos rituais que envolvem a socialização, como as refeições diárias ou jantares em restaurantes ou com amigos, para os quais o macho humano não apresenta muitas aptidões: “*O cobra costuma comer em silêncio e depressa (é para que outro não lhe tome a antropológica caça, isto é, a comida...)* [...] *Almoçar com o cobra é assim: comer rápido e falar logo o que há para falar*” (HCMP, p. 79). Apoiando-se, como Pease & Pease, no determinismo pré-histórico da conduta da espécie, Içami Tiba confere ao homem uma espécie de objetividade nas relações sociais, que são consideradas, assim, apenas em suas necessidades mais

imediatas. Já a mulher encara o evento social como oportunidade de convívio e diálogo. Entretanto, seu cuidado com os detalhes emerge do discurso do autor como atenção com cuidados superficiais e acessórios:

O cobra olha a comida, não os talheres nem a toalhinha americana. Para beber água, não se preocupa com o recipiente – qualquer copo de requeijão serve. É o foco que importa. Já uma polvo não se sujeita a comer de qualquer modo (HCMP, p. 76).

Num restaurante com os filhos pequenos, a mãe single põe todos os tentáculos a serviço do comer bem e bonito (HCMP, p. 78).

O cobra não liga para roupa. Afinal, eles vão ao restaurante para comer, não para desfilar... (HCMP, p. 79).

Além de inferir maior objetividade na conduta masculina, um leitor menos avisado pode ainda concluir dessas observações que a mulher está melhor preparada realmente para os desvelos domésticos, isto é, aqueles serviços dirigidos aos cuidados pessoais de que todo ser humano necessita em sua vida privada e que, ao contrário dos negócios da vida pública, exigem dedicação aos detalhes e carinho, e não objetividade e concentração na tarefa, afinal, como declara Içami Tiba, “*as polvos têm dentro de si o esquema referencial da vida familiar*” (HCMP, p. 75, grifos meus).

3.1.6 - Trabalho

O trabalho não está presente, de forma clara e objetiva, em nenhuma das quatro obras analisadas. Quando se propõem oferecer conselhos para a harmonização das relações entre casais, os autores concentram-se nos conflitos percebidos e vividos no espaço privado. No entanto, é sempre possível concluir, da leitura de alguns excertos, algumas concepções sobre diferenças de ocupação do espaço de trabalho por homens e mulheres. Se nos detivéssemos apenas naquela condição insistentemente aventada por John Gray, por exemplo, de uma carência feminina, sempre necessitada de ser satisfeita, facilmente poderia ser conduzido o leitor a transferir para o espaço público a observação do autor e assim acreditar numa condição naturalmente posta de provedor para o sujeito masculino, o que lhe deveria assegurar preferências na ocupação do mercado de trabalho.

Além disso, a descrição de outros comportamentos “típicos” para homens e mulheres podem sugerir uma divisão simbólica do espaço de ação, com conseqüências para uma reflexão sobre a atuação dos sexos no mercado de trabalho. Observe-se este exemplo de Içami Tiba, que atribui a cada um dos sexos interesses distintos nas seções do supermercado:

O cobra adora a seção de ferramentas e aparelhos, de faça-você-mesmo, de queijos e bebidas. Dos produtos de limpeza, ele prefere passar longe, pois detesta comprar o que não conhece – a menos, é claro, que haja alguma oferta. Ao comprar comida, escolhe o que está mais barato. (HCMP, p. 76).

O autor associa ao homem um interesse que parece natural pelo mundo das ferramentas, imagem sabidamente correlata e simbólica da esfera do trabalho na dinâmica cultural. Ao contrário, ele não se sente próximo de objetos associados ao espaço doméstico e à sua manutenção, o que leva a crer sejam estas dimensões reservadas à atividade feminina. Além disso, o homem se interessa por ofertas e produtos mais baratos, condutas que podem trair uma concepção do macho humano como detentor ou gerente das finanças da família.

Pease & Pease, como de outras vezes, aqui também se apóiam em pesquisas de preferências para validar suas observações sobre a distinção dos papéis. Segundo o casal, “todos” os estudos realizados na década dos 90 mostraram que *“70% a 80% dos homens em todo o mundo ainda dizem que a parte mais importante de suas vidas é o trabalho, enquanto que 70 a 80% das mulheres afirmam que é a família é prioridade absoluta”* (PHSMA, p. 123). Para os autores, como já deve ter ficado claro pela exposição até aqui, é a estrutura do cérebro de cada sexo que atua *“na determinação de seus interesses”* (PHSMA, p. 113), pois as peculiaridades cognitivas de cada sexo vão, por sua vez, determinar maior ou menor talento para atividades diferenciadas.

O casal Pease usa a história para argumentar esta “verdade” biológica: *“Se estudarmos a História, vamos ver que praticamente nenhuma mulher se destacou em áreas que exigem habilidade espacial e raciocínio matemático como o xadrez, engenharia espacial, ou composição musical”* (PHSMA, p. 112). Para eles, isso é prova de que as mulheres não possuem talento inato para estas tarefas, dada sua menor capacidade para atividades que exijam concentração lógica. *“As mulheres têm áreas específicas para a fala – são boas nisso”*, lembram. *“Por esse motivo, voltam-se para atividades em que a fala é muito usada, como terapias, aconselhamento e educação”* (PHSMA, p. 56). Observando que, enquanto as meninas começam a falar mais cedo que os meninos, adquirem o dobro do vocabulário deles aos três anos e falam mais corretamente, os meninos desenvolvem mais rapidamente a percepção, a lógica e a orientação espacial e tornam-se superiores em matemática e atividades de raciocínio exato (PHSMA, p. 58 e 79), os autores concluem, por outro lado, que, no campo profissional, o modo de falar feminino “seria desastroso”, já que desenvolve um raciocínio “sinuoso e indireto” (PHSMA, p. 95). Por isso, *“no mundo dos negócios, para impressionar a ala masculina, a mulher deve calar seus pensamentos e só falar quando chegar a uma conclusão”* (PHSMA, p. 84).

Com relação às habilidades espaciais, Pease & Pease afirmam que, com uma visão periférica maior do que a masculina, *“a mulher consegue ver quase tudo o que está dentro da geladeira ou do armário, sem mover a cabeça”*, enquanto um homem perseguiria um objeto “perdido” tendo-o diante do nariz (PHSMA, p. 30). No entanto,

isso constituiria, para ela, um obstáculo na orientação espacial, que, segundo os autores, é determinada pela testosterona (PHSMA, p. 147), já que os homens precisavam sair para a caça, calcular a velocidade e a posição da presa e encontrar o caminho de volta a casa. Por isso eles sabem se guiar melhor por plantas, mapas e guias do que elas (PHSMA, p. 104-106). Isso pode também ser uma forma de legitimar a crença de que homens se desempenham melhor na condução de automóveis:

Enquanto a mulher enxerga melhor no escuro que o homem, os olhos masculinos são mais eficientes quando se trata de um campo visual longo e estreito, o que lhes dá uma superior – e, portanto, mais segura – visão noturna a longa distância. Essa capacidade, combinada à sua boa orientação espacial comandada pelo hemisfério direito do cérebro, permite ao homem identificar o movimento dos outros veículos na estrada, tanto à frente quanto atrás. (PHSMA, p. 34).

Por tudo isso, o que o casal Pease aconselha a cada um dos sexos é que procure atividades profissionais adequadas a suas habilidades específicas. Não recomendam, por exemplo, que as mulheres tentem ocupar espaços no mercado de trabalho desenvolvidos e mantidos pelos homens:

O que as mulheres podem concluir de tudo isso? Que o importante é, em vez de querer competir no campo em que os homens têm maior capacidade, optar por carreiras e ocupações em que podem exercer as aptidões naturais que estão de acordo com a orientação de sua estrutura cerebral. (PHSMA, p. 112).

O problema é que, como já vimos, as habilidades apontadas para o sexo feminino geralmente a confinam ao espaço privado e ao ambiente doméstico, o que desencorajaria a ocupação da esfera pública pelas mulheres. O que eles recomendam, nesse caso, é o abandono da idéia de que o espaço masculino de atuação seja superior ao feminino. Em outras palavras, parecem sugerir que a mulher mantenha-se em suas esferas de ação e modifiquem apenas o seu ponto de vista sobre elas:

A idéia de que as mulheres não alcançaram sucesso em áreas dominadas pelos homens só seria válida se achássemos que os padrões masculinos devam ser um parâmetro para o sucesso de todos. Mas sabe quem disse que controlar uma empresa, pilotar o jato mais moderno ou programar um

computador para o lançamento de uma nave espacial é o máximo da realização? Foram os homens. Mas esse é o padrão de excelência deles, não uma regra geral. (PHSMA, p. 113).

O excerto não estaria sugerindo, por outro lado, que a solução não estaria em realizar-se nas profissões em que os homens alcançaram sucesso e poder, mas acreditar que aquelas que elas já realizam permitem o mesmo êxito profissional? Os autores parecem reproduzir o princípio do capitalismo de que cada um tem sua função na máquina e se um tem mais poder que o outro é só uma questão necessária da hierarquia, e não uma realidade de fato. Não se deve mudar as condições. Melhor seria aceitá-las e considerá-las tão dignas e nobres como outras que o sujeito feminino viesse a desejar.

Na obra posterior, no entanto, os autores concebem um espaço público dividido, em que cada um aprendesse a lidar com as diferenças de cada sexo:

O homem precisa entender que, até nos negócios, é mais fácil lidar com uma mulher quando ela primeiro estabelece uma ligação pessoal. E a mulher precisa entender que o homem se sente desconfortável discutindo assuntos pessoais e por isso prefere passar direto aos negócios. Quando as duas partes se compreendem, tornam-se muito mais propensas a assumir compromissos – o que a longo prazo leva a um relacionamento comercial mais consistente. (PHMMC, p. 51)

Outro segmento do texto de Içami Tiba pode oferecer dados para reflexão sobre o trabalho e os gêneros, desta vez, mais pelo que oculta do que pelo que diz. Segundo o autor, a aposentadoria torna o homem ocioso, mas dificilmente tem o mesmo efeito sobre a mulher: “*O polvo não se aposenta nunca. Sempre acha o que fazer ou do que falar*” (HCMP, p. 73). Içami Tiba atribui à atividade ininterrupta da mulher uma disposição, ao que parece, natural. Não ocorre ao autor – e talvez não vá, por isso, ocorrer ao leitor – que a falta de uma aposentadoria se deva à impossibilidade da suspensão das tarefas domésticas. Ninguém pode se aposentar do espaço privado, cujos serviços devem prover as necessidades básicas do ser humano, que só podem ser suspensas com a morte. Se o homem cai na ociosidade, não seria justamente por nunca se ocupar das tarefas domésticas? Se a mulher não se aposenta, não significaria isso, antes que uma disposição sempre vívida para o trabalho, a

patente demonstração de que a atividade feminina no espaço doméstico não é reconhecida como trabalho e não se sujeita às leis de uma aposentadoria legítima? As observações de Içami Tiba e de seus companheiros podem levar, portanto, a graves equívocos na desigualdade entre os sexos.

Note-se, por exemplo, que Pease & Pease afirmam que o cérebro masculino é especializado e desenvolvido para a concentração em tarefas específicas, enquanto o feminino foi “configurado” para tarefas múltiplas (PHSMA, p. 60). Por causa dessa configuração distinta, enquanto meninos e homens seriam atraídos por “qualquer coisa que tenha botões, motores ou componentes móveis, que faça sons, tenha luzes piscantes e seja movido a pilha”, o que “inclui todo tipo de videogame e programa de computador, aparelhos de GPS portáteis, lanchas a motor, carros com painéis complicados, rifles com mira telescópica noturna, armas nucleares, naves espaciais e qualquer coisa que tenha controle remoto”. E concluem: “Se as máquinas de lavar viessem com controle remoto, é provável que os homens até se interessassem em lavar a roupa” (PHMMC, p. 122). Ora, percebe-se, no fragmento exposto, que as atividades masculinas citadas curiosamente referem-se a objetos de lazer, *status* ou de atividade pública, enquanto a feminina remete ao espaço doméstico e às atividades privadas e restritas ao cuidado pessoal. Além disso, afirmar que a mulher, ao contrário do homem, tem capacidade congênita para desenvolver mais de uma tarefa ao mesmo tempo, protege o homem de ter que desenvolver uma dupla jornada de trabalho, tendo que prover a casa com um trabalho público e ao mesmo tempo cuidar das tarefas domésticas, rotina que hoje é a de muitas mulheres que saíram do lar para atuar no mercado de trabalho. Além disso, responde porque ficam para elas os cargos subordinados, como os de assistente ou secretária:

As imagens cerebrais revelam que o cérebro da mulher nunca desliga, está ativo mesmo enquanto ela dorme. Esta é a principal razão pela qual 96% dos assistentes pessoais do mundo são mulheres. É como se a mulher fosse, de alguma forma, geneticamente aparentada com o polvo. Ela é capaz de falar ao telefone, seguir uma receita nova e ver televisão ao mesmo tempo. Pode dirigir automóvel, maquiarse e ouvir rádio enquanto fala num viva-voz. Mas se um homem está seguindo uma receita para preparar um prato e você quer conversar com ele, é melhor irem jantar fora. (PHMMC, p. 126).

Depois de desencorajar a mulher de ocupar o espaço público de trabalho, agora os autores até a aconselham a criar duas personagens, uma para cada esfera de ação: “*A mulher moderna tem dois códigos básicos de vestuário: roupa de trabalho e roupa de não-trabalho*”. O primeiro serve para conferir-lhe “*uma posição de igualdade perante os homens e mulheres do mundo de negócios*”. Além disso, nesse espaço, os “*signos de atração*” que ela deve manter na conquista amorosa são indesejáveis. Por outro lado, a diferença deve continuar a ser mantida quando se trata do jogo da conquista, onde a hierarquia não dispõe de outros índices – como, por exemplo, um organograma de cargos e funções ou uma tabela salarial –, para gerir as relações de poder entre os sujeitos: “*As lições a serem aprendidas aqui são claras: a mulher deve usar cabelo comprido quando quer atrair os homens e cabelo curto ou puxado para trás em reuniões de trabalho*” (PHMMC, p. 214-216). Os autores asseguram que “*estudos confirmam que a mulher com um estilo de roupa mais masculino tem maiores chances de ser contratada para um cargo de chefia do que outra vestida de modo mais feminino*” (PHSMA, p. 230). A maquiagem virilizante do corpo feminino é indicativa de como o espaço do trabalho público continua a ser considerado domínio do sujeito masculino. Por outro lado, sua reificação nas relações privadas do encontro amoroso também agencia a preservação do ente feminino neste espaço como objeto do desejo masculino. Aparentemente o discurso oculta um raciocínio que pode ser ilustrado da seguinte forma: “*Já que nós homens permitimos que vocês mulheres ocupassem vagas que historicamente eram nossas, então é necessário que se comportem como um membro do grupo já estabelecido, ou seja, se comportem como homens.*”

3.2 Um perfil de mulher

Os livros de auto-ajuda analisados nesta pesquisa propõem, portanto, através da comparação entre os sexos, um perfil psicológico e de conduta feminino, que, embora nem sempre afirmado diretamente como inalienável ao sexo, faz crer que deva ser aceito para a felicidade do casal. A partir dessas descrições é possível entrever a proposta de uma identidade feminina para suas leitoras. As diferenças, que constituem a forma desta identidade, segundo os autores, devem ser respeitadas e acatadas como peculiares ao comportamento de cada sexo, pois, sejam de origem biológica ou resultem de experiências pré-históricas, elas nos separam em gêneros opostos, cada qual com modos de sentir e agir distintos entre si, que resultam também em papéis sociais bem dispostos e determinados pela dinâmica dos nossos sexos:

Homens e mulheres diferem em todas as áreas de suas vidas. Não somente homens e mulheres se comunicam diferentemente, mas pensam, sentem, percebem, reagem, respondem, amam, precisam e apreciam diferentemente. Eles quase parecem ser de planetas diferentes, falando línguas diferentes e necessitando de diferentes nutrientes. (HMMV, p. 15).

Pease & Pease afirmam que a única coisa que mantém a identidade entre homens e mulheres é pertencerem à mesma espécie humana. Para além disso, só existem diferenças (PHSMA, p. 13) e “*as diferenças são tantas, que parece surpreendente um homem e uma mulher em algum momento pensarem em viver juntos*” (PHSMA, p. 119). Acreditando numa herança de papéis herdadas e mantidas biologicamente, estes autores afirmam que “*pouco mudou no correr dos séculos*”, mas reconhecem que a mulher moderna já dispõe para si prioridades “*bem diferentes daquelas de suas mães e avós*”, optando por seguir uma carreira no mercado de trabalho para contribuir com o orçamento doméstico, mas também para conquistar bens que os homens já possuem: “*dinheiro, prestígio e poder*” (PHSMA, p. 226).

O casal Pease estabelece, assim, para a mulher preocupações com “*a comunicação, a harmonia, a igualdade, o amor e o relacionamento interpessoal*”, o trabalho coletivo, “*a colaboração e a interdependência*”. Já o homem prioriza a perseguição de “*resultados objetivos, status e poder*” e a “*atividade competitiva*”

(PHSMA, p. 119 e 131). A auto-estima do homem sustenta-se, portanto, com o trabalho e a realização profissional, enquanto a da mulher dependeria da “*qualidade de seus relacionamentos*” (PHSMA, p. 123).

John Gray resume bastante bem as diferenças defendidas, através das metáforas planetárias do agressivo Marte e da amorosa Vênus. Enquanto os homens marcianos valorizam o poder, a competência, a eficiência, a autonomia e a independência, a habilidade técnica, a ação, o sucesso, o alcance de metas e a realização de resultados, a atividade externa e o mundo real dos objetos, as mulheres, exatamente opostas a tudo isto, valorizariam a integração, o diálogo, a manifestação de sentimentos, a vida familiar e em grupo, o pensamento não-direcionado a resultados, a vivência da subjetividade e a manifestação dos sentimentos e a dedicação às pessoas:

As venusianas [...] valorizam o amor, a comunicação, a beleza e os relacionamentos. Elas passam muito tempo amparando, ajudando e acalentando umas às outras. Seu senso de si mesma é definido pelos seus sentimentos e pela qualidade dos seus relacionamentos. Elas experimentam satisfação em compartilhar e se relacionar. [...] Estão mais preocupadas com a vida em conjunto com harmonia, com a comunidade, e com cooperação amorosa. Os relacionamentos são mais importantes do que trabalho e tecnologia. [...] Comunicação é de importância primordial. Dividir seus sentimentos pessoais é muito mais importante do que atingir metas e sucesso. Conversar e se relacionar umas com as outras é fonte de imensa gratificação. (HMMV, p. 28).

Se os homens, como prega Içami Tiba, tem sua atenção unidirecionada e concentram-se em foco para resolver problemas e alcançar resultados, a mulher, ao contrário, goza do talento da variedade e espalha seus tentáculos para multiplicar as dimensões da realidade e cuidar de todas elas. Esta qualidade, na visão de Gray, se manifesta, por exemplo, até na moda:

Elas não usam uniformes como os marcianos (para revelar sua competência). Pelo contrário, gostam de vestir uma roupa diferente a cada dia, de acordo com o que estão sentindo. Expressão pessoal, especialmente do que estão sentindo, é muito importante. Elas podem até trocar de roupa várias vezes ao dia de acordo com a mudança de seu humor. (HMMV, p. 28).

Em vez de voltar-se prioritariamente para o trabalho e o mundo real, a mulher, ao contrário do homem, domina melhor a esfera do lazer, da fantasia e da ficção; o lado prático da vida é preterido pelo lúdico e a visão tecnológica cede à experiência espiritual. As mulheres são nutrizas, curadoras, artistas e sacerdotisas:

Em vez de serem orientadas para metas, as mulheres são orientadas para relacionamentos; elas estão mais preocupadas com a expressão da sua bondade, do seu amor e da sua atenção. [...] Elas estão muito envolvidas com crescimento pessoal, espiritualidade, e tudo o que possa nutrir a vida, curar e crescer. Vênus está coberta de parques, jardins, shopping-centers e restaurantes. (HMMV, p. 29).

Não costumam desenvolver raciocínios lógicos, mas são mais afeitas à cognição intuitiva, forma de pensamento equivalente à experiência de participação que todo ser feminino traria inato na psique ou na biologia:

As venusianas são muito intuitivas. Elas desenvolveram essa habilidade através dos séculos antecipando as necessidades umas das outras. Elas se orgulham de terem consideração pelas necessidades e pelos desejos das outras. Um sinal de grande amor é oferecer ajuda e assistência a outra venusiana sem que seja requisitada. (HMMV, p. 29).

Uma das características bastante ressaltadas é aquela carência, falta ou vazio constitutivo do feminino que abordamos anteriormente. O homem, portador natural do poder, da força e da afirmação do sujeito humano, é quem pode dotar a mulher de uma essência, sem cuja intervenção ela só pode sentir-se como privação e necessidade. A mensagem que elas enviam aos machos da espécie, segundo Gray, é a seguinte: “*Nós precisamos de vocês. Seu poder e força podem nos proporcionar grande satisfação, preenchendo um vazio no íntimo de nossos seres*” (HMMV, p. 56).

Para os autores estudados, é próprio ainda das mulheres: cuidar do homem e desejar dar-lhe filhos, expressar seu amor nutrindo, agasalhando e acariciando o homem e satisfazer-se com o simples sentimento de sentir-se desejada, dizer sempre o que está sentindo, paciência para a espera, satisfazer as necessidades dos outros antes das suas, maior disposição para atividades ininterruptas, obter facilmente as coisas que deseja do homem, facilidade no controle dos filhos, priorizar o bem-estar dos filhos, colocar a casa e a família em primeiro plano, habilidade para pacificar

desentendimentos, tendência à harmonização de conflitos, atenção para os detalhes, disposição maior do que o homem para a fala e conseqüentemente maior facilidade na comunicação, prazer sexual subjugado ao prazer masculino, euforização após o ato sexual em oposição ao repouso masculino, tendência a dividir os espaços em vez de protegê-los.

É possível lembrar, novamente, que, em alguns momentos, os autores sugerem que estas qualidades e atributos sejam passíveis de reversão e mudança, ainda que esses momentos sejam bastante raros e de certa forma obscurecidos por um discurso em que predomina a afirmação das diferenças e o conselho de que sejam acatadas e respeitadas. Gray, por exemplo, sugere que as diferenças possam ser aliviadas com a maturidade e a gradual conscientização de que podemos alterar nossas condutas:

Durante a juventude, a mulher está muito mais disposta a se sacrificar e se moldar para satisfazer às necessidades de seu parceiro. Durante a juventude, o homem está muito mais absorvido em si mesmo e alheio às necessidades dos outros. Quando uma mulher amadurece, ela se dá conta do quanto pode ter estado desistindo de si mesma para agradar seu parceiro. Quando um homem amadurece, ele se dá conta de como ele pode servir e respeitar melhor os outros. (HMMV, p. 61).

O texto de Içami Tiba, por outro lado, traz uma passagem que pode levar a conclusões interessantes, caso um leitor perspicaz – e até certo ponto imune ao bombardeio das descrições postulantes de distinções aparentemente irrecorríveis entre homens e mulheres, peculiar ao texto do autor – consiga ler nas entrelinhas a relatividade que o raciocínio de Içami Tiba confere aos traços diferenciais entre os sexos, quando fala da vida de homens e mulheres solteiros:

Os singles informatizados aprendem a comprar bem, não importa se cobras ou polvos. O cobra tem mesmo é que se virar sozinho, sem a proteção dos tentáculos da mãe, da “ex” ou seja lá de quem for. E a polvo tem tantas atividades que o tempo se torna escasso e ela acaba focalizando o que precisa rapidinho. Arrisco-me a dizer que o cobra começa a apresentar alguns tentaculinhos e a polvo pode abrir mão de alguns de seus muitos tentáculos. (HCMP, p. 78).

Nota-se, pela sugestão do autor, que, quando sós, homem e mulher assumem condutas normalmente atribuídas ao outro sexo, o que demonstraria que as diferenças

só se sustentariam quando, na confiança mútua dos papéis, cada um deixa ao outro que cumpra o que socialmente se espera do seu papel sexual. A exigência de ser total, na vida celibatária, estaria conduzindo homens e mulheres, segundo o autor, a desenvolver as habilidades do sexo complementar, o que, parece, ele vê com aprovação. John Gray também aposta numa mudança positiva, de forma a chegarem, homens e mulheres, num comportamento mais equilibrado e menos distintivo sexualmente:

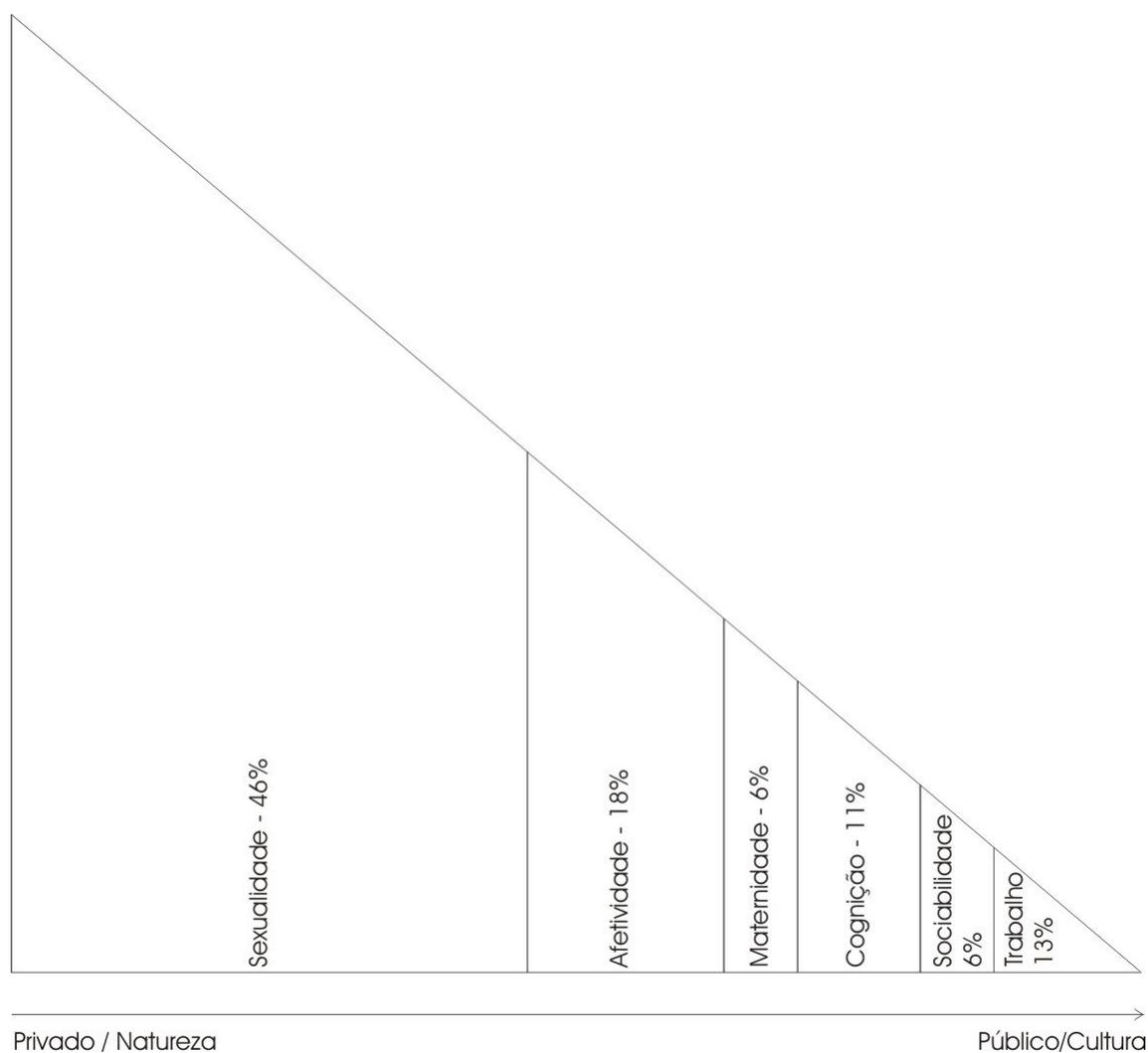
Muitos homens têm negado alguns dos seus atributos masculinos a fim de se tornarem mais amorosos. Do mesmo modo muitas mulheres têm negado alguns de seus atributos femininos a fim de ganhar seu sustento num mercado de trabalho que recompensa atributos masculinos. Se este for o caso, então através da aplicação de sugestões, estratégias e técnicas contidas nesse livro você vai não somente criar mais paixão nos seus relacionamentos, como também vai progressivamente equilibrar suas características masculinas e femininas. (HMMV, p. 17).

Remata-se daí que a identidade apontada para a mulher não seja absolutamente definida, cerrada e para sempre ajustada, e que os autores confiam numa evolução que a capacidade psicológica ou cultural de homens e mulheres possa conduzir com sucesso.

3.3 Apontamentos finais

Para efeitos ilustrativos, agruparemos as seis categorias em um gráfico.

GRÁFICO 1 – CATEGORIAS



Ao observar esse gráfico, notamos que o destaque dado às funções femininas ligadas ao espaço privado ou a natureza é muito maior do que o destinado ao espaço público e cultural. A importância destinada a assuntos que dizem respeito a sexualidade, afetividade e maternidade (que somadas totalizam 70% do espaço médio que os autores ocuparam para apresentar cada tópico), deixa claro que, no textos de

auto-ajuda analisados os relacionamentos íntimos e as questões e biológicas são prioridades sobre o social, nesse caso representado pela cognição, sociabilidade e trabalho (30%).

Retomemos alguns conceitos discutidos no primeiro capítulo desta pesquisa para acrescentar algumas observações sobre os discursos analisados.

Em primeiro lugar, notemos que existem mecanismos de construção de subjetividades e territorialização de identidades que perpassam toda a construção textual. Muitos deles já foram apontados no decorrer de nossa análise, mas cabe aqui lembrar de outros.

Primeiramente, um recurso de agenciamento revela-se na própria facilidade de leitura das quatro obras, o que provavelmente colabora para elevar o número de leitoras/es interessados. É regra na literatura de massa e, por decorrência, nos textos de auto-ajuda, manter-se uma linguagem comum e até coloquial, para penetrar a atenção e o gosto do homem médio, ou seja, tornar o discurso assimilável pelo máximo de indivíduos representativos da maior quantidade de grupos heterogêneos possível.

Um segundo mecanismo de agenciamento está em alguns gêneros textuais propostos. Já aludimos a alguns deles no capítulo 2, quando mostramos, por exemplo, a presença de um jargão científico autorizando a credibilidade do raciocínio ou o apelo à experiência do leitor como validação dos argumentos propostos. Gostaríamos de acrescentar ainda a prática dos testes, que não constitui propriamente um recurso lingüístico, mas pode colaborar igualmente na condução do leitor a conclusões predeterminadas pelos autores. Em testes, o leitor fica limitado a respostas previamente formuladas, o que reduz e inibe, certamente, posicionamentos singulares diante dos comportamentos testados.

Outro traço discursivo, desta vez temático, que também já foi, acreditamos, bastante comentado durante nossa análise, é a presença de um reforço dos modelos dominantes de padrões sexuais de comportamento, que estão atualmente em vigor na sociedade e contra os quais vários grupos feministas se pronunciam, e que provavelmente levam à identificação entre as mulheres citadas nos livros e as leitoras. Sobre isso gostaríamos ainda de acrescentar que a flexibilização dos conceitos que

ocorre nos finais dos livros de auto-ajuda analisados, quando integrada ao contexto geral do texto, denuncia a existência de um jogo de sedução que envolve o leitor de forma perversa. Nas obras analisadas os papéis sociais para cada sexo são rígidos e bem descritos a ponto de que cada leitor passe a “saber” qual é o seu lugar no “jogo”. Logo, ao terminar um texto, no qual todos os conceitos são construídos de forma pouco flexível, afirmando-se que a mudança é, entretanto, possível, depois de conduzir o/a leitor(a) em mais de 150 páginas de deduções e afirmações contrárias, constitui um raciocínio perverso.

Mas esta não é a única contradição no discurso dos autores. Em alguns momentos eles atribuem ao comportamento feminino, como se fosse natural da mulher, a preocupação com a aparência e com a moda. Descuidam, porém, de duas situações que precisam ser consideradas nesse tipo de afirmação: a primeira é que, em vários capítulos de seus próprios livros, são eles que reforçam esse comportamento como próprio da mulher: incitações ao uso de *lingeries* provocantes e da maquiagem e o incentivo a um variado guarda-roupas são encontrados em várias partes do texto, seja de forma direta, seja diluídos em um discurso sobre a importância da boa apresentação e aparência, tanto para obtenção e manutenção de um emprego, como para satisfazer um imperativo matrimonial para a boa harmonia do relacionamento; a segunda consideração lembra que a indústria da moda, em todas as suas subdivisões, é composta principalmente por homens, ou seja, aquilo que é dado como natural – até biologicamente –, é um fato social construído pela condução das mulheres ao *status* de grandes consumidoras, por meio da atividade masculina nas fases de idealização e produção da indústria da moda e de cosméticos.

Reflexão semelhante podemos desenvolver em relação, por exemplo, à afirmação de Içami Tiba que assegura existir uma relação direta de identidade entre a novela e a mulher. Como já dissemos, o autor afiança que ambas foram feitas uma para a outra e que o que chama a atenção das mulheres na novela é o romance que nelas aparece, fato esse que afasta o público masculino. Para Tiba, tanto a novela quanto o romance são tipicamente femininos. O autor não lembra, nesse momento, que tanto um quanto o outro são obras elaboradas, tal como na indústria da moda, em sua maioria, pelos homens. Logo, mesmo que esse não seja o principal sexo leitor ou telespectador, é, de outra forma, agente principal desse universo de romance de forma presente, participativa e expressiva. A autora Michelle Rosaldo, em seu texto apresentado no capítulo 1, confirma que, num nível moral, historicamente o mundo da cultura é dos homens, eles são

participantes dos sistemas de experiência elaborados pelo sujeito masculino. Essa afirmação é corroborada pelo fato de que temos maioria masculina, tanto na escritura de romances, como na autoria das novelas ou nas idealizações de moda.

Retomando uma discussão apresentada acima, observa-se que Jonh Gray, ao apontar a possibilidade de mudança de padrão de comportamento tipicamente feminino ou masculino, afirma que, para isso, muitos “homens *têm negado* alguns dos seus atributos masculinos a fim de se tornarem mais amorosos”. Uma afirmação como essa permite acreditar-se que uma mudança que se dê no nível social depende exclusivamente de uma decisão no nível individual. Atualmente, se homens alteram seus comportamentos no espaço privado, e mulheres por sua vez no espaço público, isso se deve a uma série de mudanças sociais em todos os níveis, do político ao religioso, e não há uma decisão de cunho individual, já que o indivíduo isoladamente tem menos força para equilibrar de forma expressiva a relação entre homens e mulheres em sociedade. Dito de outra forma, o autor apresenta como individual uma alteração comportamental histórico-social à qual o sujeito é induzido pelo seu grupo e seu tempo. Certamente há que se considerar as decisões pessoais do sujeito, sem as quais não se poderia conceber originalmente o surgimento de uma singularização nas subjetividades. Entretanto, não se pode iludir acreditando que essas decisões ocorrem em nível transcendental ao contexto social do sujeito, como geralmente quer a auto-ajuda, conferindo ao indivíduo, como vimos, um poder e uma responsabilidade de “eu superior” que vai certamente se chocar com os imperativos culturais.

Percebemos que, em relação à “ocupação do espaço público”, existe, nas obras-objetos, a transposição de uma análise sexista, conservadora e dotada de uma subjetividade capitalística voltada para o agenciamento das mulheres. No discurso dos autores, a dominação/conservação de papéis “cristalizados” da *diferença sexual no trabalho* passa, automaticamente e sem considerações históricas, para a *divisão social do trabalho*. Melhor dizendo, apoiados em um discurso biologizante, com ênfase clara nas possibilidades e limitações que a ele pertencem, os autores o expandem para a área do trabalho, fazendo assim um discurso da diferença sexual inata que conduziria, sem outros fatores de mediação a uma conseqüente distinção de atividades e papéis no trabalho. O raciocínio dos autores oculta a diferença histórica da divisão social do trabalho, no qual as mulheres sempre foram consideradas

inferiores, mas lutam até hoje para mudá-lo, em busca da igualdade. Não considerar essa construção histórico-social é uma forma de desqualificar toda a história de luta por inserção no mercado de trabalho e por melhores condições de desempenho profissional, que constitui, como programa organizado, um movimento recente, contudo presente e cada dia mais forte nas pautas reivindicativas dos movimentos de singularização.

Segundo Michelle Rosaldo, o que interliga culturas como os arapesh, ou a tribo Merina em Madagáscar é que em ambas os homens têm autoridade sobre as mulheres e direitos para exercer supremacia sobre elas. Afirmar que a nossa cultura, ocidental de uma forma geral, se equipara totalmente a essas outras há pelo menos um século, seria imprudente, porém fazer entre elas uma aproximação nos parece razoável. Rosaldo sustenta o argumento de que a autoridade pública conferida aos homens e o confinamento das mulheres, em grande parte da vida adulta, à geração e criação dos filhos são fatores que levam a diferenciações sexuais de papéis nas esferas pública e doméstica. Ela prossegue afirmando que a oposição não determina estereótipos culturais ou desigualdades nas valorizações dos sexos, porém o ato de identificar a mulher com o “doméstico” e o homem com o “público” cria, para a mulher, uma subordinação.

Observamos que, desde o início do século XX, as mulheres da nossa sociedade iniciaram movimentos em prol de sua inserção nos bancos escolares, e conseqüentemente no mercado de trabalho, estando suas mentoras embebidas de questões políticas e ideológicas pertinentes a um movimento social de porte. A transformação econômica e cultural que foi desencadeada nesse momento histórico separa cada vez mais a realidade cotidiana das mulheres arapesh das ocidentais, porém, antes disso, acreditamos que em várias ocasiões e locais as limitações impostas a ambas foram semelhantes. O texto de Rosaldo data do final da década de 70, o que permite aferir que as conquistas e lutas sociais femininas que se iniciaram no começo do século XX alcançaram, a partir da década de 50, um âmbito mundial, que recrudescer na década de 70 e continua até os dias de hoje, em um processo contínuo de conquistas. Logo, em 36 anos, muito dessa realidade descrita por Rosaldo se mesclou com as novas aquisições e realidades sociais. Verificamos, contudo, que os autores de auto-ajuda estudados nessa dissertação retomam questões próprias às mulheres de muitas décadas atrás, ao atribuir a elas um número maior de ocupações e funções no espaço privado do que no espaço público. A novidade reside no fato de que o discurso desses autores é ancorado em argumentos biológicos e apresentado com uma roupagem aceitável para a sociedade contemporânea, embora muito desse discurso, bastante marcado ainda pelas visões evolucionistas do século XIX, já esteja superado por uma biologia menos positivista e mais flexível à combinação com disciplinas que cuidam de outras dimensões humanas e que constituem o arcabouço de uma antropologia multidisciplinar. É o caso, por exemplo, das teorias esboçadas pela Escola de Santiago, nas pessoas dos biólogos Humberto Maturana e Francisco Varela, que explicam a divisão comportamental dos gêneros a partir da tradição cultural do

patriarcado e não de mecanismos neurológicos inatos à peculiaridade biológica de homens e mulheres²⁴.

Entretanto, a reproposição de antigos comportamentos a partir de novas premissas não trará, à mulher contemporânea, a solução do problema da falta de uma subjetividade nova e própria. Quando confrontada, de um lado, com aquela pressão das novas regras sociais, apontada por Julian Marías, que a conduz à necessidade de redefinir uma identidade secular, e, de outro, com uma proposta na auto-ajuda de revalidação das antigas formas de viver, em vez de ver sua crise solucionada, o que a mulher obtém é apenas uma pacificação dos problemas em nível discursivo. As novas atividades que as mulheres estão incorporando a sua rotina não se coadunam com antigos paradigmas. Trabalhar fora e ao mesmo tempo continuar a cuidar dos filhos, por exemplo, tem exigido das mulheres grandes sacrifícios, em razão justamente da tentativa de assumir os novos imperativos sociais sem abandonar as tradicionais expectativas da sociedade para com o sujeito feminino. Oprimidas por um discurso que legitima os paradigmas ancestrais de comportamentos, as grandes questões femininas podem parecer resolvidas na esfera do pensamento, mas continuam a oprimir a mulher na prática do dia-a-dia.

Outro ponto levantado por Rosaldo é de que “os homens não têm um único comprometimento tão duradouro, tão consumidor de tempo e emocionalmente tão submissor – tão próximo de parecer necessário e natural – quanto à relação de uma mulher com seu filho pequeno; e assim os homens estão livres para formar essas associações amplas que chamaremos ‘sociedade’” (1979, p.41). Içami Tiba faz uso desse argumento para defender a maior parte de suas declarações sobre o comportamento feminino e as esferas de atividade da mulher. Dentre os quatro autores, ele é o que mais atribui à mulher a obrigação do cuidado com os filhos. O restante dos autores incumbe também à mulher essa função, porém de forma menos declarada. Fazem isso ao definir como femininas características que são necessárias muito mais ao cuidado dos filhos e do lar do que ao espaço público de decisões sociais.

Outra idéia denunciada por Rosaldo que sustenta o discurso da literatura analisada e se afina com o pensamento de seus autores é a de que as culturas tratam o desenvolvimento afetivo masculino como algo conquistado, entendendo que o homem não possui critério natural que determine, exclusivamente, a formação de grupos masculinos e o companheirismo, o relacionamento ordenado ou uma cadeia de comando estabelecida, ao contrário de duas ou três gerações de um grupo doméstico feminino. Para a autora, a ordem num grupo masculino e na sociedade em geral é sentida como um produto cultural: os homens sistematizam,

²⁴ Para conhecer um pouco da teoria de Humberto Maturana recomendamos o livro escrito pelo autor em colaboração com Gerda Verden-Zöllner, *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano*, que faz uma comparação entre a cultura patriarcal e uma cultura matrilinear que o teria precedido, também a partir de uma visão biológica, mas sem desqualificar o fato de o homem ser uma espécie cultural. Não aprofundamos a teoria dos autores em nossa pesquisa, porque preferimos, como esperamos já ter ficado claro pela nossa exposição, focalizar nossa atenção nos autores que ajudem a entender o discurso da auto-ajuda e seu poder de agenciamento de subjetividades e territorialização de identidades. De qualquer forma, trata-se, para o leitor, de um bom objeto de contraponto com as teorias evolucionistas defendidas pelos autores que analisamos.

normatizam idéias e padrões de avaliações e ordenam os relacionamentos entre eles próprios. Em contrapartida a maioria para a mulher é, pois, um *status atribuído*, enquanto para o homem é um *status conquistado*.

Segundo Rosaldo, estudiosos como Durkheim e Parsons concordam que as mulheres são mais “afetivas” ou “expressivas”, menos “intelectuais” ou “instrumentais” do que os homens. A autora nota como os cientistas sociais relativizaram os papéis conferidos à mulher pela cultura tradicional aos processos históricos e às relações entre os sexos no seio da sociedade. Ao levarmos em conta esse tipo de afirmação, perceberemos que os autores da auto-ajuda constroem um discurso que não está desconectado das realidades sociais analisadas por Durkheim ou Parsons e nem em desacordo com elas. Conforme já evidenciamos em nosso tópico de análise, o discurso dos autores de auto-ajuda é repleto de afirmações a respeito da intuição feminina em oposição à racionalização masculina. A diferença entre os sociólogos e os autores de auto-ajuda é que os últimos continuam o raciocínio dizendo que a partir do momento em que a mulher tem essas características, é natural que caiba a ela a maior responsabilidade pela harmonia, estabilidade emocional e bem-estar no matrimônio, ou seja definem um número maior de atribuições femininas no espaço privado; já aos homens, mais racionais por responsabilidade da evolução biológica da qual somos fruto, mantém-se garantida a ocupação dos espaços públicos e o direito de assistir à TV sem conversar com suas esposas depois de um exaustivo dia de trabalho. Os sociólogos e demais cientistas analisam e estudam os motivos históricos e sociais que levam a mulher a desenvolver a intuição e, apesar de afirmarem que está é uma característica tipicamente feminina, não prosseguem esse raciocínio dizendo que esse fato deve desembocar, por exemplo, em cuidado com os filhos.

Nancy Chodorow, por exemplo, cuja teoria também expusemos no capítulo 1, afirma que as mulheres tendem a cuidar dos bebês não por necessidades biológicas, mas por *conveniência*. Essa *conveniência* é, a nosso ver, fruto de uma construção social a qual a literatura de auto-ajuda em questão ignora ao afirmar como natural e biológica. Deutsch, por outro lado, observa que a mulher, em uma relação de proximidade com uma criança ou com seus próprios filhos, acaba repetindo sua experiência infantil de história mãe-filha e, assim, continua perpetuando as diferenças entre papéis sexuais. A partir desta afirmação de Deutsch e das teorias descritas no primeiro capítulo, deduz-se que muito da responsabilidade pela perpetuação de uma forma rígida e conservadora dos papéis sociais, que os livros de auto-ajuda reforçam insistindo numa naturalidade biológica, é feminina, no sentido de que são as mães (já que os pais, em maior ou menor grau, permanecem mais tempo fora de casa ou atribuem à mulher a maior responsabilidade pelas crianças) as maiores responsáveis pela educação na primeira infância e, conseqüentemente, ajudam a construir e cristalizar os padrões de comportamento na nova geração.

Ao explicar as “dinâmicas psicológicas da desvalorização social e cultural universal, e da subordinação feminina”, Chodorow revela que o menino, para obter uma identificação masculina, repele o feminino e valoriza como negativo o que está

relacionado com as mulheres. Internamente ele rejeita sua mãe e nega a ligação e a dependência que ainda são fortes, e que foram desenvolvidas durante a infância. Reprime tudo que possa ser identificado como feminino dentro dele e paralelamente denigre e desvaloriza tudo que considera feminino no mundo externo. Sem desconsiderar a realidade de que toda essa discussão está em permanente reconstrução, principalmente no que tange à psique infantil e aos complexos apresentados por Freud, mas concordando com o argumento apresentado pela autora de que o menino, para a construção de sua identidade e independência, tem necessidade psicológica de negar o feminino e a mulher, acreditamos que esse fato pode ser o responsável, desde a infância, pela separação entre os sexos, e que essa separação pode, mais tarde, na vida adulta, se perpetuar em ações e comportamentos sociais. Nesse caso, o casamento ou a união próxima e a convivência diária podem ser entendidos como a busca pela aproximação, que foi rompida na infância, do homem com a mulher, agora não mais a mãe, mas sim a esposa, tendendo então ao equilíbrio.

Os adjetivos usados pelos autores da auto-ajuda para definir a mulher como, por exemplo, carinhosa, amorosa, paciente, dedicada e preocupada, dentre outros, nos levam a deduzir que eles trabalham com o mesmo perfil de mulher estudado e definido por Chodorow, ao afirmar que, na maioria das sociedades, as mulheres são *definidas* em termos de relação, ou seja, são caracterizadas como esposa, mãe, filha, nora e mesmo uma freira, quando se torna “noiva de Cristo”. Atualmente o argumento da autora não se sustenta totalmente, já que a realidade inclui a mulher no mercado de trabalho, o que faz com que os adjetivos que a caracterizam excedam a lista proposta. Porém, ele é suficiente para mostrar que os autores de auto-ajuda vêm hoje, na mulher, o mesmo estereótipo denunciado por Chodorow e superado em grande parte na contemporaneidade.

Allan e Barbara Pease, em seus dois exemplares, dizem que hoje em dia estamos sem referência de padrões de comportamento feminino, já que no passado nossas mães e avós agiam de forma diferente da que se espera que as mulheres ajam atualmente. Encerra-se aí uma contradição, pois ao evitar o incentivo a uma postura feminina no mercado de trabalho – e nem mesmo à ocupação deste – e passarem a maior parte do tempo aconselhando a mulher a manter o equilíbrio dentro do lar (que

não deixa de ser uma re-significação do espaço privado como próprio para a mulher), os autores estão dizendo que a mulher tem que se adequar às necessidades próprias do novo milênio, mas isso não significa romper com o bem-estar e conforto vividos pelas gerações anteriores na dedicação feminina aos cuidados com a casa e com os filhos. Esse dado permite uma convergência entre o raciocínio dos Pease e o mecanismo de manutenção do *status quo* identificado por Chodorow ao afirmar que suas observações indicam que a maioria das culturas assume que a socialização feminina é relativamente fácil devido à continuidade geracional existente nela, ou seja, para a autora, a mulher é quem é porque segue os passos da mãe.

Conforme dissemos no tópico 1.4 do capítulo 1, Michelle Rosaldo atesta que existem muitas variações de comportamentos e papéis atribuídos à mulher e ao homem em diferentes sociedades. Existem sociedades em que as mulheres comerciam ou cultivam, existem também outras nas quais quem faz isso são os homens; umas em que as mulheres são rainhas, outras em que elas se submetem ao poder político masculino; algumas em que as mulheres fazem a corte, muitas em que os homens tomam a iniciativa erótica e amorosa. Limites de força e resistência levam a diferenças nas atividades masculinas e femininas. Porém, existe uma característica que se mantém em todas elas, que é o fato de que as sociedades conhecidas apresentam, sem exceções, diferenças entre os sexos, não só na indumentária, como em tarefas e responsabilidades que são associadas diferentemente a homens ou a mulheres. Isso nos leva a afirmar que socialmente as diferenças existem e são irrefutáveis. Assim, o incômodo gerado pelos livros de auto-ajuda vem menos de eles afirmarem a diferença do que de manterem um discurso anti-sociológico e anti-histórico, ao responsabilizar a evolução biológica humana por todas as diferenças entre os sexos e os papéis desempenhados por eles no interior de cada grupo social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao nos propormos refletir sobre a literatura de auto-ajuda, temos de saída pelo menos três possibilidades evidentes, tomadas a partir dos três elementos componentes do processo de comunicação: o emissor, a mensagem e o receptor. A primeira forma de abordagem seria, portanto, uma análise dos meios de produção das obras de auto-ajuda, seu contexto de elaboração e as marcas ideológicas desse sistema; e a biografia social de seus autores, uma segunda abordagem seria o estudo minucioso e refinado dos textos produzidos; finalmente se poderia proceder a uma análise da recepção e da significação, para cada leitor ou grupo de leitores, dessas informações.

Acreditamos que todas as três abordagens são tão necessárias quanto complementares. Esse trabalho de mestrado procura somar voz a trabalhos e publicações que exploram as duas primeiras abordagens para o estudo da mídia de massa. Nele procuramos dar conta de uma amostra de livros e trilhar um percurso com um cuidado semelhante ao que o arqueólogo emprega ao iniciar suas escavações subterrâneas. Também como os arqueólogos, partimos da observação de um terreno a princípio arenoso, muitas vezes desértico e nebuloso, com a convicção que em suas entranhas encontraríamos os nossos tão caros e raros tesouros sociológicos. Por ser um compromisso do sociólogo a busca resistente e incessante pelo “desencantamento do mundo”, encaramos a literatura de auto-ajuda como um artefato a ser desencantado e nos encontramos no curso de um caminho no qual sentimos a cada dia mais a segurança e a tranquilidade de uma etapa vencida. Sendo o livro de auto-ajuda uma produção cultural, nos sentimos à vontade nesse exercício de contextualização histórica e cultural de nosso objeto.

Os livros selecionados foram *Homem cobra mulher polvo, Por que os homens mentem e as mulheres choram?*, *Homens são de marte e mulheres são de vênus* e *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?*, e, para estudá-los criamos seis categorias de análise que abordaram desde questões como sexualidade, afetividade, maternidade, sociabilidade, cognição até questões pertinentes ao mundo do trabalho.

Verificamos que a literatura de auto-ajuda traz de fato valores e orientações para conferir sentidos a ações e comportamentos femininos sociais, ou seja, essa literatura propõe uma imagem de sujeito feminino que serve de baliza para orientar os comportamentos das leitoras. Em outras palavras, a hipótese de que a literatura de auto-ajuda oferece modelos de subjetividade para suas leitoras e que esses modelos são a reafirmação de valores propostos pelos modos de subjetivação capitalística, ou seja, os comportamentos que são aconselhados para ambos os sexos são recuperações, a partir de um embasamento que se pretende científico, de padrões tradicionais de condutas masculinas e femininas, se confirmou em nossos estudos e análises.

Na busca por essa imagem representativa, essa identidade, essa seqüência de estímulos, modelos, padrões, normas de conduta e características com os quais esses livros operam, gostaríamos de fazer algumas considerações.

Primeiramente, os autores não procuram debater posições e papéis. Se está havendo um conflito entre os sexos, isso não se deve a reivindicações de um ou outro por mudanças, mas porque ambos desconhecem suas determinações e a fixidez de seus papéis. Em vez de identificar, analisar ou até simplesmente aceitar os desvios como possíveis propostas de singularização, os autores optam por uma marginalização desses processos e apontam como solução a reinstauração de papéis definidos através daquilo que eles chamam de “consciência das diferenças”. Não são problematizados, por exemplo, a condenação do silêncio masculino na relação a dois, a recusa da vocação materna e da posição feminina de objeto de desejo e consumo ou até o protesto contra a imagem de um mal desempenho feminino no trânsito; ao contrário, singularidades como estas são tomadas como atitudes conseqüentes da ignorância de determinações biológicas que nos predisõem a agir conforme identidades sexuais e de gênero propostas pelo sistema vigente. A ação dos autores desenvolve-se na tentativa de redirecionar os desvios geradores de conflitos para uma acomodação a valores sedimentados pela cultura patriarcal. Às vezes, lêem-se conselhos explícitos recomendando o enquadramento e o abandono de toda luta contra os padrões estabelecidos. Uma vez que o objetivo das obras analisadas é aconselhar no relacionamento a dois, toda tentativa de singularidade é rapidamente inibida sob a ameaça de que pode gerar uma zona de conflito, e o inimigo maior não é

a infelicidade pessoal, mas a presença de desarmonias entre os indivíduos e entre estes e as representações coletivas.

Outra consideração diz respeito aos códigos semióticos. Notamos que quando se constroem sistemas semióticos para a conduta dos sexos, paralela e inevitavelmente se elaboram espaços circunscritos para a realidade do corpo e a ação do desejo. Se um homem ou uma mulher age de tal ou qual maneira, é porque seus corpos são limitados a essas esferas de ação. Homens e mulheres possuem corpos diferentes e o bem-estar e a felicidade pessoal dependem da correta gerência desses corpos e do reconhecimento de seus limites intransponíveis. Todo corpo é determinado, logo todo desejo também o é.

Sabemos, também, que os canais de ancoragem para credibilidade do discurso buscam ocupar os espaços de interação semiótica em que o sujeito pode atuar para encontrar suas referências de conduta: esferas de identidade de grupo, ligações afetivas, posições hierárquicas de responsabilidade, teorias científicas e doutrinas filosóficas entre outros. A consciência do descentramento dos veículos de poder traduz-se nesse cuidado em fazer o discurso percorrer o máximo possível de segmentos semióticos, de maneira a torná-lo, se não aceitável em um plano, imediatamente referendado em outro.

Embora os autores afirmem que baseiam seus preceitos em teorias das ciências humanas e biológicas, sabe-se o quão pantanoso é o terreno da discussão científica sobre o qual eles pretendem caminhar com segurança. Sabendo que a maior parte de nosso sistema nervoso central só se desenvolve nos dois primeiros anos de vida, indicando que muito de nossa constituição biológica possa ser fruto de nossos hábitos e experiências, e não o contrário, concluímos, então, que a literatura de auto-ajuda analisada, ao prestar um serviço muito maior ao biológico, aplanar e banaliza o social.

Certamente, não se deve imaginar que os autores das obras analisadas pertençam a algum movimento organizado de conservação do *status quo* da subjetividade capitalista diagnosticada por Guattari. Como lembram estes pensadores, o poder não é centrado e o que ocorre com estes discursos é que, por responderem a questões presentes no cotidiano do homem moderno de uma forma minimamente angustiante, encontram eco e audiência naqueles espíritos que sofrem e buscam

referências de apoio. Os sujeitos dos discursos analisados posicionam-se claramente pelo resgate e pela manutenção de princípios de conduta pautados na divisão de papéis sexuais e o fazem legitimando seus preceitos numa suposta origem natural dos gêneros. Esta perspectiva reduz a angústia do sujeito em situação crítica por oferecer-lhe moldes identitários que soam como possíveis soluções para as dúvidas de posicionamento existencial.

Se fôssemos transformar o objetivo dessa dissertação em uma pergunta direta, esta seria: “Que perfil feminino é encontrado na literatura de auto-ajuda?” Depois de tentar respondê-la em três capítulos, podemos ousar, sabendo de todos os riscos dessa situação, uma síntese com os seguintes termos: a mulher encontrada remonta imagens que temos das mulheres no passado, as que tinham como foco e principal objetivo de vida a estabilidade de uma relação matrimonial. Modelos de comportamento para o gênero e distinções de papéis sexuais seculares são atualizados e traduzidos em jargões científicos que podem dissuadir um desejo de mudança efetiva e abrangente. A mulher é tratada nesses livros a partir de uma boa dose de clichês e estereótipos que no final dificultam a elaboração de uma feminilidade atual e límpida. Percebemos também que as imagens e exemplos referidos da condição feminina, bem como o público-alvo manifesto, por exemplo, nos apelos aos leitores, circunscrevem-se à esfera de atividade de uma mulher de classe média ou alta, escolarizada, com condições financeiras de usufruir de vários bens que propiciam o conforto e interessada em revisar seus relacionamentos amorosos, enquanto a rotina das mulheres da classe baixa, com suas circunstâncias peculiares de vida e necessidades básicas, são excluídas do *hall* de signos que aparecem nos livros. A outra percepção é que a mulher deduzida do texto das obras analisadas não tem, por exemplo, amantes, nem é incentivada a tê-los, nem uma mulher liberal sexual e amorosamente a ponto de pensar no “amor livre”. É uma mulher que tem família e filhos como os fatores mais importante de sua vida, mas que também se dedica ao trabalho fora do lar e se entrega a todos os instrumentos necessários para a manutenção da beleza e da aparência. Não dá para saber se é uma mulher feliz, mas com certeza é uma mulher dedicada e satisfeita.

Para finalmente encerrar, confessamos que nem sempre o percurso desta pesquisa foi fácil e salientamos a importância e a necessidade de outros estudos em teoria e prática da auto-ajuda, que possam vir a complementar este trabalho. Uma pesquisa que seguramente traria conclusões importantes e salutares para a reflexão deste veículo de massa tão presente no cotidiano dos leitores contemporâneos poderia se debruçar, por exemplo, sobre a decodificação e a aplicação das informações que aqui identificamos e comentamos pelas leitoras das obras avaliadas. Ela ajudaria a verificar em que proporções o perfil para uma mulher do século XXI está sendo incorporado à rotina de suas leitoras e em que medida elas o podem estar recusando em favor de condutas mais singulares e inovadoras. Desta forma, não apenas contribuiriam para verificar a real influência do livro de auto-ajuda no agenciamento de subjetividades e na condução de comportamentos, como trariam elementos a nosso ver fundamentais para entender a conduta feminina na modernidade e elevar os debates sobre a questão dos gêneros, tema sem dúvida indispensável e privilegiado nos estudos de uma sociologia que se quer uma ciência de seu tempo.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo 1: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 4ª ed. São Paulo : Difusão Européia do Livro, 1970.

BURKETT, Warren.. **Jornalismo científico**. Tradução de Antônio Trânsito. Rio de Janeiro : Forense-Universitária, 1990.

BUTLER, Judith, “Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault”, in: BENHABIB, Seyla & CORNELL, Drucilla (coord.). **Feminismo como crítica da modernidade**. Traduzido por Nathanael da Costa Caixeiro. Rio de Janeiro : Rosa dos Tempos, 1987.

CHAGAS, Arnaldo. **A ilusão no discurso da auto-ajuda e o sintoma social**. 2ª ed. Porto Alegre : Unijuí, 2001.

CHODOROW, Nancy. “Estrutura familiar e personalidade feminina”. Tradução de Cila Anker e Rachel. In: **A mulher, a cultura e a sociedade**. São Paulo : Paz e Terra, 1979.

COLLIN, Françoise. “Diferença e diferendo”. Tradução de Alberto Couto. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle. **História das mulheres no ocidente**. Porto : Afrontamento, 1991.

CUNHA, Maria de Fátima da. “Homens e mulheres nos anos 1960/70: um modelo definido?”, in: **Revista História, Questões e Debates**, ano 18, nº 34, Curitiba : UFPR, 2001.

DOMINIC, Strinati. **Feminismo e cultura popular: uma introdução**. Tradução de Carlos Szlak. São Paulo : Hedra, 1999.

DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Tradução de René Eve Lévié. 2. ed. Rio de Janeiro : Difel, 2001.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2002.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 7ª ed. Petrópolis : Vozes, 2005.

HAHNER, June E. **Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940**. Tradução de Eliane Tejera Lisboa. Florianópolis : Ed. Mulheres / Santa Cruz do Sul : Edunisc, 2003.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 10ª ed. São Paulo : DP&A, 2005.

HIGGONET, Anne. “Mulheres, imagens e representação”. Tradução de José S. Ribeiro. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no ocidente**. Porto : Afrontamento, 1991.

MARÍAS, Julián. **A mulher no século XX**. Tradução de Diva Ribeiro de Toledo Piza. São Paulo : Convívio, 1981.

]

MATURANA, H. e VERDEN-ZÖLLER, G. “Amar e brincar” Ed. Palas Athena, 2006.

MUSZKAT, Malvina. “A mulher em busca de sua identidade”, in: SEABRA, Zelita; MUSZKAT, M. **Identidade feminina**. 2ª ed. Petrópolis : Vozes, 1985.

ORTNER, Sherry B. “Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?”, Tradução de Cila Anker e Rachel. In: **A mulher, a cultura e a sociedade**. São Paulo : Paz e Terra, 1979.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wenders. **Desenvolvimento humano**. Tradução de Daniel Bueno. 7. ed. Porto Alegre : Artmed, 2000.

PASSERINI, Luisa. “Mulheres, criação e representação”. Tradução de Egito Gonçalves. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no ocidente**. Porto : Afrontamento, 1991.

ROSALDO, Michelle Z. “A mulher, a cultura e a sociedade – uma revisão teórica”. Tradução de Cila Anker e Rachel. In: **A mulher, a cultura e a sociedade**. São Paulo : Paz e Terra, 1979.

RÜDIGER, Francisco. **Literatura de auto-ajuda e individualismo**. Porto Alegre : Editora da Universidade – UFRGS, 1996.

THOMPSON, Jonh B. “O eu e a experiência num mundo mediado”. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. In: **A mídia e a Modernidade: Uma teoria social da mídia**. Petrópolis : Vozes, 1998.

WINICK, Charles E. “Homens, mulheres e outros grupos minoritários”. Tradução de César Tozzi. In: **Unissexo: a dessexualização na vida americana**. São Paulo : Perspectiva, 1972.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA DOS LIVROS ANALISADOS

PEASE, Allan; PEASE, Bárbara. **Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor? Uma visão científica (e bem-humorada) de nossas diferenças.** Tradução de Neuza M. Simões Capelo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

_____. **Por que os homens mentem e as mulheres choram?** Tradução de Pedro Jorgensem Junior. 5ª ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

GRAY, Jonh. **Homens são de Marte, mulheres são de Vênus: um guia prático para melhorar a comunicação e conseguir o que você quer nos relacionamentos.** Tradução de Alexandre Jordão. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

TIBA, Içami. **Homem-cobra, Mulher-polvo: entenda as diferenças e seja muito mais feliz.** 20ª ed. São Paulo: Editora Gente, 2004.